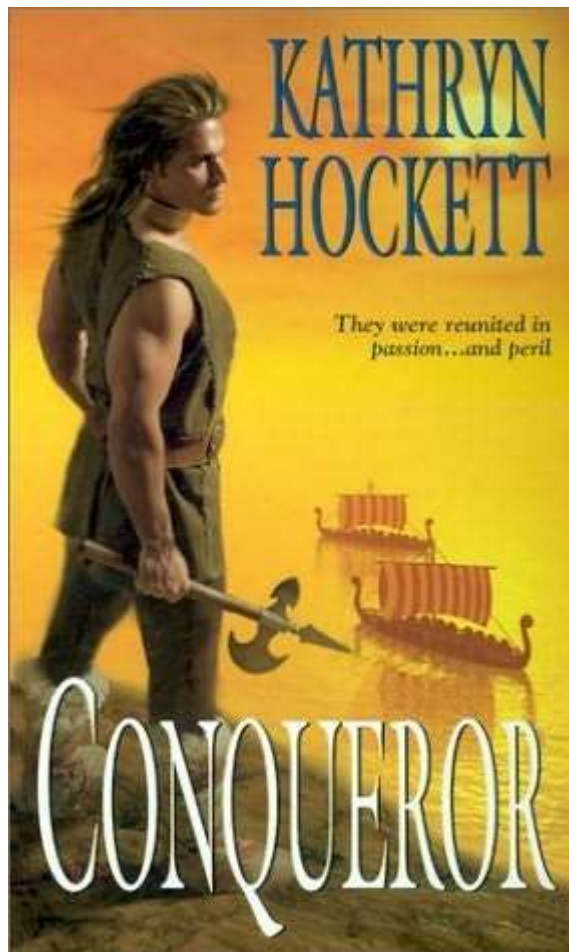


Conqueror

Katyrin Hockett



2º livro da série Vikings
Inglaterra e Escandinávia, 858
A chama de uma paixão

Gwyneth olhava para as águas do oceano tentando acalmar as batidas aceleradas de seu coração. Era o dia de seu casamento e por mais que odiasse a idéia, naquele mundo dominado por homens não tinha escolha a não ser obedecer aos ditames do pai. Ainda assim, ela continuava a sonhar com o amor de um viking loiro que a presenteara com um pingente em forma de cabeça de dragão...

A embarcação viking singrava os mares a toda velocidade.

Sèlig, o Destemido, preparava-se para atacar Wessex, onde um dia fora mantido prisioneiro. O destino, porém, tinha uma surpresa para Sèlig, pois uma das primeiras pessoas com quem se deparou foi a linda jovem que o ajudara a fugir de seu cativeiro. Como levar sua vingança adiante, quando tudo o que queria era tomá-la nos braços e fazê-la sua mulher para toda a eternidade?

Digitalização: Cris Andrade
Revisão: Rejane



Parte I

Donzelas, decepções e naus vikings

Capítulo I

Wessex e costa ocidental de Inglaterra, 858

O brilho suave da luz matinal incidia sobre a costa rochosa. Uma jovem delicada e morena observava as águas revoltas do oceano, sentada em uma rocha fria e úmida. Abraçando os joelhos, inspirava fundo o ar marinho e procurava acalmar-se. Era o dia de seu casamento. Daquele momento em diante, sua liberdade seria cerceada.

— Um marido... — Gwyneth sussurrou e concluiu que o som daquela palavra não a agradava em absoluto.

Apesar disso, nada poderia ser feito para impedir a realização de suas núpcias. O mundo era dominado pelos homens, e uma filha tinha de obedecer aos ditames do pai, independentemente do quanto o episódio fosse desagradável para ela. Gwyneth fora obrigada a aceitar um futuro sem perspectivas e a decepção de casar-se sem amor, em benefício do fortalecimento de uma aliança.

O pai de Gwyneth e Alfred, o futuro marido, eram dois dos maiores proprietários de terras de Wessex ocidental. Há muito tempo haviam concordado em unir seus territórios pelo casamento. Como Ethelin, sua irmã mais velha, já estava comprometida, Gwyneth fora a eleita para a união de interesses.

— É um matrimônio caído dos céus — o pai afirmara, contrariando as expectativas da filha.

Gwyneth mal conhecia Alfred. Era perturbador imaginar que se casaria com um desconhecido, embora esse tipo de união fosse usual entre as classes mais favorecidas. Depois dessa noite não serei mais uma donzela. Gwyneth sentiu um arrepio de medo pelo que a aguardava. O marido seria gentil? Ou ele pensaria apenas em usufruir os direitos

matrimoniais? Embora Ethelin insistisse em dizer que isso não era tão ruim, Gwyneth desejava algo mais. Queria a maravilhosa alegria de amar tão alardeada nas canções dos bardos. O mesmo sentimento que ela experimentara havia tempos por um escravo viking.

Gwyneth fechou os olhos. Lembrou-se da primeira vez em que vira o belo jovem de olhos castanho-claros e tempestuosos. Seu pai arrastara para dentro do hall o jovem de mãos amarradas nas costas.

— Temos um escravo! — o pai anunciara, triunfante. — Agora o faremos pagar por todo o sofrimento que seu povo trouxe para nosso litoral.

Curiosa, ela abria caminho por entre os que se aglomeravam ao redor do pagão, que na certa deveria ter semelhança com o demônio. Atônita, comprovara que o escandinavo loiro não diferia muito dos jovens de Wessex.

Gwyneth espantara-se ao notar que ele deveria ser apenas cinco ou seis anos mais velho do que ela. Embora o rosto imberbe não escondesse as marcas de energia e de orgulho. De cabeça erguida, determinado, parecia mais o conquistador do que o conquistado. Apesar disso, ela sentira compaixão ao ler a dor e o desengano naquele olhar expressivo.

— Ele insiste em dizer que não é nosso inimigo. Que descende de ingleses e que seu pai era norueguês e não originário da Dinamarca. Pois eu afirmo que um viking nunca deixará de ser um viking!

Irado e blasfemando, seu pai empurrara o jovem e o infeliz se estatelara no chão.

Gwyneth adiantara-se, com uma agressividade incomum à própria natureza calma.

— Deixe-o, meu pai! Ele não nos fez mal algum. — Segurou a mão forte do estranho e ajudou-o a ficar em pé. Arrepiou-se ao constatar o agradecimento expresso nos olhos do jovem.

Dali por diante, Gwyneth encarregara-se de levar-lhe comida que surrupiava da mesa ou que escondia de seu próprio quinhão. Receava que o jovem passasse fome, por ser alimentado apenas com água e mingau. O sorriso de gratidão era uma recompensa suficiente. As visitas matinais e noturnas haviam se constituído num verdadeiro tesouro. Só queria ficar próxima dele e contemplá-lo em silêncio.

Então veio o dia em que Gwyneth observara o jovem viking trabalhar. A certa altura, ele se recusara a ser humilhado por um dos irmãos dela. E apesar da interferência de Gwyneth, fora chicoteado sem piedade.

— E ainda diz que ele é o bárbaro, Edwin! — gritara, irada e decidida a libertar o prisioneiro.

Naquela noite, quando a lua se escondera atrás das nuvens, ela foi até a masmorra levar comida, unguento curativo e a chave da cela.

Gwyneth afastou os cabelos sedosos que esvoaçavam nas suas faces molhadas. As lágrimas eram pelo cativo e pela lembrança da despedida.

Ao passar o unguento nos ferimentos das costas e do peito desnudos, pensara em qual seria a sensação de abraçá-lo. Por egoísmo, fora tentada a dizer-lhe que não poderia soltá-lo, pois ele se arriscaria a ser morto, caso fosse apanhado. Mas de nada adiantaria mentir para si mesma. Queria que ele ficasse. Admoestara-se pela falta de caridade momentânea e com a faca que trazia entre as pregas da saia, cortara as cordas que o atavam, sem pensar na punição que receberia pela própria temeridade.

Com olhar impenetrável, o jovem esperou ser libertado e abraçou-a por um longo tempo, murmurando palavras que Gwyneth entendera serem de agradecimento. Também teve certeza de que jamais o esqueceria. O jovem viking abaixou-se e tirou um pingente que mantivera escondido sob uma pedra. E, com um sorriso encantador, entregara-lhe a recordação.

Gwyneth segurou a jóia com carinho. Era um dragão de prata com uma safira que, sob o olho do animal, parecia uma lágrima. Toda vez que fitava o amuleto, lembrava-se do escravo e seu coração se enternecia.

— Ainda pensando no seu escandinavo? Gwyneth virou-se e fitou Ethelin, sua irmã.

— Eu estava imaginando qual seria seu paradeiro... — Gwyneth suspirou.

— Agora não importa mais. Mesmo se chegasse a encontrá-lo, seria uma senhora casada. Portanto, é melhor guardar o pingente junto com os outros brinquedos de criança. — Ethelin estendeu a mão e aguardou.

Gwyneth sacudiu a cabeça. Jamais entregaria o pingente para ninguém. Sentia que o nórdico lhe dera o presente com intenção de protegê-la.

— Hum, faça como quiser. — Ethelin deu de ombros. — Vamos. Os preparativos para a cerimônia ainda não terminaram.

De braço dado com a irmã, Gwyneth deu as costas para o oceano. As duas se encaminharam para a construção de pedra que era de seu noivo e que em breve também seria sua. Não viu as velas de listras vermelhas e brancas que se aproximavam da costa.

As naus vikings lembravam monstros marinhos. O sol refletia-se nos escudos sobrepostos que se assemelhavam às escamas de dragões. As cabeças desses animais entalhadas nas proas não eram tão ameaçadoras quanto a dos atacantes a bordo.

— Espero que o inglês pérfido não nos traia e que possamos pegá-los desprevenidos — o líder murmurou.

Sèlig, o Destemido, alto e loiro, era filho de pai nórdico e de mãe inglesa. Sua coragem e suas façanhas eram notórias. Fitou a costa rochosa que ficava cada vez mais próxima. Durante sete anos, fizera incursões naquela parte do litoral, em retribuição às humilhações e ao sofrimento que ali enfrentara.

Com enorme satisfação, estava preparado para vingar-se do homem que o vendera como escravo.

— Odin! Odin! — Sèlig olhou para o céu. — Contamos com suas bênçãos!

Os outros escutaram a prece e fizeram coro com a melodia entoada pelo líder.

— Odin. Odin. Odin.

As vozes dos convidados eram como um zumbido dentro da igreja. Gwyneth, a mãe e a irmã ocupavam um pequeno recinto. Afobada, Ethelin arrumava os cabelos negros e sedosos da noiva. Trançava a parte superior e enfeitava as mechas que alcançavam a cintura com fitas e flores.

— Relaxe, minha filha. — A mãe acariciou-lhe as costas. — Está muito tensa.

— Estou apavorada — Gwyneth sussurrou, admitindo a verdade. — Não entendo nada de homens.

Ethelin deu risada.

— Eles só querem uma coisa... quando não estão pensando em guerrear. Dê a seu marido o que ele deseja, sempre que ele manifestar vontade. Terá em suas mãos um homem facilmente amoldável.

— E eu me sentirei uma mulher de vida fácil. — Gwyneth franziu a testa. — Onde esconderei meus sentimentos?

— Minha filha — a mãe começou, conciliadora —, terá de enfrentar algumas tarefas. Cozinhar, limpar, dar filhos a seu marido e agradá-lo nos jogos matrimoniais. Acredito que errei por mimá-la demais. A sua rebeldia é uma consequência disso. Minha querida, logo aprenderá que o dono da casa impõe a própria vontade...

— Canta como um galo e cacareja sua posição aos quatro ventos — Ethelin recuou para apreciar a beleza da irmã.

Gwyneth tinha um nariz pequeno e perfeito, maçãs do rosto altas, grandes olhos azuis e espessas sobrancelhas escuras.

— Alfred ficará encantado com sua beleza, Gwyneth, e com seu corpo saudável e curvilíneo. — Ethelin acariciou os próprios quadris amplos. — Uma pena que depois de alguns filhos ficará como eu.

— Quem me dera eu tivesse a sua beleza — Gwyneth apressou-se em dizer.

Ethelin sorriu com o cumprimento.

— Eu agradeço, apesar da mentira.

Gwyneth sentiu o tecido frio do traje que a mãe lhe vestia pela cabeça. A barra atingiu o chão e as mangas longas tinham fendas que permitiam ver os braços nus. O tecido branco fazia um belo contraste com os cabelos escuros.

— Quero que tudo seja perfeito. Seu penteado, o vestido, a cerimônia e o banquete. Quero que se lembre desse dia para sempre. — A mãe beijou o rosto da filha. — Eu lhe darei algo para sonhar no futuro.

Algo para sonhar.

Gwyneth tirou o pingente de dentro do decote. Sonhara muitas vezes que reencontrava o viking, que ele se apaixonava e que se casariam. Todas as esperanças perdidas. O belo escravo ficaria apenas na memória, escondido de todos. Até de seu marido.

— Pelo amor de Deus, jogue isso fora! — Aenella agarrou os ombros da filha. — Deveria estar usando uma cruz e não um pingente pagão. Se seu marido vir isso, o casamento começará de maneira impetuosa.

— Não posso evitar preocupar-me com ele. Gostaria de saber se está bem e onde se encontra. Alfred não se incomodará pelo fato de eu ter sido recompensada por um ato de bondade.

— Estupidez, isso sim! — Ethelin comentou. — Libertar um inimigo de nosso pai! Qualquer outra pessoa teria sido condenada à morte por isso.

Gwyneth fora trancada em um quarto sem água nem comida, depois de ter sido açoitada. Ainda conservava as marcas dos ferimentos feitos pelo chicote.

Gwyneth não pretendia mais lutar. Escondeu o pingente entre os seios, amarrou na cintura a capa enfeitada com peles, antes de calçar os sapatos forrados com pele idêntica à do manto.

— Está pronta? — Ethelin e Aenella fizeram a inspeção final. Satisfeitas, empurraram-na para frente e encontraram o pai no corredor.

— Pelo amor de Deus, não franza a testa. — O pai segurou-a pelo braço. — Os convidados pensarão que bati em você.

— Desculpe-me. — Gwyneth estremeceu e tentou sorrir, mas só conseguiu exibir uma careta.

— Não implique com ela, Cedd. Lembro-me de como eu estava nervosa no dia de nosso casamento. E olhe que nós dois nos conhecíamos desde pequenos. — Aenella entregou para a filha o buquê de rosas brancas, vermelhas e violetas azuis. — Agora vá, minha querida. Alfred a espera.

Gwyneth lutou contra as lágrimas e tropeçou diante do pórtico onde a esperava o sacerdote grisalho, que envergava uma túnica branca e um manto bordado. Como uma sonâmbula, foi ao encontro de Alfred.

Vestido com uma túnica branca e uma capa enfeitada com peles, Alfred segurou-lhe a mão com firmeza. Ela fitou o homem alto e magro que em breve seria seu marido. Rosto e nariz alongados, olhos castanhos.

— A senhora está muito bonita — Alfred elogiou-a.

Gwyneth imaginou se ele cumprimentava a noiva ou as propriedades que lhe caberiam como dote. Achou o pensamento injusto. Alfred também poderia estar nervoso.

As palavras do sacerdote pareceram-lhe longínquas. Sentia as mãos geladas e as batidas aceleradas do coração. Não conseguia visualizar o futuro ao lado daquele homem.

O som de madeira estilhaçada interrompeu a reflexão de Gwyneth. O instinto advertiu-a do perigo, antes mesmo de ouvir os gritos às suas costas.

— Deus nos ajude, são os nórdicos!

— Não é possível.

— Às armas! — o pai gritou e tentou desembainhar a espada. Não foi rápido o suficiente. O pesadelo atingiu-os antes. Gwyneth gritou ao ver o brilho das espadas erguidas sob a luz das tochas. Aterrorizada, pensou nos entes queridos.

— Isso não pode estar acontecendo! — Gwyneth gritou. Os temíveis guerreiros irromperam no recinto, com os cabelos desfraldados pela corrida, ao som de seu grito de guerra.

— Odiinnnn!

Gwyneth pensou em fugir, mas ficou paralisada pelo medo. Por que o guerreiro loiro e barbado, de olhos sagazes a perturbava tanto? Seria por que se pareceria com ele?

Afastou a idéia absurda, quando um dos convidados teve o peito perfurado pela espada do guerreiro loiro. Aquele bárbaro era o oposto do viking que ela conhecera. Esse era cruel e se comprazia com a carnificina que praticava. O escravo que fora libertado era bondoso e gentil. O nórdico possesso olhou-a e sorriu. Gwyneth estremeceu ao deduzir o pensamento que o deixava ainda mais satisfeito. Ele a conquistaria com a mesma facilidade com que dominava a todos.

Por mais que tentasse, não conseguia acordar do sonho opressivo. Gritando e esperneando, foi separada de sua mãe. Com o canto dos olhos viu o pai e os irmãos lutando e temeu pelo pior. Ethelin foi encurralada por um brutamontes.

— Não! — Gwyneth gritou e correu para socorrer a irmã.

— Saia daqui, Gwyn! — o pai berrou. — Fuja! Gwyneth não chegou a obedecer. Viu o pai ser imobilizado por dois homens que o agarraram por trás. Afastou o projeto egoísta e resolveu que todos lutariam juntos. Para vencer ou morrer. Munida de um candelabro, atirou-se para frente. Atingiu primeiro um, depois o outro atacante.

— Alfred! — ela chamou o noivo repetidas vezes, mas ele continuou parado, imóvel.

Gwyneth gritou ao ver o pai cair, mas nenhum convidado ou parente veio em seu auxílio. O viking loiro de ombros largos caminhou em sua direção e o olhar feroz era um indicativo de que a luta mal começara.

— Afastem-se! — Gwyneth deu um grito agudo e atingiu com um pontapé a canela de um dos agressores.

O inimigo praguejou e preparou-se para revidar, mas foi impedido pela voz profunda do nórdico loiro que parecia ser o líder. Gwyneth esperou ser atingida por ele, mas não foi o que aconteceu.

Foi possível sentir-lhe a autoridade em cada poro. Ele curvou-se, ergueu-a nos braços e atravessou a igreja carregando-a como se ela fosse uma criança. Abriu a porta de uma câmara, entrou e trancou a porta atrás de si.

O barulho forte da contenda era ouvido dentro do pequeno aposento. Não tardaria muito e os tesouros da igreja seriam levados, após a rendição dos ingleses.

— Tenho direito a uma bela recompensa — Sèlig declarou ao fitar a jovem adorável de longos cabelos negros e olhos azuis.

— Jamais cederei! — Gwyneth encarou-o com bravura. Enterrou as unhas nas palmas das mãos, procurando ser corajosa.

Sèlig espantou-se ao ouvi-la falar seu idioma e deixou-a no chão.

— É o que veremos — retrucou, acariciando-a com o olhar.

A jovem era pequenina. Mal lhe chegava à altura dos ombros. Assim mesmo erguia o queixo, desafiadora. Sèlig tocou-lhe o braço e ela recuou bruscamente. Procurava uma maneira de fugir. Havia apenas a porta e ele bloqueava a passagem.

— Eu deveria deixá-la ir. Não gosto de lutar com mulheres.

Por que hesitava? O que havia naquela jovem que o perturbava? Seriam os cabelos ou os olhos? Ou seria a satisfação de afastar a noiva de um inglês?

Ah, aquele inglês é um covarde!, Sèlig falou consigo mesmo.

O noivo ficara imóvel enquanto o céu caía sobre a cabeça de seu povo. Não levantara um dedo para salvar a futura esposa. Sèlig teria lutado até o fim de suas forças para proteger a jovem de um usurpador.

— Jamais deixarei que me toque — Gwyneth afirmou, olhando fixamente para a porta.

— Jamais é um termo muito forte. Aprendi a empregá-lo com parcimônia. — Resolveu brincar com a jovem e saiu do caminho.

Gwyneth agarrou a oportunidade. Correu até a porta maciça e tentou abri-la, mas Sèlig agarrou-lhe os pulsos com presteza, indiferente à luta selvagem que ela empreendia para soltar-se.

— Gosto de mulheres impetuosas. — Riu zombeteiro.

— E eu, de homens misericordiosos.

— Misericórdia?

Sèlig tocou na gargantilha de ouro da qual não se separava. Quando se tornara um homem livre, resolvera usá-la em substituição à de ferro que marcara sua condição de escravo. Era uma lembrança do sofrimento daqueles dias e da crueldade dos senhores ingleses.

— Os ingleses não conhecem o significado dessa palavra. Eles lutam entre si como cães em disputa por um osso e demonstram uma maldade inigualável. — Sèlig soltou-lhe os pulsos e acariciou-lhe levemente o rosto e a curva do pescoço.

— Não encoste em mim outra vez. — Gwyneth fitou a espada que ele enfiara na madeira da porta. — Se fizer isso, eu me matarei.

— Todas dizem a mesma coisa — Sèlig sussurrou —, mas nenhuma ainda cumpriu a ameaça. Pelo contrário. Elas logo começam a implorar para serem acariciadas.

— Não eu!

Sèlig tomou a resposta como uma provocação. Puxou-a de encontro ao peito e curvou-se para beijá-la. Gwyneth prendeu o fôlego diante dos lábios firmes e suaves e da língua que forçava e explorava sua boca.

Gwyneth sentiu tontura pela proximidade e por um momento deliciou-se com o beijo. Mas só até recordar-se do que ele fizera. Irritada mais consigo mesma do que com ele, afastou-se, levantou a mão e esbofeteou-o.

O golpe ardeu e feriu, sobretudo, o orgulho de Sèlig, que perdeu a paciência. Pensara em ser gentil, mas de repente tornava-se obcecado em possuí-la. A jovem teria de pertencer-lhe por direito de conquista.

— Não pretendia forçá-la a nada, mas eu o farei, pelas barbas de Odin! — Sem hesitar, Sèlig segurou na gola do vestido e rasgou-o até a cintura.

— Não! — Gwyneth cobriu-se com as mãos espalmadas, tentando manter o recato.

Sèlig segurou-a pelos cabelos longos. Fitou-a intensamente e desceu o olhar até os seios perfeitos. Sufocou um grito ao perceber o objeto que refletia a luz do archote. Era o pingente da lágrima do dragão.

Pasmo, Sèlig afastou a mão depressa.

— Loki me leve!

Com o rosto sombrio, passou a mão pelos cabelos loiros. O coração disparou ao lembrar-se da menina bela, bondosa e meiga que lhe concedera a liberdade. Sem ela, estaria perdido.

Da última vez em que a vira, parecia-se com um elfo de cabelos escuros. Magra e desajeitada, quase sem busto.

— Mas que mudança extraordinária... — Sèlig lamentou muito que o reencontro houvesse acontecido em meio a tanta violência.

Confusa, Gwyneth não entendeu a miríade de emoções que perpassavam pela fisionomia do guerreiro.

— O que houve?

Sèlig virou-se de costas e foi até a porta.

— Pode ir embora. Eu não a impedirei de sair, nem permitirei que a machuquem.

Atordoadada pela surpresa, Gwyneth gaguejou algumas palavras de gratidão.

— Não saia de meu ângulo de visão para que eu possa protegê-la.

— Proteger-me? — Gwyneth nunca estivera mais confusa. Em um momento ele parecia desejá-la e no seguinte agia como se tivesse sido nomeado seu guardião?!

O viking não a encarou. Apesar disso, Gwyneth sentiu a tristeza profunda que o envolvia. Imaginou o que teria provocado tal sofrimento.

Por que ele a poupava?, repetiu a pergunta inúmeras vezes, enquanto ia ao encontro da família, ajeitando o corpete como podia.

Capítulo II

Sèlig andava de um lado para o outro diante das portas da igreja e blasfemava em voz alta.

Mas que falta de sorte! Encontrá-la justamente naquelas circunstâncias!

Nos últimos anos pensara muito na possibilidade de um reencontro. Mas em seus sonhos sempre via um homem famoso e próspero a conduzindo pela entrada de um castelo belíssimo. O seu. Gostaria que ela admirasse o indivíduo em que se transformara e que não se arrependesse de tê-lo libertado. Mas agora a fantasia se despedaçava. O destino se encarregara de deixá-la na trilha da pilhagem e da violência a que ele se entregava.

Sèlig praguejou de novo. Não poderia imaginar que a encontraria no ataque a uma igreja em Chester. As propriedades da família dela situavam-se muito longe da costa. Embora odiasse o pai de sua jovem redentora e procurasse vingar-se de todos os que o haviam feito sofrer, não pensara em atacar os parentes dela por receio de causar algum mal àquela que o salvara. Então, sem querer, pagara a bondade com atitudes cruéis dirigidas à família da jovem.

Sèlig pensava que esse tipo de emoções tinha sido entorpecido pelos últimos anos. Nada mais errôneo. Cortava-lhe o coração saber que a magoara. Lembrava-se de que ela lhe trouxera água para aliviar a sede e comida decente para matar a fome. Interpusera-se entre ele e o chicote, para evitar que fosse punido. Sempre fora bondosa e gentil. Ignorara

a condição de escravo e o respeitara. Ela lhe concedera um motivo para continuar vivendo, a despeito da crueldade e da depravação que o rodeavam.

Recordava-se bem da noite em que ela o libertara. Durante alguns momentos cogitara em ficar, receoso pelo castigo que ela receberia por tê-lo ajudado. A insistência da menina o convencera a fugir.

Por algum tempo vagara, faminto, perdido e solitário, por leiras inóspitas. Mas a determinação e a vontade de sobreviver foram mais fortes. Alimentara-se de animais silvestres e de vegetais. Aos poucos, vencera as centenas de quilômetros que o distanciavam de um povoado viking onde se estabelecera. Durante algum tempo fora cauteloso. Temia até os nórdicos, pois fora traído por um deles. Finalmente saíra para as pilhagens e daquele momento em diante passara os dias procurando vingar-se dos ingleses. Mas agora, depois de vê-la, lamentava profundamente sua maneira de viver.

Droga de inglês traiçoeiro! Mesmo sabendo que ela estava para casar-se, nada lhe dissera. Sèlig perguntou-se qual seria o plano sinistro que fizera o homem entregar-lhes um desenho do interior da igreja.

O camarada pretendia ver todos os convidados mortos? Teria intenção de fugir ele mesmo com a noiva? Qual pensamento maligno que se insinuara em sua mente?

Sèlig fitou a estátua de pedra da jovem com um bebê nos braços. A expressão de paz não correspondia ao massacre que fora deixado para trás. Desejou muito ter tomado outro rumo antes de chegar destruindo tudo. Havia outras igrejas, outros conventos e castelos ao longo da costa para serem pilhados. Bem, poderia ter escolhido um daqueles.

— Inglês amaldiçoado!

Aquele homem maldito que trouxera morte e violência aos seus deveria ser pago em espécie. Conforme o acordo, a ele seria dado uma parte do saque, mas Sèlig começou a elaborar uma boa surpresa. Um traidor não tinha lealdade. Era capaz de trair inúmeras vezes, até que o círculo se fechasse. Seria uma questão de tempo até que o inglês o traísse também.

— Não lhe darei essa oportunidade — esbravejou. Entregaria o inglês a Roland e deixaria o amigo agir a seu bel-prazer.

Se não podia ficar com a jovem, o inglês também não ficaria, ponderou com satisfação. Além disso, ela merecia coisa melhor do que o covarde com quem iria se casar. Pelo menos teria o consolo de saber que o ataque evitara o matrimônio. A idéia o fez rir alto. Mas foi uma risada vazia. Depois do que acontecera, não poderia voltar para a vida de sua salvadora, conforme planejava. Seria melhor deixar que se lembrasse dele como o

escravo inofensivo, em vez do guerreiro que trouxera destruição e morte a seus entes queridos.

— Ela jamais saberá...

Melhor assim. Era um saqueador escandinavo e ela, uma inglesa de alta estirpe. Em quaisquer circunstâncias, uma união daquelas somente causaria problemas.

Como faria para esquecê-la?

Fechou os olhos. Em sua mente enxergou a menina adorável de olhos azuis e cílios escuros. Era tão jovem que Sèlig lutara contra seus sentimentos enquanto estivera cativo. Naquela época, já imaginava que a jovem desabrocharia em uma mulher formosa. Uma expectativa pálida, se comparada à beldade que surgira diante dele.

— O pingente!

Se não fosse o pingente, o que teria acontecido? Poderia tê-la dominado e ela o odiaria para o resto da vida.

Um suspiro escapou dos lábios carnudos e Sèlig lembrou-se de ter ganhado da mãe o dragão com a lágrima de safira. Começara a andar e entendera que nunca deveria separar-se do objeto. A mãe insistira que se tratava de uma proteção. Era seu bem mais precioso e ele o entregara a outrem.

Por quê?

Porque naquele momento, ela fora mais importante de que seu próprio bem-estar.

— O dragão a protegeu!

E também aos outros. No momento em que a reconhecera, pusera um fim à pilhagem e à violência. Felizmente, ela nem sequer imaginava de quem se tratava.

Sèlig coçou a barba que ocultara sua verdadeira identidade. Sabia que sua aparência mudara bastante. Estava mais alto, mais musculoso e com o corpo coberto por cicatrizes de batalhas.

— Sèlig! — Roland saía da igreja. — O que está fazendo aqui? Deveria estar lá dentro para receber a sua parte.

— Não quero saber dos lucros do saque.

— Não?! — Roland estreitou os olhos e tocou na testa de Sèlig para comprovar sinais de febre. — Está doente?

— Não!

Roland virou a cabeça de lado.

— Tem certeza?

— Não! — O grito fez Roland tapar os ouvidos.

Sèlig compreendeu que não poderia descontar a raiva em seu amigo. Segurou-o pelo braço e levou-o até um banco de pedra. Sem rodeios, contou-lhe a história do tempo em que fora escravo e da menina que o libertara.

— Ela foi meu único vínculo com a sanidade. Se não fosse por ela, eu teria morrido. Agora a encontrei e cometi um erro grave. Um erro que não poderei reparar.

— Leve-a conosco!

— O quê?

— Leve-a conosco — Roland repetiu em voz mais alta. — Pelo que está me contando, posso deduzir que tem carinho por ela. Ou não teria sonhado em reencontrá-la. Proclame seus direitos sobre ela e terá o resto da vida para desculpar-se.

Não conseguiria fazer Roland entender que se a dominasse, morreriam os sentimentos que outrora os envolvera. Ela ficaria ao lado dele fisicamente, mas seu coração jamais lhe pertenceria. Não era o que desejava. O melhor seria partir e nunca mais a procurar. Era preferível isso a ver o ódio explícito na fisionomia doce, toda vez em que a olhasse.

— Não!

— Alguém já lhe disse que é um homem muito teimoso? — Roland exasperou-se. Sèlig anuiu.

— Sim, eu o escutei afirmar isso várias vezes.

— Ah... — Roland deu uma sonora gargalhada. — Pois bem, volto a repetir o que já disse e peço que mude de idéia.

— E fazer dela uma prisioneira? — Sèlig surpreendeu-se. — Nunca faria uma coisa dessas. Devo deixá-la. Invocarei à deusa Fréia para que a proteja. Reúna os homens. Partiremos imediatamente.

— Tão cedo? — Roland ergueu a mão tão logo proferiu tal frase. — Desculpe-me. Não vou dizer mais nada.

Roland levantou-se para cumprir as ordens. Sèlig continuou sentado, com a cabeça entre as mãos, desolado. Embora soubesse estar agindo corretamente, sofria com a certeza de que nunca mais a veria.

Gwyneth teve a impressão de que a igreja estava cheia de demônios que saíam carregando grandes sacos cheios de objetos de valor.

Ah, como os odiava!

Correu em direção à capela. Queria encontrar a família. A mãe estava escondida atrás do altar e, ao vê-la, atirou-se em seus braços, chorando.

— E papai?

— Não sei o que houve com ele. Seu pai desapareceu.

— Ethelin?

Aenella deu de ombros.

— Eu a ouvi gritar quando foi carregada para fora. — A mãe recuou e segurou-lhe as mãos. — Viu seus irmãos?

Gwyneth esforçava-se para não chorar.

— Vi Pengwyrn cair sob uma espada inimiga. Edwin estava vivo, mas com o braço ferido. Não sei de Aidan.

— Vamos procurá-los. — Aenella lutou contra o terror e caminhou de braços dados com a filha, buscando o marido e os filhos em meio a mortos e feridos.

Gwyneth localizou dois irmãos deitados no chão. Sangrando, mas vivos. Ajoelhou-se e ajudou a mãe a tratar dos ferimentos.

— Deus nos abandonou, minha mãe. Por quê? — o filho mais velho balbuciou.

— Talvez ele pretendesse nos punir por nossos pecados. — Aenella resignou-se.

— Não acredito que Deus tenha algo a ver com o que nos aconteceu. Os vikings são os únicos responsáveis por essa atrocidade. E por Deus eu juro que eles pagarão por isso! — exclamou Gwyneth, antes de levantar-se e sair da igreja gritando o nome dos outros membros da família que não estavam na nave da igreja.

Quando não obteve respostas, parou ao lado da fonte. A garganta seca implorava por um gole de água. Escutou soluços fracos que se repetiam. Olhou para baixo e sufocou um grito. Aidan estava dentro do poço. Sentado em cima do balde de madeira, agarrava-se na corda para não submergir.

— Aidan?

Gwyneth puxou o balde com toda força que possuía. Aidan saiu do buraco com as roupas encharcadas.

— O que estava fazendo aí dentro? Poderia ter caído na água e se afogado.

— Foi o único lugar que me ocorreu como esconderijo. — Com as palavras entrecortadas por soluços, Aidan contou a humilhação de considerar-se um covarde. — Eu corri, Gwyn! Fugi dos vikings. Não queria morrer. Por isso me escondi.

Gwyneth enxugou as lágrimas do rosto do irmão.

— Todos nós estávamos com medo.

— Mas nem por isso saíram correndo.

— Eu não fugi por que minhas pernas estavam trêmulas e não pude sair do lugar. — Gwyneth abraçou o irmão pela cintura e foi com ele até uma pedra grande, onde se sentaram. — Não há por que se envergonhar. Até mamãe, que sempre foi corajosa, escondeu-se atrás do altar.

— Ela está bem?

— Nada lhe aconteceu, graças a Deus.

— Eu deveria tê-la protegido. Papai sempre dizia que os homens da família eram os responsáveis pela mãe e pelas irmãs. E eu fugi e as deixei entregues a eles. Gwyneth acariciou-lhe o ombro.

— Um rapaz tão novo não teria experiência necessária para lutar contra os nórdicos. Até mesmo Alfred apavorou-se. Ficou parado como uma estátua. Não ergueu um dedo para ajudar papai nem Pengwyn.

— Vi Alfred quando espiei por cima da beira do poço. Ele conversava com um viking grande, horrível e zarolho.

— Conversavam?

— Vi o grandalhão entregar-lhe um saco.

— Alfred e os vikings? — Gwyneth recusava-se a acreditar que um inglês trairia seu povo. Por isso tratou de esquecer a dúvida.

Gwyneth deixou o irmão caçula e foi à procura do pai e de Eithelin. Não os encontrou nos arredores de igreja. Eles poderiam estar em um dos navios dos agressores. Ouvira dizer que os bárbaros aprisionavam pessoas como escravos.

Voltou para a igreja, pegou um manto com capuz que ali fora deixado e vestiu-o. Caso se mantivesse nas sombras, não chamaria muita atenção.

Havia dois navios ancorados em uma angra escondida por árvores frondosas. Um era o Dracar e tinha um dragão esculpido na proa, e o outro era uma das naus alongadas. Os nórdicos azafamavam-se para todos os lados. Como um enxame de abelhas, enchiam sacos, barricas e arcas com o produto do saque da igreja.

— Ladrões! — Gwyneth sussurrou. — Levaram todas as riquezas que nos pertenciam. Odiava-os cada vez mais. Perguntou a si mesma quanto tempo ainda pretendiam ficar ali.

Aproximou-se com cautela, esgueirando-se nas sombras e procurando por sinais do pai e dos irmãos. Nada.

O líder nórdico estava em pé no meio dos outros, de pernas afastadas, distribuindo ordens. Lembrou-se do beijo e esfregou a boca, como se pudesse afastar a má impressão.

— Se eu fosse homem e tivesse uma espada, eu lhe atravessaria o peito! — falou consigo mesma, mas logo se calou, para tentar ouvir melhor o que diziam.

— Sèlig...!

Gwyneth virou a cabeça e viu vários nórdicos descendo a colina pedregosa rumo ao Dracar. Abaixou depressa a cabeça, mas continuou a espionar.

— Ele quer lhe falar. Diz que o senhor o logrou. — Um viking careca empurrou para frente um homem de capuz e vestido de negro.

— Logrei? — O líder cruzou os braços na altura do peito, ameaçador.

— O senhor atacou cedo demais — o homem de capuz acusou o líder nórdico. — Não houve tempo pra que os votos fossem proferidos.

Impossível! Teria de ser um engano! Mesmo sem ver o rosto do homem, Gwyneth reconhecia-lhe a voz.

— Havia muito tempo. Por que não apressou o sacerdote?

— Eu lhe disse para esperar meu sinal antes de atacar.

— E eu deixei claro quem era o responsável por meus homens. — O líder nórdico adiantou-se e encarou o encapuzado.

— Todos os meus planos caíram por terra. Eu queria os homens daquela família mortos para que eu fosse o único herdeiro. O senhor apenas os feriu.

A identidade do traidor era indiscutível. Mesmo assim Gwyneth aproximou-se mais um pouco. Seus olhos teriam de confirmar o que seus ouvidos escutavam.

— Somos escandinavos e não assassinos! Concordei em assaltar a igreja porque o fato nos traria lucros. Quanto às mortes... muitas são inevitáveis. Mas não concordei em matar por sua causa.

— Quero um quinhão maior para compensar seu ataque desastrado.

O viking ergueu um punho fechado.

— Terá somente o que eu disse que lhe caberia! — O líder viking virou-se e caminhou para o navio, depois de berrar uma imprecisão.

O traidor de capuz virou-se. Não havia a menor dúvida.

— Alfred! — Gwyneth murmurou.

Alfred planejava casar-se para unir as fortunas. E depois engendrara o ataque dos vikings para matar o sogro e os cunhados. Assim teria controle total de todo o território a oeste a costa.

— Graças a Deus não houve tempo para o casamento — Gwyneth disse a si mesma.

De certa forma, teria de agradecer aos nórdicos pelo que ocorrera. Observou o líder subir a bordo do Dracar. Embora detestasse os vikings, seu ódio mais forte era contra Alfred. Ele se arrependerá até o fim de seus dias por haver conspirado contra meu pai! Gwyneth virou-se e subiu a encosta, determinada a arrastar o reino de Wessex contra ele, se necessário fosse! Todos se voltariam contra o traidor. Alfred teria sorte em não ser esquartejado.

Devagar e com cuidado, foi em direção à igreja. Ouviu passos leves às suas costas e se deteve. Alguém a seguia. Tentou despistar o perseguidor atrás de pedras e árvores. Sem resultado.

— Saiu para um passeio? — Alfred indagou, ameaçador. A tensão deixava a fisionomia dele dura como rocha.

Gwyneth teve certeza de que Alfred sabia que ela ouvira a conversa e por isso se tornara uma ameaça para ele.

— É verdade.

Gwyneth procurou afastar-se, mas Alfred agarrou-a pelo braço com brutalidade e forçou-a a encará-lo.

— Solte-me! — Inutilmente, arranhou-lhe a mão.

— Não posso! A senhora representa um problema para mim. Alfred estreitou os olhos e Gwyneth percebeu o grau de ferocidade daquele homem. Ele rosnou e atirou-a no chão. O impacto da terra dura machucou-a, mas aquele que a esta hora deveria ser seu marido nem esperou que se recuperasse. Agarrou-a pelo pescoço e apertou.

— Não tenho outra alternativa, exceto matá-la. Gwyneth não conseguia respirar nem pensar. A única idéia que lhe passava pela cabeça era que seria morta pelo homem com quem estivera perto de casar-se.

— Não! — ela gritou já quase sem ar.

— Implore por misericórdia!

— Por favor...

— De novo...

Falar era um sofrimento, mas ela se esforçou para articular algumas palavras.

— Por... favor, não... me... mate.

Alfred aproximou o rosto e Gwyneth entendeu que a intenção dele não era apenas o estrangulamento.

Gwyneth retesou-se. Recusava-se a aceitar o inevitável. Inspirou fundo e soltou um grito com esperança de que o pai ou os irmãos viessem em seu auxílio. Mas foi um homem alto com um elmo cónico que o interrompeu.

— Pelas barbas de Odin, ainda há mais tesouros por aqui. Alfred afrouxou a mão.

— Vá embora! Já levaram tudo o que tinham direito. Eu cuidarei dela.

— Não, senhor. Eu a quero!

Gwyneth viu o rosto cheio de cicatrizes e achou que seria preferível morrer. Mais quatro nórdicos se aproximaram e formaram um círculo à sua volta. Todos a olhavam com malícia.

Alfred preferiu não lutar.

— Vá embora e leve-a para longe daqui...

O viking grunhiu, levantou-a e jogou-a sobre o ombro.

Gwyneth lutou e bateu-lhe nas costas com os punhos fechados. Com os joelhos atingia-lhe o peito. O homem praguejou e parou perto de uma árvore. Sem hesitar, ele girou com velocidade. Gwyneth bateu com a cabeça no tronco e mergulhou na escuridão gelada da inconsciência.

Os homens a bordo da nau com a cabeça de dragão na proa curvaram-se sobre os remos. Com algumas vidas perdidas na batalha, havia menos de setenta e dois marinheiros. Vários remos permaneciam parados, sem ninguém para movê-los.

Sèlig contemplou a costa e seu olhar pairou nas brumas que cercavam o território de Wessex. Pensou com tristeza na beldade de olhos azuis que ficara para trás. Embora desejasse muito levá-la para longe, entendeu que já lhe trouxera muito sofrimento. Ela ficara sozinha para cuidar dos feridos.

O vento do noroeste trazia mechas de cabelos para frente dos olhos de Sèlig. Ele sentiu o gosto de sal e sorriu. Era bom estar de volta ao mar. Talvez pudesse esquecer o que acontecera em terra.

— Fizemos um sacrifício em nome de Tor — Roland gritou do outro barco e ergueu a espada para saudar o líder. — Nossa jornada chegará a um bom termo.

O timoneiro virou a proa em direção ao mar aberto. A nau inclinou-se nas águas azul-esverdeadas e Sèlig tomou posição junto ao leme.

— Içar a vela! — ele comandou.

Os remos foram recolhidos, enquanto a ordem era cumprida. Para remar, a tripulação sentava-se sobre canastras ou barricas.

O Sea Dragon deslizava sobre as ondas. Sèlig deixou seu posto e foi até a proa. Sentia orgulho de sua embarcação. O dragão entalhado prosseguia seu caminho por entre a espuma marinha e a boca aberta parecia prestes a engolir uma presa.

— Não acho que esses sacerdotes cristãos sejam tão maus — Roland gracejou, olhando para o vinho que haviam confiscado da igreja. — Pelo que ouvi dizer, eles bebem vinho quando louvam seus deuses.

— É, mas também têm de se abster de mulheres.

— Que horror! — Roland coçou o queixo. — Talvez seja por isso que ficam sempre carrancudos.

De repente, a paz do momento foi quebrada por uma briga entre os marujos.

— Ela é minha!

— Podemos reparti-la.

— Nada disso! Ela está incluída na minha parte da pilhagem. Sèlig ergueu a mão, exigindo silêncio e caminhou até o local.

— O que houve?

— Eu a trouxe a bordo!

— Lutarei por ela!

— Ela?

Por um instante, Sèlig pensou ter ouvido alguém gemer.

As altercações recomeçaram e som foi abafado. Mas o interesse fora despertado. Caminhou até onde se encontravam as arcas, as barricas e os engradados. Uma mulher estava estendida no chão. Apesar dos olhos fechados, reconheceu-a de imediato.

— Não pode ser!

Mas era. A jovem inglesa de cabelos escuros. Felizmente, ela respirava. O que não aplacou sua ira.

— Alguém haverá de pagar por isso! — Olhou ao redor, procurando o culpado.

— Foi Gorm! Ele admitiu a proeza.

— Eu o avisei que a jovem noiva e a família dela deveriam ser poupadas! É assim que minhas ordens são obedecidas?

Gwyneth abriu os olhos por um instante e fechou-os em seguida.

Sèlig abaixou-se e ergueu-a gentilmente nos braços. Sorriu ao sentir que ela se aconchegava. Segurou-a por algum tempo e depois a deitou sobre uma das peles amontoadas no deque. Acariciou-lhe o cabelo e esperou até que acordasse.

Gwyneth entreabriu as pálpebras aos poucos. Fitou o nórdico loiro com intensidade e relanceou um olhar pelo convés. Ao entender o que acontecera, deu um grito ensurdecedor.

Capítulo III

— Não! — Gwyneth engasgou por causa do grito. Sentia-se confusa e apavorada. Não se tratava de um pesadelo. Ao fitar o rosto do chefe viking, entendeu que tudo era real. E tornou a berrar.

— Faça-a calar a boca! — um dos guerreiros pediu, com as mãos nas orelhas. — Ela acabará irritando Aegir, deus dos mares.

— Jogue-a na água! — outro sugeriu. Sèlig fez sinal, pedindo silêncio.

— Não se preocupe. Ninguém lhe fará mal. Eu não permitirei.

Gwyneth fitou os homens que a rodeavam e não acreditou na promessa. Estremeceu ao ver o brilho dos olhares e os sorrisos maldosos. Tinha de escapar deles. Ignorou a tontura e levantou-se. Cambaleando, foi até a popa.

— Estou cercada por inimigos — Gwyneth sussurrou. — Ogros odiosos sem nenhuma misericórdia.

Observou as águas espumantes. Hesitou. Olhou para trás e decidiu-se. Não havia escolha. Fechou os olhos e orou, preparada para pular.

— Não!

Solig foi pego de surpresa. Não esperava por isso. Estava longe de Gwyneth. Não chegaria a tempo de impedir o gesto tresloucado. Se corresse, ela poderia atirar-se mais depressa. Só havia uma atitude a ser tomada.

— Baugi!

Gwyneth encarou o viking, envolta em emoções desesperadoras e fez o sinal-da-cruz.

Ele que fique com o peso de minha morte em sua consciência, se é que a tem.

Gwyneth atirou-se para frente, mas não caiu. Alguém a agarrou pelas costas e evitara o pulo. Olhou por sobre o ombro e estremeceu. Um urso a prendia com a mandíbula.

Sèlig segurou-a pela cintura e puxou-a para trás com tanta força que ambos se estatelaram no piso de madeira. A queda de Gwyneth foi amortecida pelo animal peludo que ainda não a largara.

— Solte-a, Baugi!

O animal obedeceu às ordens do dono e largou-a. Gwyneth começou a chorar e procurou desvencilhar-se dos braços que a seguravam.

— Quero ir embora! Largue-me!

Os últimos acontecimentos voltaram a acossá-la. Destruição, morte e sangue. E o pior de tudo. A traição de Alfred. Seu pai confiara nele e o acolhera na família. Não encontrou palavras para classificar o que Alfred fizera. Fora uma conspiração contra o próprio povo. Alfred era muito mais vil de que os nórdicos.

— Eu odeio a todos! — Gwyneth decidiu que dali para frente adotaria o mutismo como estratégia.

Antes se orgulhava por haver aprendido o idioma nórdico, agora detestava qualquer som semelhante.

— Pode odiar-me, se quiser. Mas meu cão e eu salvamos sua vida.

Sèlig não encontrou palavras para explicar o remorso que o atormentava por tudo o que acontecera.

Gwyneth nada respondeu. Tentou levantar-se, mas foi impedida pelo peso do líder e do urso que ele chamara de cão.

Ah, seu pai também tinha cães de caça. Mas nem mesmo eles eram tão grandes quanto aquele animal gigantesco, peludo e preto que continuava sentado em cima de suas pernas.

Sèlig percebeu o olhar desconfiado da jovem.

— Baugi é um gigante afável e bem-humorado. Ele é muito útil no navio. Pode recuperar objetos ou pessoas que caem na água.

Sèlig tirou uma das mãos da cintura de Gwyneth e afagou a cabeça de Baugi. Gostava muito do cão e orgulhava-se de ser seu dono. Na verdade, ele o encontrara em Wessex, onde um cruel pescador inglês quase o matara de tanto trabalho. O pobre animal arrastava redes cheias de peixes para fora do mar. No final do dia era amarrado a uma carroça e a puxava até a cidade. Era um esforço ininterrupto, sem intervalos para descanso. O tratamento dado ao cão lembrara-o dos tempos da própria escravidão. Por isso libertara o cão de quase setenta quilos, que acabara se tornando seu fiel seguidor. Dera-lhe o nome de Baugi em homenagem a um dos gigantes da mitologia escandinava.

— Já perdi a conta de quantos homens Baugi salvou. — Sèlig percebeu que ela olhava para o animal com respeito. Sorriu, mas não obteve retribuição. — Pode jogar-se no oceano quantas vezes quiser. Baugi a trará de volta. A senhora conseguirá apenas molhar a roupa. Eu não pretendo deixá-la morrer.

Pensando melhor, Gwyneth alegrou-se pelo fato de o cão tê-la impedido de afogar-se. Mesmo assim, não estava disposta a amolecer o coração diante do cachorro nem de seu dono. Mesmo se o líder não fora o responsável pelo rapto, passara a ser prisioneira dele.

— Escute-me — Sèlig precisava estabelecer um vínculo de paz entre eles. — Dou-lhe a minha palavra de viking que nada lhe acontecerá e que estará segura neste navio.

Gwyneth fitou-o e admitiu que a sinceridade do nórdico era inegável. Descontraiu-se e suspirou.

— Se me der sua palavra de que não cometerá mais nenhum ato insano, eu a deixarei levantar-se. A senhora promete?

Gwyneth anuiu, sem falar.

— Eu não pretendia levá-la conosco, mas acho que os deuses assim o desejaram.

— Não o meu Deus! — Gwyneth foi ríspida, quebrando o voto de silêncio.

Queria continuar com raiva, mas reconhecia que o líder viking não era o culpado. Pelo menos nesse caso. O maior criminoso era Alfred. O perigo ainda não fora afastado. Seu pai Ignorava a traição de Alfred. Como avisá-lo, se estavam em alto mar?

Sèlig soltou-a.

— Então posso contar com sua promessa de que não tentará afogar-se? — ele insistiu.

— Sim. — Gwyneth fitou a imensidão do oceano sem fim. Leve-me de volta. — Não se tratava de um pedido, mas sim de uma ordem.

O reino de Wessex inteiro já deveria saber do ataque. Ele e seus homens seriam recebidos com espadas e acha-d'armas assim que desembarcassem. Não podia arriscar a vida de seus guerreiros, nem mesmo por ela. E do fundo do coração, desejava que ela ficasse.

— Não posso.

— Pode, sim! — Gwyneth não viu sinal de abrandamento na expressão do chefe nórdico. — O senhor não pode estar pensando em levar-me... para sei lá onde!

— Não gostaria de causar-lhe tristeza, mas não posso voltar — Sèlig afirmou de maneira terna.

— Meu pai lhe dará uma grande recompensa pelo meu retorno! — Gwyneth lutava contra o pânico que insistia em aumentar.

— Seu pai não perderia a oportunidade de matar-nos. Um a um. A senhora terá de ser um de nós... pelo menos por enquanto.

Os homens a olhavam com curiosidade, sem desejo. Pareciam aceitar de antemão que ela passara a pertencer ao líder.

— O quê? Não... nunca...

— É preciso.

— Jamais me comportarei como uma nórdica. Também não pretendo ser uma de suas mulheres! — Gwyneth desafiou-o.

O tamanho do ódio era inconcebível para uma jovem tão adorável, feminina e pequena. E era mais do que ele poderia suportar. Sèlig virou-se e foi para o outro lado da nau.

Recordou-se de outros tempos quando vira amor e suavidade naquele olhar. Não fora cego diante dos sentimentos ingênuos e puros que ela lhe dedicara.

Ah, como gostaria que aqueles dias se repetissem!

Sèlig lembrava-se da noite em que ela o libertara, como se houvesse sido na véspera. O olhar amoroso com que o fitara ao abaixar-se para tratar-lhe os ferimentos. O toque suave daquelas mãos delicadas fora melhor de que o linimento curativo. E, sem avisar, ela o libertara.

Ele a abraçara para demonstrar afetividade e gratidão. E sentira uma emoção diferente que lhe tocara o coração. Gostaria de ter fugido com ela, mas era jovem demais.

Sim, beijara-lhe a testa, mas, se fosse mais velha, teria lhe beijado os lábios. Naquele momento desejara ficar a seu lado e esperar que a bela flor desabrochasse. Mas fora preciso partir com urgência.

Ele estivera certo. A menina se transformara em uma beldade.

Abaixou o olhar e acariciou Baugi que o seguira.

Haveria um meio de superar aquela aversão e fazer com que ela o amasse de novo? A pergunta continuou a atormentá-lo durante muito tempo.

O sol poente parecia uma enorme moeda de ouro suspensa sobre o oceano azul-marinho. Gwyneth estava encolhida em uma pilha de peles grossas amontoadas perto da popa. Estremeceu e cobriu-se com uma das mantas de pele até o queixo. A nau balouçava para cima e para baixo. Ouvia-se a batida rítmica dos longos remos que dragavam a água e o canto melódico dos marinheiros. A embarcação seguia seu rumo e a afastava cada vez mais da mãe, do pai, dos irmãos e do litoral de sua juventude.

Trêmula, ela afastou os cabelos — pegajosos por causa do borrifio da água salgada — do rosto e suspirou. Estava num barco enorme, cheio de estranhos que haviam atacado seus parentes.

— Oh, Deus, por favor, me ajude... — Gwyneth fez o sinal da cruz. — Protegei-me da sanha dos vikings.

Contemplou o líder alto e musculoso que se encontrava em pé ao lado do mastro.

Que tipo de pessoa seria ele? Qual seria seu próprio destino quando chegassem ao povoado dos nórdicos? O líder a tomaria como esposa? Ou escrava? Seria encarcerada como prisioneira? Qualquer que fosse a resposta, a apreensão continuava intensa.

Gwyneth admitiu que às vezes não conseguia odiar o líder como deveria. Seus sentimentos emaranhavam-se e não se definiam. No início, comprovara a brutalidade do nórdico loiro. Por outro lado, havia ocasiões em que ele se comportava com gentileza

extrema. Um verdadeiro enigma. Era preciso reconhecer que ele não a trouxera para aquela nau viking.

Lembrou-se de Alfred e seu coração endureceu. Ele traíra a todos. Esperava voltar em breve para sua casa e poder denunciá-lo. Foi nesse instante que percebeu que só se sentiria em paz quando Alfred fosse punido.

— Está com fome? — o chefe viking assustou-a ao aproximar-se por trás.

— Não — Gwyneth mentiu, sentindo o estômago roncar.

— Sente-se enjoada? — Ele a tocou no ombro e o tom preocupado foi evidente.

— Não. Apenas não estou com vontade de aceitar comida de meus captores — respondeu com rispidez e afastou o corpo.

Ainda não esquecera o contato das mãos dele logo após o ataque. Talvez por isso aquela proximidade a deixasse tão perturbada. Estremeceu quando um golpe de ar frio afastou-lhe a manta dos ombros.

Sèlig abaixou-se para arrumar a pele e as mãos de ambos se tocaram. Por um momento, eles se entreolharam.

— Esta pele é de um urso branco como a neve. Eu a comprei em Kaijau — murmurou.

Gwyneth queria tocar a pele macia, mas não se atreveu.

Não queria assustar a jovem. Tinha intenção de cortejá-la aos poucos e com delicadeza. Pretendia fazê-la sentir por ele uma ternura idêntica à sua. Para isso contava com todo o tempo do mundo.

— É mesmo? — Gwyneth agasalhou-se melhor.

— Ouvi dizer que bem ao norte todos os ursos são brancos. Gwyneth não respondeu, consciente da masculinidade que emanava de seu interlocutor. Depois de algum tempo, ela rompeu o silêncio que os constrangeu durante alguns momentos.

— Quanto vai durar essa viagem?

— Vários dias — respondeu Sèlig, nunca se cansando de admirar-lhe tamanha beleza. Os cabelos escuros se confundiam com a noite. Ela permanecia de queixo erguido como uma mulher viking. Parecia aceitar o destino com dignidade e graça, o que o deixava ainda mais intrigado. Prometeu a si mesmo que a protegeria para sempre.

— Vários dias? — Gwyneth repetiu. Lembrou-se das embarcações de seu povo feitas de couro cru estendido sobre uma tábua de vime. — E se navegarmos até a extremidade do mundo? — apavorou-se.

Sèlig riu.

— Os monges cristãos não lhe ensinaram que o mundo é levemente arredondado e não plano? Se houvesse algum perigo de despencar na margem do mundo, eu já teria caído inúmeras vezes.

Gwyneth corou diante da caçada e voltou a seu mau humor. Era muita ousadia agir como se ela fosse uma ignorante. Ela sabia ler e escrever e o padre Aiden lhe dera aulas de história. Duvidou que aquele homem grosseiro houvesse lido qualquer livro na vida. Lutar era tudo o que ele sabia fazer.

— Ainda há muitas coisas a aprender sobre o mundo, minha jovem — comentou ele, pondo novamente a mão no ombro de Gwyneth. — Logo entenderá o modo de vida dos vikings.

— Espero que não! Não pretendo saber nada sobre roubos e assassinatos! — Gwyneth tornou a se afastar dele.

Sèlig irritou-se com a reação intempestiva. Gwyneth agia como se os ingleses nunca houvessem roubado ou matado. Agarrou-a pelos ombros e forçou-a a encará-lo.

— Seu povo também saqueou os outros. Vi essa crueldade com meus próprios olhos. Minha mãe foi morta quando o rei Egberto atacou os mercianos... — Sèlig interrompeu-se com receio de falar demais.

Gwyneth não teve como contestar aquela verdade. A Inglaterra tornara-se um cenário confuso de conflitos permanentes. O padre Aiden criticava os ingleses que haviam transformado o próprio território em um enorme campo de batalha. Lutavam entre si mesmos, contra os galeses e os dinamarqueses que tentavam conquistá-los.

— Não posso negar. Mas também há muitos entre nós que desejam a paz.

Gwyneth notou o sofrimento no olhar do líder antes de ele se virar e deixá-la sozinha. Suspirou e, esfomeada, recriminou a si mesma por haver recusado a comida. Padre Aiden sempre dizia que ela era tão orgulhosa quanto teimosa. Pelo menos nesse aspecto, teve de dar-lhe razão.

Fixou-se nas águas turbulentas, perdida em pensamentos. E as questões continuaram sem solução. Não imaginava qual seria seu destino quando chegassem ao território ocupado pelos vikings. Nem mesmo ousava ter esperança de ver Wessex novamente. Sentiu uma presença a seu lado. Virou-se e ficou surpresa ao ver o enorme cão negro e peludo focinhar-lhe a mão. Alegrou-se ao pensar que fizera pelo menos um amigo.

Nuvens escuras acumulavam-se no céu e começavam a esconder o pôr-do-sol.

— Não estou gostando nada disso, Sèlig! — Roland exclamou, olhando o firmamento. — Essas formações significam tempestade.

Sèlig preocupou-se ao ver Baugi enrodilhado ao lado de Gwyneth. O cão não costumava demonstrar amizade por ninguém, exceto por seu dono. Poderia tratar-se de uma extensão dos próprios sentimentos.

— Está me ouvindo? — Roland cutucou-lhe as costelas. — Pare de pensar nela e escute o que estou dizendo. Uma tormenta se aproxima.

Sèlig deu de ombros.

— Isso não me assusta. Não será a primeira vez que enfrentarei uma. Minhas embarcações suportarão o embate.

Roland estava inquieto e não fazia segredo de seu receio. Fora um dos poucos sobreviventes de um naufrágio na costa de Alba.

— Mas o vento está soprando forte e as ondas...

— Está preocupado à toa. — Sèlig deu um tapa amigável no braço do amigo.

— Conheço alguém que não se preocupa com nada! Conheço sua crença de que não morrerá tão cedo. Mas e quanto aos outros?

Sèlig acreditava, assim como os demais nórdicos, que ninguém mudava o destino. Este era regido pelas Norns, deusas que teciam o futuro dos deuses e dos homens. Havia a convicção de que cada um vivia a vida conforme o que fora traçado para si. Os empecilhos deveriam ser enfrentados com bravura e habilidade guerreira para ser superados.

Roland não tirava os olhos do céu.

— Escute!

Sèlig obedeceu, mas não percebeu nenhuma anormalidade.

Pelo contrário. O silêncio era maior do que o usual. Então um rugido longínquo começou a aproximar-se. O vento gemeu um aviso inquestionável. Sem perder tempo, distribui ordens à tripulação que se azafamava com cordas e mastros.

— Verifiquem a amura, o massame e a verga!

Era necessário preparar a embarcação para suportar a tempestade. Cada guerreiro cumpria sua tarefa com precisão. E Sèlig era conhecido como um excelente marinheiro e, apesar de todos saberem que sua mãe era inglesa, muitos homens abandonavam seus lares para segui-lo. Havia boatos de que seu pai era um grande chefe viking, embora Sèlig nunca houvesse comentado a respeito.

A embarcação jogava de um lado para outro, lutando contra o oceano revolto. Aquela tormenta prometia ser devastadora.

Gwyneth tentou levantar-se, mas a oscilação do barco a deixava tonta. Por instinto, procurou o líder com o olhar. Temeu que ele a houvesse esquecido em meio ao tumulto. Enganara-se. Ele caminhava em sua direção a passos largos. Admirou-se. Afinal, nem mesmo conseguia ficar em pé, quanto mais andar naquelas circunstâncias.

Sèlig abaixou-se para ajudá-la a erguer-se. Uma onda violenta varreu o deque e fez com que perdessem o equilíbrio. Mas a energia de Sèlig evitou que fossem jogados para longe. Em seguida, outra massa de água encharcou-os e Gwyneth agarrou-se ao líder, com medo de ser atirada para fora do barco.

Através do tecido molhado das roupas, Sèlig podia sentir cada curva do corpo jovem, inclusive as dos seios pressionados de encontro a seu peito. Apesar de sua resolução e do perigo que os ameaçava, não pôde evitar o desejo que o assolou de uma forma ainda mais devastadora do que aquela tempestade. Ao fitar Gwyneth, teve certeza de que ela percebera o inconveniente.

Com uma imprecisão, Sèlig afastou-se dela, sem, contudo, soltá-la. Segurou uma corda, caminhou até o arrimo mais próximo em forma de "T". Amarrou Gwyneth pela cintura na viga de madeira e deixou-lhe as mãos livres para que pudesse segurar-se.

— Não! — Gwyneth gritou, à beira do pânico.

— Tenho de fazer isso para evitar que seja atirada para fora do navio. Pare! Sei o que estou fazendo!

Apesar do pavor que sentia, Gwyneth acreditou na sinceridade do líder viking. Sentiu que ele procurava protegê-la. Acalmou-se e parou de espernear, apesar da corda que lhe raspava a pele. Fascinada, contemplou a maneira como o lobo do mar preparava-se para a batalha contra o oceano inclemente. Viu-o amarrar uma corda no pescoço de Baugi e refletiu que o cachorro também teria uma tarefa a cumprir.

Cordames soltos e ao sabor da ventania estalavam e vergastavam o que encontram pela frente. A tripulação viking lutava para manter a embarcação flutuando, quando a nau mergulhava perigosamente. A espuma voava alto e caía no convés. Ondas gigantescas espalhavam água pelas laterais da embarcação. O esforço imenso era partilhado por todos os que estavam a bordo. Até mesmo baldes eram usados para tirar a água que se acumulava no deque.

Gwyneth previu um naufrágio iminente. Agarrada à viga, agradeceu intimamente ao líder nórdico que a amarrara com as cordas. Ela havia se tornado o cordão umbilical que a mantinha presa ao Sea Dragon.

O viking tomou seu lugar na popa e apoiou-se com todo o peso na cana do leme para evitar que a nau submergisse. O barco enorme parecia uma folha à mercê do vento. Em instantes a chuva despençou a cântaros. A tripulação do Sea Dragon e do Sea Serpent lutava com todas as forças para sobreviver.

Aterrorizada, Gwyneth não desviava os olhos do atraente viking loiro. Ele não demonstrava o menor receio ao movimentar-se de um lado a outro. Era o homem mais corajoso que já vira em sua vida.

— Sèlig, o mastro está rachando! — Roland gritou no momento em que a haste grossa girou e por pouco não atingiu as costas do líder. Uma pancada daquelas o teria jogado para fora do barco.

— O aviso veio em tempo — Sèlig agradeceu ao amigo no mesmo minuto em que uma onda gigante quebrou outra viga. — Cuidado, Roland!

Tarde demais. O mastro deu uma guinada, bateu na cabeça de Roland e arremessou-o no oceano revolto.

Gwyneth fechou os olhos e rezou pela alma do náufrago, apesar de ele ser um viking e pagão.

Capítulo IV

Sèlig não pudera evitar que o mastro atingisse em cheio a cabeça de Roland, seu fiel amigo que lhe salvara a vida tantas vezes. O pior era que Roland nunca fora um bom nadador.

— Baugi!

O cão era forte o suficiente para arrastar um afogado. Sua capacidade pulmonar permitia-lhe nadar grandes distâncias e vencer as correntes marinhas. Mas Baugi jamais enfrentara águas tão turbulentas. Mesmo assim, Sèlig teria de arriscar a vida do cachorro para livrar o companheiro da morte.

Amarrou uma ponta de uma corda longa no pescoço do animal e a outra colocou-lhe na boca. Roland poderia agarrar-se nela para permitir que Baugi o trouxesse para perto da nau. Aquele recurso já fora usado antes e dera resultado.

— Vá buscar Roland!

Com uma presteza que rivalizava com seu tamanho, Baugi pulou nas águas geladas. Era impressionante constatar a energia, a habilidade e o poder do animal. Baugi tinha uma camada externa de pêlos grossos e oleosos, e uma camada interna lanosa. O que o tornava capaz de suportar a água gelada. Os pés espalmados e com pele elástica entre os dedos permitiam-lhe executar uma espécie de nado de peito. O animal não demorou muito para alcançar o náufrago.

— Roland! — Sèlig gritou a plenos pulmões. — Agarre a corda e Baugi o trará de volta! Roland!

Foi inútil. A pancada na cabeça deixara o amigo inconsciente. Sem pensar na própria segurança, Sèlig tirou o gibão e o largo cinto enfeitado, ambos de couro, e pulou na água.

— Pelos céus! — Gwyneth sufocou um grito. Imaginar a morte do líder viking trouxe-lhe mais sofrimento do que poderia supor.

Sèlig perdeu o fôlego ao atingir o mar gélido. Escutou um rugido quando a cabeça submergiu. Pensou que seus pulmões fossem estourar. O peito queimava. Era preciso impedir que a água salgada entrasse pelas vias respiratórias. Se isso acontecesse, morreria antes de socorrer Roland.

Com um grande esforço, voltou à superfície. Respirou profundamente. Apesar do sal que fazia arder seus olhos, arregalou-os para perscrutar as águas. Em instantes viu Roland flutuando de bruços e Baugi cutucando-o, tentando fazer com que ele agarrasse a corda.

— Roland! — Sèlig chamou, desesperado.

Embora nadasse sem parar, afastava-se cada vez mais da embarcação, levado pela corrente marítima. Sempre se orgulhara de sua energia e ela parecia esgotada diante do poder do oceano. Mesmo assim lutou com todas as forças que lhe restavam. Pareceu-lhe um milagre conseguir nadar de volta até onde Roland e Baugi se encontravam. Segurou a ponta livre da corda e amarrou-a em torno do corpo inerte do companheiro.

— Puxe, Baugi, puxe!

O animal obedeceu no mesmo instante e Sèlig nadou atrás dos dois.

Apesar de exausto e sem fôlego, Sèlig estava determinado a não se deixar vencer. Nem as manchas pretas que dançavam diante de seus olhos o fizeram esmorecer. Teria de chegar ao navio para ajudar os outros a içar Roland para o deque.

— Deus seja misericordioso e o salve... — Gwyneth desejava que Deus o levasse para seu reino, apesar de ele ser um gentio.

O que seria dela dali para frente? Sentira a vontade do líder viking em protegê-la. Mas e os outros? Apavorada, admitiu que não confiava neles.

— Ali! — um dos vikings berrou. Outros gritos se seguiram.

Por um momento, as esperanças de Gwyneth renasceram. A custo, desvencilhou-se das cordas que a mantinham presa à viga e correu para a amurada. Primeiro divisou a silhueta escura de Baugi. Ao lado dele, um viking flutuava, subia e descia em cima das ondas. Estreitou os olhos, ainda mais angustiada.

— Por favor, meu Deus, ajude... a todos!

Como se fosse uma resposta à suas preces, viu o líder aproximar-se e agarrar o náufrago pelo pescoço.

— Ele está vivo!

Em meio a gritos de encorajamento, o homem desacordado foi alçado a bordo do Sea Dragón. Em seguida, o cão foi puxado e, por último, o chefe foi auxiliado a escalar a amurada.

Gwyneth olhou para aqueles que aplaudiam e incentivavam. Que espécie de homens seriam eles? E seu líder, como seria? Talvez não fossem tão abomináveis como havia imaginado.

Vestido apenas com a braccæ, a calça que sempre usava, o viking loiro ficava ainda mais atraente. O tecido colava-se ao corpo musculoso e deixava-o com o aspecto de um deus pagão.

Sèlig entregou Roland aos cuidados dos marinheiros e correu para a ela. Tomou-a nos braços e afastou-lhe os cabelos dos olhos. Sem pensar, Gwyneth aconchegou-se no peito desnudo e largo.

— Não me largue! — ela gritou, dominada por estranhos sentimentos.

No deslumbramento daquele abraço, esqueceu seus pais, sua família e seu lar.

— O pior já passou — garantiu, fitando-a com um sorriso. Segurá-la entre os braços era uma sensação maravilhosa. — A tempestade está passando. O tempo vai melhorar e a viagem prosseguirá sem percalços.

Aquelas palavras penetraram no nevoeiro que tomara conta da mente de Gwyneth. Lutou para soltar-se e recriminou a si mesma.

Com que facilidade esquecera os crimes que o idólatra cometera! Ele era um viking que atacara sem piedade sua família e seu lar. Um inimigo selvagem! Fora uma grande tolice deixar que o salvamento do naufrago e as emoções contraditórias lhe tolhessem a razão.

— Tire as mãos de cima de mim! — Gwyneth gritou, como se ele fosse culpado pela turbulência de seus sentimentos.

Melindrado por aquela atitude inesperada, Sèlig voltou-se para o cachorro que esperava um elogio do dono.

— Muito bem! Nem Odin poderia desejar um campeão melhor!

Embora lhe coubessem as honras do salvamento, Sèlig creditava ao animal o verdadeiro ato de heroísmo.

Gwyneth reconheceu a afeição que ele nutria pelo cão e sentiu-se ainda mais confusa. A tempestade que rugia dentro dela era mais perigosa do que a tormenta que os atingira. E como combater a ansiedade de seu coração que insistia em disparar?

Deitada de costas na cama de peles macia e quente, Gwyneth visualisava o céu estrelado. Ouvira dizer que os vikings orientavam a navegação pelas estrelas. Para ela, o brilho tremeluzente dos corpos celestes inspirava pedidos.

— Quero ir para casa...

Esse era seu maior desejo, mas duvidou de que pudesse ser atendido. Afinal, afastavam-se cada vez mais de Wessex.

Por um longo tempo, observou as estrelas. Lembrou-se da sensação de ser abraçada por ele e arrepiou-se. O toque sedutor desencadeara sensações que não conseguia esquecer. A cruel verdade era que se sentia atraída pelo nórdico loiro.

— Não pode ser...

Ela teve a impressão de estar traindo aquele jovem viking que amara há muito tempo.

Fechou os olhos, mas não adormeceu. Os últimos acontecimentos ainda estavam muito vivos em sua mente para poder fazê-lo. Permaneceu acordada durante horas e procurou sobrepor a razão às emoções. Finalmente, o cansaço a venceu.

Gwyneth viu-se rodeada por uma bruma espessa. Vários rostos a fitavam de perto. A mãe, o pai e os irmãos. Por mais que se esforçasse, não pôde tocar em nenhum. Eles sumiam em uma nuvem de luz.

— Voltem... por favor...

Duas silhuetas se aproximaram. Uma das figuras era ela e a outra...

Era ele! O jovem viking, belo e loiro a quem ajudara a fugir. Sorria, convidando-a para segui-lo. Gwyneth estendeu os braços e ele se aproximou. Beijou-a, acariciou-a e alisou-lhe os cabelos, pouco antes de se abraçarem e fazerem amor.

— Ninguém a fará sofrer — ele sussurrou.

— Não me deixe — ela murmurou, sentindo-se segura e amada.

De repente, outra imagem interrompeu-lhe a serenidade. No começo as feições eram indistintas. Quem seria o intruso?

— Não!

Um viking alto e forte a agarrou pela cintura e tentou afastá-la de seu amor. Desesperada, ainda tentou se agarrar àquele amor do passado, mas ele também se afastou em um estranho grupo de pessoas e acontecimentos o empurraram cada vez para mais longe. Gwyneth correu e inutilmente tentou alcançá-lo.

Volte, ela pediu. Por favor, não me deixe.

As visões mais estranhas se sucediam e o terror aumentava. Com a espada em riste e a fisionomia crispada pelo ódio, o viking alto e musculoso perseguia o jovem loiro, e era óbvio que pretendia matá-lo.

Mas por que o desconhecido haveria de querer destruir-lhe a felicidade?

— Não... não faça isso...

Angustiada, Gwyneth abriu os olhos. Estivera sonhando e tudo lhe parecera muito real.

Trêmula, cobriu o rosto com as mãos.

Qual o significado daquele sonho? Por que as imagens lhe pareciam mais uma premonição do que devaneios noturnos?

Após os reparos dos mastros, as naus escandinavas tornaram a deslizar sobre as ondas do oceano como se a tempestade não houvesse existido. Ninguém se lembrava do perigo que haviam enfrentado. A meta da tripulação era alcançar terra firme.

Embora os temesse, Gwyneth não podia negar que os vikings eram navegadores magistrais. Sentiam-se perfeitamente a vontade em meio àquelas águas turbulentas. As embarcações deles eram uma obra de arte e esmero.

O capitão das naus também lhe causava admiração, mesmo que não quisesse admitir tal heresia. O sonho continuava a perturbá-la. Preocupava-se com o que aconteceria caso encontrasse o amor de sua infância quando aportassem. O jovem poderia atrair a ira do líder viking. Embora o viking a quem os outros chamavam de Sèlig a tratasse com bondade, não podia esquecer da selvageria e da violência que o acometiam em uma batalha.

Ainda assim, ele tinha um lado terno, Gwyneth refletiu, contemplando o físico musculoso. Impossível esquecer seu olhar no dia do ataque à igreja.

Ele pretendia subjugar-lhe e nada fizera. Teria sido remorso? Gwyneth não entendia os motivos que determinaram tal atitude. Na véspera, durante a tempestade, o líder viking arriscara a vida para salvar um amigo. Sem dúvida, tratava-se de um ato heróico.

Sèlig sentiu-se observado. Virou-se e ambos se entreolharam. Mais uma vez, Gwyneth surpreendeu-se com a intensidade de suas emoções. Aquilo a fazia sentir-se desleal à memória do jovem viking que lhe presenteara com o pingente. Enfiou a mão discretamente sob o decote do vestido e tocou a lágrima do dragão com reverência. Cerrou as pálpebras. As lembranças do passado não paravam de surgir. O sorriso do jovem viking. Os olhos. A pequena reentrância do queixo que ela chegara a acariciar. Mas para seu desgosto, os detalhes da fisionomia de seu viking haviam se apagado.

— Por causa dele! — Irada, fitou-o e decidiu imputar-lhe a culpa.

Virou-se de costas para Sèlig e procurou o abrigo da tenda rústica que fora erguida na popa com intenção de proporcionar-lhe um pouco de privacidade. Jamais o perdoaria! Nem mesmo o oceano poderia lavar o sangue que sujava aquelas mãos.

Frustrada, esfregou a palma da mão no vestido rosado que usava. O viking o encontrara entre os sacos e barricas pilhados da igreja e lhe entregara depois da tormenta. Era um dos vestidos que ela trouxera para os festejos que se seguiriam às núpcias.

— Ele me presenteou com meu próprio vestido — Gwyneth resmungou. — Será que esperava agradecimentos?

Era evidente que Sèlig procurava corrigir-se. Trouxera-lhe pão, peixe salgado e hidromel, e não desistia de entabular uma conversa.

Por quê? Na certa esperava que ela se tornasse uma concubina dócil quando chegassem a terra firme. Gwyneth jurou que jamais se entregaria a ele.

Sèlig sorriu quando a viu entrar novamente na tenda improvisada no convés. Notara que a raiva da jovem cedia. Quando chegassem ao povoado viking de Nortúmbria, ele a faria sua mulher. Ela seria uma bela esposa viking, e saber que estaria à sua espera, após as longas jornadas no mar, por certo o faria voltar para casa muito mais cedo.

— Vai contar a verdade a ela? — Roland interrompeu-lhe as reflexões.

— Não!

— Por quê?

— Eu mudei muito, Roland.

Sèlig sofrera muitas humilhações, mas aquele período o fortalecera. Transformara-se de menino ingênuo em um homem corajoso.

— Quero que ela se apaixone pelo que sou agora. Não quero vocação! Não gostaria que me amasse por causa de uma débil atração que tivemos no passado.

Com essa idéia em mente, Sèlig concentrou seus esforços para conquistar a afeição de Gwyneth. Observava-a constantemente, procurando aproveitar-se dos momentos em que a jovem se descontraía. Contou-lhe sobre suas viagens pelo mar Itálico e rio acima até a Rússia.

— E saqueou aquelas terras também? — Gwyneth foi ríspida.

— Não! — Sèlig precisava fazê-la entender que não era um homem violento por natureza. — Eu só ataco para me vingar de quem me faz um grande mal.

Como matar minha mãe a sangue frio e vender um menino como escravo.

— Não posso imaginar por que o senhor haveria de querer prejudicar um homem de Deus — disse ela lembrando o ataque a Igreja.

— Não fui eu quem planejou tudo. Foi o homem com quem a senhora quase se casou.

Gwyneth teve de aceitar a afirmativa. Ouvira a confissão de Alfred. Assim mesmo, não se deixou vencer pelo argumento.

— Quantas vezes o senhor trouxe destruição e morte ao povo de Wessex?

— Duas! Uma para vingar o assassinato de minha mãe e outra para vingar... — Sèlig fitou-a e enxergou a menina de olhos grandes que demonstrara tanta bondade. — Essa é uma história que lhe contarei algum dia.

— E por que não pode ser agora? — Gwyneth sentiu curiosidade.

— Confiei em alguém que me traiu...

Os dois mergulharam em recordações e o silêncio que se seguiu só era quebrado pelo som das ondas que batiam no casco.

— Quem matou sua mãe? — Gwyneth perguntou depois de algum tempo e leu a resposta no olhar dele. — Um inglês!

Sèlig refletiu que havia dois culpados. O irmão de sua mãe e seu próprio pai, que naquele momento deveria estar ao lado dela para protegê-la. Em vez disso, ele a deixara aos cuidados de parentes traiçoeiros.

— O intrépido Ragnar — Sèlig resmungou em voz baixa.

— O que foi que disse? — Gwyneth espantou-se com o sofrimento expresso no olhar do guerreiro.

Um olhar que não lhe era desconhecido. Mas que idéia absurda!

— Logo chegaremos a nosso destino — Sèlig mudou de assunto.

— E o que acontecerá... comigo? — Gwyneth temia escutar a réplica.

— Isso dependerá da senhora.

— De mim?

Sèlig segurou-lhe a mão fria e trêmula.

— Eu quero...

— Não! — Gwyneth puxou a mão.

Ela o impedira de dizer que teria de decidir o próprio futuro. Mas o rompante habitual o deixou com vontade de provocá-la.

— Então a senhora talvez prefira um dos outros. Gorm! — Sèlig apontou o homenzarrão responsável pelo rapto. — Ou mesmo Einar? — indicou outro viking igualmente repulsivo. — Ou Thorbjorn?

— Eu jamais escolheria nenhum de seus homens. Não preciso de ninguém.

Sem saber por que, acariciou o pingente que trazia sob o decote do vestido. Já pensara em entregar-se a um jovem que era o oposto do líder viking que estava à sua frente. A única coisa em comum entre os dois era a cor dos olhos.

Sèlig notou que ela dava valor ao pingente. O que o agradou e também perturbou.

— Quem lhe deu esse colar?

Gwyneth retesou-se. O sonho a fez temerosa de revelar a verdade.

— Ninguém!

— É mesmo? Eu vi a peça de relance. A lágrima de um dragão. Um jóia que parece um pingente viking. Talvez a senhora não nos odeie tanto assim.

Sèlig conteve a vontade de tomá-la nos braços, dizer-lhe que a amava e que ainda era o mesmo homem que ela um dia idolatrara. A apreensão com que ela o fitava, porém, o fez ficar desolado.

— O senhor jamais entenderia — Gwyneth sussurrou.

— Quem sabe o que se passa na mente do outro? Uma trombeta soou do lado oposto do navio. Era um toque de reunir.

— Estamos chegando a nosso destino: terra firme — Sèlig anunciou.

E agora começarão meus problemas, Gwyneth pensou. No barco estavam rodeados por muitos vikings e não havia lugar para privacidade. Nem queria pensar no que aconteceria quando estivessem em uma casa fechada.

Não deixarei que ele encoste em mim! Se eu permitir, tudo estará perdido.

Não podia mentir para si mesma. A proximidade do líder viking despertava nela uma espécie de sensação desconhecida e primitiva. Se ficasse a sós com ele por algum tempo, poderia ceder à tentação. O que seria inaceitável. Seu pai continuava em perigo. Alfred traía sua família e ainda poderia quem prejudicá-los. Seria preciso voltar para Wessex. Todos teriam de ser avisados do que acontecera.

— Não tenha medo — Sèlig não pronunciara o nome dela desde a noite em que fora libertado — ...Gwyneth.

O som de seu nome naquela voz rouca e máscula fê-la sentir-se acariciada, aquecida e...

— Gwyneth... — Sèlig repetiu com ternura.

Ela inspirou profundamente, tentando acalmar as batidas descontroladas de seu coração. Entendeu que nos próximos dias não teria de recriar o corajoso líder viking, mas sim suas próprias emoções e sentimentos traiçoeiros. Como Sèlig dissera, estava em suas mãos...

Capítulo V

Sozinha no deque, Gwyneth olhava os penhascos escarpados da ilha de Man, a leste. Embora houvesse feito pouco caso da fascinação de alguns homens pelo mar, começava a entender por que uma pessoa só ficava feliz quando entrava em contato com o oceano. O ar marinho e o cheiro da maresia eram revigorantes.

— Está olhando na direção errada — Sèlig comentou, pondo ii mão sobre o ombro delicado. — Nós vamos para lá... — Apontou para oeste, onde a ilha enorme era contornada por dunas baixas e pastagens.

Gwyneth ficou apreensiva quando as naus chegaram à costa, colidindo nas rochas. O timoneiro deixou a embarcação encalhada em terra firme, conforme a preferência dos vikings. Depois dos barcos ancorados, os homens começaram a retirar a carga do convés.

Sèlig foi o último a deixar a nau. Levantou Gwyneth nos braços e levou-a até a praia. Era difícil acreditar que tanta gentileza fizesse parte do homem cruel que pilhara a igreja. Apesar da bondade demonstrada por Sèlig, Gwyneth não deixava de preocupar-se com o que a aguardava. O pior de tudo era que em uma terra estranha haveria poucas possibilidades de fugir.

Gwyneth sentiu dificuldade em caminhar por ter ficado muito tempo inerte dentro da embarcação. Mesmo com as pernas bambas, esforçou-se para seguir as passadas longas do líder viking. Finalmente alcançaram o pequeno vilarejo com as habitações de madeira e taipa. As cabanas pareciam não ter janelas, e as portas eram tão baixas que até mesmo Gwyneth teve de abaixar-se para entrar.

Os camponeses de meu pai moram em choupanas melhores de que essas, Gwyneth alarmou-se.

— Modesto, mas é um lar — Sèlig anunciou com um sorriso.

— Onde fica meu quarto? — Gwyneth torcia as mãos, nervosa.

— Ali. — Sèlig indicou um monte de peles que deveria ser a cama. — A senhora e eu dividiremos esta casa. — O líder viking pôs as mãos nos quadris, um gesto com que Gwyneth começara a acostumar-se.

— Dividir esta... esta... cabana pode até ser. Mas não a cama! Gwyneth foi até a pilha de mantas, tirou uma que parecia ser a pele de um urso e arrastou-a até o lado oposto do recinto. Virou-se para o viking, desafiadora.

— Ficarei aqui!

Baugi seguiu-a e deitou-se na manta, como se fosse o dono da peça.

— Durma onde quiser...

Sèlig foi até uma grande arca onde estavam guardados seus pertences. Remexeu dentro e tirou um par de botas de couro, uma calça castanho-amarelada, uma túnica vermelha com animais bordados e um cinto de couro.

Gwyneth perguntou a si mesma se o viking manteria a palavra de não possuí-la à força e olhou ao redor.

No centro do ambiente, um caldeirão suspenso em cima de uma lareira de pedra e preso no teto por meio de cordas. No alto um buraco pequeno que na certa não daria vazão à fumaça da lareira quando acesa.

— Por acaso pretende que eu cozinhe para o senhor? — Gwyneth resmungou, aborrecida.

Na casa de seu pai os escravos encarregavam-se dessas tarefas. Mas a observação constante lhe ensinara muitas coisas. Não encontraria dificuldade em executar um trabalho pouco dignificante.

— Aqui todos devem dar sua contribuição para a sobrevivência — Sèlig retrucou com indiferença. — Não temos chefes nem escravos. Apenas homens e mulheres. Também não temos lições — sentiu-se forçado a acrescentar. — Nós não ficaríamos lado a lado com um inimigo só para tirar proveito.

Gwyneth pensou em Alfred, como Sèlig sugeria.

— Amaldiçoo o covarde e traidor que o levou a atacar-nos. Se servir de consolo, eu o odeio mais do que abomino os vikings.

Sèlig aproximou-se, segurou-a pela mão e enlaçou-a com delicadeza.

— Tenho esperança de fazê-la mudar de opinião a meu respeito — sussurrou e beijou-a.

Os lábios dele eram firmes, possessivos. Gwyneth não o rejeitou nem correspondeu. Ficou imóvel. Finalmente, Sèlig afastou-se.

— Eu não a forcerei a nada. Quando a possuir, sua vontade deverá ser tão grande quanto a minha...

Gwyneth não demonstrou o quanto ele a perturbava.

— Isso jamais acontecerá. Impossível perdoar o que o senhor e os outros fizeram.

— Jamais é um tempo demasiado longo... — Sèlig respondeu antes de voltar ao navio, seguido por Baugi.

Gwyneth foi até a porta e reparou nas batas castanhas que muitas mulheres usavam. Gostaria de oferecer-lhe seus préstimos, mas sentia-se constrangida. Por isso ocupou-se em limpar a cabana que seria sua... pelo menos até ela pensar em uma maneira de voltar para casa.

Depois de tudo limpo e arrumado, refletiu sobre a refeição. Encontrou um saco com pêras secas e nozes, outro com cebolas e repolhos. Também havia amoras e carne seca. O problema, porém, era que não tinha a menor idéia de como acender o fogo. Ainda assim, saciou a fome com as amoras e a carne. Do lado de fora da cabana havia uma cuba grande, provavelmente para o banho, e um barril com água de chuva. Passou as mãos nos braços desnudos, ansiosa por lavar-se.

Sabia que banhar-se seria arriscado, pois Sèlig poderia aparecer de repente e vê-la nua. Por isso, passou apenas um pano ensaboado no corpo e lavou os cabelos na água fria. Tremendo de frio, encontrou uma capa de lã com que enxugou um pouco os cabelos, depois terminou de secá-los ao sol.

Tornou a entrar na cabana. Foi até a arca e examinou o conteúdo. Procurava um pente ou uma escova. O baú estava lotado de pratos, cálices, facas e colheres de ouro e de prata. Além de tecidos finos.

Gwyneth fez uma careta.

A vida de um viking era mesmo próspera!

— Encontrou algo de interessante?

Gwyneth percebeu que Sèlig se aproximava pé ante pé. Mesmo sem ser tocada, sentiu a pele formigar.

— Eu queria cozinhar alguma coisa, mas...

— Mas nunca lhe ensinaram a fazer isso, não é? — Sèlig sorriu. — Não se preocupe, minha querida hóspede. Eu lhe mostrarei como é.

Mesmo exausto de tanto descarregar volumes pesados, Sèlig acendeu o fogo e encheu o caldeirão com água. Cortou cebolas, repolho e carne seca e colocou tudo no fogo para ferver. O aroma fez Gwyneth lembrar-se de como estava faminta. Mas também de que não seria agradável dormir envolta naquele cheiro.

Ainda assim, não lhe restou outra alternativa a não ser estender uma toalha enorme sobre a mesa pequena. Por cima arrumou pratos e tigelas de cerâmica que encontrou em

uma laco perto da lareira. Ao lado de cada prato, pôs uma faca e uma colher de prata. Recuou para admirar sua arte.

Sèlig serviu hidromel de uma barrica que trouxera do barco em dois cálices de prata. Sentou-se em um dos bancos pequenos que ladeavam a mesa e fez sinal para Gwyneth ocupar o assento em frente ao seu.

A comida ficou pronta e eles comeram em silêncio. Gwyneth não tirava os olhos do prato, com receio de encarar Sèlig. Mesmo assim, sentiu a tensão da presença dele.

— Tenho algo para a senhora.

Sèlig afastou o prato, levantou-se, saiu e retornou com algo na mão. Mostrou-lhe um vestido feito com o tecido mais fino e suave que ela já vira.

— Sabe o que é isso? — indagou, segurando o traje que parecia refletir as chamas do fogo. — Seda. Do Oriente longínquo. Muitos vikings endeusam esse tecido.

A seda era azul e combinava com a safira do pingente. Ele comprara o traje em Kaupang, na esperança de poder encontrar novamente a menina inglesa que lhe salvara a vida.

— É lindo! — Gwyneth segurou a vestimenta na frente do corpo.

— Vista-o — Sèlig pediu com voz rouca.

— Não... eu... não posso... — Gwyneth corou com a idéia de despir-se na frente de Sèlig.

Ele deu um passo à frente.

— Está na hora de a senhora acostumar-se com a idéia de ser observada. Pretendo fazer isso muitas vezes. A senhora é linda. Não há vergonha em mostrar-me seu corpo.

As mulheres vikings não tinham as mesmas restrições impostas às cristãs. As primeiras exploravam o lado sensual com naturalidade, sem considerar isso um pecado.

— Vista-o... — repetiu.

Gwyneth ficou imóvel. Foi incapaz de afastar-se dele e também de obedecer-lhe. Era como se ele a despisse com o olhar.

Vários minutos de imobilidade se passaram antes de Sèlig estender a mão e acariciar-lhe o busto, a curva da cintura e o abdome plano.

Gwyneth estremeceu como se o sangue em suas veias se incendiasse.

— Não...

Arfante, tentou entender os sentimentos que Sèlig lhe despertava. Desejo, mas não amor. Ao mesmo tempo, ficava aterrorizada. Padre Aiden pregava com frequência contra as emoções pecaminosas e recriminava os que cediam ao erotismo.

— Apesar de sua negativa, sei que no íntimo gostaria de aceitar meu abraço e meu toque. E fazer amor comigo com paixão tamanha que nos fizesse alcançar as estrelas. — Sèlig não esperou resposta e abraçou-a.

Gwyneth tentou recuar e tropeçou na arca de madeira. Teria caído se ele não a segurasse.

— O senhor prometeu!

Desapontado, Sèlig estava determinado a manter a palavra.

— Não prometi não beijá-la ou tocá-la — ele sussurrou, antes de beijar-lhe os lábios com uma intensidade que tirou o fôlego de ambos.

Sèlig estava certo. Gwyneth admitiu que seu corpo traía sua mente. Embora insistisse em recusar qualquer intimidade, desejava que o líder viking a tomasse nos braços e a levasse para a cama. Queria deitar-se com ele na cama de peles e deixar que a levasse até as estrelas.

Sèlig era um homem experiente e sentiu a reação positiva de Gwyneth. Imaginou o dilema que a torturava. Aproveitou o momento e beijou-lhe o pescoço.

— Diga-me o que deseja e lhe darei tanto prazer que jamais poderá prescindir dele.

— Nunca! — Sem conseguir respirar direito, Gwyneth repetiu para si mesma que teria de impedi-lo de continuar com aquele tormento. — Se não tirar suas mãos manchadas de sangue de cima de mim, eu o amaldiçoarei para sempre.

Sèlig a soltou, com a testa franzida. Depois, virou-se e saiu.

Gwyneth largou-se na cama de peles, chorando sem parar. Teria de dar um jeito de afastar-se de Sèlig e da tentação que ele representava. Fechou os olhos e soluçou mansamente.

Uma coisa quente e úmida tocou-lhe a orelha. Assustada, temeu que tivesse de lutar por sua honra. Mas não se tratava de Sèlig. Era Baugi. Estendeu-se ao lado de Gwyneth e ajeitou-se. O animal sentira-lhe a tristeza e procurava consolar a nova amiga.

Sèlig espiou o interior da cabana e sentiu-se duplamente traído. Baugi ocupava o lugar que deveria ser seu.

Resmungando, afastou-se dali o mais rápido que pôde. Caminhou sem destino pela praia inexplorada e selvagem recortada pelos estuários fluviais que rumavam para o

interior. Aqui e ali, formações rochosas. Chegou na beira de um lago, tirou as roupas e mergulhou na água gelada, em uma tentativa de esfriar seu ardor. Por que fizera aquela promessa? Por quanto tempo poderia esperar por ela?

Há muito não se deitava com uma mulher, e a beleza de Gwyneth era por demais tentadora. A cintura estreita, os quadris curvilíneos, as pernas bem torneadas, o busto macio.

— Ah, e os olhos!

Sèlig nadava de um lado a outro, com a certeza de que poderia afogar-se no oceano azul daquele olhar. Nenhum homem duvidaria em levá-la para a cama.

Por que hesitava?

— Por que não quero causar-lhe aversão. Nem quero que me olhe com ódio.

Sèlig temia que o rancor pudesse destruir para sempre os laços que o uniam à menina gentil que o libertara. O amor por ela era mais profundo do que o desejo.

Dominado por estranhos sentimentos, vestiu-se e passou várias horas perambulando pela costa onde estavam ancoradas as naus vikings.

— Provarei que sou um homem bem melhor de que Ragnar, meu ilustre pai. Se conquistar o amor de Gwyneth, ficarei com ela para sempre. Não a deixarei jamais.

Se conquistasse, não! Conquistaria de qualquer maneira.

Voltou para a cabana e encontrou Baugi ainda deitado ao lado de Gwyneth. Os cabelos longos pareciam um manto negro. Os traços adoráveis a tornavam tão bela quanto uma deusa. Segurava na mão a barra do vestido azul que não envergara.

— Pelo menos acho que ela aprovou meu gosto para roupas. Deitou-se em cima das peles do outro canto e praguejou intimamente.

— Ajude-me Fréia, deusa de fertilidade! Não sei por quanto tempo poderei manter a promessa que fiz a ela.

O melhor seria dormir para esquecer o tormento.

O som de conversas ruidosas e risos excessivos acordou Gwyneth de um sono agitado. Os vikings comemoravam a volta ao povoado e o fim da abstinência alcoólica com hidromel e vinho. Sèlig fizera questão de que se mantivessem sóbrios na viagem para enfrentar qualquer eventualidade. Por isso, as manifestações barulhentas. As vozes e as risadas das mulheres fizeram Gwyneth suspeitar de que os homens não se divertiam apenas com a bebida.

— Ora, Sèlig engana-se redondamente se está pensando que eu as imitarei...

Se as mulheres vikings eram liberais com seus favores, as inglesas eram muito conservadoras! Gwyneth lembrou-se da maneira como Sèlig a acariciara e sentiu-se corar.

Onde estaria ele? Tomando parte na festança com os companheiros?

Um ressonar suave foi a resposta a sua pergunta. Ele estava dormindo sobre o monte de peles no outro lado do aposento. Na certa, Sèlig voltara durante a noite sem fazer ruído e encontrava-se próximo demais para o sossego dela.

O coração de Gwyneth disparou ao lembrar-se da expressão de desejo que vira no rosto de Sèlig, as carícias audaciosas, os dedos insistentes e a própria reação diante dos toques. Se ele continuasse a assediá-la, acabaria por capitular, pois era apenas humana. E fraca. Por um instante, perguntou-se se preferia ser concubina ou esposa dele.

— Nenhuma das duas coisas! Tenho de fugir!

Não havia outra alternativa. Sèlig afirmara que a promessa não incluía beijá-la ou acariciá-la. Mas por quanto tempo resistiria às sensações fortes que ele desencadeava? Um dia? Uma semana?

Por um momento amaldiçoou o próprio corpo saudável que reagia em segundos diante da virilidade de Sèlig. Na embarcação, rodeada pelo oceano, não havia como escapar. Mas já haviam atingido terra firme. Não havia desculpa para continuar ao lado de Sèlig. Precisava sair dali antes que ele desconfiasse de suas emoções e tomasse alguma atitude mais séria.

Fugir! A idéia martelou-lhe nas têmporas. Estavam na costa oeste da Nortúmbria, onde a população também descendia de ancestrais saxões. Embora os nortúmbrios houvessem lutado contra o povo de Wessex, eles odiavam os vikings. Não seria difícil encontrar alguém que a ajudasse a voltar para casa. Uma alternativa seria oferecer uma recompensa a um pescador.

— E se ninguém me auxiliar, voltarei a pé! — Gwyneth nem se deu ao trabalho de pensar nos percalços e perigos que teria de enfrentar.

Tentou levantar-se, mas seus cabelos ficaram presos por... Baugi! Frustrada, deixou-se cair de novo na cama improvisada. Como fugiria sem que o cachorro desse o alarme?

Cutucou o animal com delicadeza.

— Volte para seu dono — sussurrou. — Vá...

Ela ficou imóvel como uma estátua ao escutar o ressonar de Sèlig. Receou tê-lo acordado, mas Sèlig virou-se para o outro lado e continuou a ressonar.

Pé ante pé, Gwyneth levantou-se e espiou os arredores. Ainda não amanhecera totalmente. Os casais cansados de fazer amor deveriam ter adormecido. Se fosse cuidadosa, poderia sair sem ser vista. Teria de apressar-se para empreender a fuga antes do sol se erguer ou de Sèlig acordar.

No escuro, às apalpadelas, juntou alguma comida para a viagem. Porém, o nervosismo a fez derrubar uma colher. Assustada, prendeu a respiração, mas Sèlig continuou dormindo.

Alisou o vestido de seda e sentiu pesar. Mais do que depressa, tratou de endurecer o coração. Não levaria nenhuma lembrança dos vikings!

Encheu um saco com os alimentos que seria capaz de carregar e saiu... seguida por Baugi.

— Volte, Baugi! Volte!

O cachorro só obedeceu quando ela indicou a ordem com um gesto.

A lua estava encoberta por nuvens escuras. Gwyneth teve de guiar-se pela estrelas que começavam a perder o brilho. Notara que os mapas de navegação dos vikings eram forrados de estrelas. Esperava poder guiar-se por elas.

Caminhou, olhando diversas vezes por sobre o ombro, para ver se não era seguida. Andou tanto que suas pernas começaram a doer e os pés a sangrar por causa das pedras. Prosseguiu encorajada pelo pavor de seu desejo pelo líder viking. Era necessário distanciar-se o mais rápido possível de Sèlig. Só assim poderia sobreviver. Era forte e conseguiria o intento.

Determinada, Gwyneth seguiu o contorno da costa rumo ao sul e não viu nem sinal de pescadores. Recusou-se a permitir que o fato a preocupasse, mas teve de reavaliar seu plano. Resolveu avançar para o interior, rumo às dunas baixas e à pastagem. Esperava encontrar algum vilarejo. Rastejou em alguns trechos e em outros pôs em prática uma correria desmedida.

Sem poder afirmar com certeza, teve o pressentimento de que era seguida.

Criticou a si mesma pela própria tolice. Talvez houvesse cometido um erro ao deixar a segurança do povoado nórdico.

Dúvidas começavam a assolá-la. O perigo de enfrentar animais selvagens e solo irregular começava a diminuir de importância. Poderia encontrar pela frente vikings que não pertencessem ao assentamento de Sèlig. Nesse caso seu destino seria pior ainda do que se houvesse permanecido onde estava. Não poderia contar com mais nenhum amigo musculoso para protegê-la. Ninguém se preocuparia se ela estava viva ou morta.

Indecisa, não sabia o que resolver. O receio era grande nos dois casos. Prosseguir ou voltar. Arfando por causa do cansaço, largou-se no chão quando sentiu uma câimbra no tornozelo.

Ouviu uivos ao longe. Seriam lobos? A idéia de servir de café da manhã para aqueles animais a deixou gelada de terror.

— Sèlig!

Ah, como gostaria de sentir os braços fortes ao redor do corpo! Pelo menos estava segura ao lado de Sèlig. Imaginou o que ele faria quando desse por sua fuga. Ordenaria que a perseguissem, mesmo sem ter idéia em que direção ela fora?

A exaustão a fez ficar deitada, mesmo sabendo que deveria levantar-se e decidir o que fazer. Voltar seria humilhante. Mas o que representava o orgulho diante do bem-estar de uma pessoa? Qual o rumo a seguir que não fosse perigoso?

Gwyneth perscrutou o horizonte. O sol nascente coloria o céu de rosa e laranja. Embora se alegrasse pelo raiar do dia, também o lamentava. Não poderia orientar-se mais pelas estrelas.

— Estou perdida! — A realidade era apavorante. Esfregou os olhos para afastar as lágrimas. Não desistiria.

Era preciso manter a mente aguçada.

Seria imaginação sua ou estaria ouvindo o ladrar de um cão?

— Gwyneth... — o som veio de longe. Santo Deus, estaria ficando louca?

— Gwyneth...!

Protegeu os olhos do sol com as mãos trêmulas. Primeiro viu Baugi e depois Sèlig que se aproximava quase correndo. Não sabia qual reação esperar do chefe viking por sua fuga.

Mas a preocupação se desfez assim que Sèlig ajoelhou-se a seu lado.

— Está ferida?

— Não.

— Pelas barbas de Odin, não pense em repetir essa tolice. — Ele a abraçou e alisou os cabelos escuros com ternura. — Não sabe o que poderia ter acontecido? Se não fosse Baugi, eu não a teria encontrado!

— Está com raiva?

— E muita!

— O senhor vai...?

— Puni-la? Era o que eu deveria fazer. — Sèlig abraçou-a ainda mais forte. — O que deverei fazer para que entenda o quanto significa para mim?

O coração de Gwyneth alcançou as nuvens. Agarrada a ele, lamentou ter tentado escapar.

— Prometa-me por esse Deus que tanto preza que nunca mais tentará fugir de mim. Jure!

— Eu prometo — Gwyneth aprendera a lição e não cometeria o mesmo engano uma segunda vez. Havia uma diferença fundamental entre ser corajosa e ser impulsiva.

Sèlig beijou-a com carinho, levantou-a no colo e levou-a de volta ao povoado.

Baugi foi na frente, sacudindo o rabo peludo.

Era estranho comprovar que o lugar que lhe parecera uma prisão, assumia agora as características de um lar. Depois de ser trazida de volta por Sèlig, Gwyneth passava a encarar o ambiente com olhar menos crítico. Com algumas mudanças, poderia transformar aquela cabana em um lugar confortável para se viver.

Despejou água em uma vasilha grande e lavou o rosto. Penteou os cabelos emaranhados com um pente que encontrara na arca. Trançou-os como vira as outras mulheres usarem.

Avaliou os estragos no vestido. A viagem pelo oceano e a tentativa desastrada de fuga haviam-no deixado com rasgos e manchas.

Após alguns minutos de investigação na arca, encontrou um vestido e uma túnica de lã muito fina. Pôs diante de si e concluiu que serviria. Encontrou também um par de sapatos de pele de animal do tamanho exato de seus pés. Impossível deixar de pensar que Sèlig colocara tudo ali de propósito.

Vestiu-se e prendeu a túnica com dois broches. Um em cima de cada seio.

— Agora pareço uma viking — Gwyneth murmurou, lembrando-se de que jurara jamais ser como elas.

Era possível ouvir-lhes a conversa animada enquanto trabalhavam. Como não desejava tornar-se uma eremita, teria de fazer amizade com aquelas mulheres.

No começo, elas a encararam com desconfiança, depois se entreolharam e casquinaram risadinhas marotas.

Uma delas, mais afoita, tentou puxar-lhe as tranças negras. Mas logo elas esqueceram as diferenças e Gwyneth se pôs a trabalhar junto com as outras.

Enquanto cuidavam de seus afazeres, as vikings cantavam. Gwyneth não tardou a cantalorar a melodia. Depois de tantos dias a bordo da nau, era agradável estar novamente com as moças. A única coisa que a descontentava era o olhar de um viking atarracado, baixo, atrevido, barba revolta e braços musculosos. Ele não desviava os olhos em nenhum momento e Gwyneth não gostou disso.

Deduziu que fora por sorte ter caído nas graças de Sèlig e não de qualquer outro. O curioso era ela não se lembrar de tê-lo visto na embarcação.

Uma voz interior avisou-a para não ficar a sós com ele. Sua mãe teria lhe advertido da mesma maneira.

Gwyneth nunca fizera trabalhos domésticos, mas achou divertido fazê-los. Para cozinhar usou alho, cebola, ervas e especiarias.

Aquele foi um dia de aprendizado. A lareira ficava acesa tanto para cozinhar como para aquecer as pequenas casas no frio. No povoado os fornos de assar eram comunitários e aquecidos com pedras quentes.

Peixes e carnes eram pendurados ao vento para secar, depois defumados ou salgados. O sal era extraído da água do mar. E, claro, a maior parte dos alimentos vinha do oceano. Gwyneth, que nunca fora apreciadora de peixe, teria de acostumar-se com arengue, bacalhau e hadoque. Patos e coelhos eram usados apenas em ocasiões festivas.

Naquele dia, Sèlig voltou para casa e encontrou a comida pronta e a pequena mesa posta para o jantar.

— Que maravilha, Gwyneth.

Ela soubera pelas mulheres que Sèlig gostava de raiz forte. Por isso, preparou-a para acompanhar o peixe. Encontrara um ninho com ovos de gaivotas e cozinhará-os como entrada.

— Obrigado, Gwyneth... — Sèlig murmurou.

Daquela vez eles conversaram enquanto comiam. Gwyneth fez perguntas sobre ferramentas e mobiliário e descobriu que Sèlig tinha talento para esculpir madeira.

— Ajudei a entalhar a cabeça de dragão do meu barco — contou ele, orgulhoso de seu feito.

Logo ela descobriu que as habilidades de Sèlig estendiam-se a muitas outras áreas, inclusive a pintura, pois ele lhe mostrou desenhos que fizera com cores brilhantes.

— Está lindo! — Gwyneth elogiou-o, esquecida de que ele era pagão.

Sèlig explicou que na arca havia uma coleção de tesouros resultantes de seus saques ou de suas trocas em Kaupang.

— Gosto de coisas bonitas. E a senhora é o meu mais belo e maior tesouro.

Gwyneth teve vontade de abraçá-lo e de esquecer do mundo, tal a paixão com que ele se expressara.

— Sèlig...

— Eu a desejei desde o primeiro momento em que a vi. Gwyneth sabia que se tratava de um cumprimento, mas não resistiu à ironia.

— Para acrescentar à sua coleção?

— Sabe muito bem que não se trata disso...

Sim, sabia. Também se sentia atraída por ele. O tom de voz de Sèlig parecia-lhe a de um amigo de longa data. Era como se já o conhecesse havia anos. O que lhe pareceu ridículo. A primeira vez em que o vira fora no ataque à igreja.

No entanto, havia algo mais do que apenas o aspecto físico de Sèlig que a atraía. Algo que Gwyneth ainda não se sentia capaz de explicar.

Capítulo VI

Os dias transcorreram calmamente. Gwyneth sentia-se cada vez mais à vontade no povoado viking. Fizera amizade com as mulheres e passara a entendê-las. Naquela sociedade, bem como na sua, o homem era o chefe da família. A diferença era que, na ausência dele, a esposa ficava responsável pelo lar e pelos filhos, além de administrar a propriedade. Por isso, as mulheres nórdicas eram mais independentes, tinham mais autoridade e eram mais respeitadas do que as de Wessex, onde os homens exerciam o domínio absoluto.

No casamento, a mulher passava a obedecer cegamente o marido e tornava-se parte da família dele. Quando uma jovem viking se casava, continuava a pertencer à própria família e mantinha o sobrenome de solteira. Na sociedade escandinava, o matrimônio era um acordo entre duas famílias. Era comum um homem rico ter mais de uma mulher.

— Poligamia, como nos tempos de Salomão — Gwyneth comentou depois de Ingunn ter lhe contado que era uma das duas esposas do marido. — E o ciúme?

Ingunn caiu na risada.

— Nós nos ajudamos e protegemos uma à outra quando Gardi está de mau humor. Além do mais, isso significa menos tempo na cama.

— E os filhos?

— Não tenho nenhum. Mas quando eu gerar filhos, eles terão o mesmo valor que os dois filhos de Kadlin e todos terão direito à herança.

O ciúme e a suspeita se infiltraram no coração de Gwyneth.

— Sèlig é... casado? Ingunn sorriu.

— Não. Sèlig sempre se preocupou demais com suas naus e nem enxergava as mulheres que procuravam atraí-lo.

Gwyneth gostou de escutar a afirmativa, apesar de dizer a si mesma que a informação não tinha a menor importância. Nunca dividiria Sèlig com ninguém.

As refeições, principalmente o nattveror — ou jantar — transcorriam em clima festivo e em meio a muito barulho. Gwyneth ficou sabendo que ao anoitecer os viking iriam reunir-se em volta da extensa área de cozinha para observar o banquete que seria destinado a aumentar a fertilidade do solo.

— Uma celebração pagã — Gwyneth murmurou e imaginou o que sua mãe diria se soubesse.

E o que ela pensaria se visse Sèlig?

Ele vestia uma túnica marrom bordada em azul e branco nas mangas e na barra. Colete de couro com tiras nos ombros que se fechavam no peito por meio de fivelas. Calça justa de cor bege. Nos braços, pulseiras de ouro e prata. Sèlig era homem muito atraente.

Os homens sentavam-se de um lado e as mulheres de outro, mas Gwyneth estava perto o suficiente para observar alguns detalhes.

Sèlig pareceu-lhe mais contente que de hábito. Exibia um senso de humor admirável e contou histórias divertidas sobre deuses nórdicos, gigantes de gelo e anões.

— Gwyneth... Este é Oddbjorg. Ele tem o privilégio de ser um dos poucos homens que não participa dos reides. — Sèlig escutou o que o camarada cochichava. — Ele diz que Fréia não poderia ser mais bonita do que a senhora. Ambas têm cabelos negros como as asas de um corvo, olhos que lembram o mar e pele perfeita como as pétalas de uma flor. Afirmou ainda que inveja meu lugar em sua cama.

Gwyneth odiou a si mesma por corar.

Sèlig apresentou-a a outros que também não haviam viajado ou que estavam no outro barco. Aki, Frodi, Harek, Thorne e sua mulher Hildegard, muito mais velha do que o marido e enrugada pelo sol. Os homens eram mais numerosos que as mulheres. Três para uma. Gwyneth perguntou-se se isso era comum nas comunidades vikings. Talvez aquele fosse um dos motivos por que raptavam mulheres de seus lares.

Travessas com peixes, pequenas aves, carnes cozidas e vegetais se sucediam com fartura. Sèlig se esmerava em mostrar-se cortês e servi-la com generosidade.

Os pratos eram semelhantes aos que a família de Gwyneth preparava nos banquetes, exceto que os nórdicos preferiam carne cozida em vez de assá-las no espeto. Em casa de seus pais haveria manteiga, pão preto e queijo no centro da mesa. Ali havia apenas pão de cevada e ervilhas secas. O pão era delicioso, e Gwyneth orgulhou-se de ter ajudado a prepará-lo.

Ao lado de cada prato havia um cálice com vinho. Como os ingleses, os vikings gostavam de beber. Erguiam as canecas e os cálices para brindar e imediatamente os esvaziavam.

Gwyneth bebera mais do que estava acostumada a fazer. Um pouco zonzinha, sentia-se feliz. Virou-se para Sèlig e por um momento hipnótico os olhares se encontraram. Sentiu-se perturbada, apesar de ele estar do outro lado da mesa, e pôde ver o desejo inscrito em seu olhar.

Sèlig estava nas nuvens. O rosto de Gwyneth traduzia emoções intensas e Sèlig ousou pensar que fosse desejo.

— A Sèlig! — o grito ecoou entre os homens e quebrou o encanto. — Que ele continue a navegar com o mesmo sucesso!

Gwyneth comeu em silêncio. Levantou os olhos e viu o viking baixo e troncudo a fitá-la. Os olhos azuis dele eram lascivos e não foi difícil entender que ele não a considerava propriedade de Sèlig. Gwyneth estremeceu, enojada. Pensou em contar tudo a Sèlig, mas naquele momento Roland levantou-se e iniciou uma história sobre a criação do mundo.

— Tudo começou com as chamas e o gelo que queimava. No sul havia o reino de Muspell com suas chamas dançantes. Ninguém podia agüentar o fogo, exceto os nativos. Ao norte, o reino de Niflheim. Este era gelado e coberto por uma camada de neve. No centro do mundo havia uma fonte. Dessa fonte saíam doze rios que caíam em um abismo sem fundo. Esses rios congelaram e o intenso vapor de Muspell derreteu o gelo. Os

vapores elevaram-se no ar e formaram nuvens. A vida surgiu das gotas de água desse gelo e formou o primeiro gigante de gelo chamado Ymir e sua geração.

Gwyneth ficou fascinada pela história da criação, tão diferente daquela contada na Bíblia Sagrada. Entretanto era compreensível que os vikings, originários de terras cobertas de neve, acreditassem que o mundo surgira das profundezas geladas.

— Das nuvens também surgiu a vaca Audhumla que alimentou o gigante. A vaca, por sua vez, sustentou-se com o gelo de onde retirava a água e o sal. E das pedras de sal que a vaca lambia, surgiu a cabeça e o corpo de um homem de grande agilidade, beleza e força. Era um deus que se casou com a filha da raça de gigantes. Deles nasceram os deuses Odin, Vili e Ve — Roland continuou.

Gwyneth, sem tirar os olhos de Roland, sorriu-lhe e recebeu um sorriso caloroso em troca. Sentiu um beliscão no braço. Era Sèlig, que a fitava com o cenho fechado.

Advertida, Gwyneth escutou de olhos baixos a continuação da história. O, gigante Ymir foi morto pelos filhos. Com seu corpo formaram a terra, com seu sangue os mares, com seus ossos as montanhas, com seus cabelos as árvores, com seu crânio o céu e com seu cérebro as nuvens carregadas de neve e granizo.

— Paganismo — Gwyneth disse para si mesma. — E é nisso em que Sèlig acredita. — Aquela era uma imensa barreira entre ambos.

— Puseram as faíscas de Muspell no céu e criaram o Sol, a Lua, as estrelas que circundavam o mundo redondo e o oceano.

Vários outros vikings se levantaram para contar mais histórias. Gwyneth achou-as todas interessantes, principalmente as façanhas de Odin e de Tor. Apesar disso, não deixava de lembrar-se das diferenças entre a religião dela e a de Sèlig.

Depois de algum tempo, os homens se levantaram e foram até a lareira onde formaram um círculo ao redor do fogo. Cada guerreiro usava um elmo com chifres, que Gwyneth ainda não tinha visto e que para ela ficavam parecidos com demônios. Ela só conhecia os capacetes cónicos que eles haviam usado na invasão e na viagem.

Os homens cantaram e dançaram em um frenesi de bêbados. Na saliência de uma das pedras do centro do fogo foi colocada uma pequena estátua masculina com um elmo cónico e um falo de tamanho descomunal.

Os vikings despejaram vinho sobre a figura bizarra, sempre cantando. Aquela cerimônia tinha a ver com a fertilidade da natureza. Se o vinho representava sangue, outrora poderiam ter sido feitos sacrifícios de animais ou até de humanos. Gwyneth estremeceu, enjoada.

Preciso sair daqui, antes que eu seja castigada por Deus!, Gwyneth cismou, alarmada.

Ela se afastou do festival de excessos e foi até o pátio. Depois de um ambiente denso de fumaça, o ar puro da noite revigorou-a. Mas não acalmou a dor de seu coração. A participação de Sèlig nos cantos e nas danças somente acentuava as diferenças entre eles. Sèlig era um viking idólatra. E nada poderia ser mudado.

O vinho que tomara deixou-a zonza. O mundo pareceu-lhe envolto em uma névoa brilhante. Mesmo assim, percebeu um estalido às suas costas. Seria um animal? Ou alguma pessoa?

Virou-se, devagar, pronta para fugir, mas foi agarrada por uma mão peluda.

— Solte-me!

Quem quer que fosse, segurou-a com mais firmeza e encostou-a de encontro a um peito duro como pedra. O odor de álcool era insuportável. Gwyneth lutou, mas não conseguiu soltar-se. Quando uma nesga de luar por entre as nuvens iluminou o cenário, viu que se tratava do nórdico atarracado. Com o olhar brilhante de desejo, ele enfiou uma das mãos por dentro do vestido e apertou-lhe o busto.

Gwyneth gritou quando foi brutalmente jogada no chão. Sem se importar com os pedidos de clemência, ele imobilizou-a com o peso do corpo e levantou-lhe a barra da saia.

— Não! Não! — Gwyneth continuava a gritar, aterrorizada. E o pavor fez com que conseguisse encontrar forças para desvencilhar-se. Tropeçando na escuridão, rastejou para trás de uma árvore e preparou-se para lutar.

Sèlig pensou ter ouvido um brado. Levantou a mão, pedindo silêncio. Dessa vez, escutou um grito com maior nitidez.

— Roland, onde está Gwyneth?

— Não sei. — Roland olhou ao redor. — Deve ter saído. Inquieto, Sèlig deixou a roda dos homens, pegou a espada, saiu do casarão comunitário e correu na direção do som.

— Gwyneth!

Não houve resposta. Tornou a chamar e pensou ter ouvido uma voz que vinha da moita. Aproximou-se com cuidado. Viu a silhueta de Jokul Haraldsson avançar sobre Gwyneth que se defendia como um gato selvagem.

Com um berro, Sèlig jogou-se sobre o viking atarracado. Surpreendido, Jokul soltou Gwyneth e segurou a própria espada.

Anos de batalha haviam apurado os ouvidos de Sèlig para os mais leves sinais de perigo.

Abaixou-se, ao perceber o assobio da lâmina da espada de Jokul. O som de madeira espedaçada avisou-o que salvara o pescoço na hora certa.

Furioso pela tentativa que o inimigo fizera para decapitá-lo, Sèlig desembainhou a espada. O retinir de metal contra metal foi o início de um combate feroz. Jokul tinha uma agilidade incomum para alguém tão corpulento. Praguejando, atacava em todas as direções. Sèlig investiu e sentiu que a espada encontrara o corpo do desafeto. Um urro de dor ecoou pela mata.

A luta continuou, cada vez mais intensa. Espada contra espada, em uma dança macabra. Sèlig tropeçou em um ramo de árvore e atingiu o chão com um estrondo. Apesar da dor que lhe tirou o fôlego, ergueu a arma e impediu um golpe mortal do adversário.

Na penumbra e afastada dos contendores, Gwyneth não distinguia um viking do outro. Horrorizada, não hesitou em aproximar-se, rezando.

— Por favor, meu Deus, ajude Sèlig. — A morte dele era inimaginável.

Sèlig estreitou os olhos e, ao perceber Gwyneth, distraiu-se por um segundo. Foi a chance que Jokul esperava. Com uma pancada derrubou a espada da mão de Sèlig e inclinou-se para matá-lo.

— Sèlig... Cuidado! — Gwyneth gritou e correu para apanhar a arma do chão. Levantou-a com as duas mãos.

— Não me mate sem que eu esteja com minha espada na mão. — Do pescoço de Sèlig corria um fio de sangue do ponto de contato com a lâmina de Jokul. — Dê-me a chance de entrar em Valhala!

Gwyneth aproximou-se, empunhando a espada sempre com as duas mãos. Como se não fosse ela, desfechou um golpe primoroso.

Para uma pessoa tão pequena, a força era extraordinária e o alvo, certo. Ela atingiu Jokul no braço direito. O homem gritou e largou a espada. Sèlig recolheu-a e ameaçou-o.

— Saia daqui! Nunca mais quero ver sua cara! Eu o matarei, se o vir na minha frente!

— E para onde irei?

— Loki que o leve!

Talvez fosse um erro libertá-lo, mas Sèlig assim o fez, por causa de Gwyneth. Não queria matar uma pessoa na frente dela. Enlaçou-a e observou Jokul Haraldsson afastar-se, segurando o braço ferido.

— Pensei que eu o tivesse matado — Gwyneth sussurrou, trêmula.

— Seria melhor que o houvesse feito — Sèlig retrucou, lamentando a decisão de poupar o adversário.

Gwyneth e Sèlig permaneceram abraçados por um longo tempo, com o coração batendo forte. Sèlig suspirou e beijou-a no pescoço.

— Permita-me fazer amor com a senhora — Sèlig sussurrou, acariciando-lhe o corpo levemente. — Adoro a maciez de sua pele, o sabor de seus lábios e a fragrância de sua pele...

Sèlig beijou-lhe os lábios com suavidade no início e em seguida o beijo tornou-se mais insistente.

Gwyneth correspondeu ao beijo e às carícias. Sentiu o peito musculoso, o estômago plano e a pressão da masculinidade. Não pôde deixar de sentir-se curiosa a respeito do que poderia acontecer entre os dois. Aconchegou-se de maneira confortável e imaginou se ele a faria gritar de paixão como faziam as mulheres vikings.

Sèlig murmurou palavras de amor, ergueu-lhe a barra do vestido e acariciou-lhe a pele sob a roupa. Gwyneth gemia de prazer ao sentir os afagos que se tornavam mais íntimos. Ondulações de fogo a percorreram internamente. Gwyneth e Sèlig desejavam um ao outro com a mesma intensidade.

Sèlig deitou-a com cuidado na grama. As nuvens haviam se dispersado e o cintilar das estrelas propiciava um cenário perfeito.

Sèlig tirou o braccæ em segundos. Usando apenas a túnica, deitou-se ao lado de Gwyneth e abaixou-lhe o vestido até a cintura. A realidade começou a voltar na mente de Gwyneth. Mesmo sendo uma donzela, conhecia bem as conseqüências de um ato de amor. Poderia engravidar. Filhos concebidos fora do casamento eram considerados ilegítimos e desprezados pela Igreja. Afastou-se de Sèlig.

— Gwyneth? — Sèlig não conseguiu segurá-la. Gwyneth voltou o vestido ao lugar e levantou-se.

— Eu a amo, Gwyn — ele confessou. — Não me negue o que eu mais desejo, ainda mais agora que estamos tão próximos de nos unirmos.

Sèlig levantou-se e tornou a abraçá-la.

— Não posso fazer isso! — Gwyneth lutou contra os próprios desejos e contra os de Sèlig.

— Por que não? Fazer amor é tão natural quanto respirar.

— Não quero... — Gwyneth tocou no pingente. Queria encontrar no amuleto a força para recusar, pois se sentia fraquejar.

— Então o que a senhora deseja? — Sèlig sentiu ciúme. Entendeu que o coração dela pertencia a outro. O mais irônico era que o outro era ele mesmo, um jovem que não existia mais.

— Meu coração pertence a... — Gwyneth interrompeu-se ao lembrar do sonho e de como Sèlig tentara vingar-se do amor puro que a acalentara durante tanto tempo.

— Diga que seu coração me pertence, Gwyneth. — Sèlig tentou segurá-la, mas não conseguiu.

Gwyneth escapou e correu de volta para a cabana. Atirou-se em cima da cama de peles e desabafou o coração em um choro convulsivo. O fato de desejar Sèlig a deixava profundamente infeliz.

Sèlig não veio dormir e Gwyneth compreendeu que o decepcionara. Ele poderia ter ido à procura de outra mulher. Aquela idéia deixou-a abalada.

Gwyneth passou grande parte da noite virando-se de um lado para outro. Acordou ao amanhecer e descobriu que Sèlig voltara. Dormindo, ele parecia mais jovem e Gwyneth foi dominada pela sensação de familiaridade.

— Conte-me sobre o homem que a presenteou com o pingente.

Gwyneth espantou-se. Imaginou que Sèlig estivesse adormecido.

— Era um viking, porém muito mais moço. Na verdade, pouco mais que um menino... — Hesitou, sem coragem de continuar. Mas não demorou a decidir-se. O melhor seria revelar tudo. — Ele era um menino de treze anos, braços e pernas compridas, e por isso mesmo, desajeitado.

— Era um escravo?

Eles se entreolharam e Gwyneth sentiu o coração bater em descompasso.

— Era. Por que desconfiou?

— Mera suposição. Como foi que o conheceu?

— Meu pai... — Gwyneth suspirou, envergonhada de continuar. — Não pude suportar quando descobri o que ele estava sofrendo. Eu lhe trazia comida e fiz o que pude

para melhorar-lhe as condições. Uma noite resolvi libertá-lo, pois o padecimento dele era muito grande.

— Posso imaginar que o fato trouxe conseqüências calamitosas...

— Meu pai me chicoteou. Ainda tenho as cicatrizes, embora elas tenham ficado bem mais leves.

— Foi chicoteada? — Sèlig sentiu o coração apertado. Fora o que ele mais temera.

Gwyneth anuiu e fitou os olhos castanhos.

— Quem é o senhor, Sèlig? Por que sinto como se... como se...

— Acredito que está na hora de revelar a verdade. Vire-se um pouco para a parede.

Sèlig pegou a adaga e começou a cortar a barba. De tempos em tempos, Gwyneth ouvia-o praguejar. Espiou e percebeu o que ele fazia. Sua mãe costumava brincar dizendo que se barbear era quase tão perigoso quanto enfrentar uma batalha.

— Pode olhar. Veja se me reconhece.

Gwyneth virou-se devagar e fitou-o, examinando cada linha da face como se estivesse decifrando um mapa.

— Não pode ser!

Como não percebera antes? E nem poderia! A barba cobrira-lhe as feições. Qualquer um se enganaria. Mas o formato do rosto e a pequenina depressão do queixo não deixavam dúvida quanto à sua identidade.

Aquela dureza ocasional no olhar não existia antes. Estava mais alto e mais musculoso.

— O senhor mudou muito...

— A senhora também. Por isso não a reconheci até ver a lágrima do dragão. Eu não poderia forçá-la a nada, Gwyneth. Eu jamais poderia esquecer sua bondade.

Gwyneth começou a chorar. O sonho se transformara em realidade. Embora Sèlig não tivesse destruído fisicamente o menino que ela adorara, ele se encarregara de liquidar a lembrança dele.

— Eu a amo, Gwyneth. Eu já amava antes, mas de um modo diverso.

— Tarde demais. — Gwyneth soluçava.

— Não diga isso. Nunca é tarde... — Sèlig tentou acariciar-lhe o rosto, mas Gwyneth afastou-se.

— Preciso de algum tempo. Quero pensar... sobre tudo isso.

— Eu lhe darei esse tempo.

Sèlig saiu, deixando Gwyneth sozinha.

Capítulo VII

Gwyneth imergiu em mar de sensações conflituosas. Nem uma pergunta em particular a torturava. Teria desconfiado, no íntimo, que o menino e o líder viking eram a mesma pessoa? Talvez.

Lembrou-se do jovem escravo a quem amara desde o primeiro dia em que o vira. Apesar de magro e desengonçado, era atraente. Ela passava os dias à espera da visita que faria e dos raros sorrisos arrebatadores. Estremecia, só ao vê-lo.

O jovem fora um enigma para ela. Duro e forte, era gentil com ela. Sua força era grande, mas não o suficiente para romper os grilhões que o atavam. O que enternecera o coração de Gwyneth.

No começo haviam se comunicado em uma mistura estranha de linguagens. Aos poucos, procurando agradá-lo, aprendera o idioma usado pelos vikings. Nem poderia imaginar que iria usar o aprendizado para comunicar-se com ele no futuro.

Ela o amara e com a inocência do primeiro amor. Disso Gwyneth não duvidava. Mas quais seriam seus sentimentos em relação ao líder viking que encontrara de maneira tão brutal? Ele se tornara muito mais forte e continuava tão atraente como no tempo em que era escravo. Admitiu que Sèlig se transformara em um ideal para qualquer mulher. Sedutor, corajoso, forte, inteligente e terno.

De repente, as dúvidas deixaram de existir. Ela o desejava. Mas o orgulho, o receio e a diferença de crenças evitaram que ela lhe dissesse o quanto o amava. Nem que quisesse, Gwyneth não tivera oportunidade de revelar-lhe seus sentimentos.

Sèlig não voltou mais para a cabana, determinado a manter distância dela. Gwyneth o via de longe, trabalhando nos campos ou perambulando pela costa. Mas não a procurara mais. A dor da ausência fez Gwyneth entender o significado da solidão.

"Se ele não vem, vá até ele", a mãe lhe teria dito. "Se não o fizer e perdê-lo, terá de culpar a si mesma."

Perdê-lo novamente, depois de encontrá-lo de maneira insólita.

Passaram-se semanas e Sèlig continuou a evitar Gwyneth. Ela se ocupava com os encargos domésticos. Ajudava as mulheres a secar e a salgar a comida, e a desidratar ervas. Amassava pão na tigela de madeira. Auxiliava a fermentar cerveja e hidromel. Aprendeu a observar o trabalho das mulheres para não cometer enganos.

As tarefas ajudaram-na a suportar a solidão durante o dia. As noites eram insuportáveis. Deitava-se na cama de peles e pensava em Sèlig. Encantador e corajoso, fora paciente com ela. Ela nem ao menos o recompensara. Recusara-se a entregar-lhe o que ambos desejavam.

Sèlig sentia-se tão desamparado quanto Gwyneth. Observava-a de longe, mas não se permitia uma aproximação. Temia perder o controle e quebrar a promessa que fizera de não pressioná-la. Além disso, estava com o orgulho ferido por causa das recusas constantes.

Arava os campos durante o dia e dormia a bordo do seu navio durante a noite, mas não perdia Gwyneth de vista e mantinha seus fiéis guerreiros de prontidão para protegê-la.

— Ah, eis onde o senhor tem se escondido — Roland caçoou, quando o encontrou tarde da noite no navio dragão. — Será que Gwyneth ronca muito?

— Por favor, não me aborreça. — Carrancudo, Sèlig não se encontrava com disposição para brincadeiras. — Sabe muito bem por que estou aqui. — Revelou a reação de Gwyneth ao descobrir-lhe a identidade. — Ela disse que era muito tarde e que precisava de tempo para pensar.

Roland ergueu uma sobrancelha.

— Sèlig, meu amigo. Eu sempre soube que era um nórdico teimoso, mas não pensei que fosse um idiota.

— O quê? Roland riu.

— O senhor, mais do que todos, sabe que as mulheres nem sempre dizem o que pensam. Elas têm uma linguagem particular.

— Não discordo, mas nesse caso creio que ela deixou bem claro seus sentimentos, ou melhor, a falta deles. — Sèlig cruzou os braços na altura do peito. — Ela continua a dizer não.

— Ela quer que o senhor implore, que a corteje e que se ajoelhe a seus pés.

— Não sei cortejar! Roland deu de ombros.

— Todos os homens sabem, quando é necessário. — Roland descansou a mão no ombro de Sèlig. — A vida é muito curta. Não se deve desperdiçá-la. Deve-se vivê-la intensamente. Por ser um viking, sabe quão depressa poderemos morrer.

— Cedo demais...

— Vá e faça o que puder para conquistar aquela que tomou conta de seu coração. Vá logo! — Roland cutucou o amigo.

Gwyneth aqueceu na lareira a água para o banho. Exausta, admitiu que naquele dia trabalhara muito. As costas e os músculos estavam doloridos. Ingunn lhe dera de presente um pequeno frasco com óleo perfumado que o marido trouxera dos reides nos territórios do sul.

Gwyneth encheu a tina, despejou algumas gotas do óleo, tirou as roupas e entrou na água perfumada. Gostava do costume viking de submergir o corpo na água em vez de banhar-se com um pano. Era relaxante e aliviava dores musculares.

Sèlig explicou que seu povo aprendera esse costume no Oriente. Ela experimentara e adorara. Quando voltasse a Wessex ensinaria à mãe e à irmã essa modalidade de banho. O importante era que a água fosse quente. Gwyneth ficou na tina até a água esfriar. Saiu e enxugou-se com um tecido grosso. Diante do fogo, esfregou a pele até deixá-la brilhante e depois foi para a cama. Cobriu-se com as peles que fizeram cócegas em seu corpo desnudo. Aquecida, fechou os olhos e adormeceu.

Sèlig ficou parado na entrada da cabana durante algum tempo, refletindo sobre o que Roland lhe dissera. Depois abriu a porta e entrou.

As brasas do fogo brilhavam como estrelas vermelhas. Gwyneth dormia. Ele se enterneceu ao vê-la e admirou-se pelo tanto que a amava.

E se Roland estivesse enganado? E se o medo a fizesse fugir novamente? Pensou em desprezar os conselhos de Roland e ir embora. Mas um leve murmúrio o deteve. Ouviu o próprio nome nos lábios de Gwyneth.

Aproximou-se, pensando que ela estivesse acordada. As pálpebras estavam cerradas. Cedeu à vontade de afastar-lhe alguns fios de cabelos dos olhos. Curvou-se e beijou-a levemente a testa.

Gwyneth abriu os olhos.

— Sèlig?

— Se quiser, irei embora...

— Não vá, por favor — Gwyneth sussurrou. — Senti sua falta.

— E eu senti muito a sua.

Desejá-la tanto era uma tortura. Mesmo assim contentou-se em entrelaçar os dedos nos cabelos sedosos. Mas só até Gwyneth sentar-se e revelar o ombro desnudo. Sèlig não resistiu e tomou-a nos braços.

— Eu a amo, Gwyneth! Perdoe-me por ter-lhe causado sofrimento. Jamais pensei em...

— Eu sei...

Sèlig escondeu a face na suavidade do busto de Gwyneth. Ela não o empurrou, nem se afastou. Pelo contrário. Ela o abraçou com vontade. Sèlig acariciou-lhe a pele olorosa e Gwyneth suspirou por causa das sensações que se avolumavam em seu interior. Nada mais importava a não ser o toque dos lábios, da língua e das mãos de Sèlig.

— Fico extasiado com sua beleza — Sèlig murmurou no ouvido de Gwyneth.

Afinal ele a beijou com intensidade, sem perder a ternura. Gwyneth entreabriu os lábios e permitiu que ele a provocasse com a língua. Adorou sentir o gosto e o odor de Sèlig. Talvez tivessem sido feitos um para o outro. Era como se aquele momento estivesse destinado para eles, desde que haviam se conhecido.

Sèlig acariciou-lhe o corpo como se Gwyneth fosse um tesouro. E era, para ele. Percorreu-lhe cada centímetro de pele com as mãos e com beijos molhados. Gwyneth sentiu as pernas enfraquecerem. O desejo por Sèlig a deixava sem fôlego. Arqueando as costas, procurou amoldar o corpo no dele.

— Faça amor comigo — Gwyneth pediu, admirada da própria coragem.

Sèlig tirou as roupas, resmungando por atrapalhar-se na pressa, e deitou-se ao lado da amada.

Por um instante, Sèlig teve receio de ser recusado, como já acontecera várias vezes. Beijou-a e apertou-a entre os braços.

Gwyneth experimentou o calor e a masculinidade de Sèlig. Ele era forte e musculoso. Tinha a boca firme e terna. Gostaria de dar-lhe o mesmo prazer que ele lhe proporcionava. Acariciou-lhe os cabelos loiros.

— Eu nunca... — ela suspirou.

— Fico feliz por isso.

— Mas eu não sei o que fazer...

Sèlig tornou a afastar-lhe as mechas de cabelos dos olhos.

— Apenas permita que eu a ame. O que fizermos, meu amor, virá tão naturalmente como a respiração.

Sèlig queria ser gentil e não fazê-la sofrer. Mas a primeira vez podia trazer alguma dor. Faria qualquer coisa para amenizar-lhe o desconforto. Queria dar-lhe apenas prazer.

Sèlig concentrou-se em beijar todas as partes do corpo macio, até Gwyneth gemer de satisfação. Gwyneth sentia um calor intenso percorrê-la e acabou por perder a timidez. Retribuiu os carinhos e explorou o corpo desconhecido. Para ela foi um verdadeiro triunfo quando o escutou gemer sob suas mãos inexperientes.

— Isso mesmo, meu amor... — Pulsando na pujança de sua masculinidade, Sèlig voltou a provocar o instinto de Gwyneth.

Gwyneth sempre temera o primeiro contato íntimo com um homem, mas as carícias sensuais de Sèlig faziam-na desejar sempre mais. Angustiou-se. Não sabia que atitude deveria tomar. Estremeceu e contorceu-se quando Sèlig se deteve no triângulo sedoso de sua intimidade feminil.

— Eu a amo — Sèlig sussurrou — e não quero magoá-la, mas...

— Minha irmã disse-me o que esperar da primeira vez... — Gwyneth preparou-se para o desconhecido.

Sèlig cobriu-a com o próprio corpo e afastou-lhe as pernas com delicadeza. Beijou-a, enquanto pressionava a entrada da donzelice com a maior suavidade.

Gwyneth sufocou um grito, mas descontraíu-se sob os beijos e os carinhos de Sèlig. Dali a instantes, só o prazer permaneceu. Eles formaram um único ser em busca do êxtase que os consumiria nas chamas da realização. Gwyneth chamou-o pelo nome várias vezes quando o mundo pareceu explodir em luzes.

Gwyneth reconheceu que Sèlig lhe trouxera uma alegria que ela nem imaginara que existisse. Como ele prometera, as estrelas haviam descido do céu para rebentar dentro deles.

Permaneceram abraçados por algum tempo, com a certeza de que haviam encontrado uma raridade. O amor.

— A senhora me pertence, Gwyneth, minha doce Gwyneth, para todo o sempre.

Aquele era um voto que Gwyneth rezou para que nunca se rompesse.

Os primeiros raios de sol da aurora despertaram Gwyneth. Ela se espreguiçou, estirando braços e pernas em movimentos lentos. Aquela manhã pareceu-lhe diferente das demais. Demorou alguns segundos para abrir os olhos e lembrar-se de tudo o que acontecera. Sèlig estava sentado no chão a seu lado, de pernas cruzadas. Concentrado em um pedaço de madeira que tinha nas mãos, não percebeu que ela acordara. Sob a clareza, Sèlig parecia mais jovem e vulnerável.

— O que está fazendo? — Gwyneth perguntou, interessada.

— Entalhando sua imagem adormecida. Assim eu a terei sempre perto de mim.

No momento Sèlig sentia-se extremamente feliz, mas já aprendera que a felicidade podia ser transitória. Queria guardar uma lembrança física de Gwyneth para que a noite anterior jamais fosse esquecida.

— Posso ver? Sèlig anuiu.

— Estou quase terminando.

Gwyneth enrolou-se com uma das peles, saiu da cama e sentou-se ao lado de Sèlig.

— A madeira é importante para os vikings, não é verdade?

— Acreditamos que uma árvore suporta o mundo — Sèlig explicou.

A situação imaginada a fez sorrir.

— Como um ninho?

Sèlig negou com gestos pausados de cabeça.

— Algum dia eu lhe explicarei. — Sèlig entregou-lhe a pequena figura esculpida. — De acordo com a lenda nórdica, os deuses fizeram o homem de um freixo e a mulher, de um amieiro. Chamaram o homem de Aske e a mulher de Embla. Odin deu-lhes a vida, Villi, a razão e o movimento, e Ve, os sentidos, a fisionomia expressiva e o dom da palavra. Aske e Embla se tornaram os precursores do gênero humano.

Gwyneth lembrou-se da Bíblia Sagrada, de Eva, que fora feita da costela de Adão. Pela primeira vez na vida, ocorreu-lhe questionar a veracidade contida no livro santo. E logo tratou de afastar aquela dúvida.

— Isso não lhe faz justiça — Sèlig afirmou, corado, ao entregar a Gwyneth a escultura.

Gwyneth espantou-se com a figura esculpida e admirou o talento de Sèlig. Em um pequeno pedaço de madeira ele conseguira capturar-lhe com perfeição os traços do rosto, o formato do nariz, o contorno do busto, cintura e quadris. Até mesmo os olhos se pareciam com os dela.

— Pois eu diria que me sinto lisonjeada.

Gwyneth não conseguia despregar a vista da pequena estátua. Era quase palpável o amor com que fora feita.

— Eu a amo, Gwyneth. Nunca me deixe.

Gwyneth desejou muito fazer tal promessa e esperava de todo o coração que pudessem ficar juntos durante muito tempo. De preferência para sempre. Mas a realidade muitas vezes podia estilhaçar os sonhos.

— Ficarei a seu lado enquanto me amar, Sèlig. — Gwyneth fitou-o com amor e devolveu-lhe a peça entalhada.

Durante algum tempo ficaram sentados lado a lado, comprazendo-se com a presença um do outro. Gwyneth sentiu aflo-i.ii novamente o desejo. Queria sentir as mãos de Sèlig em seu corpo mais uma vez. Mas como expressar seus sentimentos sem parecer desavergonhada?

Com o canto dos olhos, avaliou Sèlig de cima a baixo. O peito largo e musculoso, o abdômen reto, a cintura estreita e as pernas bem formadas. Corajosa, permitiu-se vistoriar os mistérios do corpo masculino que lhe dera tanto prazer. Disse a si mesma que as partes íntimas pareciam ter vida própria. Sorriu.

— No que está pensando?

Gwyneth ajeitou-se entre os braços de Sèlig e encostou a cabeça em seu peito. Pediu a Deus para que a existência deles sempre fosse tão tranqüila como naquele momento. E que ela pudesse permanecer para sempre daquela maneira. Segura dentro dos braços de Sèlig.

— Na minha felicidade de estar aqui a seu lado.

Gwyneth cedeu à ousadia. Tocou-lhe no ponto mais sensível, que em segundos reagiu. Sèlig acariciou-lhe as curvas delicadas do corpo e beijou-a. Gwyneth experimentou o mesmo desejo da noite anterior e só pensava em ser possuída por Sèlig.

Sèlig levantou Gwyneth no colo e deitou-a na cama de peles. Estendeu-se a seu lado e tornou a beijá-la. Deslizou os dedos nas costas de Gwyneth que logo se arrepiou da cabeça aos pés.

Sèlig mordiscou-lhe os lábios e entreabriu-os com a língua. Gwyneth correspondeu à exploração, ao mesmo tempo em que Sèlig se deitava sobre ela.

Eles fizeram amor. Sèlig foi cuidadoso e terno. Controlou-se ao extremo para deixar Gwyneth satisfeita com a alegria da feminilidade recém-descoberta. Foi recompensado por

sua paciência. Gwyneth chegou ao ápice da paixão junto com ele. A explosão atingiu o delírio e ambos tiveram de esforçar-se para recuperar o fôlego.

Depois de algum tempo, Gwyneth aninhou-se nos braços de Sèlig, deitou a cabeça em seu ombro e entrelaçou as pernas com as dele. Os cabelos de Gwyneth fizeram cócegas no peito de Sèlig e ele deu uma risada. Foi com grande relutância que eles se separaram naquela manhã. Sèlig foi até aporta. Gwyneth correu atrás dele e abraçou-o pelo pescoço.

— Não me tente, minha querida. Tenhamos paciência até a noite.

Sèlig beijou-a e saiu.

A noite demoraria uma eternidade para chegar.

Gwyneth nunca se sentira mais animada, mais feliz. Nunca os dias lhe pareceram tão maravilhosos. Mesmo assim, havia momentos em que se sentia culpada. Apesar de gostar muito de Sèlig, ele cultuava crenças pagãs. Como os demais nórdicos, acreditava em nove mundos e em vários deuses. Os deuses e as deusas eram guerreiros. De maneira nenhuma amáveis ou clementes.

O mais importante era Odin, o deus da guerra. Arrogante, instável e terrível. Era uma presença imponente que inspirava a vitória, determinava a derrota e exigia sacrifícios animais. O deus de um olho só supervisionava tudo o que se passava nos nove mundos. Era aterrorizador. Um deus para ser respeitado e não amado.

Tor, seu filho, era ainda mais cultuado pelos homens de que o pai. Era forte e digno de confiança. O deus enorme de barba vermelha tinha um apetite imenso e irritava-se com a mesma facilidade com que recuperava o bom humor.

O mais perturbador de todos era o deus Frei, da fertilidade, representado por uma estátua que alardeava os atributos masculinos. Ele decidia quando o sol deveria aparecer ou quando a chuva cairia. Governava a fecundidade da terra. Sua irmã, Fréia, era a mais propícia das deusas. Amava a música, em particular as amorosas, a primavera e as flores. Os amantes podiam invocá-la com proveito. Sèlig se referia a ela quando falava de Gwyneth. Dissera-lhe várias vezes que ela era ainda mais adorável do que Fréia.

Havia Friga, esposa de Odin, que tinha conhecimento sobre o destino dos homens. Era invocada pelas mulheres em trabalho de parto. Gwyneth escutava os vikings falarem sobre tantos deuses e deusas que ela nem mesmo podia lembrar-se de todos. Os cristãos se referiam à eterna benevolência de suas almas. Os vikings davam muito valor às coisas boas da vida. Valhala era o céu dos nórdicos. Um lugar de alegria e festejos, onde havia brincadeiras e lutas o dia inteiro. Para os cristãos, o céu era um lugar calmo e sereno.

Para Valhala iam apenas os homens que morriam em batalha. Outros atos de sua vida não interferiam nos propósitos de alcançar o céu. Gwyneth aprendera que uma vida pacífica e sem pecados conduzia ao paraíso.

— Sem pecados... — ela murmurou.

Imaginou o que diriam seus pais e o padre Aiden, se soubessem que ela vivia em pecado com Sèlig. Mas o que poderia fazer? Ela o amava e a alternativa de casar-se em uma cerimônia pagã não poderia ser aceita. Mas admitiu que não poderia viver sem Sèlig.

Gwyneth via pouco seu amado durante o dia. Ele trabalhava ao lado dos homens e ela se ocupava com as lides caseiras, junto das mulheres. À noite, quando estavam juntos, Gwyneth esquecia todas as dúvidas.

Recusava-se a pensar sobre os problemas e fechava os olhos, como se pudesse afastar o resto do mundo. Suspirou e entregou-se ao prazer de ser explorada pelas mãos experientes de Sèlig. Os beijos dele eram enlouquecedores. Gwyneth agarrou-se nos cabelos loiros e tentou afastar a idéia de que a felicidade não duraria para sempre.

Capítulo VIII

As principais tarefas caseiras giravam em torno dos preparativos para as duas refeições diárias. Pela manhã e à noite. No assentamento viking, os peixes e as aves pequenas constituíam o esteio da dieta. Moer e assar eram trabalhos feitos duas vezes ao dia. O pão de cevada e de trigo, ambos sem fermento, precisava ser comido quente, pois endurecia com facilidade. O moinho era manual, a massa era sovada em gamelas de madeira e assada em travessas de ferro nas brasas do fogo.

Gwyneth fez um rolo de massa e cortou-o em pequenos pedaços chatos que seriam assados para o jantar. Várias mulheres ocupavam-se em ferver a água do mar em caldeirões de pedra-sabão para obter sal. O vapor que subia deixava o ar úmido e sufocante. Gwyneth limpou o suor da testa com a mão suja de farinha e deixou uma listra branca nos cabelos negros.

— Pretende desaparecer outra vez com Sèlig após o jantar? — Kadlin caçoou.

— Eu gostaria de saber o que tanto lhes ocupa o tempo. — Ingunn deu uma risada maliciosa.

— Seja lá o que for, o pobre Baugi tem sido enxotado para fora de casa. — Kadlin limpou a farinha dos cabelos de Gwyneth. — Oh, não deveríamos brincar dessa forma com ela. Posso lembrar-me de como foi no primeiro ano de amor. Nem Fréia poderia ter sido mais abençoada. Agora... — Revirou os olhos e fitou Ingunn com olhar acusador.

— Não me culpe, Kadlin. Ele nem tem vindo na minha cama. Diz que está cansado. Acho que está ficando velho — Ingunn cochichou com Gwyneth.

Foram interrompidas por Hildegard, a animação presente no rosto redondo.

— Chegou um navio! Vamos até a praia saudar os tripulantes. Raramente temos visitas.

Gwyneth limpou as mãos no avental e seguiu as três mulheres. Saíram da habitação comunal e desceram o caminho estreito. No ar, saudações de trombetas do mar e da terra. No oceano, uma nau viking com a vela listrada de azul e branco enfunada ao vento. Os remos estendidos davam ao navio longo que se aproximava da costa o aspecto de um dragão com muitas patas.

— De quem é a embarcação, Ingunn? — Gwyneth indagou.

— Não sei. Nunca a vi antes. — Ingunn estreitou os olhos e franziu o nariz sardento.

O navio ancorou e a tripulação começou a descarregar arcas e barricas. Sèlig chegou de outro lado e caminhou ao encontro de um homenzarrão que desembarcara. Logo se seguiram tapas amigáveis nas costas e a voz possante do outro pôde ser ouvida.

— Eu lhe disse que o prenderia algum dia, mas o senhor não acreditou. Agora ele é seu. Uma prova de nossa amizade.

A resposta de Sèlig não foi ouvida, mas os gestos de confraternização não deixaram dúvida quanto ao entusiasmo dele.

— Quem é o homem? — Gwyneth quis saber.

— Acho que é Thordis, um mercador nórdico de grande renome.

As mulheres confidenciaram que a nau trouxera riquezas do norte. Peles, marfim das presas de morsas, óleo de baleia e escravos. Tudo para ser comercializado.

— Escravos? — Gwyneth levantou as sobrancelhas.

A tripulação continuava a tirar mercadorias do navio. Alguns permaneciam no convés, em posição de ataque, munidos de acha-d'armas e espadas. Gwyneth recordou-se do dia trágico do ataque.

Sèlig observou o descarregamento e ofereceu hospedagem aos homens. A nau fora danificada em uma tempestade e precisava de reparos.

Thordis apontou para alguns homens.

— Tragam o prisioneiro. — Um homem alto e sujo foi trazido do deque. — O senhor pode ver se foi esse mesmo que o escravizou.

O prisioneiro maltrapilho tinha os cabelos e a barba longos e emaranhados. Os pulsos estavam amarrados. No pescoço, uma gargantilha de ferro de onde pendia uma corrente pela qual o homem era puxado. O preso caminhou de cabeça baixa, abatido pelo sofrimento.

— Quanta crueldade! — Gwyneth compadeceu-se, à distância.

Sèlig deu alguns passos à frente, pegou o rosto do homem nas mãos e examinou-o como fazia com animais.

— Pelo martelo de Tor, é ele!

O homem pareceu ganhar energia e cuspiu na direção de Sèlig.

— Vai ensiná-lo quem é o senhor, não é, Sèlig? — Thordis disse.

— Eu lhe mostrarei como é a vida de um escravo.

— Prefiro morrer a viver como escravo entre vikings bárbaros, cão dos infernos! Mate-me de uma vez!

A voz do homem de cabelos escuros pareceu familiar a Gwyneth. Não se conteve e correu até o prisioneiro. Eles se entreolharam e o reconhecimento foi imediato.

— Gwyneth? Aqui? Não... não pode ser!

— Jaenbert!

Gwyneth não conseguia respirar. O prisioneiro era seu parente, primo por parte de pai. E era uma verdade indubitável que ele vendera Sèlig como escravo.

— Gwyneth, por piedade!

— Não espere que uma mulher vá ajudá-lo! — Thordis empurrou Jaenbert que se estatelou no chão.

Horrorizada, Gwyneth aproximou-se de Sèlig.

— Solte-o, Sèlig. Não o condene!

— Não tenho alternativa. — Sèlig franziu o cenho.

Não podia demonstrar fraqueza diante de Thordis. Gwyneth não entendia os costumes nórdicos. Thordis lhe fizera um favor capturando um inimigo. Aquele fora um ato supremo de amizade.

— Por favor... — Gwyneth implorou, apertando-lhe o braço. — Ele tem meu sangue!

— Mas não é seu parente próximo. — Sèlig procurou ser gentil, apesar da raiva que sentia do preso. — Não pode imaginar as torturas que sofri nas mãos dele.

Jaenbert quase matara Sèlig de fome e de maus tratos.

— Eu sei! Eu me lembro do primeiro dia em que o senhor foi trazido para meu pai. Chorei de compaixão e procurei ajudá-lo da melhor maneira que pude.

— Ele merece ser punido.

— Mas não é o senhor quem deve puni-lo! Deus se encarregará disso!

Gwyneth podia entender o ódio de Sèlig e a sua sede de vingança. Mas Jaenbert era filho da irmã de seu pai.

— Se o senhor lhe causar sofrimentos e maus tratos, não será melhor do que ele!

As palavras de Gwyneth eram ofensivas. Sèlig cerrou os dentes, inconformado por causa da alteração.

— Volte para casa, Gwyneth, e não interfira mais em assuntos de homens! — Sèlig avisou-a com rudeza e deu-lhe as costas.

— Acalme-se — Ingunn aproximou-se e abraçou-a. — Não é decente para uma mulher discutir com um homem em público.

— Mas ele está errado!

— Esses são os costumes vikings e, caso tenha esquecido, Sèlig é um viking!

— Eu sei!

Gwyneth foi forçada a lembrar-se das diferenças fundamentais que havia entre eles.

O aroma de comida no hall abriu o apetite de todos, menos de Gwyneth. Ela fitou as lamparinas de pedra-sabão suspensas no teto por correntes de ferro. Risos e conversas ressoavam no ar. A tripulação faminta da nau visitante atropelava-se para conseguir um lugar mais próximo da lareira, onde borbulhava o cozido. O tempo inteiro vangloriavam-se das façanhas ocorridas durante as viagens pelos mares.

Gwyneth procurou Sèlig com o olhar. Não o encontrou. Na certa, continuava irritado com ela. Depois de refletir sobre o assunto, Gwyneth concluíra que deveria ter falado com ele a sós.

Nisso, Sèlig entrou no hall, acompanhado por Thordis que não escondeu o desprazer ao vê-la. Talvez a culpasse pelos pecados do primo.

Gwyneth esperou o escandinavo grandalhão sentar-se e foi atrás de Sèlig.

Sèlig percebeu a aproximação e fez sinal para que ela o seguisse até um canto mais afastado, longe dos olhares curiosos.

— Se veio intervir por ele, perde seu tempo, Gwyneth.

— Não posso ficar quieta, sabendo que vai levar meu primo para a escravidão.

— Eu libertaria qualquer um de seus parentes, menos ele!

— Odeio a escravatura.

— Mas seu povo tem escravos que valem oito bois, se é que me lembro. Como pode condenar-me?

— Recriminarei qualquer um que mantenha escravos.

— Thordis concedeu-me uma grande honra ao capturar um de meus inimigos. Não posso insultá-lo, recusando essa oferta. — Sèlig suavizou a voz e segurou-a pelo ombro. — Gwyneth, pelo amor que diz ter por mim, tente entender nossas normas.

— Sèlig, e pelo amor que diz ter por mim, solte-o. Quem já sofreu nos grilhões da escravidão sabe que isso não é certo.

— Eu não o escravizei...

— Mas ele lhe foi entregue! Por favor, Sèlig, liberte-o. Gwyneth não queria que seu primo ficasse ali como escravo.

Seria uma lembrança constante do que pretendia esquecer.

Sèlig estava dividido. A ele também não agradava a escravidão. Ele sofrera por isso, e Gwyneth o libertara. O mais importante. Ele a amava.

— Preciso pensar no assunto — disse Sèlig, procurando contornar a situação.

— Pensando em libertar um escravo só para agradar a uma mulher? — Thordis aproximou-se por trás deles. — Não vai demorar e o senhor estará executando tarefas femininas no hall. — Escarneceu.

— Não farei nada disso!

Os homens se sentaram e Sèlig achou que precisava demonstrar virilidade. Levantou o copo feito de chifre e bebeu mais do que o usual. Riu alto das histórias obscenas contadas por Thordis e fez relatos que deixaram Gwyneth corada. Não olhou nem uma vez na direção da esposa. Por ignorá-la, queria provar que não se submeteria a ela.

— O que fará com o meu presente? — Thordis indagou de Sèlig, olhando para Gwyneth que estava sentada ao lado das mulheres. — Uma sugestão seria jogá-lo como alimento para os lobos. Porém, magro como está, os animais nem olhariam para ele.

Sèlig estremeceu ao notar que Gwyneth ficava vermelha de raiva. Desejou que Thordis jamais houvesse vindo até o povoado. Por causa dele, uma muralha se interpunha entre Sèlig e ela, no melhor momento de sua felicidade.

— Não o entregarei aos lobos — Sèlig afirmou em voz alta para ser ouvido por Gwyneth.

— E que tal Baugi? — Thordis provocou-o.

— Baugi é domesticado. Ele o lamperia até a hora da morte... — Era preciso mudar de assunto. — Diga-me, Thordis, já ouviu falar nos territórios de além-mar? Ouvi dizer que há muito mais terras do que conhecemos.

— Pura bazófia. Se uma nau for muito longe, cairá para fora da terra.

Sèlig não acreditava nisso nem por um segundo. Partilhava da crença de que o mundo era arredondado. Talvez fosse como um ovo. Certeza mesmo, só os deuses teriam.

Foi até a barrica de hidromel, encheu o copo de chifre e esvaziou-o várias vezes. Queria adormecer seus sentidos. Amava Gwyneth, mas não a deixaria transformá-lo em eunuco diante de seus homens. Bebeu até se embriagar. Nem mesmo percebeu quando as mulheres se retiraram com as crianças. Era costume deixar os homens sozinhos com a bebida e as histórias picantes.

A visão de Sèlig perdeu a nitidez e ele foi afetado por forte tontura. Não tinha por costume beber em demasia.

Por que se embriagar daquela maneira? Talvez estivesse vendo a si mesmo pelos olhos de Gwyneth. Um monstro amargo, cruel e vingativo em nada melhor do que o homem que lhe causara tanto sofrimento.

— Acho que o senhor deveria ser mais enérgico com as mulheres — Thordis criticou-o, carrancudo.

— Creio que o senhor está certo — Sèlig enrolou a língua para falar.

Gwyneth, de seu lugar perto da entrada do hall, observou o amado. Mesmo angustiada por tê-lo ofendido, entendia que não poderia ter se expressado de maneira diferente. Sob outras circunstâncias, Sèlig também não teria ficado tão constrangido.

Se não fosse Thordis, Sèlig teria libertado Jaenbert. A tarefa passara a ser dela.

O hall estava lotado de corpos inertes daqueles que haviam bebido demais na noite anterior. Os roncoss ruidosos formavam uma cacofonia difícil de suportar. Sèlig abriu os olhos e levou as mãos às têmporas, que latejavam. Teve a impressão de que todas as valquírias de Valhala cavalgavam em volta de sua cabeça. Resmungando, levantou-se da mesa e tropeçou em Thordis que estava largado no chão.

— Vai demorar muito até eu voltar a beber dessa maneira — Sèlig disse para si mesmo enquanto se equilibrava para chegar à porta.

O ar refrescante da manhã atuou como um bálsamo e o fez raciocinar com mais clareza.

— Que Odin amaldiçoe esse inglês! Primeiro me escravizou e agora, arrancou Gwyneth de meus braços.

Sèlig tentava convencer-se de que a falta era do outro, mas sabia que ele mesmo também era culpado. Fora seu orgulho e sua teimosia que haviam incitado uma disputa. Se não fosse a maldita arrogância, teria recuado para atender ao pedido de Gwyneth. Não precisava de escravos nem incentivava o comércio escravagista. Na verdade, odiava o costume de subjugar e humilhar outros seres humanos.

Lutando contra as pernas que não obedeciam, caminhou até a casa que partilhava com Gwyneth, com o propósito de reconciliar-se. O amor deles valia muito mais do que uma divergência.

Abriu a porta e encontrou-a enrodilhada na cama, abraçando o travesseiro. Os cabelos estavam espalhados como um manto de seda negra. Olhar para Gwyneth tirou-lhe o fôlego e a raiva. Não poderia culpá-la por ter idéias diferentes das suas. Gwyneth era muito bondosa e não suportava ver ninguém sofrer. Mas daquela vez, a simpatia era errônea. O primo dela merecia ser punido pelo mal que cometera.

Era preciso fazer Gwyneth entender algumas coisas. O que o fato significava para ele e também que nenhum homem gostava de aparentar fraqueza perante outro homem. Embora lhe admirasse a compaixão e o espírito, ele admitiu que teria de demonstrar firmeza.

Se ao menos houvesse um meio de chegar a um acordo sem perder a dignidade... Sèlig deitou-se, fitando o arfar do peito de Gwyneth adormecida. Finalmente encontrou

um meio de superar o problema. Um escravo podia ganhar a liberdade provando sua força e seu valor em uma batalha. Uma alternativa seria travar um combate entre o primo de Gwyneth e um dos homens de Thordis. Assim o parente de Gwyneth ganharia a liberdade, sem nenhuma demonstração de fragilidade por parte de Sèlig.

A idéia animou-o. Era uma solução digna de um legislador.

— Como vê, Gwyneth, eu me importo com seus sentimentos — Sèlig murmurou, fitando-a com intensidade. — Tanto assim que posso esquecer a raiva só para vê-la sorrir. — Abraçou-a.

Gwyneth entreabriu os olhos.

— Sèlig?

— Não discutiremos, mais, Gwyn. Descobri uma maneira de demolir a barreira que se ergueu entre nós — Sèlig explicou do que se tratava.

— Verdade, Sèlig? Daria a ele a chance de conquistar a liberdade?

— Ah-ah. — Sèlig abaixou o decote da camisola de Gwyneth pelos ombros. — Sentiu minha falta? — Beijou-lhe o busto desnudo.

Gwyneth esforçou-se para controlar a ansiedade que a invadia.

— Quer mesmo saber?

Sèlig maravilhou-se, como sempre acontecia, com a proximidade de Gwyneth. Nessas condições, esquecia de todo o resto. Devagar, abaixou a camisola.

— Sèlig! — Thordis entrou sem bater.

Gwyneth sufocou um grito diante da audácia do viking e cobriu-se depressa. Apesar de ser amigo de Sèlig, ela o desprezava.

— O que foi, Thordis? — Sèlig ficou na frente de Gwyneth para que ela pudesse se recompor.

— O prisioneiro...

— O que houve? — Sèlig temeu que o homem houvesse morrido.

— Fugiu! — Thordis fitou Gwyneth como se ela fosse a culpada.

— Fugiu? — Sèlig repetiu diante do inesperado.

— Isso mesmo. A menos que o senhor o tenha libertado.

— Ele deve ser mais forte do que aparentava. — Sèlig deu de ombros.

Thordis fechou a carranca.

— Tão forte para destrancar a porta por fora? Para mim isso mais parece mágica, meu amigo. — Tornou a fitar Gwyneth com olhar de que já havia entendido.

— Não pode ser. — Sèlig lembrou-se de haver trancado a porta.

— Pois foi o que aconteceu. E eu até posso adivinhar quem foi o responsável... — A maneira de Thordis encarar Gwyneth dizia tudo.

— Ora, Thordis. Não é o que está pensando. — Sèlig lutou contra a própria suspeita. Não queria acreditar que Gwyneth o desafiara.

— Então me diga quem foi! — Thordis berrou, triunfante. — Sua mulher é a única pessoa que teria motivos para libertar um inglês.

— Foi a senhora quem o libertou? — Sèlig não teve outro remédio a não ser indagar.

— Não! Bem que pensei nisso, mas não o fiz.

— Então quem foi? — Sèlig a desafiava para provar a inocência.

— Não sei. — Lágrimas vieram-lhe aos olhos. Thordis interpôs-se entre Sèlig e Gwyneth.

— Pode afirmar que sente pesar por ele ter escapado?

— Não! Mas também não fui eu quem o libertou. Eu não trairia Sèlig.

Gwyneth esperava que Sèlig viesse em sua defesa, e o silêncio dele a magoou profundamente.

Todas as evidências eram contra ela. Quem acreditaria que não soltara Jaenbert? Na verdade, estivera muito perto de fazer isso. Fora até o depósito onde ele fora aprisionado. Mas ao alcançar o trinco, a voz do coração a impedira de abri-lo e ela fora embora.

— Não acredito! — Thordis berrou. — Nem Sèlig acreditará, quando eu conseguir as testemunhas de que preciso.

— Testemunhas para declarar o que o senhor mandar? Por algum motivo, Thordis se mostrava inimigo. Pois bem, logo ele veria o poder da determinação de Gwyneth.

No grande hall reinava o caos. Cadeiras e bancos virados. Canecos e jarras jogados no chão encharcado de hidromel. Thordis e seus homens bêbados haviam deixado uma grande barafunda no recinto.

Para manter-se ocupada, Gwyneth começou a recolher os vasilhames. Ingunn e Kadlin a ajudaram.

— Ele não acredita em mim — Gwyneth queixou-se.

— Thordis sabe ser persuasivo e Sèlig lhe deve a vida — Kadlin explicou.

— Além disso, todos os homens são orgulhosos — Ingunn acrescentou. — O melhor será tentar resolver o enigma. A quem interessaria a liberdade de seu primo?

— Não posso imaginar. A menos que Jaenbert tenha prometido ouro para alguém ajudá-lo.

— E se os motivos fossem mais sinistros, Gwyneth? Alguém poderia querer matar Sèlig e libertar Jaenbert lhe facilitaria a tarefa.

— E quanto a Thordis? Talvez ele tenha se arrependido da generosidade de entregar o homem de presente para Sèlig. Ele pode ter pensado em recuperar o escravo. Incriminar Gwyneth evitaria a ira de Sèlig.

Gwyneth sentiu um pressentimento estranho ao ver Thordis e Sèlig atravessarem a porta.

— Gwyneth... Por quê? — Sèlig começou, relutante.

— O depósito foi arrombado durante a noite — Thordis berrou. — Sumiram uma espada, uma acha-d'armas e provisões. Assim como... — ele atirou um punhado de contas de âmbar aos pés dela. O âmbar era tão precioso para os vikings como os diamantes. — Seu parente não conseguiu carregar todas as pedras. Ou talvez tenha sido a senhora quem as perdeu na pressa.

Gwyneth arregalou os olhos, atônita.

— Eu jamais faria uma coisa dessas! — Gwyneth atirou-se nos braços de Sèlig à procura de proteção. Sentiu-o enrijecer o corpo antes de afastá-la.

Gwyneth sentiu o mundo desmoronar, sem ter como conter o desastre.

— Gwyneth esteve comigo durante a noite. Ela não poderia ter feito uma coisa dessas.

— Ela não permaneceu a noite inteira com o senhor! — Thordis afirmou.

Sèlig torcia as mãos. Estava em uma encruzilhada terrível. A penalidade para roubo era o açoite, o banimento ou a força.

Jamais permitiria que fizessem isso com Gwyneth. Ao mesmo tempo, teria de cumprir as normas exigidas nos casos de transgressões à lei ou haveria o perigo de instalar-se uma anarquia no povoado.

— Levem Gwyneth ao depósito até eu que eu decida sobre a punição. Tranquem-na no escuro no mesmo quarto em que ela entrou.

Sèlig escondeu a dor atrás da máscara de impassibilidade, enquanto dois guerreiros saíam com Gwyneth.

Capítulo IX

Gwyneth andava de um lado a outro no depósito escuro e tropeçava a toda hora. Tateou e encontrou a lâmina fria de uma espada de ferro.

Tão fria quanto o coração de Sèlig!, pensou, amargurada. Temerosa do que não enxergava, procurou ajustar a vista à escuridão, à procura de um objeto familiar.

— Por que ele não acreditou em mim? Como pôde levar mais em consideração a palavra daquele homem torpe do que a minha?

Se houvesse libertado Jaenbert, teria contado para Sèlig e enfrentado a punição com coragem. Sèlig sabia disso e deveria ter confiado nela.

A ira e o sofrimento cediam lugar ao desespero. Era difícil acreditar no que acontecera. Fora uma tola em acreditar que ele a amava.

— Quem ama, confia — murmurou.

Continuou apalpando e encostou-se a uma acha-d'armas. Recuou, enojada ao pensar em quantos homens a arma poderia ter matado.

Engatinhando, encontrou o que procurava. Um monte de peles e de tapeçarias. Tremendo, deitou-se e puxou uma das peças para cobrir-se. Se Sèlig pretendia arrancar-lhe uma confissão a respeito do que ela não fizera, teria de deixá-la na prisão até ficar velha.

Independente da punição que a aguardava, não imploraria para que Sèlig a libertasse. Se ele a amasse, teria de tomar a iniciativa de tirá-la dali.

Talvez devesse ter ajudado Jaenbert a fugir, pensou, amargurada. Pelo menos seria punida por um crime que cometera.

Quem teria soltado Jaenbert e por quê? Apesar de tudo, estava preocupada. Um perigo poderia ameaçá-los.

Sèlig andava de um lado a outro, contemplando a cama onde havia passado tantas horas de felicidade ao lado de Gwyneth. Ansiava por confortá-la. Era preciso uma força

sobre-humana para não correr até o depósito e abraçá-la. Estavam em jogo sua honra e sua reputação. Além, era evidente, de sua orgulhosa teimosia.

Encontrava-se dividido entre o dever e as emoções. Atormentado, gritou para desabafar a frustração. Esperava que o grito alcançasse Asgard, a morada dos deuses.

Uma pergunta martelava em seu cérebro. O que era mais importante? A amizade de Thordis ou o amor de Gwyneth? Salvar as aparências com o amigo ou esclarecer a verdade?

Uma voz interior lhe segredava que havia perdido um tesouro maior do que todas as riquezas do depósito. Mesmo assim, continuava a ignorar os reclamos de seu coração. Era a maneira nórdica de valorizar a força e a liderança. Não poderia demonstrar abertamente que seu amor por Gwyneth era tão forte a ponto de fazê-lo pensar em desafiar as leis e o código viking. Não lhe era permitido rebelar-se. Estava condenado.

Sèlig andou até os pés doerem. Depois saiu da cabana e perambulou ao redor do povoado, com Baugi no seu encalço. Teve vontade de fugir dali com Gwyneth, levá-la para a nau e viajarem só os dois. E Baugi. Seria a única maneira de não mantê-la aprisionada.

Voltou, passou pelo grande hall e escutou risadas. Thordis e seus homens aproveitavam a hospitalidade viking, como era costume. Sèlig desejou que Thordis jamais houvesse pisado naquele assentamento.

Foi até sua casa e entrou. Pôs um pedaço de lenha na lareira e observou a dança das chamas.

Por que Gwyneth o traía? Libertara o primo, sabendo que suscitaria o ódio de seu amado. Teria imaginado que o amor dele evitaria uma punição? Ou estaria dizendo a verdade? Como culpá-la pela simpatia por um parente? Qualquer um não teria o mesmo sentimento?

— Mas ela mentiu para mim! — Sèlig falou com as paredes. — Isso é imperdoável! A verdade sempre é o mais importante. Pensou em cada gesto, em cada palavra de Gwyneth e no seu olhar sincero quando negara as acusações. E se estivesse dizendo a verdade? A questão ia e voltava centenas de vezes.

— Ah, finalmente o encontrei, Sèlig! — Thordis assomou à porta. — Deveríamos estar bebendo juntos, como nos velhos tempos.

— Não estou com sede.

— Sofrendo por causa dela? — Thordis sacudiu a cabeça. — Mulheres são como ondas. Sempre haverá outra, mais outra e mais outra.

— Jamais haverá uma como Gwyneth. Jamais!

— Admito que ela é muito bonita, apesar de mentirosa e desobediente. — Thordis entrou. — Se fosse eu, a venderia ou a faria tomar lugar do escravo que ela libertou.

— Mas eu não sou o senhor!

Viver sem ela seria trágico, mesmo sem aceitar a sugestão de Thordis.

— Hum... ela o conquistou mesmo. Nunca pensei que isso pudesse acontecer-lhe, Sèlig.

— Estou tentando ser justo. Não há prova de que Gwyneth tenha cometido um crime. Assim mesmo o senhor não duvida em culpá-la. Se ela fosse homem, poderia provar em combate a veracidade de suas palavras.

Apesar de orgulhar-se de seu sistema de leis, Sèlig admitiu que Gwyneth fora injustiçada.

— Se ela fosse homem, o senhor não se importaria com a culpa ou com a inocência. Mas as... habilidades dela sob os lençóis parecem mais importantes para o senhor do que os fatos.

Sèlig se irritava cada vez mais com Thordis.

— Por favor, Thordis, Gwyneth merece mais respeito! Fora de si, Sèlig avançou e deu um soco no queixo de Thordis. Agarrou-o pelos cabelos e forçou-o a ajoelhar-se.

— De maneira diversa dos cristãos, consideramos a igualdade de nossas mulheres perante a lei. Se Gwyneth fosse homem, poderia lutar por sua honra. Como não é, lutarei por ela. Se eu vencer, o senhor terá de ajoelhar-se na frente dela e desculpar-se pela maneira como a tratou.

Thordis empurrou-o e levantou-se.

— O senhor deve estar maluco!

— Pelo contrário. Estou pensando com clareza pela primeira vez desde que o senhor chegou aqui.

— Pretende lutar comigo? — Thordis levantou o punho fechado, ameaçador.

Sèlig anuiu.

— O senhor perderá.

— Não perderei!

— Se perder, Sèlig, Gwyneth será declarada culpada perante lodos e terá de pagar o preço por seu crime.

Sèlig sabia o que estava arriscando. Mas tinha a intuição de que não perderia. Jamais!

Começava a empregar com frequência o termo do qual não gostava.

Sèlig foi até o depósito onde Gwyneth estava aprisionada, apertando as chaves na mão. Abriu a porta e ergueu a tocha. Por um momento não a viu e entrou em pânico. Pensou na hipótese de Jaenbert ter voltado e levado Gwyneth embora. Nisso ele a distinguiu a um canto, encolhida em cima de um monte de peles. Frágil e com uma aparência tão inocente que se tornava impossível acreditar em sua culpa. Diante de tanta pureza, as dúvidas se evaporaram.

— Gwyneth...

Ela se virou devagar e entreabriu os olhos. Por um instante eles se entreolharam. Mesmo sonolenta, Gwyneth percebeu que Sèlig acreditava nela. Por isso ele viera. Finalmente ele escutara o coração e não a voz sibilante de Thordis.

— Vim libertá-la e pedir-lhe perdão. Devo confessar-lhe que uma noite sem a sua companhia significa uma eternidade de solidão.

— Amar é confiar — Gwyneth sussurrou. — Tudo o que eu lhe disse é verdade. Pensei em libertar Jaenbert. Cheguei a passar por aqui várias vezes. Fui tentada, mas eu não o deixei fugir. Em vez disso...

— Psiu... — Sèlig tomou-a nos braços e apertou-a ao encontro do peito. Apesar das circunstâncias, a centelha do desejo acendeu-se entre eles. — Vamos...

Sèlig levou-a pela mão até o pátio e Gwyneth piscou por causa da claridade. Um arco-íris se formara no céu depois da chuva. Ela sempre se admirava de que a mão de Deus fosse capaz de pintar tanta beleza.

— É um bom sinal — ela afirmou. — Tudo dará certo. Juntos, foram até o casarão comunitário onde uma multidão se reunira.

— O que é isso, Sèlig? O que está acontecendo? Sèlig apressou-se em explicar-lhe a lei do combate.

— Como a senhora não pode lutar com Thordis, assumirei seu lugar.

— Não! — Aquela era a maior barbaridade que ela escutara em toda a vida. — Poderá ser morto!

— Quem ama, confia, não é? Eu a amo, Gwyneth, e confio em sua inocência. Tanto que pretendo arriscar minha vida.

O combate seria realizado em uma pequena campina rodeada por pedras que serviriam para acomodar os espectadores. Com o coração apertado, Gwyneth observou os dois homens chegarem no meio da arena improvisada. Sèlig era um homem forte, mas a violência de Thordis a preocupava.

Espantou-se ao perceber apostas feitas em altos brados, como se os combatentes fossem simples gladiadores. Pensou em implorar para que Roland impedisse a batalha, mas entendeu que de nada adiantaria. Aquela seria a única maneira de provar que não era culpada.

— Por favor, Deus... proteja Sèlig... e prometo nunca mais lhe pedir nada.

— Este será um julgamento por combate! — Roland anunciou em voz alta. — A inocência ou a culpa da acusada será decidida diante da assembléia aqui reunida. Pelo poder de Tor, a luta será iniciada.

Gritos de incentivo se seguiram quando Sèlig e Thordis ocuparam seus lugares, tiraram as respectivas túnicas e as atiraram no chão. Assim como os lutadores ingleses, os vikings lutavam quase nus. Apesar da decisão importante que estava em jogo, Gwyneth experimentou um calor despropositado ao fitar Sèlig. Não via a hora de tudo aquilo terminar para que ela e Sèlig pudessem voltar para a cabana.

O ambiente ficou tenso quando os dois adversários avançaram com a espada desembainhada. As lâminas brilhavam ao sol, e as pedras que enfeitavam os cabos faiscavam.

Roland, que atuava como legislador, expôs os termos da luta e abaixou a mão para sinalizar o início. Em uma dança grotesca, os contendores investiam e recuavam. Escutava-se o som forte das lâminas que se entrecrocavam. A luta era perigosa e violenta. Apreensiva, Gwyneth admitiu que Thordis fazia uma ótima exibição de si mesmo. Ele era a espécie de homem que esperava vencer a qualquer preço.

— Sèlig... — Gwyneth prendeu a respiração ao ver o amado abaixar o tórax para desviar-se de um golpe violento.

A batalha ficava mais feroz a cada instante. O sol estava a pino e os dois combatentes não poupavam um só momento para respirar melhor. O suor escorreu pelos olhos de Sèlig, cegando-o por um segundo. Thordis aproveitou a oportunidade e feriu Sèlig no braço. Gwyneth cobriu a boca com a mão para não gritar.

Apesar da dor intensa no braço, Sèlig usou a astúcia. Avançou nos golpes e obrigou o oponente vigoroso a recuar até o solo pedregoso. Brandiu a espada pela direita e pela esquerda, movimentando-se com a graça de um gato montês.

— Vejam! — Ingunn entusiasmou-se. — Sèlig parece um deus. Se eu não fosse uma mulher casada e ele, um homem comprometido, acho que me apaixonaria.

A multidão aplaudia os golpes violentos e vaiava quando um dos lutadores era obrigado a recuar. Arfando, Sèlig sentia grande peso no braço ferido.

Os dois acabaram rolando no chão sob os gritos da platéia excitada. Sèlig conseguiu desvencilhar-se e ficou em pé. Após alguns golpes do adversário, Sèlig, com uma energia milagrosamente conseguida, arrancou a espada da mão de Thordis e jogou-a longe. O estrondo que ouviu seria o grito dos espectadores ou o de seu coração? Respirar tornava-se cada vez mais difícil.

Thordis rastejou para recuperar a arma. Ele e Sèlig se empenharam em uma batalha ainda mais furiosa, e o som estridente de metal contra metal não deu mais trégua. Era um teste de coragem, energia e firmeza. Com a visão perturbada, Sèlig enxergava três adversários. Sacudiu a cabeça. Thordis valeu-se do deslize e investiu, ferindo Sèlig no ombro. O sangue quente brotou do ferimento e misturou-se ao que já corria pelo braço.

Thordis procurava levá-lo até a encosta mais pronunciada, mas Sèlig não se deixava vencer tão facilmente. Lembrou-se das histórias de intrepidez dos heróis antigos e procurou imitá-los.

— Veja! — Ingunn cutucou as costelas de Gwyneth. — Thordis está irritado. Quando isso acontece, ele costuma cometer desvarios.

Gwyneth fez uma análise isenta de ânimos. O que Thordis ganhava em força e vigor, perdia em inteligência. Era evidente que Sèlig o incitava a executar movimentos errôneos.

— Venha, venha... — Sèlig provocou, preparando a armadilha.

Era preciso vencer, em benefício de Gwyneth. Seria uma vitória da própria honra e da verdade.

Thordis continuou a atacar, investindo a torto e a direito, imprudente por causa do ódio. Sèlig aparou os golpes com uma energia que nem imaginava ser ainda possuidor. Nisso, arrancou mais uma vez a arma do inimigo.

Em segundos, Sèlig derrubou Thordis e pressionou-lhe o fio da espada no pescoço. Os vikings reunidos nas pedras rugiram, esfuziantes com a barbárie.

— Diga! — Sèlig ordenou. — Diga-lhes tudo!

— Conforme foi acordado — Thordis engasgou ao falar —, declaro Gwyneth inocente de qualquer culpa.

O anúncio foi recebido com aplausos e gritos de alegria. Os nórdicos valorizavam muito um vencedor. Dali para frente, ninguém mais duvidaria da inocência de Gwyneth. Fora uma vitória dela e de Sèlig. Mas não tardou e a satisfação de Gwyneth foi maculada pelo olhar de ódio de Thordis.

— O senhor haverá de arrepender-se de ter nascido! — Thordis berrou para Sèlig.

Gwyneth lamentou ter sido a causa do rompimento da amizade deles. Um mau pressentimento tomou conta de seu coração ao ver Thordis reunir os homens e voltar para o navio.

Gwyneth ficou mais tranqüila depois de comprovar que os ferimentos de Sèlig eram superficiais. Lavou o sangue e verificou que não havia hemorragia. Enfaixou braço e ombro com tecido limpo de algodão. Curvou-se para beijar-lhe os lábios. Pelo menos, no momento, tudo fora perdoado.

— Nesses últimos minutos eu tenho lhe dito o quanto a amo? — Sèlig indagou com ternura.

— Bem, há pouco o senhor estava gemendo — Gwyneth zombou dele.

— Então estou dizendo agora e agradeço aos deuses por terem-na colocado em meu caminho pela segunda vez. — Sèlig enroscou os dedos nos cabelos de Gwyneth e beijou-a. Foi um beijo demorado. Uma afirmação silenciosa do amor deles.

— Nada do lado de cá de Niflheim, a região da morte, haverá de separar-nos.

— Espero que não — Gwyneth sussurrou.

Ela queria acreditar que a felicidade perene lhe tinha sido destinada. Mas no íntimo, duvidava que tal bênção fosse possível. Era verdade que eles se amavam. Porém o amor deles ainda enfrentaria inúmeros obstáculos. Concedeu a si mesma alguns momentos de paz sem pensar no assunto.

Capítulo X

O som de madeira quebrada antecedeu um estrondo às primeiras luzes da manhã. Gwyneth acordou assustada e sentou-se na cama. Apesar da sonolência, percebeu o perigo. Mal teve tempo de acordar Sèlig, antes que um pesadelo se abatesse sobre eles.

Gritou ao ver a sombra de uma espada erguida. Um guerreiro estava parado na entrada. Gwyneth lembrou-se imediatamente do ataque à sua família.

— Sèlig!

O aviso de Gwyneth aconteceu em uma fração de segundo anterior ao instante em que o viking se lançava sobre Sèlig.

— Corra, Gwyneth! Vá embora! — Sèlig gritou, armado e enfrentando mais dois atacantes que haviam se aproximado.

— Não! — Ela não o deixaria enfrentar sozinho três homens, ainda mais que ainda não se encontrava totalmente recuperado dos ferimentos.

De pé, pernas abertas e empunhando uma espada, Sèlig esquivou-se por centímetros de uma acha. Com um golpe certeiro, atingiu um viking que desabou com o peso de um tronco de árvore. Os dois outros, que também usavam elmo cônico como o primeiro, investiram com fúria redobrada.

Gwyneth reconheceu um deles. Era o que tentara estuprá-la. Banido, retornara para vingar-se.

— Jokul! — ela gritou.

— Eu deveria tê-lo matado! — Sèlig praguejou. Identificara o inimigo no mesmo momento em que Gwyneth o fizera.

— Quem mais trouxe até aqui?

— Apenas amigos — Jokul declarou, ríspido, e tentou atingir Sèlig.

Não logrou êxito. A espada enterrou-se em um pequeno banco e partiu a madeira ao meio. O outro viking adiantou-se e girou a acha. Sèlig empurrou a arca para frente e desequilibrou o atacante.

Apesar de odiar a violência, Gwyneth procurou uma arma com que pudesse ajudar Sèlig. Do lado de fora da porta, encontrou uma assadeira de ferro de cabo comprido. O golpe da peça pesada na cabeça de Jokul derrubou-o. Gwyneth ergueu o objeto novamente e golpeou Jokul mais uma vez, deixando-o inconsciente.

— Belo trabalho, Gwyn! — Sèlig elogiou-a. Estremeceu por causa da dor no ombro e continuou a lutar. — Pelo menos agora será um contra um.

Os dois cruzaram o quarto, atacando e recuando. O embate prosseguiu, sob o olhar atento de Gwyneth.

Depois de alguns minutos, o inimigo de Sèlig, um homem idoso, cansou-se e perdeu o vigor. Sèlig atingiu-lhe o ombro direito e o viking rendeu-se. Gwyneth sabia que o homem sangraria até a morte e nada havia a ser feito.

Deveria tentar? Ora, ele teria matado Sèlig, se pudesse!

— Deus me perdoe, mas estou me tornando uma viking — Gwyneth resmungou.

Sèlig abraçou-a.

— Orgulho-me de minha mulher escandinava. Os estertores do homem ferido indicaram a proximidade da morte. Sèlig ajoelhou-se a seu lado, enquanto Gwyneth amarrava Jokul com cordas grossas. Ele abriu os olhos e fitou-a com ódio.

— Rameira inglesa! Ainda verá o fim disso!

— O senhor é um traidor! — Sèlig gritou. Gwyneth virou-se. Sèlig, paralisado, fitava o elmo que acabava de retirar da cabeça do morto.

— Quem é ele?

— Um dinamarquês.

— Tem certeza?

— Veja seus cabelos. São negros como a noite. — Sèlig cutucou as costelas de Jokul com a ponta do pé. — Pois então o senhor se uniu a eles contra seu próprio povo! Não vou matá-lo ainda. Não antes de o senhor me contar tudo o que desejo saber.

— Não lhe direi nada!

— Pois acho que dirá! O senhor conhece muito bem as maneiras que temos para fazer um homem soltar a língua.

— O senhor pretende torturar-me! O sorriso de Sèlig gelou o coração de Gwyneth. Não importava o que Jokul houvesse feito. Ela não poderia testemunhar-lhe o sofrimento.

— O senhor não...

Sèlig segurou-a pelo braço e levou-a para fora. Havia corpos estendidos para todos os lados. De inimigos e de alguns homens do assentamento. Mas não havia dúvida de que o povo de Sèlig fora vencedor. Várias casas tinham sido queimadas e de longe podia-se ver as plantações em chamas. Sèlig tomou providências imediatas. Reuniu uma comitiva para dar combate ao fogo. Gwyneth foi em busca das mulheres para cuidar dos feridos.

Não houve tempo para comentários. Homens e mulheres trabalharam duro para salvar a colônia viking. Os homens voltaram com as faces enegrecidas, mas com a certeza

de que a maior parte da safra não fora perdida. As mulheres deram o melhor de si para tratar dos ferimentos e para consolar os moribundos.

Somente depois de um pouco de normalidade voltar ao povoado, Sèlig voltou a falar com Jokul.

— O que o levou a pensar em traição? Onde está o navio que trouxe os dinamarqueses, ou eles vieram por terra?

— Não lhe direi nada!

— Que tal ser fervido em óleo, Jokul? — Sèlig ameaçou.

— Sèlig... — Gwyneth estremeceu. Mas considerou que ele pretendia apenas assustar Jokul.

— Psiiu — Sèlig silenciou-a e voltou-se para o inimigo. — Diga-me o que sabe ou juro pelo martelo de Tor que farei isso!

— Não tenho medo de morrer em suas mãos — o prisioneiro expressou-se com pouco caso. — Faça o que quiser.

Sèlig agarrou-o pela túnica ensangüentada e levantou-o do chão.

— Odeio homens que traem seu povo. O senhor haverá de implorar por uma morte rápida, mas eu me encarregarei de torná-la a mais longa possível.

A determinação e a frieza na voz de Sèlig fizeram Jokul esquecer a fanfarrice. Ele não se importava de morrer e ir para Valhala. Mas da maneira que Sèlig pretendia era outra coisa.

— E se eu lhe disser, qual será meu destino?

— Eu o mandarei para a Noruega onde servirá a seus irmãos vikings.

— Não viverei um dia como escravo.

— Digamos que será um servo de camponeses. Os músculos de seu braço direito serão cortados, o que lhe impossibilitará de levantá-lo contra seus irmãos. Isso é muito melhor do que o senhor mereceria. — Sèlig pôs as mãos na cintura, fitando o traidor de cima.

Jokul pensou durante algum tempo e concluiu que a morte seria preferível.

— Então conte tudo e terá uma morte rápida.

— O senhor não pode matá-lo...! — Gwyneth apavorou-se.

— Não interfira! — Sèlig fitou-a com olhar feroz. — Por causa dele várias pessoas morreram na aldeia!

Sèlig blefava. Esperava que não tivesse de acabar com a vida do maldito diante de Gwyneth. E teria de fazê-lo, se não houvesse outra alternativa. Para o bem de seu povo não poderia permitir que Jokul causasse mais problemas.

— O senhor não me mataria na frente dela. Ela o deixou enfraquecido.

— Engano seu. Por causa de Gwyneth, estou ainda mais determinado a zelar pela segurança deste lugar.

Sèlig jogou alguns pedaços de lenha na fogueira externa e pôs em cima um grande caldeirão. Encheu-o de água e esperou que a mesma fervesse.

— Roland, ajude-me a enfiar o bastardo aí dentro. Gwyneth sufocou um grito, mas não disse uma só palavra.

Até mesmo na Bíblia havia menção ao olho por olho. A lembrança sagrada não a impediu de rezar para que Sèlig estivesse enganando Jokul e jamais cumprisse a ameaça.

Roland e Sèlig ergueram o prisioneiro pelos braços e pelas pernas, dispostos a executar a promessa de castigo.

— Não! Esperem!

Sèlig e Roland largaram-no com brutalidade.

— O ataque foi liderado por Harold Blacktooth. Eles vieram de navio.

— Onde está a embarcação agora?

— Navegando para o norte, rumo às Hébridas. Devem ter passado pela Escócia.

Naquele exato momento, Gwyneth compreendeu que Sèlig seguiria os agressores.

O Sea Dragon zarpou com as velas infladas pelo vento de verão. Da proa, Sèlig viu a silhueta de Gwyneth diminuir aos poucos. Quanto mais se afastava da costa, mais crescia a sua determinação de agarrar os dinamarqueses e empreender uma batalha para derrotar os parentes de cabelos escuros.

Não havia o menor sinal do navio na imensidão do oceano. Passaram pela costa da Inglaterra e da Escócia. Navegaram até que a escuridão se fez a estibordo. Não havia lua cheia, mas o céu estava sem nuvens, o que permitia a orientação pelas estrelas.

— Por quanto tempo ainda velejaremos? — Roland perguntou.

— Até os encontrarmos.

— E se não?

— Pode ter certeza de que nós os acharemos!

Roland pendurou lamparinas feitas com cascos de tartarugas e óleo de baleia e acendeu os pavios. A luz refletiu-se na cabeça do dragão e o fez parecer real.

O oceano rugia sob a nau. A água batia na proa e Sèlig sentiu o borrito de água salgada no rosto. Os guerreiros cantavam uma melodia que falava de Aegir, deus dos mares, e de Ran, sua mulher, que apanhava náufragos com sua rede. O fogo não pode queimar na água verde-escura de sua sina. O hall é iluminado pelo tesouro da cova e pelo brilho do ouro da urna.

O tanger do sino no hall de Aegir traz calafrios na espinha dos corajosos.

Eis que Ran emerge para encher a taça com moedas que flutuam nas ondas.

Os tolos que gorgolejam devem pagar com jóias se pretendem ser bem-recebidos por ela.

— Esperem!

Sèlig pediu silêncio. Ouvira o som de outro barco aproximando-se na água.

A sombra de uma nau apareceu diante do Sea Dragon. Os remos estendidos lembravam uma enorme aranha escura.

— Dinamarqueses! — Sèlig cerrou os dentes ao lembrar-se da destruição da aldeia. Haveriam de pagar por isso!

— O que faremos? — Roland deixara a cana do leme, de olhar fixo na forma escura do navio.

A cabeça do dragão parecia ter assumido vida própria e ordenava a Sèlig o que deveria ser feito.

— Atacaremos!

— Está escuro. — Roland tinha suas reservas.

— Se esperarmos até o amanhecer, os dinamarqueses poderão ludibriar-nos e nós teremos feito essa viagem por nada.

A decisão fora tomada. Rapidamente foram feitos preparativos pelos remadores para aumentar a força e a velocidade da embarcação. Abririam uma brecha com o aríete no casco da embarcação inimiga. Aegir e Ran teriam muitos visitantes. Sèlig esperava que a rede de Ran estivesse pronta para apanhar os dinamarqueses mortos.

— Nós faremos o maior estrago possível com o aríete e depois os abordaremos.

— Abordar como? — Roland franziu a testa, descontente com a idéia.

— Encontraremos uma maneira. Usaremos cordas ou rastejaremos sobre os remos, se for necessário. Retribuiremos com o mesmo terror que eles nos impuseram!

Sèlig agradeceu a Tor por seus homens nem imaginarem o turbilhão de emoções que lhe percorria as entranhas. Mascarava as dúvidas com aparência de coragem, pois a vitória era a única alternativa válida.

Observou a manobra dos marinheiros para virar a vela e aproveitar melhor o vento. Isso, junto com o poder dos remos, permitiria que surpreendessem o inimigo com violência.

— Atacar!

O Sea Dragon deu uma guinada brusca e foi em direção à popa do barco dinamarquês. E o abalroou a toda velocidade com o aríete. O impacto fez homens e entulho voarem pelo ar. O navio inimigo foi seriamente danificado. Teria de lutar na defensiva.

— A bordo!

Sèlig foi o primeiro a escalar a nau dinamarquesa, seguido pela tripulação que invadiu a embarcação atingida com as espadas em riste. A luta foi violenta e ruidosa. Olhando a seu redor, encontrou o líder, um homem alto de cabelos loiros. E, para sua surpresa, ele não o enfrentou. Levantou a mão, em paz.

— Estamos em menor número. Leve as mercadorias que quiser e vá embora.

— Ir embora? Depois de toda a destruição e da carnificina que nos causaram?

— Nós não fizemos nada disso. Acredito que os senhores se enganaram, Acabam de atacar um pacífico navio mercante.

Engano?

Sèlig acendeu a lamparina e olhou ao redor. Fez um gesto para que sua tripulação contivesse os ânimos exaltados até ele examinar a nau. E o que descobriu o fez corar de vergonha. A grande quantidade de mercadorias a bordo provava a veracidade das palavras do líder. E não havia nenhum homem de cabelos escuros na tripulação. Eram todos loiros noruegueses.

— Eu... eu... não sei o que dizer — Sèlig gaguejou no momento mais embaraçoso de sua vida.

— Poderia começar revelando o motivo de seu ataque. — Foi a vez do líder nórdico mostrar sua ira. — O senhor destroçou meu navio, impediu minha viagem e causou ferimentos em minha tripulação. Acredito que me deve explicações.

— Meu assentamento foi atacado por dinamarqueses. Um dos atacantes foi feito prisioneiro revelou que os companheiros dele estavam nesta rota, rumo às Hébridas. Em perseguição aos culpados, ordenei um ataque à embarcação que pensei ser nosso inimigo.

Sèlig examinou os estragos. Havia uma grande fenda que tornava arriscada uma viagem longa. Vários marinheiros tinham sido feridos, mas sem gravidade. Não seria difícil reparar os danos.

— Proponho-me a levar sua nau a reboque. Iremos até o meu povoado e lá poderemos fazer os reparos necessários na estrutura danificada.

— Não. — O outro sacudiu a cabeça com desconfiança. — Acho melhor seguirmos caminhos opostos.

— Um dos melhores construtores navais da Escandinávia está em nosso povoado — Sèlig insistiu. — Prometo que ele haverá de restaurar a rachadura com perfeição. Nem mesmo um risco ficará perceptível. — Hesitou. A humildade era uma experiência nova. — Ofereço-lhe minhas desculpas e minha hospitalidade.

O outro homem refletiu um pouco antes de aceitar.

— Não ficaremos lá por muito tempo. Não queremos abusar de sua generosidade. Assim que pudermos, seguiremos nosso caminho. Meu nome é Torin Rolandsson. Eu, minha esposa e nossa tripulação saímos de Alba rumo a Hafrsfjord ao norte.

Torin fez sinal para uma pessoa que se conservara a distancia. Ela se adiantou e tirou o capuz. Era uma mulher muito bonita, de cabelos vermelhos e longos. Depois de Gwyneth, era a mulher mais bonita que Sèlig já vira.

— Esta é Érica, minha esposa.

A mulher fitou Sèlig de queixo erguido.

— O senhor é sempre tão intempestivo em seus atos? Ela não perdoava facilmente como Torin.

— Como já expliquei a seu marido, meu povoado foi atacado por dinamarqueses. Eles atearam fogo nas casas e nas plantações. Muitos de nossos homens foram mortos. O prejuízo teria sido maior, se não tivéssemos contido os incêndios. Capturei um deles. Ele me contou, sob ameaça de morte, que o navio dinamarquês saíra rumo às Hébridas. Como a sua embarcação estava aqui, no escuro, pensei...

— Que fôssemos os culpados.

— Sim. — Sèlig foi corajoso e estendeu a mão. — Perdoe-me, senhora. Não me apresentei ainda. Sèlig.

— Sèlig — ela repetiu.

Sèlig ordenou a Roland para amarrar com cordas as duas embarcações e tornou a conversar com Torin e sua mulher.

— Os senhores são mercadores.

A mulher, que disse chamar-se Érica, sorriu.

— Não exatamente. Meu marido veio para Uiva e Mull com alguma coisa em mente além de trocar mercadorias. — Ela e Torin trocaram olhares carinhosos. — Ele veio à procura de um dos filhos de Ragnar Longsword.

— Filhos de Ragnar Longsword?! — Sèlig empalideceu. Érica não notou o espanto e sorriu.

— Sim, meu pai pensou que tivesse um filho em Alba, mas estava enganado. Como pode ver, sou a filha dele e não o filho.

— É, dá para perceber — Sèlig murmurou. Confuso e emocionado, mais uma vez não encontrou as palavras certas. Durante toda sua vida pensara que fosse o único filho do infame líder nórdico. De repente, via-se frente a frente com uma irmã por parte de pai. Era difícil de acreditar.

— Meu tio Coinneach não se mostrava disposto a acabar com uma disputa que começou no dia em que eu nasci. Mas Torin me salvou. — Érica aproximou-se do marido e os dois ficaram de mãos dadas. — Para um breve resumo da história, Torin teve a idéia de estabelecer uma rota de comércio entre meu tio e meu pai. Com isso, nossos povos serão beneficiados.

— E os senhores estavam voltando, quando eu os ataquei... — Fora o destino que cruzara o caminho deles.

— Ora, mas há males que vem para o bem — Érica considerou. — Talvez se possa comerciar entre os parentes de meu tio e o seu povoado.

— Uma autêntica mercadora. — Torin beijou a esposa. — A senhora continua me surpreendendo.

Os velhos ressentimentos contra o pai impediram que Sèlig se contagiasse com a felicidade deles.

Quantas mulheres seu pai teria levado para a cama e depois abandonado? Quantos filhos Ragnar teria espalhados pelo mundo? O que diriam Torin e Érica se soubessem da verdade?

Resolveu calar-se. O pai estava procurando por ele. Seria uma vingança excelente manter-se em silêncio. Ragnar que passasse o resto da vida caçando um dos filhos!

As boas-vindas de seu povo compensaram a viagem maçante de volta ao vilarejo. Gwyneth abraçou-o pelo pescoço, rindo e chorando ao mesmo tempo.

— Eu estava com tanto medo... Pensei que... nunca mais o veria! — Com os olhos tolhidos pelas lágrimas de alegria, demorou para perceber os estranhos a bordo do navio.
— Quem são?

Sèlig explicou rapidamente o que acontecera, corando ao mencionar o engano lamentável. Depois apresentou Gwyneth a Torin e a Érica.

As duas se olharam de cima a baixo e experimentaram uma camaradagem imediata e recíproca. Gwyneth estendeu a mão e as duas cumprimentaram-se efusivamente.

— Sua altura faz com que eu me sinta uma criança. Seus cabelos são maravilhosos, Érica. Lembram o fogo.

— Dizem que meu temperamento também combina com eles — Érica comentou, sorrindo. — Mas isso acontece apenas quando estou irritada.

— Então tentarei não irritá-la — Gwyneth brincou e levou Érica para conhecer o povoado. Aproveitou para perguntar dos temíveis escoceses de quem tanto ouvira falar.

— É verdade que lutam com espadas tão grandes que é preciso dois homens para levantá-la?

— Temos armas desse porte, mas meus parentes preferem as normais. Assim podem lutar sozinhos.

Gwyneth e Érica encontraram um lugar tranquilo para conversar e revelar detalhes da vida de cada uma. Érica contou-lhe a história de como Torin chegara a Alba com a missão de encontrar um jovem que na realidade era ela.

— Foi estranho. Mas quando retornei a Alba, não me senti mais em casa. Talvez por que amo tanto meu marido, meu lar será sempre ao lado dele — Érica comentou.

— É o que acontece comigo — Gwyneth confessou. — embora, às vezes, sinta vontade de ver minha família para poder explicar meus sentimentos e advertir meu pai sobre os que pretendem enganá-lo.

Gwyneth contou sobre o ataque à igreja durante a cerimônia de casamento e sua surpresa ao descobrir que Sèlig e o jovem escravo a quem amara eram a mesma pessoa. Pôs a mão no decote do vestido e, orgulhosa, tirou o pendente com que Sèlig a presenteara.

— Ele me deu isso na noite em que o libertei. Depois do ataque à igreja, ele viu o pingente e soube quem eu era.

— O pingente... — Érica não tirava os olhos do dragão de prata com a lágrima de safira.

Gwyneth notou que a nova amiga estava perturbada.

— O que houve?

— Torin vem procurando por... — Érica tocou no pequeno dragão e virou-o para todos os lados. — Sèlig alguma vez lhe falou sobre o pai dele?

— Não.

Érica tirou debaixo do arasaid, o traje feminino viking, um pingente semelhante ao de Gwyneth, produto de um artesanato refinado. A diferença estava apenas no formato. O de Érica era um corvo com uma granada no lugar do olho.

Capítulo XI

A nau mercante ancorada foi presa por uma rede de cordas que se assemelhava a uma gigantesca teia de aranha. A tripulação de Sèlig imediatamente pôs-se a trabalhar na recuperação do casco, restaurando e calafetando rachaduras e ta-boas. Usaram pregos de madeira e as partes sobrepostas eram impermeabilizadas com uma mistura de musgo e alcatrão. Em alguns lugares foram utilizados pregos de ferro e pêlos de animais. Mais de uma vez, Baugi foi requisitado.

— Precisamos usar betume para reforçar as linhas de junção. Isso opera maravilhas e deixará a nau hermética — afirmou Godric, o construtor naval.

Sèlig retirou os pregos antigos da embarcação mercante e endireitou-os com o martelo. Assim poderiam ser reutilizados para segurar a madeira nova.

— Seu navio ficará melhor de que antes, Torin — Sèlig afirmou com um sorriso. — Por mais curioso que possa parecer, ainda me agradecerá por haver feito um rombo em seu casco naquela noite.

— Esperemos que sim. — Torin pegou uma talhadeira para reparar os buracos dos remos.

Por causa da técnica de cortar as toras em moldes radiais, todas as pranchas do casco tinham o mesmo corte em cruz, o que garantia a uniformidade, resistência e elasticidade da embarcação inteira, conferindo-lhe leveza. Sèlig ficou satisfeito com o conhecimento do construtor aplicado na nau mercante, tornando-a ainda mais forte.

Assim, Sèlig e Torin trabalharam juntos, unidos por um amor comum: o mar.

— O senhor é mercador há muito tempo? — Sèlig estava curioso. Torin tinha um porte físico que o habilitava mais como guerreiro do que comerciante.

— É a minha primeira viagem mercantil. Estou tentando fazer a pacificação entre os nórdicos e os escoceses de Uiva e de Mull, terra natal de minha mulher. — Torin explicou que acompanhara Ragnar em muitos ataques anteriores a essa viagem. — Ouviu falar de Ragnar Longsword?

Sèlig respirou fundo, mas tentou aparentar naturalidade ao falar:

— Ouvi. Ele tem uma reputação que vai além das terras por onde passa.

Ragnar Longsword era um gigante de meia-idade, cuja habilidade de luta não tinha equivalente na Escandinávia. Era temido desde as Hébridas até Kiev. Um lampejo no horizonte das naus com as velas quadradas e proas com cabeça de dragão trazia medo no coração de quem as visse.

Durante vinte e sete anos, Ragnar e seus vikings aterrorizaram as costas como relâmpagos saídos do mar. Tinha como objetivo pilhar aldeias, castelos e mosteiros. Os ataques trouxeram a Ragnar e a seus homens riquezas, terras e a reputação de coragem e rudeza. Além de um séquito armado que satisfazia as ambições de Ragnar em seu lar.

— Na juventude, Ragnar aterrorizava seus inimigos. Agora, mais velho, tornou-se um homem mais justo, que deseja a paz. — Torin acrescentou.

— Paz? — Sèlig ironizou.

— Isso mesmo. Ragnar é enérgico e inteligente. Provou ser um hábil administrador nas terras que dominou. Ele entende que um homem deve criar e não só destruir. E que é preciso conhecer outras culturas para aprender com elas. E também absorver-lhes as influências e as idéias.

Torin contou que seu pai fora um dos mais ferozes inimigos de Ragnar, e que fora banido por assassinato, covardia e traição.

— Então o senhor odeia Ragnar.

— Não. Eu o respeito. Entendi que são homens como ele que transformam o mundo. — Torin limpou o suor do rosto.

— Ragnar tem sido um pai para mim.

Sèlig rangeu os dentes ao lembrar-se de como, em sua meninice, sentira falta de um pai. Ragnar o abandonara. Sèlig e a mãe ficaram sozinhos e serviram de escárnio para todos.

— No começo houve muitos desentendimentos. Mas eu me esforcei para executar com perfeição todas as tarefas que me eram destinadas. Imitava os homens que treinavam para lutar. Ragnar notou meu interesse e ensinou-me a usar uma espada. E o mais importante, acabei por vencê-lo nas disputas.

— Que sorte a sua! — Sèlig foi ríspido.

Não havia motivo para ficar irritado com Torin, mas era impossível impedir a amargura ao pensar no quanto Ragnar prejudicara a amante e seu próprio filho!

Lembrou-se de Cynnefed, sua mãe, e das horas agradáveis que passavam juntos. A mãe fora um raio de luz em um mundo de escuridão. Ela lhe contara histórias de seu amor pelo poderoso chefe viking e lhe ensinara a língua viking, com a esperança de que um dia os três se encontrassem.

Quando era um menino, Sèlig fora desprezado por sua herança paterna, apesar de a mãe ter-se casado com um inglês, o nome Ragnar era como uma ferida em seu coração.

O nórdico infame passara pela vida de Cynnefed com a violência de uma tempestade. Apesar dos protestos dela, ele a tomara nos braços e a levava até seu acampamento e a forçara a casar-se com ele em uma cerimônia viking. Ela nunca odiou o homem que a desonrara. Pelo contrário. Passara a amá-lo profundamente.

Sèlig lembrava-se de sua mãe com nitidez. Uma mulher sorridente, apesar das hostilidades que a rodeavam. Pairava acima dos aborrecimentos e dos problemas. Nunca deixara de esperar a volta do homem amado. Sèlig partilhara daquele sonho, desesperado para ter um pai. Mas Ragnar nunca mais voltara e a decepção somente aumentara no coração do menino abandonado.

Diziam que Sèlig se parecia com a mãe. Cabelos loiros, olhos castanhos, lábios carnudos. Na verdade, herdara dela também o temperamento dócil até que a crueldade alheia o forçara a ser duro e dominador.

Muitas e muitas vezes lutara com outros rapazes para defender a mãe. Muitos arranhões, ferimentos e olhos roxos resultaram dessas brigas. Os outros garotos o provocavam, dizendo que Cynnefed era a rameira de um viking. Por vezes sem conta fora chamado de bastardo, e aprendera muito cedo que a força seria a sua única defesa.

O marido inglês de sua mãe lhe dissera que uma criança concebida em pecado corria o risco de perder a alma. Ele fizera o menino trabalhar sem descanso de manhã à noite e batia-lhe, caso ousasse queixar-se.

Finalmente a vida de Sèlig tornara-se insuportável. Apesar do amor profundo que dedicava à mãe, tivera de fugir. Fora então capturado por Jaenbert e vendido como escravo.

Tornara-se um homem respeitado, um viking com seu próprio povoado e seus navios. Nunca pedira a ajuda de seu pai. Nem mesmo quando enfrentara a escravidão. Não queria mais conhecê-lo. Ragnar que chegasse à velhice ao lado dos outros filhos que gerara.

Gwyneth sentou-se em frente de Sèlig para a refeição da manhã. Abstraído, ele picava a comida no prato.

— Como vai o trabalho no navio? — Gwyneth perguntou.

— Mais um dia e Torin estará pronto para partir. — Sèlig notou o olhar de desapontamento. — Gostou deles, não é?

— Demais. Érica e eu temos muito em comum.

— Como assim? — Sèlig levantou as sobrancelhas.

— Somos mulheres... e cristãs. Cada uma de nós ama um escandinavo belo e forte. E recebemos de presente um pingente. — Gwyneth fitou com ternura a lágrima do dragão. — Érica tem um corvo com uma pedra vermelha.

— É mesmo? Gwyneth fitou-o de revés.

— Ela me disse que Torin está procurando por dois pingentes semelhantes ao seu. Ela acha que este — Gwyneth segurou a jóia — pode ser um deles.

A colher de Sèlig caiu no chão.

— Não quero que fale da lágrima do dragão com ninguém! Entendeu?

— Bem... eu pensei... Meu Deus, então é verdade!

— Não! — Sèlig meneou a cabeça, mas a mentira teve um gosto amargo.

— É um dos filhos de Ragnar Longsword! Não tente negar, Sèlig, vejo em seus olhos que está mentindo.

Sèlig levantou-se e começou a andar de um lado a outro no luso de terra batida.

— Ragnar é meu pai — ele disse após alguns minutos —, embora odeie admitir isso. Se pudesse, tiraria de meu corpo a última gota de sangue que me liga a ele.

O sofrimento de Sèlig era quase palpável.

— Por que nunca me falou de sua infância?

— Por que os ferimentos são muito dolorosos. Gwyneth aproximou-se de Sèlig e segurou-lhe a mão.

— Conte-me o que aconteceu. Falar talvez ajude a exorcizar os demônios que o assombraram durante tanto tempo.

— É... pode ser...

Sèlig contou-lhe a história da mãe, que fora raptada por Ragnar como parte de uma pilhagem e que depois acabara se apaixonando por ele.

— Minha mãe entregou o corpo e a alma a meu pai depois do casamento viking. Ela quis ir com ele para a Escandinávia, mas ele afirmou que viria buscá-la na primavera. Nunca mais voltou.

— E o que houve depois? — Gwyneth perguntou em voz baixa.

— A família de minha mãe descobriu que ela estava grávida e enganou o antigo noivo, um mercador importante. Eles se casaram imediatamente. Alguns meses depois, eu nasci. Ele não era tolo e entendeu logo que eu não era seu filho. Por isso passou a odiar-me.

— Como alguém pode odiar uma criança?

— Seria melhor perguntar a ele que me fez sofrer em dobro pelo pecado de minha mãe.

Sèlig revelou que Cynnefed não se queixava, mas odiava o marido e a família dele. Em particular o cunhado que a assediava.

— Sofri nas mãos de meu padrasto, até não suportar mais. Fugi... e o restante já é de seu conhecimento.

— Eu sei e sinto muito por tudo o que lhe aconteceu.

— Quando você me libertou, Gwyneth, concedeu-me a segunda oportunidade de minha vida. Consegui tornar-me um nórdico respeitado. Eu tive esperança de resgatar minha mãe daquela família horrível.

Sèlig explicou que retornara à Mércia, carregado de presentes, somente para descobrir que sua mãe fora morta. Chegara tarde demais, e a verdade fora muito cruel. Fora essa a última vez que ele chorara em sua vida.

— Culpei a mim e a meu pai.

— O delito não foi seu nem de seu pai, Sèlig. Foi de quem a matou.

— Meu pai poderia tê-la protegido, pelo menos. Ele conhecia as lutas que se sucediam entre os anglo-saxões e deveria ter suposto que ela correria perigo. Em vez disso, ele a esqueceu... e também a mim.

— Não foi bem assim. Érica contou-me que a mãe dela também foi abandonada por Ragnar, mas que ele nunca a esquecera. E que ele desejava corrigir os erros. Por isso ele mandou Torin à procura dos três filhos. Os pingentes eram a única pista que possuía.

— Ele acha que se pode corrigir erros num estalar dos dedos? Nada apagará o sofrimento que me causou!

Gwyneth tentou argumentar, mas foi impedida por Sèlig.

— Não quero mais falar sobre isso! Ragnar pode ir até o fim do mundo, mas nunca me encontrará!

Capítulo XII

A violenta tempestade de verão atrasou os reparos no navio de Torin. Gwyneth agradeceu ao destino que retardara a partida daquela que se tornara sua grande amiga.

— Ah, Érica, os cristãos acreditam no perdão e em honrar os pais. Como farei para Sèlig entender que seu ressentimento acabará por prejudicá-lo?

— Sèlig tem de entender por si mesmo.

— Mas como ele poderá enxergar a verdade, se ergueu uma muralha ao redor do coração?

A chuva continuava inclemente. Érica e Gwyneth haviam deixado vários vasilhames sob as goteiras para evitar que o piso de terra ficasse encharcado.

— Ah, os homens são tão teimosos...

— Teimosos e irracionais! — Gwyneth sentou-se na arca e cruzou os braços. — Seria possível convencer Sèlig a dar uma oportunidade ao pai de explicar-se?

— Talvez eu possa ajudar. — Érica foi até o tear vertical que estava a um canto, passou o dedo nos fios e comprovou a poeira acumulada. — Vejo que não gosta muito de tecer.

— Nunca me ensinaram.

— Não?

— Na casa de meu pai, as camponesas faziam o trabalho doméstico. Mas eu gostaria de aprender.

— Venha, eu lhe mostrarei como se faz. É simples.

As duas sentaram-se no banco em frente ao tear. Érica explicou que a urdidura era o conjunto de fios dispostos no tear no sentido paralelo ao seu comprimento e a trama, o conjunto que passava na transversal por entre os fios da urdidura. Estes eram esticados por pesos de pedra na parte inferior.

— Os fios da trama são entrelaçados pela lançadeira — Érica apontou um pequeno cilindro de madeira. — Podemos variar teceduras básicas alternando o entrançamento da trama sobre a urdidura para incluir dois ou até três fios.

— Deixe-me tentar! — Gwyneth animou-se e tomou o lugar de Érica. — O fato de Ragnar não ter voltado a Alba deixou-a indignada?

— Não. Talvez por minha mãe ter-me contado uma história fictícia de como nossa vida fora maravilhosa na companhia de meu pai. Eu esperava que ele voltasse e me levasse com ele para a Escandinávia. O que nunca aconteceu. Em vez disso, ele mandou Torin à procura de Eric. Pode imaginar a surpresa de meu amado Torin.

A risada de Érica acabou por contagiar Gwyneth, apesar de ela já ter escutado parte da história antes.

— É, verdade. E depois ainda salvou a vida dele. Voltaram juntos para a Escandinávia?

— Não. Apesar de meu amor por Torin, eu teria ficado em Alba, se a tripulação de Torin não tivesse raptado meu irmão Geordie. Para salvá-lo, segui-os até a Escandinávia, onde é a casa de meu pai.

Gwyneth escutou, fascinada, o relato de como Geordie deixava pedaços de tecido como pistas para que Torin e ela se encontrassem. E também a luta dos dois para salvarem Geordie.

— Acho que passei a juventude tentando provar que, apesar de ser mulher, faria meu pai orgulhar-se de mim. Por isso aprendi a esgrimir e ensinei meu irmão a empunhar uma espada embora sempre tivesse usado as armas de madeira como treinamento.

— Ah, se eu pudesse aprender... — Gwyneth fechou os olhos e imaginou-se lutando ao lado de Sèlig com uma espada e não com uma assadeira de ferro.

— Cuidado, querida! — Érica advertiu-a. — Está embaralhando os fios!

Gwyneth deu um suspiro sentido. Tratava-se de um sonho impossível de concretizar-se.

— Perdão, eu pensava em outras coisas.

— Veja... — Érica desenrolou o fio e passou-o cuidadosamente para frente e para trás.

Gwyneth fixou a atenção no tear e observou Érica terminar o trabalho na largura, desenrolar o fuso e medir mais fio para ser usado como trama.

— Em Mull e Uiva minha prima e as outras mulheres diziam que eu era desajeitada — Érica contou. — Mas minha mente sempre estava em outro lugar.

— Posso imaginar. — Gwyneth segurou a lançadeira com firmeza. Para diante e para trás, trabalhou com o fuso. — Então eu teria ficado em Alba, se não fosse por Geordie.

— É verdade.

— Hum, talvez Sèlig precise de um empurrão semelhante para fazê-lo esquecer a raiva — Gwyneth disse mais para si mesma do que para Érica.

Mas o quê? Não havia irmão para ser raptado e para ser salvo.

Gwyneth emaranhou novamente os fios, mas dessa vez ela mesma consertou o engano. Decidiu que transformaria os fios em tecido, nem que tivesse de morrer por isso, e faria uma túnica nova para Sèlig.

E tomou uma resolução ainda importante. Haveria de convencer Sèlig a viajar para a Escandinávia para conhecer o pai.

O hall estava iluminado e chamas alegres aqueciam o ambiente. Apesar disso, Sèlig sentia frio.

— Odeio chuva — confessou para Torin. — É uma coisa que o homem não pode controlar!

— A chuva e as mulheres — Torin respondeu com um sorriso. — Agitadas e imprevisíveis. Entretanto, necessárias ao bem-estar de um homem. — Fez sinal para Sèlig sentar-se diante dele junto à pequena mesa. — Está familiarizado com o hneftafl, Sèlig? — Apontou um jogo de tabuleiro dotado com buracos.

— Não. Nunca tive tempo para jogos. Torin deu de ombros.

— Com essa chuva, não há nada com que se ocupar. Vamos, lá, anime-se. É um jogo de estratégia. Servirá para descontraí-lo e para transformar o cenho franzido num sorriso.

Sèlig resmungou, mas sentou-se.

— Qual o objetivo do jogo?

— Proteger o vice-rei. — Torin pegou uma peça de âmbar esculpida como a cabeça de um homem. — Este aqui. — Explicou as regras e disse que as peças eram movimentadas no tabuleiro como se fossem um pequenino exército de vikings. Cada jogador precisava defender seus homens das forças atacantes.

— Não me parece difícil. Prepare-se para ser derrotado, Torin! — Sèlig desafiou-o.

Os dois empenharam-se no jogo. A uma certa altura Sèlig foi interrompido por Baugi que focinhou a mão do dono, pedindo carinho.

— Onde foi que conseguiu o cachorro? Eu gostaria de ter um desses.

— Baugi é único — Sèlig sorriu. — Mas sei onde se pode encontrar outros cães negros e peludos.

— Já pensou em treinar animais dessa raça? Gwyneth contou-me como Baugi salvou seu amigo Roland. Cães treinados como ele seriam uma preciosidade.

— Tem razão. Baugi já salvou muitos náufragos. — Sèlig acariciou a cabeça do amigo, voltou a atenção para o jogo e disse uma praga ao perder a partida. — Vamos tentar outra.

Dessa vez Sèlig preferiu jogar com as peças de Torin, como se elas fossem responsáveis pela vitória.

— Érica me disse que o senhor presenteou Gwyneth com um pingente que tem o formato de um dragão.

Sèlig retesou-se e parou de jogar.

— E o que tem isso?

— Estou à procura de um homem, um dos filhos do vice-rei a quem presto meus serviços. Ele entregou a cada uma de suas três amadas um pingente para ser usado pelos filhos que estavam para nascer. A idéia era uma proteção para as crianças.

— Acredito que há muitas jóias semelhantes a essas — Sèlig disse com descaso e encaixou uma pedra em um buraco à esquerda do tabuleiro.

— O pingente era um dragão esculpido em prata e incrustado com uma safira tirada do punho da espada de Ragnar — Torin explicou. — A safira, sob o olho do dragão, tem a aparência de uma lágrima.

Sèlig estreitou os lábios e franziu o cenho. Sentiu como se Torin lhe violasse a privacidade e espionasse assuntos que não lhe diziam respeito. Controlou-se para não ser grosseiro.

— Eu gostaria muito de encontrar o filho de Ragnar — Torin afirmou.

— E se ele não quiser ser encontrado?

— Ragnar está ficando velho — Torin respondeu depois de alguns momentos. — Precisa encontrar um sucessor para administrar tudo o que amealhou ao longo dos anos.

— Não me preocupo com o que Ragnar quer ou deixe de querer! — Sèlig deixou cair uma das peças do jogo.

— No meu entender, o senhor deveria pensar melhor no assunto — Torin insistiu. — Creio que o pingente de Gwyneth é o mesmo que Ragnar entregou à sua amada Cynnefed e que o senhor é o filho dele a quem venho procurando.

Sèlig levantou-se com tal ímpeto que virou o tabuleiro. As peças do jogo espalharam-se pelo chão. Enquanto Torin se curvou para recolher as pedras, Sèlig abriu a porta e saiu no temporal.

Deitada na cama de peles, Gwyneth olhava para as paredes, preocupada com Sèlig. Ainda não voltara depois da discussão com Torin.

Sèlig não enxerga que está se envenenando por causa do ódio ao pai, pensou, desanimada.

Se ao menos ele fizesse as pazes com Ragnar! Mas como isso poderia acontecer se a simples menção ao nome do pai o deixava furioso?

Segundo Érica, Ragnar desejava corrigir os erros. Queria que um de seus filhos o sucedesse. Isso preencheria todos os sonhos de Sèlig de possuir riqueza e poder. Sèlig era favorecido por ser o filho mais velho. Mas para isso, teria de esquecer a amargura do passado e velejar ao encontro de Ragnar.

E a teimosia de Sèlig o impediria de tomar uma atitude daquelas.

Pensou em como Érica encontrara a paz de espírito ao lado do pai. Fora um processo curativo. Eliminando os fantasmas do passado, eles puderam se conhecer melhor. Pai e filha haviam se unido quando a verdade viera à tona. Ragnar confessara à filha que se arrependia de muitas atitudes impensadas. Gwyneth gostaria de convencer Sèlig de que ele teria de dar a si mesmo uma oportunidade de conhecer seu pai e a verdadeira história.

Mas como?

Escutou o som de passos. Sèlig voltara. Imaginou que ele estaria de mau humor e irritado por ela ter mencionado o pingente na conversa com Érica.

— Gwyneth... — ele chamou com voz suave.

O quarto estava às escuras. Sèlig bateu à procura do recipiente de pedra-sabão, encheu-o com óleo e, com as faíscas da pederneira, acendeu a lamparina.

— Eu estava preocupada — Gwyneth sussurrou e sentiu o hálito de bebida.

— Eu precisava ficar sozinho...

— O que houve?

— Torin sabe quem eu sou.

— Talvez seja melhor assim. Ninguém pode esconder-se para sempre. — Gwyneth arrependeu-se de imediato pelo que dissera.

— Não estou me escondendo — Sèlig retrucou, carrancudo. — Mas quero resolver sozinho meus assuntos.

Gwyneth nunca o vira tão amargurado.

— Érica e Torin só querem seu bem.

— Eu sei e não tenho raiva deles. Meu rancor é contra Ragnar!

— Ele é seu pai, Sèlig! Não poderia ao menos dar-lhe uma chance de explicar? Talvez haja fatos na história que lhe sejam desconhecidos.

Sèlig nada retrucou, o que animou Gwyneth a prosseguir.

— Ragnar está ficando velho. Érica disse que ele tem estado enfermo. Vai ser muito triste se ele morrer sem ter a oportunidade de revelar tudo o que aconteceu.

Gwyneth abraçou-o pelo pescoço.

— Por que ele nos abandonou?

— Se tem tanta certeza de que ele não se importava com nenhum dos dois, por que teria dado a ela o pingente e recomendado para que o pendurasse no pescoço do bebê? Se não se importava com os filhos, por que haveria de procurá-los depois de tantos anos?

— Não sei, Gwyn. Mas também não posso de repente esquecer o que houve e perdoá-lo.

Gwyneth fitou-o, lembrando da violência que sua família sofrera.

— Eu não o perdooi?

Sèlig afastou os cabelos úmidos dos olhos e contemplou as águas que refletiam o brilho do sol. No verão, os dias se tornavam mais longos. Uma época excelente para navegar. Chegou a ter inveja de Torin que partiria no dia seguinte, de madrugada.

O som dos machados repercutia na floresta. Roland e os homens de Sèlig cortavam madeira para restaurar as casas. As batidas aumentavam a dor de cabeça de Sèlig que bebera demais na noite passada.

— Ah, meu amigo, por sua ajuda preciosa poderei enfrentar novamente o oceano — Torin aproximou-se.

Sèlig ficou admirado por Torin não o censurar pela discussão do dia anterior.

— Ainda há alguns reparos a serem feitos. Os dois foram até a embarcação. Trabalharam com a talhadeira e o martelo. Fizeram encaixes na lateral do navio e depois trataram de substituir dois remos que tinham sido quebrados com o choque.

Sèlig refletiu sobre o que Gwyneth dissera. Se ela fora capaz de perdoá-lo pela destruição e sofrimento causados à família dela, por que não podia fazer o mesmo com seu pai?

— Logo sentirei outra vez o vento em meu rosto e meu navio deslizará sobre as águas. Ele está voltando à sua glória antiga.

Sèlig refletiu que também amava o gosto do sal e a navegação. Porém, o amor por Gwyneth era o mais importante de sua vida.

Gwyneth o estimulava a ir para a Escandinávia, encontrar-se com o pai.

Vai ser muito triste se ele morrer sem ter a oportunidade de revelar tudo o que aconteceu.

— Torin, Gwyneth me disse que o pai de Érica está doente. Trata-se de alguma enfermidade séria?

Torin não demonstrou surpresa pela pergunta.

— Ele vem tendo dores de cabeça muito forte, tonturas e algumas vezes perde a consciência. Pode não ser nada, mas também pode ser sério.

— Ouvi dizer que Ragnar Longsword é invencível — Sèlig não evitou a mordacidade. Uma simples dor de cabeça não deve ser motivo para preocupações.

— Ragnar não é mais nenhum jovem e já sofreu diversos ferimentos que podem ter deixado seqüelas. — Torin ficou ainda mais sério. — Tenho a impressão de que Ragnar sabe que está com os dias contados. Por isso mandou-me à sua procura!

— À minha procura e à dos outros...

— Fala como se houvesse centenas. Na verdade, meu amigo, são apenas três filhos. Falta encontrar o mais novo. E os três têm um lugar no coração dele. — Torin contou sobre os três pingentes. O olho do corvo, a lágrima do dragão e a sombra do lobo.

— Uma mulher na Grã-Bretanha, outra em Alba e outra em Eire. Meu pai foi longe para procurar as concubinas!

— Esposas! Ragnar casou-se com cada uma delas em uma cerimônia viking!

— Ele era muito generoso. Tratou de assegurar que nenhum de seus filhos seria considerado bastardo, pelo menos pelas leis nórdicas!

As leis vikings eram muito claras. Um filho nascido fora do casamento nada herdaria.

— Se quer continuar com ódio no coração, nada poderei fazer. De qualquer forma, ele se preocupou com o futuro dos filhos. Quantos há que nem isso fazem...

Sèlig duvidou que Torin o estivesse acusando por não se ter casado com Gwyneth. E refletiu se Gwyneth tornaria a recusar um enlace sob as leis nórdicas, caso ele voltasse a insistir no assunto.

— Sèlig, acompanhe-nos nesta viagem — Torin convidou com entusiasmo. — Pelo menos conceda a seu pai uma oportunidade de...

Sèlig mirou o oceano inspirador de suas decisões. E surpreendeu-se consigo mesmo.

— Aceito. Sob três condições. Levarei Gwyneth comigo. Irei em meu navio. E comparecerei à assembléia anual para expor as queixas que eu possa ter contra ele.

— Co... con... concordo — Torin gaguejou. Não esperava a decisão positiva de Sèlig.

— Ótimo, então estamos combinados.

— Que maravilha! Finalmente resolveu ir! — Gwyneth entrelaçou a mão na de Sèlig.

— Nós iremos! — Sèlig escondeu o rosto nos cabelos perfumados de Gwyneth. — Navegaremos juntos nas águas que nos levarão à Noruega e eu a apresentarei a meu pai que eu não conheci. E, quando chegarmos lá, quero que se case comigo diante de todos!

— Casar...?

Sèlig fechou-lhe os lábios com dois dedos.

— Não aceitarei nenhuma espécie de resposta negativa, minha senhora.

— Então eu o seguirei, meu senhor. Os dois riram, felizes.

Foram feitos os preparativos para a jornada, inclusive o acondicionamento das provisões. Carnes e frutas secas, arenque e outros peixes em conserva. Frutas frescas. Grãos. Água em barricas.

Gwyneth observava a azáfama da porta de sua cabana e sentiu-se satisfeita. Em parte, ela fora a responsável pela decisão acertada de Sèlig. Esperava que Ragnar fosse tão magnífico como Érica o descrevia e que Sèlig encontrasse uma forma de enterrar o passado.

Disse adeus à casa que fora testemunha de sua felicidade e aguardou, ansiosa, a viagem que a levaria ao reino do sol da meia-noite.

Parte II

Noruega - terra do sol da meia-noite

Capítulo XIII

A cabeça entalhada do dragão seguia seu caminho no oceano, majestosa e indiferente aos borrifos salinos. Os escudos sobrepostos sobre as redes pareciam as escamas de seu corpo imenso. Essa armadura representava uma defesa formidável.

De cada um dos lados da nau, uma fileira de guerreiros puxava os remos com energia e regularidade de movimentos. Peitos estufados, bocas torcidas pelo esforço e braços musculosos, os homens remavam em união perfeita. Entoavam uma melodia que exaltava o orgulho nórdico e ficavam em seus postos até o vento favorável permitir o uso das velas.

Gwyneth observava a mudança de paisagem da costa. Os aglomerados de cabanas com telhado de colmo cediam lugar a imensas áreas de floresta desabitada. Mais adiante apareceram penhascos rochosos e enseadas plácidas, e de novo os terrenos pedregosos. O litoral do povoado não passava de uma sombra a distância.

Em pé no deque, Sèlig se equilibrava no balanço da embarcação. Passou a mão nos cabelos revoltos pelo vento e admitiu que sentira muita falta daquilo. O mar corria em suas veias.

— Liberdade. O maior objetivo...

Riu quando os respingos de uma onda mais afoita molharam-lhe o rosto.

Estava saudoso até do gosto do oceano, Sèlig pensou, lambendo a água dos lábios.

Sentada no banco duro, Gwyneth contemplava o mar, excitada. Nem mesmo se importava com a duração da viagem. Ansiava por ver a terra da qual Érica falava tanto. Escandinávia!

Alegrava-se, sobretudo, por Sèlig haver tomado a decisão de conhecer o pai. Ela só lamentava a falta de privacidade do navio. Embora Sèlig tivesse erguido uma tenda no convés para escondê-los dos curiosos, sentia falta de liberdade para, sem pejo, verbalizar os sentimentos quando faziam amor.

— Vejo que se encontra bastante entusiasmada — Sèlig se aproximava, sorrindo. — Seus olhos estão brilhantes.

— É como se o mundo deixasse de existir, e a única realidade fosse esta nau flutuando na imensidão do oceano sob um céu infinito.

Sèlig gostou da descrição coerente.

— Algumas vezes eu acredito que poderia navegar para sempre, sem descanso.

Sèlig agradeceu à sorte que lhes permitia uma viagem sem tempestades. Recordou-se daquela em que Roland caíra no mar. Suspirou. Baugi continuava a bordo, com sua coragem e sua eficácia para efetuar resgates.

— Não está com medo, está, Gwyneth?

— Aprendi a dominar o receio das coisas que não posso controlar. — Gwyneth sorriu, feliz. — Além do mais, conto com sua presença a meu lado.

Sèlig era um homem forte que tinha a capacidade de preencher-lhe a necessidade de energia. Talvez fosse aquilo o que mais a atraía nele. Gwyneth precisava de amor e também de segurança.

Sèlig notou que ela estava de olhar fixo em seus braços musculosos.

— Sabe por que dominamos o oceano, Gwyneth? Não é somente pela força. Existe um fator mais importante. Nosso respeito pelos navios que construímos. Para mim, esta nau é um ser vivente.

— Como os deuses e as deusas?

— Não. Penso neste barco como um pai pensa em um filho. Ele é parte de mim. Eu o desenhei e criei. Observei sua construção. Entalhei a cabeça do dragão. Supervisionei cada detalhe. — Sèlig apontou as laterais. — Vê como ele levanta e abaixa, sem se romper? As pranchas se contraem e se estendem como se o navio respirasse.

— Fala da embarcação como se fosse uma pessoa.

— Ou talvez fosse mais exato dizer uma mulher. O barco corresponde, quando é tratado com ternura. — Sèlig abraçou-a. — No que está pensando?

— Imagino com será a Escandinávia. Na certa, bem diferente do povoado.

Antes de aceitar o pedido de casamento, Gwyneth precisava sentir como seria viver em uma terra estranha, sendo a esposa de um viking.

— Por que ficou tão séria?

— Érica me disse que ela e Torin se casaram perante um sacerdote cristão e também em uma cerimônia viking. Não poderíamos...?

Sèlig sacudiu a cabeça.

— Torin não teve uma vida conturbada pela convivência com os cristãos. Quanto a mim, presenciei muita violência por parte deles. Não conseguiria ajoelhar-me diante dos que professam o cristianismo. Nem mesmo perante um sacerdote.

Gwyneth ficou tensa. Chegaria a conciliar sua crença religiosa com a de um povo que acreditava em vários deuses? Homens que haviam saqueado as igrejas de sua gente?

— Não quero pensar sobre isso — Gwyneth pensou alto.

— Isso o quê?

— Nada, nada. Quero aproveitar cada momento a seu lado. — Gwyneth encostou a cabeça no peito de Sèlig.

Se ao menos pudesse ficar ali para sempre, mirando o oceano, indiferentes às preocupações, usufruindo apenas da alegria de estarem juntos...

Se ao menos pudessem esquecer os homens que os fizeram sofrer e ao amor considerado inaceitável entre uma inglesa e um nórdico...

Gwyneth nada mais pediria na vida.

Os dois passaram um longo tempo ensimesmados.

— O que pretende falar com seu pai? — Gwyneth rompeu o silêncio.

Sèlig franziu a testa.

—Tenho muitas perguntas para fazer a ele. E não esconderei meu rancor. Quero dizer a ele como o odiei durante esses anos todos.

Gwyneth afastou-se.

— Como pode ter tanta certeza que ele não tem uma boa explicação para o que aconteceu?

— Não existe explicação para se amar uma mulher e depois abandoná-la! Juro por Odin que eu jamais faria uma coisa dessas com a mulher que eu amo! Ainda mais ela concebendo um filho meu! — Sèlig abraçou-a. — Eu queria tanto um filho!

Gwyneth estremeceu só em pensar em ter um filho fora do casamento. Teria de ser cuidadosa e continuar a tomar a poção que Ingunn lhe dera. E continuar a rezar para que por isso não fosse amaldiçoada para a eternidade.

Gwyneth fitou as estrelas brilhantes que pontuavam o céu escuro. Fechou os olhos e escutou o rugir do mar que passava abaixo do casco. Gotículas de água salgada molhavam-lhe rosto.

O que fazer?

Considerou-se perdedora, qualquer que fosse a decisão. Ou ficaria sem a alma ou sem a felicidade. Aos olhos da Igreja, era uma pecadora. O matrimônio com um bárbaro não seria aceito por sua família nem por Deus.

O que Ele pensaria sobre o conflito que ela enfrentava? Seria Ele clemente e amantíssimo, ou duro como os que vestiam os mantos sagrados? Não desistirei de Sèlig!

Quando estava ao lado de Sèlig, não o imaginava como um idólatra, mas como o amor de sua vida.

Gwyneth pensou em sua família. Seus pais a cobriram de mimos e a trataram como uma criança. Não duvidaram de sua obediência. Tiveram certeza de que aceitaria Alfred para marido sem questionar nem se queixar. E fora o que acontecera. Enquanto isso, Alfred planejava a traição mais horrenda que se poderia imaginar! Alfred, bom, nobre e cristão! Por mais pecaminoso que ele fosse, os pais iriam preferir entregá-la a ele e não a um viking.

— Que tristeza...

Sèlig largou a cana do leme e aproximou-se de Gwyneth.

— Nada pode ser triste em uma noite como essa. — Sèlig fitou os diamantes que tremeluziam no veludo escuro do céu.

— Algum dia eu lhe ensinarei como se orientar por esses pontos luminosos. — Sèlig orgulhava-se de navegar tão bem durante o dia quanto à noite.

— O senhor nunca se perdeu? Sèlig achou graça.

— Nunca. — Sèlig analisou a posição das estrelas e ajustou o leme na direção certa.

Roland e mais alguns homens lançaram redes ao mar. Era preciso pescar para a refeição da noite. O navio seria levado até a costa e os peixes seriam assados. Depois de

comer, a tripulação tornaria a embarcar e a nau seguiria seu rumo. Seria um prazer raro, pois quando o navio estivesse em mar aberto, comeriam apenas comida seca e salgada.

O vento soprava nas velas. Gwyneth inspirou-se para cantar, embora não o fizesse havia bastante tempo. Lembrou-se de um hino latino que aprendera com o padre Aiden.

— Sua voz é adorável. Deveria usá-la com mais frequência para executar trechos musicais — Sèlig cumprimentou-a e cantou a melodia. — Qual o significado das palavras?

— Eu não sei.

Gwyneth sacudiu a cabeça. Nunca se pergantara por que as missas eram em latim. Seria o latim a linguagem divina?

A nau foi ancorada no litoral. Na praia de pedras, os homens acenderam fogueiras e sobre elas puseram caldeirões com água salgada. As mulheres cortaram cebolas e repolhos. Os peixes foram limpos e postos para assar em cima de pedras quentes. Os homens conversavam sobre o encontro com Ragnar. As mulheres falaram sobre tecelagem e crianças. O que fez Gwyneth pensar novamente em seu destino.

O que aconteceria? Não poderia fugir indefinidamente. Algum dia teria de encarar as diferenças entre eles.

Roland serviu os vegetais com uma concha e dividiu os peixes em porções. Alguns comeram com colheres, outros com as mãos, ensopando pão preto de centeio no caldo de vegetais.

Faminta, Gwyneth comeu depressa. Após a refeição, encheu uma gamela com água e escondeu-se atrás de uma rocha distante. Lavou-se e usou o óleo perfumado que encontrara na arca de Sèlig. Passou um pente de marfim nos cabelos, mas não conseguiu desembaraçá-los.

— Espere, deixe-me ajudá-la!

Gwyneth espantou-se de ver que Sèlig deixara os homens e a seguira. Ele tirou-lhe o pente da mão e com suavidade, desfez o emaranhado que o vento se encarregara de deixar. Os movimentos eram relaxantes e sensuais.

— Seus cabelos lembram a visão do mar noturno.

— O vento deixou-o cheio de nós.

— Com um pouco de paciência, tirarei todos. — Sèlig largou o pente e passou os dedos pelos pontos mais emaranhados. — Quando a conheci, encantei-me com seus cabelos. Tive vontade de tocá-los para ver se eram tão macios quanto pareciam.

— E...?

— São ainda mais sedosos. Tenho uma confissão a fazer. Sèlig divertiu-se com a expressão intrigada de Gwyneth. — quando tive a oportunidade de tomá-la nos braços, descobri que havia encontrado a mulher de meus sonhos. — Sèlig segurou-a nos braços. — Esteja certa de que nunca a deixarei separar-se de mim. Eu a quero a meu lado para sempre. As palavras de carinho a perturbaram.

— Para sempre é um tempo demasiado longo. O abraço de Sèlig foi tão apertado que Gwyneth receou ser amassada.

— Não para mim.

— Ninguém conhece o futuro, Sèlig.

Gwyneth perguntou-se o que Sèlig diria se ela resolvesse voltar a Wessex para rever a família. Embora o amasse, reconhecia que Sèlig tinha um caráter possessivo um tanto assustador.

— Esteja certa, Gwyneth, que jamais a abandonarei. Depois de algum tempo, voltaram de mãos dadas até os outros que limpavam os caldeirões e guardavam a comida não utilizada. Os vasilhames e embrulhos seriam levados de volta ao navio. Sèlig tirou um de seus braceletes e levantou-o para que todos o vissem.

— Diante dos presentes, prometo fazer de Gwyneth minha esposa.

Segurou na mão de Gwyneth e, em um gesto cerimonioso, deslizou-lhe a jóia no braço. Em seguida, levantou a mão de ambos por cima da cabeça. Todos gritaram palavras de incentivo.

Através de uma névoa, Gwyneth viu Roland trazer uma taça com hidromel.

— Beba — Sèlig falou.

Trêmula, Gwyneth hesitou antes de obedecer. Sèlig tomara a decisão por ela. Se aquela era uma cerimônia de compromisso matrimonial, não lhe pareceu nada selvagem. Gwyneth tomou um gole do hidromel e Sèlig bebeu o triplo.

— Eu deveria ter feito isso há tempos... — Sèlig engasgou quando Roland bateu-lhe nas costas.

Gwyneth fez menção de tirar o bracelete para examiná-lo melhor.

— Não faça isso. Trata-se de um presente meu e dará má sorte tirá-lo, pois simboliza uma promessa.

Gwyneth passou a mão na jóia para sentir os entalhes. Um dos traçados pareceu-lhe a cabeça de um dragão.

Sèlig notou-lhe o interesse.

— É a réplica da serpente gigante de Midgard que segura o mundo. Em volta do braço, simboliza a possibilidade de comer a cauda, ou seja, a eternidade.

O metal frio de repente começou a queimar-lhe o braço.

— Uma serpente!

Um símbolo do mal! Sem hesitar, nem por um segundo, Gwyneth arrancou a pulseira do braço.

O restante da viagem transcorreu em clima tenso. O olhar e a voz de Sèlig quando se aproximava de Gwyneth era gelo puro. Embora sem nenhuma intenção de humilhá-lo, ela o rejeitara diante de todos. Por isso teria de suportar as conseqüências. Certamente haveria de demorar muito até que Sèlig voltasse a demonstrar amor por ela.

— Não entendi sua atitude — Ingunn repreendeu-a com delicadeza. — Sèlig é um homem orgulhoso. Por que lhe ferir o brio e o coração?

Gwyneth procurou fazer a amiga compreender por que reagira com tanta violência.

— Nós abominamos a serpente. O sacerdote contou-nos como Deus criou Adão e Eva e deixou-os no Paraíso. Satanás manifestou-se em forma da serpente e fez Eva comer a maçã da árvore proibida. — Gwyneth inspirou fundo antes de continuar. — Eva, por sua vez, tentou Adão e o fez morder a fruta. Por isso os dois foram expulsos do Paraíso. Desde então a serpente passou a rastejar, os homens tiveram de trabalhar com o suor de seu rosto e as mulheres foram condenadas a dar à luz.

— Loki também tem o poder de mudar de forma — Ingunn explicou. — Ele ludibriou Fréia e vários outros deuses inúmeras vezes. Mas Odin sempre o perdoou.

Ingunn explicou que Loki era bonito, mas tinha temperamento caprichoso e maus instintos. Superava os homens na astúcia e sempre os enganava. Embora envolvesse os deuses em dificuldades, sempre acabava por livrá-los das mesmas, graças a artimanhas, à sua habilidade e inteligência.

— Vejo que Loki pode ser divertido, Ingunn. Satanás, porém, nada tem de engraçado. Por causa dele, as mulheres têm sido acusadas de pecadoras e de provocar a decadência da humanidade.

— Que horror!

— Afinal, foi Eva quem induziu Adão a morder a maçã proibida.

— Não gostei nem um pouco de sua história. Vá lá que se culpe Eva por comer a fruta, mas ela não tem culpa se Adão deu a mordida. A mim parece que ele é tão culpado quanto ela.

Gwyneth nunca pensara no assunto sob esse prisma. Na verdade jamais lhe ocorrera questionar os ensinamentos sagrados. Fitou Sèlig e arrependeu-se da atitude intempestiva.

— Se fosse eu — Ingunn aconselhou-a —, correria até ele e me ajoelharia a seus pés pedindo perdão.

— Não posso fazer isso! Ingunn deu de ombros.

— Então sinto muito, mas terá uma viagem longa e solitária.

Nos dias que se seguiram, Gwyneth teve de dar razão a Ingunn. Não somente Sèlig, mas os outros passaram a evitá-la, com exceção de Ingunn. E de Baugi.

Quando mais avançavam para o norte, mais o ar se tornava frio. Sozinha na tenda, Gwyneth agasalhava-se como podia com uma capa de lã. Sentia falta de uma fogueira. Quando a nau ancorava em algum trecho da costa, os homens acendiam fogueiras, caçavam, renovavam o estoque de água fresca e de frutas silvestres.

Pareceu-lhe que a viagem não terminaria nunca. Finalmente a ansiedade tomou conta de todos e Gwyneth deduziu que faltavam poucos dias para atingirem Hafrsfjord.

Gwyneth passou a mão nos cabelos embaraçados e lembrou-se de quando Sèlig os penteara. Sentia falta da proximidade dele e de seu calor. Pensava o tempo inteiro no que Sèlig faria quando chegasse a terra firme.

— Eu gostaria de saber se algum dia chegarei a tirar todos os nós de meus cabelos — Ingunn imitou os movimentos de Gwyneth.

— A primeira coisa que farei será tomar um banho e lavar os cabelos com água de chuva — Gwyneth afirmou.

Ela temia ficar no meio de pessoas estranhas sem a companhia de Sèlig para apoiá-la. Ora, talvez estivesse na hora de confiar mais em si mesma e de aprender a defender-se, como Érica fizera.

A beleza das terras do sol da meia-noite não era um mito, Gwyneth refletiu, deslumbrada. O tom de azul inacreditável do mar contrastava com as florestas verde-escuras e com as montanhas majestosas que se erguiam com suas coroas de neve.

— Aqueles são os fiordes — Ingunn apontou os braços de mar que penetravam entre os despenhadeiros e que permitiam a navegação das naus enormes.

— Nunca vi nada parecido antes! — Gwyneth exclamou, enquanto o navio seguia o rumo assustador entre as magníficas muralhas rochosas.

— Tome. — Sèlig se aproximou e entregou-lhe um pacote feito com um de seus mantos — É seu.

— O que é isso? — Gwyneth pensou em uma oferenda de paz.

— É o vestido de seda com que a presenteei. Achei que gostaria de usá-lo para ir até a casa de meu... de Ragnar. — O tom de Sèlig era indiferente. — Espero que não torne a envergonhar-me, recusando meu presente.

— Não! Eu... eu... eu sinto pelo que houve, Sèlig. Gwyneth reconheceu o nervosismo de Sèlig pela perspectiva de conhecer o pai.

— Não quero falar sobre isso. — Com olhar distante, Sèlig tocou no bracelete que Gwyneth lhe devolvera.

— Procure entender... Eu...

Sèlig nem lhe deu tempo para explicações. Apressou-se em atender um chamado de Roland.

Gwyneth desembrulhou o vestido. Queria que Sèlig se orgulhasse dela e esquecesse um pouco da amargura que florescera entre eles.

O Sea Dragon deslizava pelo fiorde como se tivesse asas. Gwyneth admirou-se com a grandiosidade das muralhas de rocha que se erguiam dos dois lados e entendeu que haviam chegado ao território de Ragnar Longsword.

Os marinheiros enrolaram a vela e ficaram em pé no deque, ansiosos para conhecer Hafrsfjord. Gwyneth espantou-se com o tamanho das casas. Mesmo de longe, pareceram-lhe bem maiores e mais numerosas de que as do povoado. Pelo menos umas sessenta eram visíveis. O dobro das que havia nos vilarejos de Wessex.

Roland levou aos lábios um chifre curvo e deu o sinal clique se tratava de uma missão de paz. As três notas foram respondidas por alguém que soprava uma trombeta no alto da colina. O navio de Torin os precedera e já estava sendo descarregado.

O Sea Dragon parou a poucos metros da costa. Os remadores estenderam os remos para fora e formaram uma ponte entre a nau e a terra. Vários homens dançaram sobre os remos, num gesto de ousadia. Um tentava superar o outro nos malabarismos. Eles se balançavam, subiam, desciam e davam pulos. Até Roland participou da festa e quase caiu nas águas azuis e profundas, quando resolveu arriscar-se em demasia.

Sèlig continuou no deque e Gwyneth entendeu que a inquietude não o animava a participar dos folguedos. Apesar de toda a explosão de raiva contra o pai, havia a preocupação de um menino ansioso por ser aceito. Gwyneth aproximou-se de Sèlig, disposta a apoiá-lo, apesar do que acontecera.

— Não saberei o que dizer nem por onde começar — Sèlig desabafou.

— Ragnar talvez o anteceda, procurando um entendimento... Gwyneth calculou que o encontro seria embaraçoso, pois Torin, ocupado com seu navio, nem tivera tempo de avisar Ragnar sobre a chegada do filho.

Sèlig segurou-a pela cintura e ajudou-a a deslizar por um dos remos até a praia. Gwyneth levava o vestido em uma das mãos e agarrou-se em Sèlig com a outra.

Era uma verdadeira aglomeração de casas a pouca distância do mar. Mas Gwyneth também percebeu uma que se equilibrava na parte mais elevada da costa, outra no alto da montanha e uma terceira incrustada em uma saliência muito acima do nível do mar. Gwyneth considerou que os escandinavos usavam qualquer espaço para construir um lar. Nos campos planos ou não, havia bodes, ovelhas e vacas, como em Wessex.

Caminharam por um longo trecho até um conjunto de construções de madeira. Eram os anexos. Um estábulo para abrigar os animais no inverno, celeiros para estocar a forragem, uma cavalaria, uma pequena ferraria e uma casa de banhos. Era um lugar bem mais confortável do que o assentamento. Gwyneth disse a si mesma que Sèlig seria um tolo se não assumisse o posto de herdeiro do pai, como era de seu direito.

Chegaram a uma construção de madeira, a maior de todas. Era o skaalen, o domicílio central comunitário. Ali eram feitas e servidas as refeições. Era o local que abrigava os festejos, os jogos, toda vida social. O telhado era de turfa e a base, de pedras. Em volta, via-se um passadiço de madeira, por onde se chegava a duas portas.

Gwyneth ingressou no hall e notou que o recinto tinha aberturas muito estreitas, providas de ripas que deixavam passar a claridade. Um buraco no teto permitia a saída da fumaça e a entrada dos raios solares. Como nas cabanas do povoado não havia janelas, por causa do clima frio.

Gwyneth virou-se ao ouvir um grito sufocado. Uma mulher grisalha fitava-os espantada. No pescoço, trazia correntes onde estavam penduradas muitas chaves.

— Quem é o senhor? Eu nunca o vi.

Sèlig hesitou e apertou o braço de Gwyneth, antes de anunciar de cabeça erguida.

— Sou o filho de Ragnar. Pode avisá-lo de que estou aqui.

Gwyneth não conseguiu tirar os olhos do gigante de cabelos loiro-escuros mesclados com fios brancos que parou na entrada, com a testa franzida. Nos cantos dos olhos, pés-de-galinha, e na face direita, uma cicatriz larga. Mesmo assim, podia-se deduzir que ele fora um homem muito atraente em sua juventude.

Sèlig não se parecia com ele, a não ser pelo nariz. Mas era impossível negar que fossem pai e filho. Tinham o mesmo porte majestoso.

— Ragnar Longsword!

Ragnar vestia uma túnica castanho-avermelhada com bordados azuis e vermelhos nas mangas e na barra. No corselete de couro, correias que desciam dos ombros e eram presas na altura do peito com fivelas. A calça era justa e marrom. Braceletes de ouro e prata enfeitavam os braços musculosos. Era realmente um homem magnífico.

— Torin o encontrou! — a voz grave do vice-rei não ocultava a emoção.

— Fui eu quem o achei. — Sèlig torcia as mãos, desejando estar longe dali.

— Pensei nesse momento inúmeras vezes, mas agora não sei o que dizer — Ragnar confessou com lágrimas nos olhos, antes de abraçar o filho.

O grande chefe escandinavo nem pareceu se importar com a falta de entusiasmo do filho.

Gwyneth observou detalhes do recinto enorme. No centro, uma lareira comprida. Nas vigas do teto pendiam correntes que sustentavam grandes caldeirões sobre o fogo. A um canto, um tear com diversas rocas e polias. Nas paredes, bancos enfileirados usados para sentar ou dormir. Na parede oposta, uma cadeira alta entalhada com figuras florais e geométricas. Gwyneth percebeu que representavam os deuses vikings. Nas mesas, uma profusão de alimentos.

— Quem é essa beldade? — Ragnar indagou. Sèlig desvencilhou-se dos braços do pai.

— É Gwyneth, de Wessex.

— Anglo-saxônia como...

— Isso mesmo!

— Ela é sua esposa ou...? Sèlig ficou ainda mais tenso.

— Eu a pedi em casamento, mas ela não aprecia costumes bárbaros.

Constrangida, Gwyneth corou até a raiz dos cabelos.

— Todas dizem isso. — Ragnar deu risada. — Mas mudam de idéia assim que ficam grávidas.

— E daí? — Sèlig não podia controlar o rancor. — Deverei abandoná-la e esquecer que ela existe?

Ragnar não escondeu a amargura.

— Nunca me esqueci de sua mãe. Ela mora em meu coração até hoje.

— Ela está morta!

O sofrimento da afirmação de Sèlig emocionou Gwyneth. Quis aproximar-se de Sèlig, mas Ragnar a impediu.

— Quando ela se foi, uma parte de mim também morreu. Cynnefed foi a primeira mulher a quem eu amei o bastante para casar-me.

— Mas não o bastante para levá-la consigo e oferecer-lhe sua proteção! — Sèlig deu as costas, disposto a partir e nunca mais voltar.

Ragnar segurou o filho pelos ombros e virou-o.

— E muito fácil falar quando nada se sabe a respeito. Por acaso tinha conhecimento de que implorei para sua mãe acompanhar-me por saber que estava grávida? E que ela insistiu em ficar? Que cumpri a promessa de voltar e a encontrei casada com outro homem? Um camarada covarde, odioso e vil? E que esse mesmo homem ameaçou a vida de meu filho, se eu voltasse a procurar novamente a minha mulher?

Ragnar fitou o rosto de Sèlig e soube a resposta.

— Não, vejo que não sabia... Não satisfeito de ter roubado minha mulher e meu filho, ele ainda conseguiu envenenar sua mente — Ragnar concluiu com amargura.

— Acho que teremos de conversar sobre muitas coisas que eu desconheço! — Sèlig afirmou.

— É isso que vamos fazer! Venha! — Ragnar segurou o braço do filho e os dois saíram do hall.

Capítulo XIV

Os boatos da presença inesperada de Sèlig no skaalen de Ragnar espalharam-se com rapidez. Em pouco tempo todos ficaram sabendo da novidade. E enquanto Sèlig se preocupava em recuperar o tempo perdido ao lado do pai, Gwyneth foi deixada à própria sorte em companhia das outras mulheres que a avaliavam como se ela fosse um animal raro. Elas a rodeavam como se executassem uma dança tribal entre a mesa e os caldeirões onde a comida borbulhava.

Gwyneth supôs que o fato se devesse por estar desarrumada e suja. A viagem fora longa. De maneira disfarçada, alisou o vestido vermelho amarrotado. De nada adiantou. O tecido estava manchado e o cinto de prata fosco por causa da salinidade. Seu maior desejo era fugir dali e juntar-se às suas conhecidas do assentamento.

— Isso lá são maneiras de saudar uma visitante? — a mulher grisalha que os recebera admoestou as outras que se comportavam como um bando de gralhas. — Astrid, depressa! Traga água quente e toalhas.

Em instantes, tudo foi trazido e Gwyneth pôde lavar o rosto e as mãos.

— Muito obrigada, senhora. Sem demora, a mulher deu a conhecer sua autoridade. Com recriminação e nenhuma palavra amável, distribuiu ordens não só aos servos mas também para as outras mulheres.

Gwyneth ouvira falar na importância e no significado das chaves usadas pelas esposas dos vikings. Aquela mulher carregava uma quantidade enorme delas. As chaves de prata estavam penduradas no cinto e nos broches presos nas ombreiras da túnica. Havia ainda mais duas no pescoço, pequenas e presas em uma corrente.

— Meu nome é Nissa — ela se apresentou, notando o olhar admirado de Gwyneth. — Uso muitas chaves pois Ragnar, meu marido, é um homem muito importante. — Pelo tom de voz, dever-se-ia supor que ela fosse responsável pela proeminência de Ragnar Longsword.

— O filho dele também é homem de grande mérito nas terras que adquiriu — Gwyneth afirmou, disposta a proteger a reputação de Sèlig e, por conseguinte, a própria.

Nissa avaliou Gwyneth dos pés à cabeça e depois sorriu com leve camaradagem.

— Creio que deve estar cansada da viagem. Poderá refrescar-se, se quiser. Eu a levarei ao local reservado às mulheres.

Nissa conduziu-a a um recinto pequeno cheio de cortinas. Disse para Gwyneth ficar à vontade e bateu palmas. Uma mocinha chegou em seguida.

— Não se constranja de pedir a ela o que precisar. Para isso é que servem os escravos.

Depois do aviso, Nissa foi embora, deixando Gwyneth entregue aos cuidados da menina magra. A garota tinha olhos grandes e expressão temerosa, na certa conseqüência de meses de intimidação por parte de Nissa.

— O que posso fazer pela senhora?

— Nada. Apenas fique aqui falando comigo. Conte-me tudo o que necessito saber a respeito da esposa de Ragnar.

Se tivesse de permanecer ali por algum tempo, seria necessário agir com inteligência. Não se deixaria dominar por Nissa. Como lhe parecera que acontecia com todas.

A menina descontraíu-se e, curiosa, observou Gwyneth tirar a roupa.

— Nissa administra a casa com mãos de ferro, embora não levante um dedo para ajudar. — A garota pegou a roupa suja de Gwyneth. — Ela tem uma enorme consideração por si mesma. Dizem até que ela imagina ser uma rainha. O mais sério é a habilidade que tem de torcer a verdade para se engrandecer e culpar os que considera como inimigos.

Gwyneth enfiou o vestido de seda azul pela cabeça. Sentiu-se arrepiada pelo contato do tecido suave e frio.

— Qual será a atitude dela perante meu... perante Sèlig, o filho de Ragnar que ela também não conhecia? — Já havia muita tensão entre Ragnar e Sèlig. Seria bom evitar maiores contratempos.

— Ficará melindrada, embora sem demonstrá-lo abertamente.

A moça explicou que Nissa era estéril e que sua maior frustração era não ter dado um herdeiro a Ragnar. Um filho que pudesse seguir os passos do pai e dar a ela maior segurança.

— Nissa poderá prejudicá-lo? A menina sacudiu a cabeça.

— Não. Ragnar apenas finge levar em conta a opinião dela. Mas se quer saber, acho que ele nem mesmo a escuta.

Gwyneth penteou os cabelos e deu um retoque final à sua aparência. Era surpreendente como uma mulher se sentia melhor quando se arrumava.

— Bem... isso não quer dizer que ele esteja seguro. — A menina espiou pelas cortinas, olhou por sobre o ombro e estremeceu. — O verdadeiro perigo para Sèlig vem de Herlaug, irmão de Ragnar. Não o subestime e acautele-se!

As águas calmas do fiorde nem de longe se pareciam com a disposição de Sèlig. Ele e o pai estavam no convés do Sea Dragon.

— Não há ninguém aqui. Meus homens já desembarcaram. Podemos conversar sem sermos ouvidos. — Sèlig apoiou-se na amurada.

Ragnar nada disse durante alguns minutos. Limitou-se a observar o rosto do filho.

— Como deve ter-me odiado esses anos todos! — Ragnar inspirou fundo. — E pelo que vejo em seu olhar, continua a detestar-me.

— O ódio é um sentimento muito poderoso e difícil de dominar. Ainda mais quando se torna um hábito. Além disso, como posso ter certeza de que me dirá a verdade sobre o que aconteceu?

— Por que eu não minto e lhe dou minha palavra de nórdico que amei sua mãe. Fizemos planos para a minha volta. Toda a infelicidade que sofremos depois disso pode ser atribuída a apenas um homem...

— Meu padrasto.

— Ele não é digno desse nome.

— Sou obrigado a concordar, levando em conta o sofrimento que ele infligiu a mim e à minha mãe.

— Ele o fez sofrer muito? Sèlig anuiu.

— Quando nosso reduto foi invadido e minha mãe foi levada como refém, ele não levantou um dedo para libertá-la. Nem mesmo tentou negociar com o inimigo, oferecendo soldados capturados em troca da vida da esposa.

Sèlig mordeu o lábio, com dificuldade de controlar as emoções.

— E... — Ragnar antecipou o que viria.

— Como o senhor deve saber, minha mãe conhecia a arte de curar. Quando se tornou evidente que ela não teria valor como garantia na guerra em curso, eles a queimaram, acusando-a de bruxaria!

— O quê? — Ragnar empalideceu, embora houvesse testemunhado as maiores atrocidades. — Não! Eu soube de sua morte, mas nunca poderia imaginar um horror desses!

— Pois foi o que aconteceu.

— Vamos! Reunirei um exército e marcharemos contra Edgard. Eu o farei pagar pelo que fez!

Sèlig segurou o pai pelo braço.

— Eu já vinguei a morte de minha mãe! Edgard está morto! Todos aqueles que levantaram um dedo contra ela pagaram com sangue pela traição.

Sèlig procurou resumir os fatos que haviam transcorrido durante aquele tempo todo. Revelou a Ragnar como fora sua infância e o tratamento que recebera do marido de sua mãe. Não deixou de mencionar o amor e a alegria que ela representara em sua vida. Contou que ela sempre amara Ragnar e que nunca perdera a esperança de tornar a encontrá-lo. Ragnar emocionou-se profundamente.

— Nem pode imaginar o quanto eu desejava poder vê-la, nem que fosse por alguns momentos. Mas eu temia que o ciúme e a ira do marido fossem um preço demasiado alto para ela pagar. Fiz o que achei melhor para proteger minha mulher e meu filho. Fui embora. Talvez eu tenha errado. Eu deveria ter provocado aquele bastardo! Devia ter invadido sua mansão e arrancado das mãos dele o que me pertencia!

— Não adianta lamentar o passado. — Sèlig passou a ver os fatos com outros olhos. — Se formos racionalizar a culpa, eu tenho de carregar uma boa parte dela. Eu saí de casa quando minha mãe mais precisava de mim. Por minha ambição, ela pagou com a vida.

Ragnar sacudiu a cabeça com energia.

— Não é verdade! Ninguém tem o poder de adivinhar o futuro.

Os dois homens ficaram em silêncio, contemplando as águas mansas.

— O que o senhor acha de meu navio? — Sèlig quebrou a tensão. — Desde o começo supervisionei todos os estágios da construção e eu mesmo entalhei a cabeça do dragão.

Ragnar deu uma volta no deque e examinou a execução e o acabamento, resmungando palavras de louvor.

— Tenho a impressão de que meu filho é tão bom construtor naval quanto conhecedor de mulheres. Gwyneth é uma jovem adorável. Uma jóia rara.

O sorriso de Sèlig foi de orelha a orelha.

— É verdade, ela é mesmo.

Sèlig não titubeou em contar como ela o libertara. Revelou que, a partir da fuga, conseguiu reunir uma tripulação, construir embarcações, estabelecer um assentamento do lado oposto à ilha de Man e atacar a costa dos territórios onde fora escravizado.

— Meu filho, isso é um exemplo dignificante de como se pode transformar a adversidade em triunfo. Sua história é motivo de orgulho para mim.

— Eu não teria feito nada disso, se não fosse Gwyneth. — Com o olhar inundado de ternura, Sèlig revelou outros fatos sobre a bondade de Gwyneth. — Ela me proporcionou uma razão para viver. Eu aguardava ansiosamente suas visitas que iluminavam meus dias funestos.

— E por isso criou laços que o prenderam a ela.

— Muito mais do que isso. Eu a amo. Nunca amei ninguém antes. Ela tornou realidade o meu sonho a respeito de uma mulher. É bela, corajosa e dedicada. O único empecilho entre nós é sua profunda crença religiosa. Gwyneth é cristã.

Ragnar estalou a língua.

— A mulher a quem eu amava também era. Acredite, não será fácil fazê-la aceitar nossos costumes.

— Não me cansarei de tentar! Não posso viver sem ela!

Grandes toras de pinho queimavam na cova central do hall de Ragnar. O cheiro da fumaça misturava-se ao do junco fresco, do cozido de repolho e carne e das outras comidas já prontas. Na mesa enorme, uma sucessão de travessas e tigelas com peixes, aves, manteiga, frutas e pães pretos de centeio. A profusão de pratos era uma prova de que havia fartura na casa de Ragnar.

De acordo com sua posição social, Ragnar tinha muitos escravos. Vários deles iam de um lado a outro, empenhados em tirar os pães já assados de cima das pedras quentes e levá-los à mesa.

O hall encontrava-se lotado de homens e mulheres que tinham vindo celebrar o encontro de Ragnar com o filho. Gwyneth procurou entre os presentes alguém parecido com a descrição de Herlaug feita pela jovem escrava. Não encontrou. Nisso a porta foi aberta com um forte empurrão e um homem grande, musculoso e cheio de cicatrizes de batalhas entrou, pisando duro.

Gwyneth estremeceu. Mas não saberia dizer se fora pelo aspecto temível do recém-chegado ou pela advertência da escrava. O fato era que se sentiu ameaçada com o olhar dele. Entendeu de imediato que teria de precaver-se sempre na presença — ou até na ausência — de Herlaug.

Lembrou-se de Érica ter-lhe contado que Herlaug tentara raptá-la.

Ele tentará fazer o mesmo comigo? Ou o objetivo atual seria Sèlig?

— Onde está meu sobrinho? — Herlaug berrou. — Quero vê-lo!

Sem esperar resposta, Herlaug viu Sèlig no meio dos outros e aproximou-se.

— Bem-vindo à família!

Herlaug puxou Sèlig pelo braço e afastou-se com ele, como se o conhecesse desde o berço. Gwyneth notou o sorriso forçado de Herlaug, a amabilidade fingida, as batidas exageradas nas costas. No entanto tranqüilizou-se ao perceber que a reação de Sèlig diante do tio era de cautela e desconfiança. Talvez Torin o houvesse esclarecido sobre as características perigosas do irmão de Ragnar.

— Disseram-me que veio com uma mulher que pertence ao povo anglo-saxão. Gwyneth ouviu-o comentar e fitá-la com olhar despudorado. Ela usava o vestido de seda azul e um cinto de ouro. A lágrima do dragão estava escondida sob o corpete. Admitiu, sem falsa modéstia, que estava com aspecto radioso. Mas, sob a observação atenta de Herlaug, sentiu-se murchar como uma flor no estio. Ele tinha um olhar letal.

Decidiu esquecê-lo. Sentou-se ao lado de Nissa e guardou um lugar a seu lado para Érica. Como era costume entre os vikings, os homens sentavam-se em uma das pontas e as mulheres na outra. A distância era grande para escutar o que Herlaug dizia, mas Gwyneth percebeu que ele falava o tempo todo com o sobrinho que havia muito estava perdido.

Nissa apresentou-a às tias e primas de Sèlig, mulheres da família de Ragnar. Elas usavam trajes muito melhores do que as mulheres do assentamento de Sèlig. Os tecidos eram de cores vivas. Amarelo, azul, verde ou vermelho. Roupas franzidas, de mangas curtas ou sem mangas. Mas nenhuma tão bela quanto o vestido azul-safira, presente de Sèlig.

Os vestidos eram fechados no pescoço com tiras. Por cima deles trajavam túnica de lã fina presa com um par de broches ovais, de onde pendiam correntes. Nessas, estavam penduradas facas, agulhas, pentes e outros objetos. Algumas usavam capas. Os cabelos eram penteados para trás e cobertos com um faixa de tecido amarrado na nuca. Gwyneth preferira tranças que enrolara no alto da cabeça.

— Então a senhora nasceu no território dos anglo-saxões — uma das mulheres comentou, olhando-a de cima a baixo.

— Sou de Wessex — Gwyneth respondeu, orgulhosa.

— Wessex... Não foi onde meu primo foi mantido como escravo? — A mulher sentada em frente de Gwyneth fitou-a, acusadora, como se a culpa coubesse à recém-chegada.

— Isso mesmo! Foi onde conheci Sèlig.

Gwyneth procurou Sèlig com o olhar. Sentado entre o pai e o tio, conversava com os dois. Vestido com uma túnica verde bordada em azul e vermelho nas mangas e na barra, pareceu-lhe ainda mais atraente de que antes. Teve vontade de abraçá-lo e beijá-lo.

— A senhora também era escrava?

— Não!

Pelo olhar das mulheres, era fácil deduzir que esperavam maiores esclarecimentos.

Por um momento, Gwyneth imaginou-se de volta à casa onde nascera. Suspirou, saudosa.

— Trata-se de uma longa história. Meu pai era um homem importante, assim como Ragnar. — Impossível saber se o pai estaria bem e, sobretudo, se ficara a salvo dos planos traiçoeiros de Alfred.

Intrigadas, as mulheres fizeram mil perguntas. Só pararam quando Ragnar bateu na mesa com a faca. Era o sinal de que a refeição começava oficialmente.

— É melhor aplacar a fome depressa — uma das primas advertiu e casquinou risinhos. — Ragnar avisa quando termina de comer. Os pratos são retirados, mesmo que não tenhamos terminado de mastigar.

— Isso mesmo — outra confirmou. — Não percamos tempo. O apetite de Ragnar já não é o mesmo de antes...

Gwyneth recordou-se do comentário de Érica a respeito da doença do pai e notou a palidez do rosto bronzeado. Abatido, Ragnar passava a mão na cabeça a todo instante.

Se algo acontecesse a Ragnar e Sèlig fosse escolhido como sucessor, Herlaug se tornaria mais perigoso?

Apesar das desconfianças, Gwyneth decidiu aliar-se à descontração reinante. As refeições eram sempre alegres e barulhentas. E naquela noite havia mais risos e mais gritaria.

Os homens se jactavam de suas peripécias e contavam histórias que na certa se estenderiam até a madrugada. Eles mergulhavam os copos feitos de chifre na grande barrica de hidromel. A bebida provocava mais risos e mais tagarelices. Acotovelavam-se para ficar mais perto de Sèlig, o convidado de honra. Estavam ansiosos para ouvi-lo contar

façanhas e fazer relatos sobre os tesouros que trouxera de Wessex. Enquanto esperavam, divertiam-se com disputas. Quem bebia mais, quem seria o vencedor dos jogos de tabuleiros. Cada um procurava falar mais alto de que o outro.

— Basta! — Ragnar ordenou. — Agora vamos falar sobre a volta de meu filho!

A porta foi aberta. Érica e Torin haviam chegado. Entregaram as capas a um escravo e caminharam em direções opostas. Érica sentou-se com a mulheres e Torin, ao lado dos homens.

— Considero-me o mais privilegiado dos homens! — Ragnar afirmou, sorridente. — Estou acolhendo sob meu teto meu filho e minha filha!

Apesar de honrado, Sèlig não pôde evitar a melancolia. Fizera planos para anunciar o casamento com Gwyneth diante de todos. Se ela não o houvesse rejeitado... Viu-a sentada ao lado de Érica e concluiu que o pai estava certo ao afirmar que seria apenas uma questão de tempo.

Poderia persuadi-la a desistir da própria religião e a acatar os costumes nórdicos? Ou as diferenças seriam uma eterna muralha entre eles?

Ragnar fez um sinal para o escaldo, o poeta da nação viking, que logo pegou a harpa. A melodia acompanhou uma narrativa sobre heróis antigos e nunca esquecidos. Aventuroiros, orgulhosos e aspirantes à glória, esses homens haviam se sobressaído nas batalhas e zombado da morte, honrando o povo escandinavo. A multidão reunida rompeu em aplausos quando o trovador avisou que brindaria os presentes com a história de Sèlig.

Gerado pelo mais corajoso dos homens, deixou os ingleses a seus pés. Embora houvessem tentado acorrentá-lo, ele se ergueu e enfrentou as perigosas marés. Pelo oceano de Odin o Sea Dragon navegava e a espada de Sèlig jamais falhava. Armado com seu orgulho e com suas armas, conquistou as terras dos que o dominaram. Honra ao conquistador...

Ao final da trova, Sèlig foi até o barril e encheu o copo de chifre com a bebida fermentada. Sentou-se e sob o efeito do hidromel, tornou a imaginar qual seria a reação de Gwyneth diante do anúncio do enlace.

— Sei no que está pensando — Herlaug cochichou. — Mal pode esperar a hora de atacar novamente os ingleses.

— Pelo contrário. Chega de carnificina. Por enquanto, quero viver em paz.

Os convidados continuaram a comer e a beber. Escutava-se o ruído de batidas dos copos e das colheres e facas que raspavam os pratos. Satisfeitas a fome e a sede, os

nórdicos começaram a bater na mesa com os canecos, ansiosos para escutar o relato do homenageado.

— Sèlig! Sèlig! Sèlig!

Sèlig levantou-se e pediu silêncio com a mão estendida.

— Sei que não posso competir com a poesia de nosso escaldo. Entretanto tenho algo a dizer que poderá interessá-los.

Sèlig manteve a platéia fascinada com seu relato. Falou sobre a beleza e a graça da mãe, a fuga de casa, a captura como escravo e a bondade da jovem que arriscara o próprio bem-estar para libertá-lo.

Sèlig não tirava os olhos de Gwyneth. Ele a amava acima de qualquer coisa no mundo. Mas não negaria suas origens. Teria de fazê-la entender que os vikings não eram os bárbaros terríveis como ela imaginava que fossem.

— Sèlig está bebendo muito — Gwyneth comentou com Érica.

— É por estar na companhia dos outros. — Érica, observando Torin, explicou que fazia parte da cerimônia beber nos chifres entalhados de boi. — Os homens encaram a bebida como um teste. Ou melhor, um desafio. Se desistirem, serão objeto de escárnio. Um homem precisa ter estômago forte para enfrentar a disputa.

Gwyneth ficou imaginando se algum dia se acostumaria com os costumes vikings. Resolveu falar com Érica a respeito do que a preocupava.

— Como pode uma cristã viver entre os escandinavos e não estremecer quando eles desafiam Deus com os rituais pagãos?

— É preciso enxergar os fatos com a mente aberta. Verá que, sob vários aspectos, as crenças deles não são tão diferentes das nossas. Eles acreditam que a vida não se extingue quando alguém morre. Passa-se para outro nível de existência. Assim como nós acreditamos em outra vida após a morte.

— Mas eles vão para Valhala e nós para o céu.

— Não pode ser um nome diferente para o mesmo lugar?

— Essa idéia não me ocorreu — Gwyneth comentou, mais aliviada.

Em vez de julgar, talvez fosse melhor tentar compreender.

— Sei que ama Sèlig. O amor opera milagres.

Do outro lado da mesa, Sèlig observava Érica e Gwyneth entretidas na conversa. Desconfiou que falavam dele, quando Gwyneth o olhou e desviou rapidamente a vista. Esperava que Érica estivesse agindo como pacificadora.

— Ora, vejam. Meu irmão me disse que o senhor entalhou a cabeça de dragão de seu navio e que supervisionou todas as etapas — Herlaug comentou com Sèlig.

— Foi sim.

— Qualquer dia poderíamos navegar juntos. Tenho amigos em número suficiente para formar uma tripulação. Poderíamos conhecer o território que o senhor conquistou.

Sèlig sacudiu a cabeça. Não confiava em Herlaug. E não apenas pelo que Torin lhe contara. Um pressentimento estranho o advertia contra o tio.

— Não creio que fosse uma boa idéia. Venho viajando com meus homens há muito tempo. Trabalhamos em conjunto como se fôssemos um só homem.

— Se quiser, poderá assumir o comando da embarcação — Herlaug fez pressão.

Sèlig negou novamente com um gesto pausado de cabeça.

— No meu navio, quero meus homens.

Herlaug deu de ombros e riu quando um dos jovens guerreiros virou o copo com hidromel na túnica.

— Posso entender, meu querido sobrinho. Bem, talvez eu possa persuadi-lo a avaliar meu barco e dar-me alguns conselhos de como poderei tornar-me um viking tão bem-sucedido como o senhor!

Embora tivesse reservas quanto a confiar em Herlaug, Sèlig não enxergava perigo em inspecionar a nau do tio.

— Sua opinião abalizada será muito útil para tornar minha embarcação mais eficiente — Herlaug insistiu, sem dar oportunidade para Sèlig desistir. — Irá conhecê-la amanhã.

As comemorações estenderam-se noite adentro, com excesso de bebida e de contadores de histórias. De quando em vez estourava uma rixa entre os bebedores. Frustrada por não ter podido falar com Sèlig, Gwyneth acompanhou as outras mulheres que se retiraram para dormir.

— O que aconteceu com Sèlig, Gwyneth? — Érica preocupou-se e decidiu acompanhar a amiga até a porta do quarto. — Apesar das aparências, reparei que os dois estão tensos.

— Bem... Sèlig deu-me um de seus braceletes e anunciou nosso noivado diante dos membros do povoado.

— Então minha imaginação trabalhou demais.

— Antes fosse. Tudo saiu errado e por minha culpa. — Gwyneth contou a Érica como ficara horrorizada por que o bracelete tinha o formato de uma cobra e por isso o recusara.

— Recusou!

— É verdade. — Gwyneth massageou as têmporas que latejavam. — Pode acreditar. Lamento minha atitude todos os dias. Eu jamais deveria ter feito isso na frente dos outros. Eu o humilhei e despedacei seu orgulho. Não sei o que fazer para reparar o mal cometido.

— E se ele lhe pedisse novamente para casar-se com ele segundo os costumes nórdicos?

Gwyneth não respondeu e despediu-se de Érica.

Deitada na cama enorme, perguntou várias vezes a si mesma se arriscaria a alma pelo amor de Sèlig.

O quarto era pequenino e construído no canto do grande hall. Cabia apenas a cama e sobrava um espaço diminuto para circulação. Gwyneth mexia-se sem parar no colchão de palha. De minuto em minuto olhava a porta estreita, esperando que Sèlig a abrisse.

— Sim! Eu me casarei com ele em qualquer cerimônia que lhe agrade — ela murmurou.

Não podia duvidar de que Sèlig a amasse. Ele já demonstrara esse amor inúmeras vezes. Tanto em atos quanto em palavras.

Gwyneth escutou passos e ficou tensa. Alguém a olhava, parado na entrada. Era Sèlig. Pensou em atirar-se nos braços dele e dizer-lhe o quanto o amava. Não houve tempo. Ele se virou e foi embora.

— Amanhã...

Érica lhe perguntara se casaria com Sèlig segundo os ritos nórdicos. No dia seguinte confessaria a Sèlig o quanto o amava e pediria para que se casasse com ela.

Capítulo XV

As águas azul-esverdeadas batiam nas rochas costeiras e espumavam. No ar, cheiro de peixe e de algas secas pelo sol. Apesar de ser verão, o vento da manhã era frio. Sèlig seguia a pé, ao lado do "tio querido" até onde o navio dele estava ancorado. Apesar de não gostar de Herlaug e de não confiar nele, não pudera recusar uma inspeção no barco.

— Está muito longe? — Sèlig perguntou, vigiando Baugi para que não atacasse o tio.

Baugi, amigável com a maioria das pessoas, não parava de rosnar para Herlaug.

— Não. Fica na enseada, logo depois daquela curva de pedras — Herlaug respondeu, irritado com o cachorro que insistia em mostrar-lhe os dentes. — Que animal mais arisco!

— Baugi? — Sèlig sacudiu a cabeça. — Não. — Admoestou o cão com firmeza. — Não sei o que deu nele, tio Herlaug. Deve ser a mudança de clima. Dê-lhe algum tempo. Depois de familiarizado, ele é muito dócil.

— Tem certeza de que ele não vai me morder? — Herlaug tocou no punho da espada embainhada.

— Absoluta. — Sèlig deu risada e procurou aliviar a tensão reinante. — Seria mais fácil eu morder de que ele!

— Poderíamos deixá-lo amarrado a uma árvore... Sèlig sentiu explodir o senso de proteção.

— Nada disso! Desde que Baugi está comigo, nunca o deixei amarrado. Como eu, ele precisa de liberdade.

Tio e sobrinho continuaram o trajeto e não se falou mais no cachorro. Quando chegaram à angra, Sèlig espantou-se com o tamanho do navio que oscilava nas águas turbulentas.

— Mas é enorme! — Era a maior embarcação que Sèlig já vira. Talvez o problema fosse exatamente esse. Uma nau corpulenta demais. Sèlig preferia embarcações menores. Mais fáceis de manobrar e mais velozes.

— É a maior e a melhor! — Herlaug não fingiu modéstia ao apontar a vela preta e branca com a figura de uma serpente enrolada. — É o Serpent Strike.

Eles se aproximaram mais um pouco e Sèlig viu a cabeça de serpente esculpida na proa com as presas expostas no maxilar aberto. Como se estivesse pronta para dar o bote. Lembrou-se da aversão de Gwyneth por cobras e observou que a figura lembrava mesmo algo maléfico.

— Venha olhar de perto. Assim poderá dar-me alguns conselhos. — Herlaug fez um gesto largo com a mão.

Sèlig subiu a bordo e caminhou da proa à popa, analisando o barco com os olhos e com as mãos. Notou os detalhes do entabamento sobreposto, as extremidades pregadas em uma chapa metálica, a calafetagem com pêlos de animais alcatroados entre as pranchas para manter a quilha hermética.

Todas as embarcações tinham algumas características em comum. O casco era simétrico e ligeiramente curvo nas extremidades, na proa e na popa. O piso de táboas era amarrado no madeiramento, mas não na quilha, o que proporcionava uma estrutura flexível. Alguns barcos eram presos com pregos ou cavilhas de madeira. O de Herlaug tinha pregos de ferro.

— O construtor fez um belo trabalho, não posso negar, mas...

Herlaug mostrou-se impaciente.

— Mas o quê?

Sèlig mirou os orifícios dos remos que ocupavam todo o comprimento do navio e decidiu ser sincero.

— Esta embarcação é para ser admirada, mas não tem grande poder de navegabilidade. — Sèlig forçou um sorriso. — Não duvido de que o senhor pretenda assustar os inimigos com o porte do navio, para que se rendam com maior facilidade.

Herlaug não escondeu o desprazer com a conclusão de Sèlig.

— Construir Serpent Strike custou-me uma fortuna. Se fiz isso foi porque tinha grandes planos em mente. Há terras a oeste à espera de serem conquistadas.

— Então ouça meu conselho. Construa outro navio. Mais leve e mais rápido. Este será pesado demais para enfrentar os mares!

Depois de um silêncio longo e tenso, Herlaug deu uma risada desagradável.

— Eu queria uma avaliação honesta. E, pelo martelo de Tor, foi o que consegui. — Tentou aproximar-se de Sèlig, mas recuou diante do rosnado de Baugi. — Não julgue esta nau com tanta leviandade. Permita-me demonstrar que até mesmo um barco de grande porte pode ser ágil.

Absorto em examinar a nau, Sèlig não notara a aproximação de vários homens. Eles subiram no convés e tomaram posição junto aos remos. Tenso, foi acalmado por Herlaug.

— Estaremos de volta a tempo do dagveror, nossa refeição matinal. — Bateu palmas. Era o sinal para os homens começarem a remar. — Vê minha serpente? Está ansiosa para abocanhar as ondas.

Os marinheiros suaram muito até o barco monstruoso alcançar o oceano. A vela foi içada e logo chicoteada pelas lufadas de vento forte. Não demorou para alcançarem as águas do Mar do Norte, seguidos por um bando de gaivotas que gritavam.

Sèlig não escondeu a surpresa diante da rapidez com que se movia um navio tão grande.

— Talvez seu construtor conheça algum segredo náutico.

— Acertou. Eu arranquei o segredo dele. — Herlaug perscrutou o horizonte, enquanto a embarcação se afastava da costa.

— Tenho de dar a mão à palmatória, meu tio. Mas se pretendemos voltar a tempo do dagveror, será melhor virar o barco para o ponto de partida — Sèlig sugeriu, ansioso para pisar novamente em terra firme.

A tripulação de Herlaug não o agradava, embora não pudesse esclarecer o motivo. Uma sensação esquisita que não o abandonava.

— Sua palavra é lei a bordo do Sea Dragon. No Serpent Strike, o comando é meu — Herlaug respondeu com um sorriso falso. — A manhã mal começou. Os beberrões da noite passada estarão com os olhos embaciados e nem mesmo notarão nossa ausência. Além do mais, duvido que terminarão com a comida. Deverão estar enjoados e com muita dor de cabeça.

Sèlig desistiu de protestar e procurou afastar a apreensão. Como o tio afirmara, os marinheiros estavam sob as ordens dele. Mesmo assim, a confiança era um sentimento delicado e não obrigatório.

O navio dirigiu-se para oeste, e Sèlig não teve mais dúvidas.

Algo de errado estava acontecendo e Baugi compartilhava de seu pressentimento.

— Sou mesmo um tolo — Sèlig murmurou para si mesmo. — Deveria ter escutado os avisos de meu cão. O que poderia fazer? — Voltem! — gritou para os marinheiros de Herlaug.

— Eles não o escutarão, sobrinho. Estão sob o meu comando.

— E quais são suas ordens, meu tio? O bom humor de Herlaug cessou de imediato e ele fitou Sèlig com ódio.

— Livrar-me do senhor!

— Mas por quê? — Sèlig sentiu o sangue congelar nas veias. — Não lhe fiz nenhum mal.

— Ora, eu quero ser o vice-rei! Simples, não é mesmo?

— E quanto a meu pai?

— Acha que me contentarei de ser a sombra de Ragnar para sempre?

A traição de Herlaug atingiu Sèlig como uma vergastada, ao antecipar o destino do pai.

— O senhor pretende matá-lo. Herlaug nem mesmo tentou negar.

— Assim que eu me livrar de alguns problemas inesperados!

— De mim e de Érica!

— E de um terceiro fedelho que está não sei onde... — Herlaug estreitou os olhos, como se procurasse localizar no horizonte o paradeiro da outra ameaça a seu vice-reinado.

— Como pode fazer isso com o próprio irmão?

— Oponentes, melhor dizendo, embora o tolo de meu irmão não enxergue isso. Ele nem mesmo sabe como eu o odeio por ter nascido um ano antes de mim!

Sèlig precisava defender a honra do pai, mesmo arriscando-se a aumentar a ira do tio.

— Ragnar não herdou tudo o que tem. Ele lutou muito durante sua vida para conseguir isso.

— E eu também. Sempre ao lado dele. Como foi que ele me recompensou? Decidiu nomear como sucessor um de seus filhos que nem conhecia. — Cuspiu no deque. — Isso é gratidão?

— Ragnar é um bom homem e tem boas intenções. Herlaug deu de ombros.

— Bons homens morrem.

Sèlig rangeu os dentes. Procurou controlar o temperamento. Ainda não aprendera a decifrar a crueldade e a traição humanas.

— O senhor é o responsável pela doença de meu pai! Nem dessa vez Herlaug negou.

— Com a ajuda de uma mulher sejd.

— Elas deviam ser curandeiras e não...

— Nada que um pouco de âmbar e de ouro não resolva. Inquieto, Sèlig fitou o oceano, pensando em como faria para salvar-se. Depois de confessar-lhe o que planejava fazer, Herlaug não o pouparia.

— O que vai fazer comigo?

— Vendê-lo como escravo. Sèlig preferia a morte.

— Nunca! Se é isso o que tem em mente, será melhor matar-me agora! Jamais voltarei a ser escravo!

Sèlig jogou-se em cima de Herlaug e derrubou-o, sob os latidos frenéticos de Baugi. Tio e sobrinho rolaram no deque, enquanto a tripulação gritava.

— Agarrem-no! Tirem-no de cima de mim! — Herlaug gritou — e corte a garganta desse maldito cachorro!

Quatro homens avançaram sobre Baugi, mas a fúria do animal manteve-os a distância. Sèlig não teve tanta sorte. Estremeceu de dor ao ser agarrado por trás. Fingiu desmaiar e aproveitou-se do momento em que os captores afrouxaram o aperto. Virou-se e deu um soco no homem que o segurava. O sequaz de Herlaug estatelou-se no convés.

— Idiotas! Peguem-no!

Sèlig olhou para os lados. Eram muitos. Não poderia lutar com todos. Teria de fazer alguma coisa antes de ser contido, amarrado e amordaçado.

— Baugi! — Sèlig correu para a amurada e pulou, sem dar tempo para Herlaug reagir.

A água gelada tirou-lhe o fôlego. Ao submergir, o rugido das águas estourou em seus ouvidos. Os pulmões ameaçavam queimar, mas Sèlig não respirou.

O peito queimava e Sèlig pensou que fosse morrer. Mas a imagem de Gwyneth deu-lhe novo ânimo. Lutou contra a sepultura marinha com todas as forças e veio à tona. Tornou a respirar e sentiu-se reviver. Não soube dizer se os olhos estavam embaçados pela névoa do oceano ou pelas lágrimas.

Olhou para cima. O Serpent Strike balouçava como uma verdadeira serpente do mal.

Alguma coisa o empurrou. Baugi. O cachorro o seguira e lambem pulara do navio de Herlaug para salvá-lo.

— Bom menino!

A presença do animal incentivou-o. Juntos, conseguiriam voltar à margem. Ou não?

Uma grossa nuvem de fumaça que subia da lareira tomava conta do hall, enquanto as mulheres preparavam a refeição matinal. Falavam sobre os afazeres do dia. Gwyneth deixou o balde de madeira na mesa e esfregou os olhos que ardiam por pausa da fumarada. Logo cedo Érica lhe mostrara como ordenhar uma cabra. Cumprira a tarefa com êxito, o que a deixava satisfeita.

— Estou me tornando uma viking. — Fizera um longo trajeto desde que deixara de ser a filha mimada de pais abonados.

— Chegou a tempo de comer o mingau de cevada. — Érica pegou a caçamba. — Vai falar com Sèlig?

— Se puder encontrá-lo! — Gwyneth olhou em direção das mesas, mas não o viu. — Ele não costuma dormir até mais tarde.

— Todos se excederam na bebida ontem à noite. Torin saiu da cama há pouco, mas só depois de eu ter-lhe puxado os cabelos. — O sorriso de Érica feneceu depois de escutar o cochicho de uma das escravas. — Gwyn...

— O que houve? — Gwyneth desconfiou. — Sèlig?

— Astrid disse que o viu esta manhã ao lado de meu tio.

— Herlaug? — Elas se entreolharam.

— Depressa! — Com Gwyneth em seu encalço, Érica percorreu o recinto, perguntando a cada um sobre o paradeiro de tio e sobrinho, até reunir as peças do quebra-cabeça.

— Herlaug levou Sèlig para ver a embarcação dele — um dos homens informou.

Gwyneth esforçou-se para não entrar em pânico, a despeito do que ouvira contar sobre o irmão de Ragnar.

— Não estou gostando nada disso! — Érica exclamou. — Herlaug não é digno de confiança. Ele raptou meu irmão Geordie, queimou a minha casa e tentou seqüestrar-me. Ele poderá fazer alguma maldade com Sèlig.

— Temos de ir atrás deles! — Gwyneth teve de concordar com Érica.

— Ninguém sabe do que Herlaug é capaz!

As boas intenções de Gwyneth de nada valeram. Herlaug não deixara pistas nem dissera para onde pretendia ir. Não restava outra coisa a ser feita, a não ser aguardar e olhar a porta, na esperança de que Sèlig aparecesse.

O que de fato não aconteceu, apesar das preces de Gwyneth.

Foi Herlaug quem surgiu na entrada.

— O que houve? Onde está Sèlig?

Herlaug entrou e fechou a porta com uma batida. Largou-se em uma cadeira próxima e apoiou a cabeça entre as mãos.

— Aconteceu um acidente terrível!

— Acidente? — Gwyneth tampou a boca com as mãos para abafar a histeria.

Algo acontecera com Sèlig. E não fora um acidente.

Fingindo constrangimento, Herlaug contou que ele e Sèlig haviam decidido levar o Serpent Strike ao mar para que Sèlig pudesse avaliar a navegabilidade dele.

— Fomos abalroados!

— Abalroados? — Ragnar repetiu, chegando naquele instante. — E por quem?

— Pelo quê, seria melhor perguntar. — Herlaug tecia a história falsa com cuidado. — Por uma baleia. A maior que eu já vi. — Abriu os braços. — Quase do tamanho da embarcação.

— O que houve com Sèlig? — Gwyneth tentava manter a calma pelo menos aparente.

— Esse meu sobrinho é um verdadeiro herói — Herlaug louvou-o. — Resolveu verificar pessoalmente se o navio sofrera algum dano. Nós o abaixamos pela lateral, amarrado por uma corda, quando...

— O que houve? Fale, em nome de Deus! — Gwyneth exigiu.

— Fomos atingidos novamente pela baleia. A corda rompeu-se e Sèlig foi atirado na água. Procuramos por ele, mas não conseguimos encontrá-lo.

— Não conseguiram? — Ragnar empalideceu e segurou-se na porta para não cair.

— Foi como se o oceano, ou talvez a baleia, o houvesse engolido...

— Não! — Ragnar desesperou-se.

Gwyneth não conseguia articular nenhuma palavra. Quedou-se imóvel, encarando Herlaug, enquanto o coração gritava não, não, não!

— Meu filho! Não pode ser! Mal acabei de encontrá-lo! De repente, Gwyneth perdeu o controle. Avançou contra Herlaug e, com os punhos fechados, bateu no peito e nos braços do irmão de Ragnar.

— O senhor está mentindo! Mentindo!

— Ah, antes estivesse. — Herlaug segurou-a pelos pulsos como se ela fosse uma criança. — Acalme-se. Está muito nervosa. Sèlig está morto e nada o trará de volta.

— E Baugi?

— Cão maldito! — Herlaug murmurou, antes de responder em voz alta. — Afogou-se.

Gwyneth teve certeza de que Herlaug mentia. Vira Baugi efetuar salvamento no mar. O cachorro nadava como uma foca.

— O senhor matou Sèlig! Tenho certeza disso! Foi o senhor quem o matou! Assassino! Assassino! — Gwyneth tremia sem cessar. — Primeiro o senhor tentou livrar-se de Érica e agora fez o mesmo com Sèlig!

— Herlaug, onde está o corpo de Sèlig? — Érica questionou. — Precisamos prepará-lo para o enterro. — Transtornada, com o coração sangrando, chegou perto de Gwyneth para amparar a amiga.

Em segundos, Herlaug veio com outra mentira.

— Procuramos por todos os lados, mas não o achamos. — Suspirou. — Meu sobrinho teve uma sepultura marítima.

Gwyneth teve esperança de que Sèlig talvez não estivesse morto, já que o corpo não fora encontrado.

— Virgem Maria, por favor, eu imploro. Não o deixe morrer. — Gwyneth fez o sinal-da-cruz.

— Temos de ir à procura dele! — Érica percorreu o recinto e reuniu a tripulação de Sèlig.

— Pode ir em busca de seu irmão, mas não o encontrará — Herlaug advertiu. — Acho que foi engolido pela baleia.

— Como Jonas! — Gwyneth gritou. — Então está vivo! — Gwyneth lembrou-se da referência bíblica.

— Se for preciso, irei até o reino de Niflheim para encontrá-lo! — Ragnar afirmou.

Ragnar e Érica organizaram uma expedição de busca.

Gwyneth passou os dias em uma névoa de sofrimento. Nem mesmo conseguia comer. Somente se lembrava de que humilhara um homem íntegro e orgulhoso.

— Eu o rejeitei.

A idéia martelava em sua cabeça sem cessar. Se pudesse abraçar Sèlig e dizer-lhe que se arrependera! Casaria com ele sob qualquer crença ou rito!

Ragnar, Torin e Érica tinham ido à procura de Sèlig, mas nada encontravam. Nem Sèlig nem Baugi.

— Não há nenhum lugar para onde ele possa ter ido — Érica comentou, desolada.

— Nenhuma ilha. Sèlig não teve a mesma sorte que Érica e eu tivemos. Quando nosso bote virou na altura de Uiva, fomos levados até a ilha de Staffa.

— Pobre Sèlig — Érica lamentou-se. — Nenhum lugar até onde pudesse nadar. Somente o oceano sem fim.

— Não há como ele ter sobrevivido... — Torin abaixou a cabeça.

Gwyneth não aceitou a verdade.

— Não! Ele não morreu! Baugi deve tê-lo levado até a praia.

— Longe demais, querida. — Érica enxugou as lágrimas com as costas da mão. — Por que ele não acreditou nas advertências de Torin?

— Herlaug é muito convincente e, além do mais, era seu tio — Gwyneth lembrou-se da traição de Alfred. — Sei como é confiar em quem não merece. Não pude impedi-lo de...

— Mesmo que o tivesse feito, Herlaug teria achado outra forma de atraí-lo. — Érica acariciou o ombro de Gwyneth. — Ele é esperto e perigoso. E se aproveita de meu pai não enxergar as traições cometidas.

— Eu deveria ter insistido no perigo da amizade fingida de Herlaug. Eu...

— Psiu! — Érica suspirou. — Há muitas coisas que eu gostaria de ter feito e não fiz. Não adianta torturar-se com esse tipo de pensamento. Não podemos mudar o passado, minha querida, por mais que o desejemos.

— Não podemos. — Gwyneth chorava baixinho. — Eu tenho um tesouro para guardar. O amor de Sèlig e do qual ninguém haverá de separar-me.

Gwyneth sabia que iria demorar muito tempo para que suas lágrimas secassem e para que a dor do coração não passasse de uma lembrança.

Sèlig sacudiu com desespero o pano fino que o cobria. Precisava voltar à tona. Queria respirar! Congregou toda sua energia para lutar contra Herlaug e contra o oceano. Não podia afogar-se! Não queria morrer!

— A serpente! O símbolo do mal!

A imagem estava de olhar fixo nele balouçando para cima e para baixo no oceano. O Serpent Strike. A serpente de Herlaug preparava-se para o bote.

— Calma, calma — uma voz de homem procurou tranquilizá-lo. — Herlaug não poderá chegar até aqui.

— Gwyn... — Sèlig sentiu a mão na testa. Não era a de uma mulher, mas sim a palma calosa de um homem.

— Está tudo bem. O senhor não corre perigo... Sèlig abriu os olhos.

— Quem?

A primeira vista, a névoa impediu-o de distinguir de quem se tratava. Era um homem grande e barbado. Quando a visão clareou, percebeu um rosto marcado pelas cicatrizes. Um viking.

— Quem... é?

— Sou o homem que o pescou do oceano. O senhor parecia um saco de grãos ensopado — o outro respondeu.

— O senhor salvou-me a vida!

— Eu não! Foi o seu enorme cachorro preto que evitou que o senhor se afogasse. Eu só o tirei da água e o joguei a bordo de meu barco.

— Baugi! Onde está ele? O desconhecido deu risada.

— Não muito longe, como convém a um defensor leal. — Ele apontou Baugi que estava montando guarda a dois metros de distância.

— Eu me lembro que ele pulou na água atrás de mim. — Sèlig levou a mão à cabeça. — Não me recordo com nitidez do que aconteceu depois.

O nórdico contou que seu barco se encontrava escondido em uma enseada atrás das rochas, para evitar que Herlaug e seus homens o descobrissem. De longe, ele vira a luta de Sèlig no navio e o exato momento em que ele se atirara no mar.

— Herlaug e eu somos velhos inimigos. Qualquer desafeto dele é meu amigo.

O homem contou para Sèlig que saiu com o bote para resgatá-lo, assim que Herlaug deixou a área.

— Então o senhor conhece bem o irmão de Ragnar. — Sèlig sentou-se, curioso. — Qual seu nome?

— Roland Thorvalsson. — Uma expressão de sofrimento vincou ainda mais o rosto do homem. — O senhor deve esquecer esse nome.

Sèlig se lembraria para sempre de seu salvador. Roland Thorvalsson!

— Já falei com meus homens. Se quiser, pode juntar-se a nós — Roland convidou-o.

Sèlig passou uma vista d'olhos na tripulação de Roland. Todos barbados, cheios de cicatrizes e maltrapilhos. Deviam ser criminosos, banidos da sociedade viking por suas transgressões à lei. Não era nenhuma espécie ideal de vida.

— Preciso voltar. Há uma mulher... Roland sacudiu a cabeça.

— O senhor não deve fazer isso. Herlaug tentará novamente contra sua vida e, dessa vez, poderá ser bem-sucedido.

— Mas eu tenho de desmascarar Herlaug! Tenho de avisar meu...

— Não importa o que o senhor diga, Herlaug sempre encontrará uma maneira de aparentar inocência. Dirá que o senhor foi vítima de um acidente e da próxima vez, o matará sem deixar vestígios.

Pensativo, Sèlig fitou a costa. Precisava descobrir um jeito de voltar para Gwyneth, sem arriscar a própria vida.

— Como poderei derrotar Herlaug?

— Leve sua acusação perante todos os homens adultos e livres, na reunião de Althings. É a única maneira de resolver o assunto, de uma vez por todas.

Capítulo XVI

Sèlig acordou com o rugir do oceano e escutou o grito das gaivotas. Inspirou o ar marinho e pensou que estivesse no Sea Dragon. Ao ver Roland Thorvalsson, lembrou-se do que acontecera.

— Ah, finalmente! — o outro alegrou-se. — Seu sono era tão profundo, que temi por sua vida.

— Não vou morrer tão cedo. Tenho muito pelo que viver. O amor de uma linda jovem e o desejo de vingança.

Durante a noite, ele e Roland haviam elaborado um plano minucioso de como fazer Herlaug pagar pelo que fizera a todos, e não apenas a Sèlig. Teriam de pegar Herlaug de surpresa, para que não houvesse tempo de montar um álibi. Sèlig teria de esperar a reunião da Althings para revelar que ainda estava vivo. Denunciaria Herlaug publicamente e teria enorme prazer em escutar o legislador estabelecer a punição. Até lá teria de contentar-se em ficar a bordo de um barco velho e decrepito, cheio de homens sujos e barbados. A escória da comunidade nórdica.

Roland não falava de si mesmo nem cedera aos apelos de Sèlig para contar o motivo de seu banimento. Deixara escapar apenas que tinha um filho que fora tirado dele há muito tempo.

Roland Thorvalsson revelou também como conseguira o barco. Salvara um navio funerário das chamas, apagando o fogo com o próprio manto. Com ajuda das ferramentas postas a bordo, para ajudar o defunto na outra vida, fizera os reparos necessários e tornara o barco capaz de navegar. A tripulação, composta de proscritos como ele, foi se formando aos poucos. Não foi difícil deduzir que cada um deles teria uma história contundente para contar.

— Desculpe, mas para a refeição da manhã temos apenas pão seco de cevada e um pouco de cerveja batizada. Houve bastante movimento por aqui. Estão à sua procura. Não pudemos arriscar-nos a chegar até o litoral. — Ele estendeu uma pequena cesta. — Temos um pouco de framboesas.

— Não estou com muita fome. Algumas framboesas e um pedaço de pão será o suficiente.

Sèlig cortou uma fatia de pão duro. Sentiu saudade de estar entre amigos, de comida quente e de abraçar Gwyneth outra vez. Não haveria de permitir que o orgulho os separasse de novo.

— O senhor não consegue disfarçar a impaciência. Frustrado, Sèlig fechou as mãos em punhos.

— Quero voltar!

— Não pode fazer isso! — Roland segurou-o pelo braço, com receio de que cometesse uma loucura. — Aventurar-se agora poderá significar sua morte. Herlaug é muito esperto e nada confiável. Deixe-o pensar que o senhor morreu. Sobrevivi durante tanto tempo, por ele estar certo de minha morte.

Sèlig foi até a amurada e fitou a terra distante. Nem mesmo podia dizer à sua amada que estava vivo. Era uma condição insustentável. Virou-se para Roland.

— Por que o senhor e sua tripulação não me acompanham na ida à reunião? Assim poderiam limpar seus nomes.

Roland sacudiu a cabeça mansamente e desviou o olhar para que Sèlig não percebesse seu sofrimento.

— Não podemos voltar.

Roland conhecia as leis e o que acontecia a um homem considerado culpado. Os filhos tornavam-se ilegítimos. O homem transformava-se em um fugitivo, banido da sociedade escandinava. Perdia todos os direitos e poderia ser morto sem motivos legais.

— Atrair a atenção sobre nós — Roland suspirou —, significará morte imediata.

— Isso por que são culpados...

— Não de tudo o que nos acusam. Mas cometemos crimes que asseguram nosso banimento até o fim de nossa miserável vida.

Sèlig teve pena de Roland, que demonstrava grande desolação e sofrimento.

— O senhor é um sobrevivente. Isso é algo para ser admirado.

— Nós conseguimos viver com muita dificuldade, e não há um só momento em que nós não lamentamos nossos atos insanos. Por nossa própria culpa, fomos separados de nossas famílias e de nossos lares.

Daquela vez, Roland não foi evasivo. Inspirou profundamente antes de desabafar.

— Qual o problema de contar tudo ao senhor? Nenhum, não é mesmo?

Roland revelou ter sido um jovem extremamente rebelde.

— Desobedeci a lei e matei um viking por causa de uma ofensa sem muito significado. O pior de tudo foi eu ter espancado minha mulher em uma crise de ciúme. Embora ela não tenha morrido imediatamente, os ferimentos provocados por mim tiraram-lhe a vida. Ela morreu e meu filho ficou órfão.

— O senhor deve sentir falta dele.

— Muita falta... Eu não o vi crescer e tornar-se um homem. Roland explicou que Ragnar desprezara seu filho como era de direito. Depois tirara o menino de seu lar, com o propósito de humilhar ainda mais a família.

— Como retaliação, contestei o direito de administração de Ragnar e o desafiei publicamente. Ragnar considerou-me um homem perigoso e decretou meu banimento. — Roland abaixou a cabeça. — O que eu não daria para rever meu filho...

— Talvez um dia...

— Não, não. É melhor assim. Torin construiu sua vida. Pelo menos fico satisfeito de saber que ele é o braço direito de Ragnar.

Sèlig pensou ter ouvido mal.

— Torin?

— Isso mesmo.

Sèlig animou-se com a coincidência.

— Conheço seu filho! Ele é casado com minha meio-irmã.

— O senhor o conhece?

Roland fez uma porção de perguntas e saboreou as respostas com olhar brilhante.

— Quando voltar, direi a ele que o vi. Talvez... Roland o segurou com muita força.

— O senhor jamais fará uma coisa dessas! Não quero que ele saiba que estou vivo. Prefiro que pense que morri.

Gwyneth sempre se perguntara por que a Escandinávia era chamada a terra do sol da meia-noite. Naquela altura, entendera o porquê. Estavam em pleno verão e os dias se sucediam sem que escurecesse.

— Os dias longos significam mais tempo para lamentar — ela disse a Érica, enquanto tiravam água do poço com os baldes de madeira.

— Sèlig não haveria de gostar se a visse sofrendo tanto.

— Mas também não o agradaria saber que eu o esqueci. — Gwyneth agarrou com força a corda. Ela se rompeu e o balde caiu no fundo do poço.

— Oh, não! — Nos últimos dias, fazia tudo errado. Precisava recuperar a caçamba. Com a idéia em mente, debruçou-se perigosamente na borda.

— Deixe isso! — Érica largou o outro balde no chão e aproximou-se depressa de Gwyneth. Segurou-a pela cintura e impediu-a de cair. — Um dos homens poderá pegá-lo. Eles têm braços mais compridos.

Gwyneth não saberia explicar por que rompeu em soluços. Talvez fosse por tudo o que acontecera ou pelo tom de voz severo com que Érica a repreendera.

— Psiu... — Como fizera tantas vezes com Geordie, Érica pegou Gwyneth pela mão, sentou-a sobre uma pedra e alisou-lhe os cabelos. — Acredite. Tudo dará certo.

— Nada mais poderá dar certo, Érica. Sèlig se foi. Nunca mais o verei...

— Talvez não nesta vida. Mas se acredita no céu...

— Não quero esperar. Além disso, no céu a única coisa que se faz é voar e tocar harpa. Não é a mesma coisa. Lá não se pode...

— Fazer amor?

— É... — Gwyneth enrubesceu. Érica apertou-lhe a mão.

— Ninguém sabe.

— Sèlig também não acredita...

— Que irá para o céu. — Érica sorriu e tornou a segurar-lhe a mão. — E nós também não temos certeza do que acontecerá depois. — Venha.

Érica levou Gwyneth por um longo passeio pelas campinas e pelo bosque. Parou quando chegaram perto de um regato. A água fria e límpida tinha um sabor refrescante de hortelã e tomilho que cresciam nas margens.

— Em Alba, sempre que eu ficava aflita, ia até um pequeno lago. Era muito bonito e ficar ali, apreciando a natureza, fazia-me lembrar do dom precioso que era a vida.

— Precioso, mas muitas vezes solitário. — Gwyneth sentiu-se comovida pelo empenho de Érica em confortá-la. — Fico muito agradecida não só por sua bondade, mas também pela de Torin. Ambos têm se mostrado muito amigos. Mas sem Sèlig, sinto-me deslocada.

— Eu sei. Quer voltar para casa...

Com a falta de Sèlig, aquilo se tornara uma obsessão. Sentia falta da mãe, do pai, de todos. Seria muito difícil conformar-se com a morte de Sèlig em um lugar onde os mínimos detalhes faziam com que se lembrasse de seu amor.

— Torin me levaria? Érica anuiu.

— Depois da reunião da Althing, ele planeja uma viagem a Eire. Pedirei para que faça um trajeto extra.

Elas tiraram os sapatos e entraram na água. A cada passo surgiam os remoinhos que logo sumiam e a água voltava ao normal. Diferente da própria vida, que jamais seria a mesma depois de ter conhecido Sèlig.

— Já pensou como seria sua vida, Érica, se não tivesse conhecido Torin?

— Muito aborrecida, sem dúvida. Teria permanecido solteira e... — Érica estremeceu ao tropeçar em uma pedra. Abaixou-se para esfregar o dedo do pé e notou que não estavam sozinhas. — Não olhe agora, Gwyneth, mas Herlaug nos seguiu.

A brisa trouxe uma variedade de sons. Canto de pássaros, água jorrando sobre as rochas e o estalo de um ramo quebrado. Herlaug dera uma passada.

— Ele está atrás das árvores — Érica avisou-a.

— Herlaug! — Gwyneth odiava o irmão de Ragnar. Culpava-o pela morte de Sèlig e o temia. — O que ele quer?

— Não sei. Talvez a mim! — Érica virou-se e pôs as mãos na cintura, em uma atitude de desafio. — Não tenho medo dele!

— Mas deveria!

— Nada disso. Ele é quem deve temer-me, pois vou denunciá-lo na reunião. Direi tudo o que ele tem feito!

— Cale-se, Érica.

— Por quê? Não me importo que ele saiba disso!

— Ele poderá matá-la, como fez com Sèlig! — Gwyneth retesou-se ao ver Herlaug aproximar-se.

Herlaug abaixou-se para beber água e sentou-se numa pedra, sem desviar os olhos por nenhum instante.

— Ele não ousaria! Já existe muita polêmica envolvendo Sèlig. Ele terá de esperar. — Érica segurou o braço de Gwyneth. — Se ele for tão estúpido a ponto de me perseguir, quero que saia correndo.

— Fugir? — Érica não deveria pensar que fosse covarde ou frágil demais para auxiliar. — Nada disso. Ficarei para ajudá-la.

— Se ele representar perigo, quero que fuja e que traga socorro.

Herlaug chegou perto da beira.

— A floresta pode ser perigosa para jovens desarmadas e indefesas! — ele gritou.

Érica curvou-se e pegou a maior pedra que encontrou no riacho.

— Quem foi que disse que estou desarmada? — Ela brandiu a pedra.

Gwyneth abaixou-se, pegou outra pedra de igual tamanho e imitou a postura de Érica.

— Vi lobos e ursos por aí. Vim oferecer-lhes minha proteção.

— Como pode ver, querido tio, posso muito bem tomar conta de mim mesma. Quando aos lobos e aos ursos, prefiro a companhia deles à sua!

Gwyneth não gostou do som da risada de Herlaug. Era evidente que ele as espionara como um animal à procura da presa.

— Irei embora, Gwyneth, mas esta não será a última vez que me verá por perto. Sinto necessidade de protegê-la, agora que Sèlig está...

— Eu preferia mil vezes estar rodeada por cobras — Gwyneth respondeu, admirada da própria ousadia.

— É o que veremos.

Gwyneth concluiu que o sorriso do irmão de Ragnar era mil vezes pior do que ser ameaçada com um punhal. Herlaug grunhiu, virou-se e voltou por onde viera.

— Conseguimos uma vitória — Érica proclamou.

— Será mesmo?

Ou teriam elas se tornado alvo de uma morte prematura?

Com o passar dos dias, Sèlig começou a admirar Roland Thorvalsson. Roland enfrentara uma punição que deixaria qualquer homem acabrunhado. Mas ele reagira, enfrentara a adversidade de cabeça erguida e sobrevivera. E ainda ajudara outros que se encontravam em situação semelhante.

— Algumas vezes chego a pensar que a vida não é tão ruim — Roland comentou, enquanto acendia o fogo para cozinhar.

Embora tivessem de tomar o maior cuidado para não serem vistos, Roland decidira que não haveria grande perigo em acampar em terra firme durante a noite.

— Não temos de submeter-nos às ordens de ninguém — Knut Ormsson exclamou, orgulhoso do cervo que matara.

— Há muitos riachos, grande quantidade de peixes no oceano, pássaros no céu, coelhos na mata e framboesas suculentas para substituir o que não pudemos roubar — Alf, o Gordo, interveio.

— Comida, cerveja, água e liberdade. Do que mais um homem precisa? — Knut vangloriou-se.

— Da suavidade de uma mulher... — Sèlig respondeu, com a imagem de Gwyneth em sua mente. Nunca imaginara que pudesse sentir tanta falta de alguém.

— Bobagem. As mulheres são tão numerosas quanto os peixes do mar. Aliás, têm a mesma utilidade. Nós as apanhamos e usamos quando temos necessidade. — Alf, o Gordo, resmungou.

— E deixá-las chorando desesperadas o tempo inteiro — Knut suspirou. — Devo admitir que, por vezes, anseio por esconder a cabeça no regaço de uma mulher para dormir. Seria muito bom saber que ela, por vontade própria, permaneceria a nosso lado até acordarmos pela manhã. Roland deu as costas para os outros.

— Torin esta satisfeito com a mulher que escolheu? Ela é dócil?

Aquela era uma palavra que nem de longe descrevia sua irmã.

— Érica é uma mulher determinada que tem cabelos vermelhos bem de acordo com seu temperamento. Ela é corajosa, determinada e vive com intensidade. Seu filho jamais se aborrecerá.

— Ele a ama...

— Apaixonadamente.

— Ragnar... o trata bem?

— Torin tem tudo o que alguém poderia precisar... exceto o pai. — Sèlig sabia, por experiência própria, como fora benéfico encontrar o pai. — Roland, tem certeza de que não gostaria de ver Torin? Eu poderia trazê-lo até a angra. Poderiam encontrar-se em segredo. Ninguém teria de ficar sabendo...

— Não! Eu causei muito sofrimento a ele. Torin acha que eu morri e será melhor assim. Eu me tornaria uma pedra pendurada em seu pescoço. Ele está feliz e não quero estragar-lhe a felicidade. — Roland atirou alguns gravetos no fogo. — Prometa-me que não revelará a verdade para ele. — Diante da hesitação de Sèlig, ele persistiu. — Prometa-me!

— Eu prometo.

Roland embrulhou alguns ovos de gaivota em folhas e levou-os ao fogo.

— Ovos assados — ele se apressou a mudai- de assunto. — Um verdadeiro manjar dos deuses. Se nunca os experimentou, vai adorar a iguaria.

Sèlig compreendeu que não deveria mais tocar no assunto.

Raios prateados de luar se refletiam na água. Era uma noite tranqüila, que precedia o tumulto que resultaria quando Sèlig acusasse o tio pela tentativa de assassiná-lo. Sèlig decidiu aproveitar aquelas horas de serenidade para descontraí- se. Ficaria sentado diante do fogo, olhando as chamas dançantes responsáveis pelo alimento assado daquela noite.

Como sempre, voltou a pensar em Gwyneth. Imaginou o que ela estaria fazendo naquele momento, se estava bem e se pensava nele.

— Ela deve estar certa de que me afoguei, Baugi — sussurrou para o cão deitado a seu lado. — Bem, logo ela descobrirá que estou vivo.

Nas primeiras horas da manhã seguinte, Sèlig iria para a assembléia anual de todos os homens adultos e livres. A Althing. Ali procuraria a vingança contra o homem que tentara matá-lo. Seu próprio tio!

— Gwyneth! Gwyneth, acorde!

Gwyneth escutou Érica chamá-la de muito longe. Abriu os olhos e lembrou-se de que passara a última noite nos aposentos de Érica e Torin, enrolada em uma manta, aos pés da cama deles. Depois da discussão com Herlaug no riacho, Érica insistira para que ela não dormisse sozinha.

— Por favor, deixe-me dormir mais um pouco... — Desde que Sèlig desaparecera, Gwyneth dormia mais do que de costume. Talvez para o tempo passar mais depressa.

— Acorde, Gwyneth! Arrume-se e pegue suas coisas. A menos que tenha esquecido, minha querida, iremos para a assembléia logo cedo.

— Não quero ir! — Gwyneth rebelou-se. — Herlaug também comparecerá. Estarei segura aqui. — Não queria dizer a Érica que não era escandinava e que não se importava com aquela reunião tola.

— Terá de ir, Gwyneth! — Érica puxou-a pelo tornozelo e Gwyneth rolou no chão para escapar.

— Não vou! Sèlig está morto. Punir Herlaug não o trará de volta! Ficarei aqui.

— Mas que teimosia! Desse modo não nos deixa outra escolha a não ser carregá-la nos ombros, esperneando e gritando! Vai e vai! Acabou-se!

Torin resolveu intervir na batalha de vontades. Ergueu a mão, em um gesto de paz.

— Por favor, Gwyneth. Érica e eu temos muitas queixas contra Herlaug, inclusive a morte de Sèlig. Quanto mais vozes se erguerem contra ele, melhor. Para resumir, precisamos de sua presença na assembléia.

Diante daquela explicação, Gwyneth não teve alternativa, a não ser acompanhá-los. Ouvira falar na reunião dos homens livres. Althings, ou Thing, como era comumente chamada, era onde o povo se reunia para escutar o legislador passar em revista as leis e onde se elaboravam novas diretrizes. Na assembléia eram acolhidas acusações contra

transgressores, idolatravam-se os deuses, exibiam-se habilidades e até vários itens eram comprados e vendidos.

— Então eu irei. Espero, de todo coração, que Herlaug pague com uma penalidade bem dura pelo que fez a Sèlig.

Gwyneth lavou o rosto e as mãos, comeu uma tigela de cereal frio com mel, leite de cabra e framboesas. Pegou o saco de viagem. Levaria os vestidos, os broches, dois pares de sapatos — um de couro grosso para usar se chovesse — e duas capas. Uma delas de pele, se fizesse muito frio.

Nissa, Gerda, Érica, Gwyneth e as servas juntaram as caçarolas, assadeiras, tigelas de madeira e colheres, baldes e vários caldeirões de ferro que seriam suspensos em um tripé sobre o fogo. Mesmo longe do domicílio, seria necessário comer.

Liteiras tinham sido atreladas entre dois cavalos. Três carroças decoradas e entalhadas também foram preparadas para levá-los até a assembléia. Os entalhes das carroças representavam rostos e imagens dos deuses. Havia também cabeças horríveis. Gwyneth supôs que fossem a representação dos elfos da noite.

— Venha, eu a ajudarei a subir na carroça — Ragnar ofereceu e levantou Gwyneth pela cintura. Com olhar bondoso, ele sorriu. — A minha esperança é de que esteja grávida de um filho de Sèlig. Agora, mais de que tudo no mundo, eu gostaria de ter um neto! Seria a maneira de conservar viva uma parte de meu filho.

Gwyneth sentiu um aperto no coração. Se pudesse voltar atrás e não ter tomado as poções de Ingunn! Ragnar tinha razão. Se estivesse carregando um bebê no ventre, Sèlig viveria para eles.

Gwyneth sentiu um frio na espinha e olhou por sobre o ombro. Herlaug desviou o rosto para disfarçar que estivera com a atenção voltada para ela. Reuniu-se com Ragnar e os outros. Os homens iriam a cavalo, ao lado das carroças. Gwyneth ocuparia uma carroça com Érica, Nissa e Gerda. As outras mulheres de importância, inclusive as esposas de Herlaug, iriam em outros veículos. Escravos, tanto homens quanto mulheres, teriam de fazer o percurso a pé. Gwyneth teve pena deles. A vida dos escravos era difícil.

Depois de terminados os preparativos, a comitiva de Ragnar iniciou a jornada. Os homens vestiam os melhores trajes. As capas esvoaçavam enquanto cavalgavam. Na testa, usavam fitas coloridas. Os hlads. Braceletes em profusão. Punhos das armas enfeitados e cravejados.

Gwyneth imaginou o desconforto de cavalgar carregando lança, escudo, acha-d' armas e espada. Mas era necessário. Os homens da casa de Ragnar deviam apresentar-se em grande estilo na assembléia.

Nissa usava as jóias mais preciosas. Os braços estavam cobertos por pulseiras. Com um vestido vermelho, ela vinha de nariz erguido como se ela, e não Ragnar, fosse o vice-rei.

Gwyneth escolhera cores discretas para o vestido e a túnica. Dois broches e o pingente tão querido, como as únicas jóias. O luto por Sèlig não a animava a usar cores alegres.

— Eu gostaria tanto que ele estivesse aqui! Posso imaginar seu orgulho de cavalgar ao lado do pai! — Gwyneth cochichou com Érica.

— Se o evocar em pensamento, ele estará presente em espírito — Érica comentou.

Muitas pessoas se juntaram ao séquito durante a viagem. Camponeses pobres, mercadores e artesãos. Nórdicos ricos e escravos sobrecarregados. Todos iam em direção da assembléia. Atravessaram florestas densas, campinas rasas e pastagens.

Quando chegaram ao local determinado, Gwyneth já não agüentava mais ficar sentada. Ragnar, Herlaug, Torin e os outros levantaram tendas rústicas de lã e estenderam peles para dormir. Os homens ergueram brindes nos copos de chifre. Tomaram cerveja e hidromel, acompanhados das mulheres. As sagas foram contadas e recontadas.

Gwyneth escutou a história de Yggdrasil, o gigantesco freixo que sustentava os nove mundos. Diziam que seus ramos alcançavam o céu. Tinha raízes imensas. Uma delas penetrava no Asgard, morada dos deuses. Outra, no Jotunheim, morada dos gigantes. A terceira, no Niflheim, região das trevas e do frio. Midgard fora destinada para a morada do homens.

Érica contou a história que aprendera recentemente. Era sobre Fréia, que fora a esposa de Odin. Ele a trocara pela deusa Griga, pois Fréia gostava mais de riquezas do que do marido. Enquanto falava, Érica olhava para Nissa. Gwyneth conteve o riso, ao ver que outros também fitavam a esposa de Ragnar em uma analogia à vida dele.

A noite era brilhante e o céu ficaria róseo até a meia-noite, horário do pôr-do-sol na Escandinávia. O astro-rei se mantinha pouco acima do horizonte. Lamparinas foram acesas enquanto o grupo matava a fome com o cozido de carneiro e vegetais que borbulhava nos caldeirões. Peixe e carne foram assados em buracos do solo cobertos com pedras quentes.

— Não sei se conseguirei dormir — Gwyneth confidenciou com Érica enquanto comia.

No casarão comunitário de Ragnar havia venezianas que impediam a entrada da eterna luz do verão. Ali, teriam de conformar-se com a claridade. Além disso, Gwyneth estava nervosa com a acusação que Érica faria ao tio. Herlaug poderia encontrar uma maneira de inocentar-se, como já fizera tantas vezes no passado.

Nesse caso, o que aconteceria com Érica e Torin?

Érica adivinhou-lhe os pensamentos.

— Dessa vez Herlaug não escapará da punição. De algum modo, Torin e eu encontraremos uma maneira de fazê-lo pagar por todo o sofrimento que nos causou. — Apontou um catre para Gwyneth deitar-se. — Tente descansar um pouco. Não vai querer adormecer durante a assembléia.

— Não sei, não. Nunca participei de reuniões desse gênero. Elas devem ser tediosas.

— A de amanhã não será, com certeza, se Torin e eu tivermos a oportunidade de falar...

Érica foi com Torin até o catre privativo deles. Gwyneth envergonhou-se da inveja que sentia do casal. Eles a faziam sentir-se ainda mais solitária. O sentimento foi mais doloroso quando escutou os gemidos baixos de prazer durante a noite.

Gwyneth virou-se de um lado para o outro durante horas. Quando finalmente adormeceu, sussurrou o nome de Sèlig.

Sèlig, só com a roupa do corpo, aceitou os presentes de Roland. Uma túnica, cinto e sapatos de couro e um manto para ir à reunião de Althings.

Deitado de costas, mirou o tom róseo do céu e procurou distinguir as estrelas e a lua tenuamente visíveis na claridade. Advertiu a si mesmo para não ser impetuoso demais na assembléia. Herlaug provara ser muito traiçoeiro.

Escutou o uivo de um lobo e voltou-se para a direção do som. Teve certeza de que vários pares de olhos o fitavam, esperando. Levantou-se e acendeu quatro fogueiras ao redor de si. Ouvira dizer que a carne humana não era uma das iguarias favoritas dos carnívoros por ser muito fibrosa. Assim mesmo, resolveu não arriscar.

Sèlig se sentiria mais à vontade, se tivesse vindo pelo oceano. Além disso, por terra o trajeto fora mais longo. Viera em um cavalo que um dos proscritos milagrosamente encontrara para ele. Outro presente de Roland. Fizera a escolha por saber como

funcionava a mente de seu tio. Herlaug na certa espalhara olheiros pela costa, com medo de que o sobrinho tivesse sobrevivido. As rotas terrestres eram numerosas e difíceis de serem vigiadas.

Estava ansioso para resolver o caso de Herlaug de uma vez por todas na assembléia. Depois voltaria correndo para o conforto dos braços de Gwyneth. Parecia haver passado um século desde a última vez em que fizeram amor. Não suportava mais tanta ansiedade ao pensar naquele corpo perfeito, maleável e suave.

Fez uma análise da própria vida e convenceu-se dos erros que cometera. Mas naquela altura, a glória não era mais seu objetivo maior. Desejava apenas que a justiça fosse feita. Amar Gwyneth abria seu coração para a beleza do mundo. A despeito do que acontecera e do que Herlaug fizera, não se sentia mais dominado pelo terrível sentido de vingança. Estava muito mais ansioso para voltar à vida anterior. O amor era uma emoção poderosa que deixava pouco espaço para sentimentos inferiores.

— Não demorará muito, meu amor — sussurrou.

Capítulo XVII

Gwyneth acordou na manhã seguinte ao som de risos. Espiou o lado de fora da tenda grande. Muitas barracas tinham sido erguidas na encosta durante a noite. De longe, percebeu a presença dos conhecidos que haviam ficado no povoado, inclusive Ingunn e Kadlin.

Pulou para fora do catre, vestiu-se, penteou os cabelos e saiu correndo. Abraçou Ingunn e notou que ela estava bem mais gorda. Feliz, Ingunn explicou ser aquela a prova da virilidade do marido.

— Ouvi falar do que aconteceu com Sèlig — a amiga comentou, consternada. — É muito trágico ele ter-se afogado em um acidente depois de ter sobrevivido a tantas tempestades.

— Não foi acidente. — Em poucas palavras, Gwyneth revelou suas suspeitas sobre o que realmente acontecera. — Herlaug atraiu Sèlig em uma emboscada com o propósito de matá-lo.

Ingunn revoltou-se e aconselhou Gwyneth a manter distância do irmão de Ragnar.

— Se ele cometeu assassinato uma vez, não hesitará em repetir a façanha. Tome cuidado para não ser o próximo alvo.

— Herlaug não tem motivos para eliminar-me. Não represento nenhuma ameaça para ele. Estou preocupada com Érica.

Gwyneth não a viu entre as pessoas que se amontoavam na campina. E nem chegou a ir à sua procura. O som de um trombeta ecoou pelo ar. Os nórdicos mais importantes e seus familiares haviam dado início à assembléia. Perguntou a si mesma se Érica e Torin teriam encontrado testemunhas dispostas a acusar Herlaug.

— O encerramento deste encontro vai demorar muito. Já comeu, Gwyneth?

Gwyneth negou com um gesto de cabeça. Se houvesse dormido menos, não teria perdido o dagveror. Estava faminta. Até a noite perderia as forças. Ingunn adivinhou-lhe o problema. Tirou da bolsa um pedaço de queijo e outro de pão.

— Tenho comida demais para mim. Podemos dividir.

— Não! Seu filho necessita da mãe bem alimentada.

— Faço questão. — A fisionomia de Ingunn deixava claro que ela não aceitaria recusa.

Gwyneth comeu depressa e foi com Ingunn até o local da reunião. Uma tenda enorme fora erguida no sopé da colina. Os proprietários de terras e os vice-reis estavam sentados em cadeiras trazidas de casa. Ragnar destacava-se entre todos, pela altura e pelo porte majestoso.

Os familiares dos chefes procuravam posição ao lado dos senhores a quem deviam obediência. Alguns vestiam-se com trajes caros como seus líderes. Outros, com roupas velhas. Contudo, cada homem livre tinha direito de voto. Atrás de todos, os servos com os cabelos tosados, para que todos os identificassem como escravos.

Um homem grisalho adiantou-se. Ingunn explicou que se tratava do legislador. Ele deu início aos trabalhos relacionando as leis e tradições nórdicas, como era o costume. Um burburinho ergueu-se da encosta onde estavam os espectadores. A autoridade fitou os presentes com olhar severo e fez sinal a um homem alto que voltou a tocar o instrumento de sopro feito de chifre. O silêncio foi imediato.

Ingunn confidenciou para Gwyneth que, de acordo com as leis escandinavas, um chefe ou seu familiar acusado de roubo ou assassinato seria julgado por uma corte de juízes formada por seus pares. O réu poderia declarar-se culpado ou inocente. Se

pleiteasse inocência, chamaria testemunhas capazes de provar a honestidade e o bom caráter do acusado, além de sua inculpabilidade. E teria direito a pedir outro julgamento.

Gwyneth refletiu a respeito das punições impostas aos malfeitores.

Seriam mais tolerantes de que as de Wessex ou seriam mais cruéis?

A reunião prosseguiu com a apresentação dos crimes de menor monta. Um homem foi acusado de cortar uma árvore. A sentença foi ajudar o proprietário das terras a plantar um novo pomar. O legislador lembrou aos circunstantes que só os donos das propriedades tinham o direito de derrubar árvores. E admoestou-os para restringir os cortes, pois na Escandinávia as árvores eram mais importantes de que ouro.

O próximo acusado matara um escravo que não era de sua propriedade. Uma ofensa sem grande importância. Entre os vikings, os coitados eram considerados pouco melhores do que os animais. Serviam para espalhar esterco nos campos ou para mourejar sobre o fogo da cozinha e da sala de banhos. Segundo a lei, um chefe podia condenar à morte um escravo idoso como se fazia com cachorros velhos. Mas era considerado crime exterminar algo que pertencesse a outro. O homem recebeu uma pena que não excederia um mês de trabalho no lugar do escravo morto.

A cada decisão tomada, a assembléia demonstrava sua aprovação batendo nos escudos ou retinindo as lanças. Ingunn disse que se tratava da aprovação armada e Gwyneth tampava os ouvidos por causa do barulho desagradável.

Os crimes mais graves foram julgados a seguir. Ingunn disse em voz baixa que penas duras eram usadas para manter a ordem e a paz entre os homens que tinham perdido a sensatez por sua eterna luta contra a natureza. Somente no mar os nórdicos decidiam por si próprios. No oceano não havia leis, mas vitórias. Nem punições, só derrotas. Em terra, enfrentavam uma estrutura muito rígida de normas.

Gwyneth achou que as punições foram severas. Uma mulher foi condenada à escravidão por roubo e um homem teve o mesmo destino por ser devedor. Vários insurretos tiveram as mãos decepadas diante da assembléia. Gwyneth cerrou os dentes quando o segundo homem pôs o braço em cima do grande tronco de madeira, à espera do golpe do machado. Fechou os olhos, a ponto de vomitar.

— Está se sentindo mal, Gwyneth? — Ingunn apalpou-lhe a testa suada.

As punições em Wessex também eram muito rigorosas, mas Gwyneth nunca as presenciara. Sua mãe sempre a protegera da crueldade do mundo. Lamentou sua demonstração de fraqueza, procurou coragem para acompanhar o desenrolar dos procedimentos.

Um casal foi incriminado por adultério. Ao retornar inesperadamente de uma viagem, o marido encontrara a esposa na cama com outro. Embora tivesse o direito de matar o amante da esposa, o homem preferira trazer o assunto diante da assembléia. A pena decidida foi o enforcamento na árvore mais próxima.

Gwyneth escutou comentário sobre o wergild, uma compensação financeira imposta aos criminosos para ressarcir as vítimas. Resolveu comentar o assunto com o pai, quando voltasse para Wessex. Era uma maneira interessante e justa de evitar que homens matassem outro por um delito pequeno.

Um homem culpado de roubar um carneiro foi condenado a pagar uma indenização. Outro que cometera o mesmo crime, mas era pobre, teve a mão decepada. Gwyneth teve de reconsiderar a justiça da sentença. Para os ricos a condenação cessava no momento em que entregavam as moedas de ouro exigidas. Os pobres sofriam uma perda cruel para o resto da vida.

— Espero que Herlaug receba uma punição bem mais dura de que o wergild — Gwyneth comentou com Ingunn. — Nenhuma quantia trará Sèlig de volta.

— A indenização é destinada a pessoas de posição social inferior. Lembre-se que Sèlig era filho de um vice-rei.

Os processos ocuparam a maior parte da manhã e iriam até a noite. Ingunn estendeu a capa no chão e as duas se sentaram.

Gwyneth não se importou com as pessoas em pé na sua frente que lhe impediam a visão. Não lhe agradava nem um pouco observar as crueldades de um julgamento coletivo. Embora admitisse que a maioria das sentenças lhe pareciam justas.

Fechou os olhos. O sol do meio-dia era muito forte. Escutou os murmúrios da multidão quando três assassinos foram trazidos diante dos juízes. Os criminosos teriam de pagar o wergild à família da vítima. Um valor estimado de acordo com a importância da pessoa morta. Pelo morto mais pobre, a compensação foi mínima. Para o mais rico, a pena estipulada foi um wergild de várias peças de prata, dois porcos, quatro ovelhas e três vacas. Um homem culpado de ferir outro em uma briga foi condenado a fazer o pagamento da discórdia à vítima em prata suficiente para compensar os ferimentos.

Gwyneth deitou-se na capa de Ingunn, fitou o céu e tentou afastar Althings da mente. Nenhum veredicto traria Sèlig de volta.

O sol avermelhado ardia no horizonte e Sèlig cavalgava rumo à assembléia. Estava quase chegando. O corpo dolorido deu-lhe a certeza de que viajar de navio era muito mais agradável.

Fora uma jornada longa e cansativa para ele e para Baugi. Haviam atravessado florestas e territórios rochosos. As campinas inundadas de flores deixaram-no ainda mais ansioso de rever Gwyneth.

No caminho, Sèlig se juntara a uma pequena caravana que também se dirigia para Althings. Como de costume e de acordo com as posses, alguns vinham a cavalo, outros em carroças quebradas ou caminhavam a pé. Havia poucas carroças pomposas e liteiras. Sèlig observou os viajantes e considerou a justiça das leis nórdicas. Todos, exceto os escravos, poderiam manifestar-se.

Sèlig chegou por volta do meio-dia, exausto e faminto. Admirou o local que seu pai escolhera para a assembléia. Uma verdadeira arena natural, rodeada por árvores e saliências de rocha.

— O senhor parece estar com fome e sede — um dos homens da caravana comentou com Sèlig.

O camarada abriu um de seus sacos grandes de couro e tirou de dentro comida, utensílios para cozinhar e inúmeras bugigangas sem valor. Tratava-se de um mercador esperto, que não encontrou dificuldade em vender suas mercadorias para várias mulheres. Um queriam abastecer-se com itens que haviam esquecido em casa, outras pretendiam apenas se distrair.

Sèlig tinha algumas moedas, mais um oferecimento de Roland. Comprou água e carne seca para si mesmo e para Baugi. Enquanto comia, deu uma volta para familiarizar-se com o local e aproveitou para movimentar as pernas. Tinham sido erguidas até cabanas de madeira. Sèlig decidiu dormir ao ar livre e deixar o abrigo para mulheres e crianças.

Pretendia continuar escondido atrás da multidão. Não queria atrair a atenção de Herlaug. Estreitou os olhos. Procurou seu pai e Érica. Não conseguiu localizá-los. Escutou os assuntos serem tratados, à espera do momento ideal para revelar sua história.

Os julgamentos da tarde se sucederam rapidamente. Mais um assassinato de escravo. A mesma pena anterior. Trabalharia no lugar do servo por um mês. Um homem acusado de roubar um bode teria de pagar uma indenização em prata. Outro que roubara uma cabra, trabalharia para a vítima até que o prejuízo fosse quitado.

Dois escravos acusados de matar um senhor cruel não receberam misericórdia. Foram decapitados.

Havia várias formas de indenização, mesmo quando os assassinos não tinham dinheiro. Uma delas era um dos membros da família do criminoso ser forçado a trabalhar

como escravo para a família da vítima. Esta tinha de ser recompensada pela perda, embora a punição nem sempre se ajustasse ao crime.

Sèlig ponderou que, pelo menos, era uma forma de fazer justiça. Cansado de ficar em pé, deitou-se no chão. Fechou os olhos e rememorou o que planejava falar.

De repente um grito de sofrimento tirou Sèlig de seus devaneios. Ele ficou em pé e viu um menino chorando ajoelhado e agarrado na perna do pai.

— Não! O senhor não pode levá-lo! Não pode! Não tenho mais ninguém no mundo!

Sèlig cutucou o homem que estava a seu lado.

— O que houve?

O sujeito deu de ombros.

— O pai do garoto foi considerado culpado de roubo. Seu senhor quer a restituição de direito, mas o ladrão não tem dinheiro.

— Qual foi a penalidade imposta? — Sèlig sentiu grande vontade de ajudar.

— O garoto vai ser levado como escravo. Uma sentença bastante comum.

Ao olhar o menino Sèlig lembrou da própria infância. Abriu caminho por entre a aglomeração rumo à plataforma, apesar da necessidade de ficar escondido. Mesmo com o calor, não tirou o capuz. Descobriu o valor do débito causado pelo furto e ofereceu pagamento de seu próprio bolso. O sorriso no rosto do menino abraçado ao pai valeu cem vezes mais de que a prata que Sèlig prometera como indenização.

Para voltar, Sèlig olhou para a esquerda e depois para a direita. Viu Herlaug. Mas o tio estava entretido em uma conversa com outro homem e não o vira.

— Gwyneth... veja aquele homem — Ingunn chamou-lhe a atenção. — Ele não lhe parece conhecido?

Gwyneth seguiu o olhar da amiga e, por um momento, pensou que estivesse com alucinações.

— Ele... ele parece... ele é parecido com Sèlig!

A pessoa tinha a mesma altura, o mesmo porte físico e o mesmo jeito imponente de andar. Fios de cabelos loiros apareciam para fora do capuz negro. Sem pensar em mais nada, Gwyneth saiu correndo.

— Não é possível! — Ingunn arrependeu-se da maldade não intencional que cometera.

Jamais deveria ter lembrado Gwyneth de seu grande amor. Virou a cabeça para desculpar-se, mas Gwyneth havia sumido.

Sèlig caminhava de cabeça baixa para não ser reconhecido. Teve a impressão de que o seguiam. Enrolou-se no manto, olhou por sobre o ombro e descartou a idéia.

— Ah, na certa a ansiedade faz a imaginação trabalhar demais.

Sèlig prosseguiu o caminho e sensação não se desfez. Seria Herlaug atrás dele? Subiu a encosta e espiou de longe. Viu o tio, gesticulando, animado. Sèlig estremeceu de raiva ao lembrar-se da traição de Herlaug. Mas não fora ele que o seguira.

Andou mais depressa, parou e tornou a virar-se. Daquela vez teve tempo de reconhecer a sombra.

— Gwyneth!

Por um instante pensou em esperá-la, tomá-la nos braços e dizer-lhe que a felicidade de estar vivo era ainda maior por tê-la encontrado. Mas serem vistos juntos seria um grande risco. Poderiam descobri-lo e avisar Herlaug. Por isso, fugiu dali a toda velocidade.

Gwyneth tentou alcançá-lo. Não conseguiu. O desconhecido parecia ter asas nos pés. E o fato de ele ter fugido deixou-a ainda mais curiosa.

Talvez ele saiba que eu poderia reconhecê-lo!

Gwyneth não ousava acreditar que a dedução estivesse correta. Inúmeras idéias fantasiosas passaram-lhe pela cabeça, mas Gwyneth descartou-as.

Não podia ser Sèlig! Ele se afogara!

Ou não?

Seria possível que fosse Sèlig? Então por que fugira? Por que não procurara por ela, pelo pai ou por Érica? Por que comparecer à assembléia oculto por um capuz? Por que não enfrentar Herlaug abertamente?

Confusa, Gwyneth caminhava para todos os lados, com esperança de encontrá-lo. Depois de alguns minutos viu um grupo de crianças. Elas formavam um círculo e conversavam, excitadas. No meio, um cachorro enorme, preto e peludo.

— Baugi!

Sèlig estava vivo! Vivo! E não fugira. Encontrava-se na reunião, no meio dos outros. Apesar de milhões de perguntas sem resposta que passavam por sua mente, Gwyneth não o procurou mais. Precisava confiar nele e nos motivos que o levavam a ocultar-se.

Gwyneth sentiu o coração mais leve, enquanto caminhava de volta a seu lugar. A tarde arrastou-se até restarem apenas dois casos para resolver. Gwyneth continuava em paz.

— Desde que voltou, ainda não parou de sorrir, Gwyneth — Ingunn declarou. — Era Sèlig, não era?

Gwyneth não respondeu, determinada a honrar a aparente vontade de Sèlig de manter-se incógnito. Mas o olhar a denunciou.

— Ah, Gwyneth, eu sabia que era Sèlig! — Ingunn apertou a mão de Gwyneth no momento em que o legislador bateu no gongo de bronze.

O som repercutiu nos ouvidos de Sèlig. Aproximava-se o momento tão esperado.

As duas ocorrências seguintes envolviam acusações de assassinato. Embora os homens jurassem inocência, o julgamento foi rápido. O carrasco trouxe a acha-d'armas e testou em um osso da perna de uma vaca. Sèlig imaginou que fosse a cabeça do tio no ombro de um dos assassinos. Viu o olhar de ódio transformar-se em pavor quando o homem foi decapitado.

— Não!

O segundo criminoso ficou histérico à vista da cabeça cortada. Desvencilhou-se de quem o segurava e fugiu pela encosta abaixo, proclamando sua inocência. Foi apanhado e amordaçado. Teve o mesmo destino do primeiro acusado.

Sèlig imaginou se de fato o homem dizia a verdade. Poderia tratar-se de um grande engano. Deu um passo à frente, sentindo uma ponta de dúvida sobre o sistema nórdico de justiça.

— Jokel!

Reconheceu o homem que banira de seu povoado. O mesmo que levava os dinamarqueses a atacá-lo. Em consideração às crenças de Gwyneth, demonstrara mais misericórdia de que o bandido merecera. Mandara deixá-lo à deriva em um bote, mas Jokel sobrevivera. E viera até a Escandinávia para ser condenado por todos os crimes que cometera.

Para Sèlig, as incertezas foram apagadas e as leis nórdicas tinham sido justificadas. Se às vezes eram duras, era por que tinham de ser. Somente dessa maneira podiam sobreviver em um mundo onde imperava a carnificina.

O legislador perguntou se havia mais algum julgamento para ser realizado. Sèlig preparou-se para levantar a mão e fazer a acusação, quando escutou uma voz conhecida.

Era Érica. Ela denunciou Herlaug por ter raptado seu irmão mais novo e de ter assassinado o mais velho.

— Ele o levou embarcado para o oceano, atirou-o por sobre a amurada e deixou-o morrer no mar!

— Sou inocente dessa acusação difamatória — Herlaug grunhiu, voltando o olhar para Torin. Não duvidava de que Érica e Torin conspirassem para destruí-lo.

Sèlig aproximou-se, seguido por Baugi. Viu o ódio no olhar de Herlaug, temperado com um riso insolente. O vilão traiçoeiro estava certo de que se livraria do crime. Na certa tinha motivos para acreditar nisso. Muitas vezes ele escapara impune de seus crimes.

Herlaug adiantou-se para que todos o vissem.

— Exijo um julgamento por combate. Quero provar diante dessa assembléia que sou inocente dessa acusação mentirosa.

Herlaug olhou para Ragnar com semblante de quem fora humilhado e ofendido.

— O senhor lutaria com uma mulher? — O legislador fitou Érica que estava com pose de guerreira. Tinha a espada erguida na mão direita.

— Claro que não! — Herlaug gargalhou e piscou para os que o apoiavam. — Isto é, a menos que seja forçado a fazê-lo.

— Quero enfrentá-lo! — Determinada, Érica procurava des-vencilhar-se de Torin que a segurava pela cintura. — Sei que Deus estará de meu lado!

— Então que seja!

O legislador começou a medir o campo de batalha e estabeleceu os limites. Pisar fora da linha seria considerado abandono da luta.

Érica foi até o centro da arena, de cabeça erguida. O alvoroço era total. Muitos apostavam no resultado daquela batalha incomum e nem todos davam como certa a vitória de Herlaug.

— Escolham suas armas... — o legislador ordenou.

Herlaug pegou uma das espadas mais largas, mas não chegou a desembainhá-la. Baugi investiu. Rosnando, pulou sobre Herlaug e derrubou-o.

— Esse é o cachorro de meu filho! — Ragnar gritou, atônito. — Tenho certeza! — Seu olhar brilhou, esperançoso, enquanto procurava pelo filho. Até que o viu. — Sèlig!

— Sèlig! — Érica gritou e começou a chorar de emoção. Sèlig adiantou-se e puxou Baugi de cima de Herlaug.

— Calma, Baugi, calma, não precisa comê-lo. Vai acabar com a minha brincadeira.
— Sèlig agarrou o tio pela camisa e levantou-o do chão.

— O que minha irmã disse é verdade. Só que eu pulei ao ser ameaçado e felizmente não morri. Mas a intenção dele era matar-me.

— Sobrinho, que alívio saber que está vivo — Herlaug declarou com falsidade. — Pelas barbas de Odin, nunca pensei em causar-lhe nenhum mal.

— Mentiroso!

— Que Hela, a deusa da morte, congele seu sangue — Herlaug sussurrou, agarrado na fivela de âmbar de seu cinto.

— O senhor me dá nojo. — Sèlig cuspiu. — Não o considero mais meu parente.

A multidão gritava, enfurecida, tomando partido. O legislador tocou novamente o gongo de bronze e o silêncio foi imediato.

Sèlig aproveitou a pausa para falar.

— Tomarei o lugar de minha irmã e farei as acusações contra o homem que é irmão de meu pai. Ele mentiu para mim e atentou contra minha vida. Se não fosse pelo cachorro e por um barco que passava, eu teria servido de alimento para os peixes.

Herlaug antes encarava Sèlig como rival. Passara a odiá-lo. Seus olhos fulguravam de raiva, e Sèlig retribuía com fúria ainda maior.

Gwyneth observou os dois homens escolherem as armas. Ela já vira Sèlig lutar, confiava em sua energia e habilidade e acreditava que o bem sempre venceria o mal. Assim mesmo fez uma prece fervorosa. Tirou o pingente do pescoço, aproximou-se de Sèlig e, na ponta dos pés, deslizou a corrente pela cabeça do amado. Depois beijou-lhe ternamente os lábios.

— Leve meu coração contigo — Gwyneth ofereceu, torcendo as mãos trêmulas. — Que meu Deus e seus deuses o protejam e evitem que seja ferido!

O gesto de Gwyneth trouxe para Sèlig a certeza da invencibilidade. Com maior segurança, virou-se para Herlaug.

— Posso ter falhado uma vez — Herlaug sussurrou e somente Sèlig escutou. — Mas não falharei a segunda.

Em voz alta e clara, o legislador anunciou os termos da luta. Só terminaria quando um dos combatentes fosse ferido.

Gwyneth suspirou mais aliviada, mas a multidão, com sede de sangue, manifestou descontentamento. O legislador ergueu a mão e todos se calaram.

— Tor, todo-poderoso, nós o invocamos para que testemunhe esse combate. Todos aqui reunidos servirão de testemunhas para o julgamento final. — Mais uma vez, ele soou o gongo.

Herlaug e Sèlig tiraram o gibão e a camisa. Conservaram apenas a calça. Ambos eram musculosos. Herlaug, mais corpulento e Sèlig, mais alto.

Gwyneth sentia as mãos geladas e a garganta seca. Com lágrimas nos olhos, observou Herlaug rodear Sèlig como um lobo esperto.

Sèlig movia-se com a graça de um caçador. Os espectadores empurravam-se para ter uma visão melhor e ficaram em silêncio quando Herlaug atacou como uma serpente. Sèlig esquivou-se com facilidade, sem ser tocado pela espada do tio.

— Não deixarei que arruine tudo o que planejei! Quero que morra! — Herlaug falou em voz quase inaudível. Investiu de novo e o golpe foi defendido por Sèlig.

O som de ferro contra ferro reverberava pela encosta junto com as vozes dos que apoiavam o lutador preferido.

— Se o senhor soubesse que eu jamais desejei ser vice-rei! — Sèlig provocou-o. — Isso tudo poderia ser evitado. — Um novo golpe e a espada passou raspando por Herlaug.

O sol ainda estava alto no céu e o combate prosseguia. Gwyneth observava a luta, imóvel como uma estátua. Não queria olhar mas tinha receio de não ver o que estava acontecendo.

Herlaug estacou de repente e as veias saltaram em seu pescoço. Sèlig sentiu a lâmina tocar em sua orelha. Saltou para frente, mirando o braço de Herlaug. Mas tropeçou em uma pedra e caiu.

O silêncio foi total e Herlaug moveu-se para aproveitar a boa sorte. Depressa demais. Sèlig mudou a espada de mão e quando Herlaug arremeteu, Sèlig atingiu-lhe o braço.

Herlaug deu um berro. Os termos do julgamento haviam sido alcançados, pois um dos combatentes fora ferido. No rosto de Herlaug só havia ódio e a vontade de derramar o sangue do adversário.

— Senhores... — o legislador aproximou-se para ficar entre Sèlig e Herlaug, mas foi por este empurrado.

— Afaste-se, velho idiota! — Herlaug investiu contra Sèlig várias vezes, até conseguir seu intento.

Gwyneth sufocou um grito e cerrou os olhos. Quando os abriu, gotejava sangue do braço de Sèlig.

Mais uma vez o legislador interpôs-se entre os combatentes.

— A decisão já foi tomada. — Apontou para Herlaug. — O senhor desafiou nossas leis e zombou do julgamento de Althings. Por isso será punido.

A multidão aplaudiu freneticamente a concordância. Herlaug perdera e de acordo com a lei, era culpado e deveria pagar uma penalidade.

Foi condenado a deixar a Escandinávia por um ano, para alívio de Sèlig. Ele não o queria morto, por consideração ao pai. Ainda assim preferia que a sentença tivesse sido mais longa. Talvez para toda a vida.

— Será proscrito e não será recebido em nenhum lugar até a assembléia do próximo ano. Como um lobo, será escorraçado por todos. Terá de afastar-se das fogueiras, dos campos habitados, dos navios, dos homens e das mulheres. Não será bem vindo em lugar nenhum, exceto nos salões negros de Hela.

— Ragnar! — Herlaug apelou para o irmão, contrariando seus hábitos. — Eles estão errados! Não tentei matar Sèlig. Ele é sangue de meu sangue. Acredite em mim!

Ragnar sacudiu a cabeça.

— Não posso. Seu ódio quando fita meu filho e a violência de seus atos contrariam suas palavras. Embora seja meu irmão e eu tenha acreditado em suas mentiras, não posso mais dedicar-lhe confiança!

Ragnar suspirou e deu as costas a Herlaug.

— Não!

Herlaug passou devagar pelo grupo de homens que o haviam apoiado e fez sinal para que o acompanhassem. Ninguém aceitou o convite. Ele entendeu que estava sozinho.

— Eu me lembrarei de quem me abandonou quando executar minha vingança.

A ameaça gelou o coração de Gwyneth. Estremeceu ao sentir um toque no braço. Era Érica.

— Por enquanto, o assunto foi resolvido. Ficaremos sossegados por um ano.

— Será? — Gwyneth não estava tão certa e fitou Érica com admiração.

— Não ficou com medo diante da idéia de enfrentar Herlaug?

— Eu estava apavorada — Érica confessou. — Mas também determinada a punir Herlaug pelo que ele fez comigo, com Geordie, com Torin e com Sèlig.

— Por acaso já viu mulher mais resoluta e ousada? — Torin abraçou Érica. — Creio que ela quer me deixar com os cabelos brancos. Mas eu nunca deixarei de me orgulhar dela. — Acariciou-lhe o pescoço e notou o ar de apreensão de Gwyneth. — Não se preocupe, Gwyneth. Sèlig está bem. O ferimento não é profundo. A curandeira está cuidando dele.

— Vou até lá! — Havia muito para ser dito.

Deitado no chão, Sèlig percebia o rumorejo das pessoas que estavam à sua volta. Apesar da mente ainda confusa, pareceu-lhe que a luta terminara, que ele vencera e que Herlaug fora banido temporariamente. Tocou no próprio braço e sorriu ao sentir o líquido pegajoso. Diante do resultado, o ferimento até que valera a pena.

— Sèlig!

Ao ouvir a voz de Gwyneth, apoiou-se no cotovelo e estremeceu de dor. A ferida recomeçou a sangrar. Mas quando Gwyneth inclinou-se e tocou-lhe o rosto, Sèlig esqueceu o sofrimento.

— Pensei que tivesse se afogado e que eu o perdera — Gwyneth afirmou. — Mas como em um milagre, nada disso aconteceu. Não existem palavras para descrever o que estou sentindo no momento. A única coisa que posso dizer-lhe é que o amo e que sempre o amarei.

Sèlig sonhara tanto com Gwyneth que temeu tratar-se de uma miragem. Levantou a mão devagar, sentiu a pele macia e certificou-se de que se tratava de realidade. Esquecido da dor, ele a apertou entre os braços.

— Fui um egoísta teimoso e idiota.

— Quem foi que disse isso? — Gwyneth afastou-se para encará-lo. — Eu que deveria dizer isso.

— Custei a compreender como era difícil ficar longe da família e como não se podia abandonar a crença que nos acompanha desde o berço. Entendi muitas coisas depois de me atirar ao mar... Muitas coisas.

Sèlig acumulou-a com carícias que falavam de ânsia, de desejo e sobretudo de amor. Gwyneth gostaria de curá-lo com apenas um toque, de fundir-se com Sèlig para que nunca mais pudessem ser separados.

— Gwyneth, jamais amei ninguém como a amo. — Sèlig sentou-se, esquecido da dor. — E por causa desse amor eu lhe peço novamente para casar-se comigo.

— Eu me casarei! — Gwyneth não hesitou. — Érica contou-me sobre a cerimônia nórdica e eu...

— Não! — Sèlig tivera muito tempo para refletir enquanto estava na companhia de Roland Thorvalsson e chegara a uma decisão importante. — Nós nos casaremos diante de um clérigo!

— Um sacerdote... — Gwyneth estava confusa. Não havia sacerdotes na Escandinávia.

— Voltaremos a seu lar em Wessex e nos reuniremos com sua família. Poderemos casar-nos enquanto estivermos lá. Isto se puder perdoar-me e esquecer o que aconteceu.

— Voltar para casa!

Gwyneth admirou-se como Sèlig adivinhara que sua maior vontade era voltar e rever a família. Emocionada, não conteve as lágrimas.

— Por que está chorando? Por acaso eu a ofendi? Gwyneth sacudiu a cabeça.

— São lágrimas de felicidade e não de pesar.

Haveria uma oportunidade de finalmente serem felizes? Gwyneth animou-se com a perspectiva.

— Teremos de recuperar o tempo perdido. Vamos começar gora? — Sèlig estava com o olhar brilhante de desejo e malícia.

— Agora, não. Mais tarde.

Gwyneth silenciou-o com um beijo que o deixou ainda mais impaciente.

A noite demoraria uma eternidade para chegar.

Capítulo XVIII

A lua cheia e prateada tomou o lugar do sol cor-de-cobre que se escondera atrás das nuvens na linha do horizonte. No ar, a fragrância refrescante das flores silvestres e das folhagens. Por todos os lados viam-se fogueiras diante dos acampamentos erguidos para o repouso dos que haviam vindo para a assembléia anual.

Gwyneth e Sèlig tomaram parte nas festividades da noite e beberam hidromel do mesmo copo feito de chifre. Apesar dos protestos de Sèlig, Gwyneth ajudou-o a comer por causa do braço ferido. Depois de terminada a refeição, todos se recolheram para o descanso noturno.

Dessa vez não dormiria sozinha! Gwyneth alegrou-se. Escondida de todos, Gwyneth aconchegou-se nos braços de Sèlig, feliz por estar ao lado do homem amado. O catre estreito proporcionava uma intimidade ainda mais agradável. Arrepiou-se quando Sèlig a beijou com calor. O curioso era sentir-se envergonhada, depois de se conhecerem tão bem.

— O que houve, minha querida?

— Nada... É que... — Sentiu-se corar e teve raiva de si mesma por isso.

Sèlig puxou-a para mais perto. Sem maiores hesitações, despiu-a e acariciou-a. Por algum tempo contentou-se apenas em observar cada centímetro do corpo perfeito.

As chamas eram tão quentes quanto o sol do verão. O calor da tenda inspirou Sèlig. Despejou na mão a água de um jarro de cerâmica e passou a deslizar os dedos molhados na pele aveludada de Gwyneth. Ocupou-se com o busto, a cintura, o ventre e as pernas. Depois virou-a e repetiu os afagos nas costas, nos quadris e nas coxas.

Gwyneth sentiu-se zonga por causa das paixões que Sèlig lhe despertava. Deitou-se de costas e entregou-se às carícias sensuais e úmidas. Sèlig tomou a molhar as pontas dos dedos e traçou círculos eróticos e suaves ao redor dos seios. Desceu lentamente até chegar ao ventre e na parte interna das coxas. Gwyneth prendeu a respiração. Seus olhos pareciam duas lagoas azuis transbordando desejo.

Sèlig estendeu-se novamente ao lado de Gwyneth e beijou-lhe os lábios com ardor. Em seguida fez uma trilha de beijos que alcançou o abdome e o triângulo sedoso que lhe protegia a feminilidade.

Gwyneth suspirou e fechou os olhos. Desejosa de retribuir o prazer que sentia, disse a Sèlig que também gostaria de refrescar-lhe o calor com a água.

— Impossível refrescar-me — ele retrucou, malicioso. Gwyneth umedeceu as mãos com a água do jarro e acariciou-lhe o peito sob a túnica. Tocar em Sèlig era estimulante. Ao verificar que ele estremecia, Gwyneth sentiu que o próprio calor aumentava.

Desamarrou-lhe o cordão da cintura, mas não conseguiu tirar-lhe a calça. Gemendo por causa da dor, Sèlig ajudou-a na tarefa complicada de desnudá-lo. O esforço para desvencilhar-se das roupas foi demasiado e ele não conteve uma imprecação.

— Cuidado com o ferimento! — Gwyneth advertiu-o Sèlig fez uma careta.

— Já fui ferido com maior gravidade. Sobreviverei. Só não posso viver mais uma noite sem o seu amor! — Abraçou-a. — Ah... Gwyn...

Sèlig duvidou que houvesse coisa melhor do que sentir na própria pele o corpo desnudo de Gwyneth.

Ela ergueu a boca, implorando. Sèlig beijou-a. Juntos, con-torciam-se numa dança lúbrica. Sèlig começava a perder o controle. Gwyneth gemia e arqueava os quadris, sem conter a ansiedade.

Gwyneth entreabriu os lábios e Sèlig regozijou-se na exploração insistente de sua boca. A paixão enclausurada de Gwyneth rivalizava com a dele. Incentivado, beijou-a com maior intensidade.

— Ah, Gwyneth, como você é linda... Eu via seu rosto com nitidez quando fui carregado pelas correntes marinhas e achava que iria naufragar. O que me deu forças para acreditar que ficaríamos juntos novamente.

Sèlig acariciou-lhe o rosto com a reverência de um adorador. E com a mesma veneração, voltou ao contorno do busto, do estômago e das coxas. O calor úmido da intimidade de Gwyneth deixou-o ainda mais ansioso.

— Agora, Sèlig... — Trêmula, Gwyneth perdera toda a timidez. Passara a exigir. Temia liquefazer-se inteira sob o calor das chamas que a consumiam. Nem mesmo se importava se estivesse cometendo o pecado original, como Eva fizera ao tentar Adão.

Sèlig fitou-a por alguns instantes, sussurrando palavras de amor. Não se considerava um homem sentimental. Pelo contrário, achava que o sofrimento o transformara em uma pessoa rude. Pois não era o que estava acontecendo naquela noite. Alguma coisa mudara em seu coração e ele passou a valorizar ainda mais o tesouro que lhe coubera.

Gwyneth tomou a iniciativa de receber o amado em toda a sua pujança. Abraçou-o com as pernas e os braços. Naquele momento pôde avaliar como se sentira incompleta antes de Sèlig e durante o período em que o dera como desaparecido. Dali para frente poderia considerar-se inteira e viva. Sentia a respiração quente de Sèlig em seu pescoço como uma verdadeira prova de amor.

Os movimentos continuaram ritmados, cada vez mais intensos. Gwyneth queria demonstrar o quanto o amava e a falta que sentira dele. Mas só conseguia gemer e pronunciar-lhe o nome repetidas vezes.

— Gwyneth... — Sèlig sussurrou e gemeu quando um caleidoscópio de sensações o tragou. Foi um instante de loucura e ele fechou os olhos. — Gwyneth...!

Podia chamar-se Valhala. Podia ser o Paraíso. O fato era que Sèlig descobrira sua existência. Ele nada mais desejava no mundo além do amor de Gwyneth.

A volta da assembléia foi feita em meio a um mar de emoções contraditórias. Todos estavam felizes por terem encontrado Sèlig vivo. Mas uma nuvem de tristeza pairava sobre a caravana. Apesar de todos os males causados por Herlaug, Ragnar mostrava-se consternado. Sempre dedicara uma afeição profunda por seu irmão mais novo.

— A culpa foi minha — Ragnar lamentou-se, cavalgando ao lado de Sèlig. — Eu deveria ter escutado as advertências, mas eu pensei... eu tive esperança... — Tocou no braço ferido do filho. — Minha insensatez quase custou a vida de meu filho mais velho.

Sèlig negou com um gesto enérgico de cabeça. Não deixaria o pai assumir a culpa que era sua.

— Eu nunca deveria ter posto os pés naquele navio, por mais que Herlaug insistisse. Érica e Torin já tinham me advertido sobre as intenções malévolas de Herlaug. — Procurou aliviar a tensão que ameaçava derrotar o grande guerreiro. — Tudo terminou bem, meu pai. Esperemos que Herlaug aprenda a lição e, quando ele voltar, possamos ser novamente uma família de verdade.

Sèlig e Gwyneth se entreolharam sorridentes e Ragnar percebeu o carinho que os unia.

— Meu filho, essa sua conversa faz-me suspeitar que tem algo para me dizer além do problema de meu irmão.

— Gwyneth e eu... — Sèlig fez menção para o pai segui-lo até a carroça.

— Ela vai ter um filho! Meu neto! — Ragnar não escondeu a euforia pela idéia de abrigar mais uma geração de descendentes sob seu teto. — Isso é maravilhoso! Minha residência anda muito austera e silenciosa. Precisamos da alegria e dos risos de crianças.

— Eu não estou! — De cabeça baixa e nervosa, Gwyneth torcia as mãos sem parar. Embora tivesse parado de tomar as ervas de Ingunn, ainda não dera tempo de acontecer nada.

— Não está? Então o quê...? — Ragnar indagou, confuso.

— Gwyneth e eu vamos nos casar.

— Eles vão se casar! — Ragnar repetiu em voz alta, para que todos o ouvissem. — E vai ser um casamento como nunca se viu! Convidaremos todos os amigos e parentes, mesmo aqueles a quem não vemos há muito. Como ainda estamos no Verão, poderemos

fazer a cerimônia no bosque sagrado. — Ragnar não cabia em si de contentamento. — Vai ser uma festa daquelas!

— Meu pai... — Sèlig procurou atrair a atenção de Ragnar, mas o pai continuava a falar com todos a respeito dos detalhes do casamento do filho.

— Minha família está aumentando, exatamente como eu desejava. — Virou-se para Torin. — Eu lhe sou devedor de grandes alegrias. Consegui trazer-me dois de meus filhos. Falta apenas um. O que foi gerado em Eire. Kodran. Kodran Ragnarsson! Ah, se ele pudesse vir ao casamento... — Deu de ombros. — Mas isso também seria pedir demais. Sabe de uma coisa, Sèlig? Pode considerar-se um felizardo por eu já ter uma mulher para me aborrecer e também por eu não ter visto sua Gwyneth primeiro. Ela é muito bonita. Uma verdadeira beldade.

— Pai...

— Quero que o matrimônio se realize amanhã. Mal posso esperar para escoltá-la ao skuldelev. Gwyneth e eu...

— Nós não nos casaremos aqui! — Sèlig exclamou, aflito para esclarecer o mal-entendido.

— Não? — Ragnar ficou sério de repente. Gwyneth sentiu-se culpada ao vê-lo tão arrasado.

— Bem, então quê seja no povoado. Eu esperava ser o anfitrião da festa, mas também poderemos navegar até a costa oeste dos anglo-saxões. Iremos com três naus. Acredito que dará espaço para nossos parentes!

— Também não vamos nos casar no meu povoado. — Sèlig não sabia como explicar a realidade.

Ragnar franziu a testa e as sobranceiras grossas se encontraram.

— O que está tentando me dizer?

— Levarei Gwyneth para Wessex. De volta para sua família. Vamos nos casar perante um sacerdote.

O silêncio que se seguiu à revelação foi tumular. Ragnar empalidecera, assombrado.

— Não pode ser! Isso é um erro!

— É a única maneira.

— Bobagem! — O olhar de Ragnar para Gwyneth foi o de um inimigo. — torno a dizer-lhe que isso é um erro. Eu já cometi o mesmo engano há muito tempo. Quis deixar

minha querida Colleen feliz e por isso casei-me de acordo com sua crença. Depois fui traído da pior maneira por alguém que jurara servir ao Deus dela.

— Sinto muito por isso, meu pai, mas admitamos que também há traidores entre nós. — Sèlig nem precisou tocar no nome de Herlaug. A inferência era óbvia. — Além disso, temos muitas coisas para aprender com os cristãos.

— Modere sua linguagem!

Sèlig precisava fazer o pai compreender a importância do assunto.

— Eu amo Gwyneth e não desistirei dela. Se isso significar agir de acordo com seus desejos, assim será feito. — Sèlig tinha esperança de que Gwyneth, como Érica, acabasse se casando também sob os preceitos nórdicos.

Ragnar, determinado, parecia um pilar de ferro em cima do cavalo.

— Nada disso! — Ragnar ergueu a mão, irritado. — Não consentirei nisso! Se ela o ama de verdade, procurará entender nossos costumes.

— E como eu a amo de verdade, farei qualquer coisa para aprender os dela! — Sèlig não queria discutir com Ragnar. — Eu fiz uma promessa e não pretendo quebrá-la. Dentro de uma semana, partirei para Wessex.

Um desfile compacto de mulheres foi em direção da casa de banhos de madeira já lotada. Depois do pó e da sujeira da viagem, a água era um bem mais do que precioso.

Gwyneth sorriu, segurando a toalha grossa. Lembrou-se de que seu pai e o padre Aiden sempre chamaram os nórdicos de pagãos sujos. Nada mais errôneo. Entre os vikings, a limpeza era fundamental.

— Podemos ir juntas para o banho? — Érica aproximou-se.

— Claro, eu adorarei!

— Importa-se se falarmos sobre o casamento? Vai querer flores? — Érica perguntou, saudosa. — Se estivesse em Alba, poderia escolher um buquê de urzes.

— Flores é que não faltarão. Com certeza minha mãe providenciará uma grinalda feita com trigo, rosmaninho e mirto, para trazer boa sorte e fertilidade.

Isso se sua mãe aceitar que os netos sejam criados por um viking! Gwyneth refletiu. Com a certeza da viagem a Wessex, começava a ficar nervosa diante da reação dos pais quando conhecessem Sèlig.

Poderiam perdoá-lo por ter liderado um reide naquele dia terrível?

Esforçava-se para acreditar que eles entenderiam os motivos. Teria de fazê-los compreender também que ela só se sentia feliz ao lado de Sèlig.

— Imagino que meu buquê será confeccionado com rosas vermelhas e brancas. Além de violetas azuis, as preferidas de minha mãe.

— Sinto que está preocupada. — Érica segurou-a pelo pulso. — Se acredita que haverá perigo em regressar, não vá!

— Preciso ir, Érica. Apesar do grande amor que tenho por Sèlig, não posso excluir meus pais e meus irmãos de minha vida. Não farei isso! Ah, Érica, se eu pudesse fazê-los entender como Sèlig é bom, talvez meu pai nos presenteasse com alguma propriedade. Sèlig poderia interessar-se pela construção de um castelo e...

— Não. — Érica parou de caminhar. — Isso jamais poderia acontecer. Creio que não conhece Sèlig de verdade. Gwyneth, estou muito preocupada com as conseqüências dessa viagem.

De súbito, as duas amigas ficaram tensas. Apreensivas. Continuaram o trajeto em silêncio. Passaram pelos anexos, pela cova onde os refugos eram queimados e chegaram à casa de banhos. Antes de entrar, Érica puxou Gwyneth pelo braço para afastar-se um pouco das outras.

— Não duvido de seu amor por Sèlig. — Érica precisava verbalizar a idéia que a perturbava. — Se tivesse de fazer uma escolha entre sua família e ele, por qual dos dois se decidiria?

Gwyneth ofendeu-se com a questão proposta.

— Ora, Érica, mas que pergunta! Por Sèlig, é claro!

— Acredita que poderá fazer como eu e viver de acordo com as normas dos vikings?

Não terei de fazê-lo!, Gwyneth disse a si mesma. Farei Sèlig entender que teremos uma vida muito melhor em Wessex.

Fazia muitos anos que Sèlig enfrentara a escravidão. E o tempo era um santo remédio para as feridas.

Gwyneth não pensava em outra coisa desde que deixaram a assembléia. Pediria ao padre Aiden para explicar a Sèlig os ensinamentos da Igreja. Uma vez que Sèlig os entendesse, sua fé floresceria e ele não pensaria mais em voltar para a Escandinávia.

— Claro que eu poderei fazer a mesma coisa. — Gwyneth procurou parecer convincente. — Pode ficar tranqüila. Sèlig e eu teremos uma vida boa.

Entraram juntas na casa de banhos. Caldeirões de água ferviam sobre o fogo, criando uma sauna. Os homens já haviam tomado banho e estavam bem longe do recinto enfumaçado.

Érica tirou a roupa, prendeu os cabelos para cima e entrou em uma das três cubas gigantes que ficavam no meio do salão.

— Venha depressa, Gwyneth, antes que ocupem todos os lugares. — Érica deslizou e afundou na água até a cintura.

Gwyneth esfregou os olhos que ardiam em razão da fumaça e do vapor. Despiu-se e dobrou o vestido sobre um banco. Deduziu que naquele dia o calor do recinto era mais intenso. Fechou os olhos para sonhar com o enlace. Dessa vez ela se casaria por amor.

Assustou-se com um grito repentino.

— Idiota, quase me escaldou! — era a voz de Nissa.

A fumaça e o vapor impediram Gwyneth de ver o que acontecia. Na certa uma escrava teria derrubado, por acidente, mais água quente do que o necessário no banho. Gwyneth sentiu piedade da serva e raiva de Nissa. Se sua mãe estivesse ali, ensinaria Nissa a tratar melhor os escravos. Sua mãe sempre aliara bondade com disciplina.

As outras mulheres ignoraram a rudeza de Nissa e continuaram a tagarelar sobre assuntos femininos. Crianças, como assar melhor os pães, tarefas diárias e deveres. Gwyneth descobrira que as mulheres nórdicas não eram como Eva, a mãe do pecado, segundo os ensinamentos do sacerdote. Eram mães enérgicas de homens corajosos que haviam gerado. A mulher tinha direito a um terço da fortuna do marido e à metade, depois de vinte anos de casamento. Essa metade deveria ser dividida entre as outras mulheres, caso houvesse mais de uma. O marido consultava a esposa em questão de negócios. Ela era a anfitriã do lar, onde a convivência com os homens era considerada natural.

Gwyneth não podia concordar com a idéia de um homem ter mais de uma esposa. A poligamia era aceita e praticada em geral pelos vikings mais abastados. Perguntou-se por que Ragnar tinha apenas uma esposa. Talvez por saber que Nissa afugentaria qualquer outra, mesmo que se tratasse apenas de uma em perspectiva.

Eu faria o mesmo!, Gwyneth cismou.

Entrou na cuba e ocupou um lugar entre as outras. O prazer da água quente e perfumada foi irresistível. Como por efeito mágico, o alívio dos músculos doloridos foi quase instantâneo. Sentiu-se tão relaxada que foi difícil abrir os olhos.

— Gwyneth, deseja mesmo voltar? — Ingunn interessou-se.

— Claro. Sèlig concordou em casar-se em uma cerimônia cristã.

— Por quê? — Ingunn espantou-se. — Quando duas pessoas se amam, não importa quem os leva a pronunciar os votos.

— Para mim, importa!

O sorriso caloroso de Ingunn transformou-se em carranca.

— Então talvez seu amor por Sèlig não seja tão grande quanto pensa.

— Está enganada. Eu o amo muito, muito mesmo. Apenas eu...

— O que tem a ver o amor com o casamento? — Nissa perguntou. — O matrimônio não passa de um contrato entre duas famílias. — Sorriu para Gwyneth, como se de repente comesse a valorizá-la. — Ragnar dará a Sèlig uma grande soma em ouro e prata para pagar o valor da noiva.

— Valor da noiva? — Gwyneth sorriu. — Em Wessex, meu pai daria o meu dote para Sèlig.

— Talvez ainda não conheça as muitas outras vantagens em ser uma viking — Érica interveio na conversa. — Aqui o valor da noiva ou dote fica em poder da esposa depois do casamento.

— Quer dizer que eu poderia ficar com isso?

— Talvez os nórdicos não sejam tão bárbaros, querida — Érica segredou no ouvido de Gwyneth.

As mulheres se alvoroçaram. Comentavam sobre os valores da noiva que lhes fora entregue. Admiravam-se com os maiores e lamentavam os menores. Falaram sobre os primeiros tempos de casamento e também o final, quando se fazia necessário. Um casamento infeliz podia ser dissolvido pelo divórcio, embora esses não fossem freqüentes. Para divorciar-se bastavam testemunhas e declarar-se divorciado.

— Como ocorre lá na sua terra?

— Não temos divórcio.

— Não? Quer dizer que nem se for um péssimo homem, se beber demais, se bater na mulher com freqüência, se roncar, se for preguiçoso ou gostar demais das outras mulheres, a esposa não pode divorciar-se dele?

— Não, a menos que o Senhor dê seu consentimento.

— Ah! E ainda nos chamam de selvagens! — Ingunn esnobou o resto da humanidade.

Gwyneth sentiu necessidade de defender seu povo.

— Antigamente um marido podia divorciar-se de sua esposa à vontade e depois se casar novamente. Mas o Sínodo de Hertford denunciou esse costume. Aos poucos a influência da Igreja promoveu a estabilidade das uniões. E assim deverá continuar.

— Se fosse eu a casar-me com Sèlig, haveria de alegrar-me por não existir divórcio — Ingunn declarou, bem-humorada.

O assunto foi logo esquecido diante de um boato suculento.

— Helga, a filha de Einar, o Viajante, que mora a poucos quilômetros daqui, embarcou como clandestina no navio de Leif Jorunnsson.

— Não!

Várias mulheres contiveram gritos histéricos.

— É a mais pura verdade. Ela estava apaixonada por Leif e não queria ser deixada para trás. Por isso decidiu vestir-se como homem e acompanhar a tripulação.

— Hum. Magra e sem peito como é, deve ter ficado bem melhor como homem — Nissa aproveitou para alfinetar.

— Pelo que ouvi falar de Leif, não importa que ela seja sem graça. Ele não é muito exigente — Kadlin explicou. — Desejo muita sorte para ela. Espero que eles estejam bem longe. Assim o pai não poderá trazê-la de volta. — Virou-se para Gwyneth. — Também lhe desejo toda felicidade do mundo.

Havia mais de vinte mulheres no salão de banhos e todas desejavam seus melhores votos para Gwyneth. Cada uma delas prometeu dar-lhe um presente para ser usado no dia do casamento. O mimo que mais a encantou foi um par de brincos prometido por Érica.

— Espero que sejam tão felizes quanto Torin e eu somos, e que se amem para sempre, quer estejam aqui ou bem longe de nós. — Érica abraçou-a, emocionada.

Parte III

Dragão em chamas.

Uma nova traição

Capítulo XIX

Wessex

A noite estava clara e a lua pairava sobre o mar escuro, vigiando a todos como se fosse o olho de Deus. Gwyneth nunca se sentira tão contente. A paz a envolvia com um imenso manto benfazejo. Ao lado de Sèlig, iria para casa. O litoral de Wessex estava a seu alcance, escondido apenas pela escuridão. Com o raiar do sol, poderia ver as praias, as rochas e as árvores que tanto amava.

Nem mesmo se incomodou com as batidas insistentes das ondas no casco do navio. A excitação de ver a família e contar-lhes as novidades ocupava cada instante de seus pensamentos. Não via a hora de poder dizer-lhes que estava apaixonada e que iria se casar.

— Se eu pude perdoá-lo por tudo o que houve, eles também o farão — sussurrou para si mesma.

Tinha todos os planos em mente. Sèlig mandara um mensageiro a Chester com um carta que ela escrevera ao padre Aiden. Explicara, em poucas palavras, que viera com nórdicos amigos. Pedira ao sacerdote que trouxesse seu pai e seus irmãos até um lugar determinado, onde explicaria tudo o que ocorrera, inclusive a idéia de casar-se com Sèlig. Diante disso, o pai poderia fazer os preparativos, como fizera com Alfred.

Alfred! A única coisa que turvava a sua felicidade era lembrar-se do homem que fora seu noivo. Alfred, o traidor. Teria de denunciá-lo e revelar ao pai o que ele fizera. Depois disso, nada mais haveria de preocupá-la.

Gwyneth suspirou. Embora estivesse muito ansiosa para rever a família, sentia saudade de quem ficara na Escandinávia. Principalmente de Érica. Tocou nos brincos com que tinham sido presenteada por ela. Brincos de ouro pendurados em correntes e que combinavam com os braceletes oferecidos por Torin para ela e para Sèlig.

— Torin... — Lembrou-se com carinho de seu futuro cunhado. Ele prometera ensinar-lhe a jogar hneftafl quando voltassem. Desafiou-a a aprender depressa para ganhar dele.

— Ingunn... — A moça lhe dera um lenço de cabeça bordado por ela mesma. Explicara que, uma vez casada, deveria usá-lo sobre os cabelos para evitar que caíssem nos olhos durante as tarefas domésticas.

— Ragnar... — O último, mas não o personagem menos importante. Apesar do desapontamento de não ter podido festejar o casamento do filho no bosque sagrado, oferecera-lhe dois presentes. Uma capa grossa de lã castanha enfeitada com arminho. Um broche de prata trabalhada, no formato de uma pequena caixa para guardar seus tesouros. Ragnar também lhe autorizara a escolher o que mais lhe agradasse em seus depósitos.

Gwyneth sorriu ao lembrar-se de como ficara animada ao aceitar a oferta generosa. Parecia uma criança remexendo nas arcas, avaliando os tecidos, as bugigangas e os enfeites. Pusera tudo em um baú de madeira e mandara levar a bordo do navio.

Cada peça seria uma lembrança da Escandinávia e uma recordação de que nem todos os nórdicos eram selvagens.

Caminhou até o centro da embarcação e passou a mão em duas arcas idênticas. Uma delas continha os presentes de Sèlig. Na outra, seus próprios pertences. Camisas franzidas de linho finíssimo, vestidos coloridos. E o vermelho, seu favorito.

Gwyneth pensou que todos estivessem dormindo. Nisso viu ao longe a silhueta musculosa de Sèlig. Quase não haviam ficado juntos durante a viagem, pois ele estivera muito ocupado.

— Também perdeu o sono, Sèlig? — Gwyneth sussurrou ao aproximar-se do noivo.

— Não. Estou muito ansioso. Alguma coisa não está certa. O silêncio é demasiado e estranho.

Gwyneth deu risada.

— E desde quando a quietude é agourenta?

— Quando um homem está em território inimigo — Sèlig respondeu, circunspeto.

Gwyneth tocou-lhe o braço.

— Não será por muito tempo. Eu direi a todos o que aconteceu e quando meu pai, meus irmãos e o padre Aiden entenderem que o malfeitor foi Alfred, tudo terminará bem. Ainda mais depois de eu afirmar que não poderei viver sem Sèlig Ragnarsson!

Sèlig gostaria de poder acreditar naquelas palavras, mas até Baugi estava inquieto. O cão não dormira um minuto. Mostrava-se alerta o tempo inteiro.

— E se a sua família não vir com bons olhos o nosso casamento? O que acontecerá? Se eles acharem que o único caminho para esquecer o passado será derramar meu sangue?

Gwyneth fitou-o com olhar arregalado.

— Minha família não é selvagem!

— Nem um pouco! — Sèlig irritou-se com a atitude arrogante de Gwyneth que se tomara mais notável com a volta a Wessex. — Os selvagens são os escandinavos!

Apesar do rosto escurecido pela sombra, Gwyneth percebeu Sèlig estreitar os lábios em um ricto severo.

— Sèlig, perdoe-me! — Ela não pretendia ferir-lhe os sentimentos. — Eu o amo.

— Mesmo eu sendo um bárbaro? — ele perguntou com amargura.

— O homem que eu amo é o melhor do mundo.

— E continuará a amar-me, mesmo se eu for desprezado por sua família?

— Eu o amarei, mesmo se for rejeitado pelo mundo inteiro. Não menti quando afirmei que não poderia continuar vivendo se não fosse a seu lado. Nunca me senti tão infeliz quando supus que tivesse morrido.

A lembrança daqueles dias fez Gwyneth chorar e os soluços suaves comoveram Sèlig.

— Psiu... Não falamos mais sobre isso. Não discutamos mais. Guardarei os argumentos para quando conhecer seu pai.

Sèlig enlaçou-a em um abraço apertado e Gwyneth agarrou-se no pescoço dele. Mas Sèlig não lhe beijou os lábios. Beijou-a na testa e afastou-se.

— Amanhã precisarei de todas as minhas forças. Não posso ceder às tentações. Meu amor, volte a seu catre. Desejo-lhe uma boa noite. — Sèlig afastou-se e Gwyneth ficou parada, confusa.

Gwyneth acordou assustada. O navio balançava para frente e para trás. Algo bateu com força no casco. Dali a instantes, foram novamente abalroados. Levantou-se e procurou

enxergar no escuro. Alguns segundos depois, outra colisão forte fez o navio estremecer e ela estatelar-se no chão.

— Sèlig!

Sentiu arrepios ao escutar os latidos de Baugi e depois um uivo. Um grito. Um gemido. Levantou-se com dificuldade por causa do balanço forte.

— Sèlig...! — O que aconteceu? — Sèlig!

Escutou som inequívoco de espadas que se entrechocavam e de passos estremecendo o deque. Gritos a Odin e a Tor. Outra vez o ferro contra ferro.

— Sèlig, o que está acontecendo? — Gwyneth amaldiçoou a escuridão e as nuvens que cobriam a lua. — Santo Deus!

Rezou de mãos postas antes de adiantar-se, apoiando-se onde podia para manter o equilíbrio. Tropeçando, prosseguiu aos poucos. Escutou a linguagem nórdica e o idioma inglês. Naquele momento entendeu que fora traída.

Uma tempestade de ódio havia se abatido sobre eles. O rugido do mar ecoava a tormenta de seu coração.

— Não!

— Gwyneth, abaixe-se! — A voz de Sèlig foi um presente precioso. Ele estava vivo. — Esconda-se!

Houve uma sucessão de gemidos, de gritos e de urros. Pareciam reminiscências do ataque à igreja no dia em que ela iria casar-se. O mesmo pavor atingiu-a dos pés à cabeça. E ela continuava incapaz de reverter a situação.

— Papai! Se o senhor for responsável por isso, eu o amaldiçoarei!

Aterrorizada, estreitou os olhos. Mas só enxergava sombras. Lembrou-se de que Satanás governava a escuridão.

— Parem! Parem a luta! — Por que não a escutavam? De repente, Gwyneth foi agarrada por trás. Uma mão enorme silenciou-lhe os gritos. Irada, mordeu a palma que a impedia de gritar. Chegou a sorrir, quando ouviu o berro de dor.

Duas sombras se juntaram à primeira. Embora lutasse desesperadamente, foi contida sem demora. Eles lhe amarraram os pés e as mãos. Foi amordaçada e jogada por cima do ombro de um dos atacantes.

Sèlig!

Seu coração gritava de infelicidade. Da garganta saiu um ruído baixo, inaudível no meio de tanta desordem. Lágrimas transbordavam de seus olhos e os soluços sacudiram-lhe o corpo.

De repente, sentiu uma pancada forte na cabeça. Lutou para não desmaiar, mas uma espiral ainda mais escura a levou pelo longo corredor da inconsciência.

Era uma noite escura, sem estrelas. Fantasmagórica. As nuvens escondiam o luar como uma mortalha.

Sèlig lutou para voltar à consciência. Deitado no chão, ouviu gemidos, lamentos e gritos. Percebeu que seus homens se contorciam de dor. Apesar da névoa em sua mente, percebeu que a batalha terminara e que tinham sido os perdedores.

Percebeu ferimentos em vários lugares. A cabeça doía. Tocou na cabeça e notou o sangue escorrer. Um gemido fino a seu lado alertou-o. Baugi também fora atingido.

— Venha cá, Baugi... venha. — Escutou o cão arrastar-se pelo deque. — Meu pobre urso.

Baugi ignorou a própria dor, lambeu a ferida da cabeça de Sèlig e depois a orelha. Sèlig tateou no corpo do cachorro, à procura de ferimentos graves. Felizmente não encontrou nenhum. Ao contrário dos outros, pareciam ter escapado de golpes mortais.

— Temos de ajudar nosso amigos, Bau...

Sèlig começou a mover-se, mas parou ao ver alguém se aproximar. Seria melhor simular a morte. Dessa maneira ainda poderia ter a oportunidade de ajudar os demais.

Ficou imóvel e a tontura começou a ceder. Conseguiu focalizar o dono da voz que comandava os subordinados. Era Alfred! O traidor! Aquele que o enganara. Era o responsável por mais um massacre. Mas qual a ligação dele com o sacerdote de Gwyneth? Ela não duvidara que tudo daria certo e que o padre era confiável.

Por que haviam sido atraídos?

Sèlig encontrava-se enojado. Não imaginava como um homem podia enganar e trair seu próprio povo. Pensar que Gwyneth quase se casara com ele fez o sangue de Sèlig gelar nas veias.

— Gwyneth!

Mesmo apreensivo quanto ao próprio destino, estremeceu ao pensar no que a aguardava. O que aconteceria com ela? Alfred deveria ter algum trunfo na manga que seria um desastre para eles.

— Pelas barbas de Odin!

Sèlig escutou a voz de Roland. O amigo estava vivo. Pelo menos seriam dois para tentar salvar os outros. Ele ou Roland teriam de ir ao local do encontro combinado com Torin.

Apesar do que acontecera, Sèlig não perdera a esperança. Torin fora muito persuasivo, revelando que fora atacado pelos escoceses, quando levava Érica de volta a Alba. Insistira em seguir o Sea Dragon a distância para ajudar em caso de perigo. Sèlig lembrara-se de um conjunto de rochas enormes e o local fora escolhido para um encontro. Mas em consequência do ataque, a reunião teria de ser antecipada.

— Um de nós terá de ir até as rochas — Sèlig cochichou com o amigo.

— Não se preocupe. Eu irei. Concentre-se na procura de Gwyneth. Sei que seu coração está apertado pela angústia...

Várias sombras materializadas em homens caíram sobre Roland e ele se calou. Sèlig foi jogado de bruços e teve os braços amarrados.

— Baugi, corra! Encontre Torin! Avise-o! — Essa seria a única esperança deles.

O cão hesitou até sentir a ameaça de um dos homens de Alfred. Latiu e saiu correndo, levando um apelo mudo e desesperado de Sèlig.

Sèlig rangeu os dentes quando uma tocha foi acesa bem perto de seu rosto.

— Deixe-me ver quem temos aqui — o dono de uma voz tonitruante falou.

Sèlig fitou um par de olhos vermelhos, cheios de ódio e desprezo.

— É ele, Alfred! É o escandinavo que liderou o reide e roubou Gwyneth de nós — a mesma pessoa concluiu o raciocínio.

— O cão viking! — outro gritou.

— Vamos enforcá-los agora, junto com todos os que ainda estão vivos!

— Não! — Alfred não gostou da idéia. — Eles são muito mais valiosos vivos. Pelo menos por enquanto. Mas pode acreditar. Quando eles morrerem, poderá sentir-se vingado.

— Acredite nele — Sèlig sussurrou.

Pobres idiotas. Estavam confiando no próprio Satanás a quem Gwyneth se referira. Não disse mais nada e nem poderia. Um soco nas costelas fez com que perdesse o fôlego. Esperava que pudesse falar mais tarde. No momento esforçou-se para não gemer de dor enquanto era empurrado e puxado junto com Roland.

Os dias e as noites se sucediam em uma névoa de incerteza e infelicidade. Gwyneth não tomava consciência da passagem do tempo. Se estava acordada, remoía na mente as imagens terríveis do ataque ao navio de Sèlig. Não sabia se ele estava vivo ou morto. Atormentava-a a culpa pela responsabilidade dos acontecimentos. Se não houvesse manifestado desejo de voltar para Wessex, a tragédia não teria ocorrido. Quando dormia, os pesadelos a afligiam. Sempre a batalha, os gritos, os gemidos e o rosto de Sèlig que a assombrava como um fantasma.

Ah, se ao menos tivesse escutado Érica! Jamais deveria ter voltado. Por sua teimosia, Sèlig e os outros haviam pagado um preço alto demais.

— Eu queria voltar. Insisti que deveríamos fazê-lo. Agora estou de volta ao meu torrão natal e lamento o meu retorno — Gwyneth dissera a Ethelin, sua irmã.

Na noite do ataque, Gwyneth fora trazida para a mansão de seu cunhado. O que resultara em um encontro agri-doce e repleto de reminiscências. Se não fosse a angústia da dúvida e de ter sido separada de Sèlig, Gwyneth teria ficado feliz de rever a irmã. As duas choraram muito, pensando no passado. Felizmente o pai e os irmãos haviam sobrevivido ao reide viking.

E Sèlig? O que teria acontecido com ele?

— Eu confiava no padre Aiden e fui por ele traída — Gwyneth declarou com amargura.

Ethelin segurou com carinho na mão de Gwyneth.

— Minha querida, não foi traição. Foi um resgate. — Ethelin estalou a língua. — Alfred contou-me de seus delírios quando foi trazida para cá. Deve ter sido terrível viver entre aqueles gentios. Não é de se admirar que tenha ficado confusa.

— Ethelin, volto a afirmar pela centésima vez! Não estou confusa. Sei exatamente sobre o que estou falando. Naquele dia fatídico, Alfred esteve era conluio com os nórdicos. Ele foi responsável direto pelo ataque. Ele não me ama. Queria casar-se comigo para tomar posse das terras de nossa família. Resolveu ajudar os vikings com esperança de que nosso pai e nossos irmãos fossem mortos. Assim ele poderia apoderar-se de tudo. De tudo, entendeu, Ethelin?

— Gwyneth, como pode dizer coisas tão horríveis? — Ethelin mordeu o lábio inferior. — Deveria ter visto o sofrimento de Alfred quando os vikings a raptaram.

Gwyneth fechou os punhos, irada.

— Quantas vezes ainda terei de lhe dizer que Alfred foi o culpado por todo aquele sofrimento?

Ethelin ignorou as afirmações de Gwyneth.

— Tome o caldo. É de carne com legumes e vai sustentá-la. Está muito fraca. Tem de recuperar-se.

Gwyneth encarou a irmã com olhar desafiador.

— Eu só comerei, Ethelin, se me contar o que aconteceu com Sèlig. Estou cansada de ouvi-la dizer para eu ficar quieta! — Gwyneth inspirou fundo. — Ele está vivo? E os outros?

— Bem... acho que não fará mal se eu falar. — Ethelin mergulhou a colher na sopa, estendeu a gamela para Gwyneth e esperou a irmã começar a comer. — Eles estão vivos. Pelo menos por enquanto.

Gwyneth sentiu um frio no coração.

— O que acontecerá com eles? Ethelin fez uma careta.

— A penalidade de Sèlig e dos outros deverá ser decidida pela lei.

— Penalidade? — Gwyneth repetiu e estremeceu ao imaginar que Sèlig poderia ser enforcado, decapitado, queimado vivo, apedrejado ou afogado. Essas eram as penas usuais. — Ethelin, será que não entende? Eu convenci Sèlig para vir a Wessex por que queria a paz entre os dois povos. Não o fiz vir para cá para ser morto!

— Já esqueceu o que o seu amado viking fez? — Ethelin irritou-se. — Esqueceu a dor que ele causou a todos? Papai está manco até hoje. E Edwin teve de aprender a usar a espada com o braço esquerdo!

— Por culpa de Alfred! — Gwyneth jogou a colher de volta na tigela e espalhou sopa na colcha. — Por que ele não será julgado? — Gwyneth leu a resposta nos olhos da irmã. — Porque Alfred é um dos nossos e porque nem a minha irmã acredita em mim! Alfred é um mentiroso refinado!

Ethelin resolveu dar a sopa na boca de Gwyneth.

— Gwyneth, não sei o que fazer com a sua pessoa. Como desfazer o feitiço que o pagão jogou sobre sua cabeça? Ele a deixou transtornada!

— Pelo contrário. Sèlig abriu meus olhos, mas não o suficiente. — Gwyneth começou a chorar. — Eu o amo, Ethelin! Acho que o amei desde que o conheci. Eu poderia ter sido feliz, mas estava cega. Eu deveria ter ficado...

— Entre... entre os escandinavos? — Ethelin nem se preocupou em esconder que estava horrorizada.

Gwyneth piscou para afastar as lágrimas.

— Sei o que está pensando. Que eles são bárbaros. Mas não é nada disso. Os nórdicos são iguais a nós.

Ethelin pôs as mãos nos quadris.

— Pois eu duvido!

— Eles não são os selvagens que todos apregoam, apesar do que aconteceu aqui. Se conhecesse Érica e Torin, iria adorá-los. Assim como também Ragnar e Sèlig... — Gwyneth contou para a irmã tudo acerca dos costumes e das leis nórdicas. E sobre o amor que nutria por Sèlig. Empenhou-se em não esquecer nenhum detalhe. Tinha esperança de que Ethelin entendesse.

— Ele não a machucou?

— Não. Ele nunca me obrigou a nada. — Gwyneth encarou Ethelin. — O que houve entre nós foi maravilhoso e desejado por mim também!

— Pois foi um erro! — Ethelin foi até a janela e observou o pátio. — Gwyneth, é preciso acreditar no Senhor acima de todas as coisas. O que aconteceu com seu viking foi por vontade Dele.

— Ora, vejam! — Gwyneth foi acometida por uma raiva súbita. — Acha mesmo que Deus, com toda sua misericórdia, seria responsável por tanta dor e tanto sofrimento? Ou por trazer a morte para um homem bom e para seus companheiros? Se é isso, esse Deus não é muito diferente das divindades pagãs dos escandinavos.

Gwyneth não pôde continuar a defesa de Sèlig. As duas irmãs fora interrompidas por uma jovem escrava que informou a Gwyneth que alguém pedia para vê-la.

Afinal o que ela era dentro daquela mansão? Hóspede ou prisioneira?

— A mim? — Apreensiva, Gwyneth deduziu que fosse Alfred.

Gwyneth levantou-se da cama, ajeitou o vestido e foi até o grande hall. A suposição fora correta. Alto e magro, Alfred estava à sua espera.

— Por que veio até aqui, Alfred?

Ele estreitou os olhos pequenos e o nariz ficou ainda mais adunco. Como se nada tivesse acontecido entre eles, estendeu a mão num cumprimento.

— Por quê? Ora essa! — Os olhos cintilaram e ele curvou os lábios para baixo. — A senhora é minha noiva. Independente dos pecados que possa ter cometido, seu lugar é a meu lado. Conversei com o sacerdote. Ele está pronto para casar-nos assim que eu quiser.

— Jamais me casarei com o senhor! E o senhor sabe muito bem disso! O senhor é a encarnação de Satanás! Mas eu logo revelarei sua traição. Contarei tudo para meu pai e meus irmãos. E para quem mais quiser me escutar.

Alfred fez um gesto para Ethelin sair.

— Há algumas coisas que precisam ser ditas em particular por aqueles que empenharam a palavra em um casamento.

— Não vá, Ethelin! Por favor! Pelo amor que dedica à sua irmã, não me deixe sozinha com ele. Foi ele quem trouxe os nórdicos para cá e também foi o responsável por meu desaparecimento! Ethelin!

Ethelin hesitou por alguns segundos antes de sair do recinto. Gwyneth ficou a sós com o homem a quem odiava.

— Onde o senhor pôs Sèlig e a tripulação dele?

— Estão trancafiados. Não poderão causar-nos nenhum mal! — O sorriso de Alfred era medonho. — Se a senhora for dócil e cooperar, eles continuarão vivos.

— O que está pretendendo dizer com isso? — Gwyneth imaginava o que fosse.

— A senhora se casará comigo, exatamente como planejei antes.

— Casar-me com o senhor!

A idéia era odiosa. Alfred não perdera o interesse nas terras do pai dela. Ainda assim, era preciso ganhar tempo. Por isso não resistiu quando ele se aproximou, empurrou-a até a porta e puxou-a para fora, em direção dos cavalos já encilhados.

Capítulo XX

Gwyneth cavalgava uma égua baia e vinha logo atrás do garanhão castanho de Alfred. O tropel dos cavalos repercutiu pelo pátio silencioso. A égua seguia amarrada no cavalo do homem que fora seu noivo e que se transformara em seu raptor. Alfred pretendia assegurar-se que Gwyneth não fugiria.

Gwyneth refletiu que a vida era mesmo um mistério. É uma ironia. Tornara-se prisioneira do homem a quem deveria ter desposado. Alfred a forçaria a aceitar um matrimônio que a manteria amarrada a ele para sempre.

— Teria sido preferível casar-se com Sèlig no bosque sagrado — Gwyneth resmungou, desanimada.

Pelo menos desposaria um homem que amava e não um que odiava. A incerteza de seu futuro parecia uma chaga que infeccionava mais à medida que prosseguiam o trajeto.

Nenhum dos dois falava. Alfred olhava para frente, certo de que, às suas costas, Gwyneth não ousaria desviar-se. A paisagem começou a tornar-se conhecida para Gwyneth. Estavam se aproximando da residência de seu pai. O coração disparou de alegria pelo fato de estar voltando para casa.

Sua mãe estaria sentada na lareira, supervisionando a fiação dos tecidos? Seu pai teria ido à caça? Os irmãos continuavam envolvidos com a falcoaria? Ou dirigiam o trabalho dos escravos? Independente do que estivessem fazendo, todos largariam os afazeres para saudá-la. Talvez ela pudesse conseguir a ajuda deles para libertar Sèlig e os companheiros.

A frustração foi enorme ao ver que Alfred se dirigia para o cruzamento à esquerda da estrada.

— Para onde estamos indo? Pensei que o senhor me levava para casa...

— Para chegarmos à minha propriedade a leste, temos de passar pelas terras de seu pai — Alfred respondeu com grosseria.

— Sua propriedade?

— Quando a senhora desapareceu, seu pai teve pena de minha tristeza e concedeu-me alguns acres como compensação. Assim nossos laços ficaram mais fortes antes do retorno dos nórdicos.

— Aquelas terras eram minhas! — Como não haviam se casado, continuavam a pertencer-lhe. — Meu pai não tinha o direito de fazer isso!

— Claro que tinha! Afinal, a senhora não passa de uma mulher!

A ira de Gwyneth fervilhava e não era pelos raios de sol que incidiam sobre eles. Estava exausta. A viagem se prolongava demais. Mas não perdera a esperança de enganar Alfred e de poder ajudar Sèlig. Alfred, em sua presunção masculina, não a considerava uma ameaça. Nem se preocupara em trazer soldados para acompanhá-los.

Afinal, ela não passava de uma mísera mulher!

— Estou à sua mercê, Alfred — Gwyneth falou com doçura. — Não tenho como me opor a seus planos. Por favor diga-me o que fez com os vikings, pois eu ainda os temo.

Alfred fulminou-a com o olhar.

— Temer? Pelo que o sacerdote me disse, a senhora queria casar-se com um deles. E pretendia marcar uma reunião com padre Aiden.

Gwyneth sacudiu a cabeça e franziu o cenho para maior credibilidade.

— Creio que deve ter havido algum engano. — Sabia que Alfred não lera a mensagem, pois ele não sabia ler. — Odeio o homem que me fez prisioneira. Quero vingar-me dele — mentiu —, e tenho a impressão de que o senhor deve ter tomado as providências em meu lugar.

Alfred era esperto e difícil de ser ludibriado.

— Não acredito que o odeie, Gwyneth. Seu primeiro pensamento foi querer saber o que fora feito com aqueles bastardos selvagens!

— Eu estava apavorada e queria ter certeza que estaria a salvo de novos sofrimentos. — Gwyneth olhou por sobre o ombro para ver se conseguiria fugir de Alfred e alcançar a propriedade do pai.

Acreditou que pudesse fazê-lo. Ela era muito mais leve de que Alfred e mais ligeira. Mas para isso, teria de livrar-se dele. O grande problema era soltar as cordas que os mantinham juntos. Teria de encontrar uma maneira de ludibriar Alfred para que ele desamarrasse a égua. O que lhe pareceu pouco provável.

— Talvez o senhor não tenha capturado os vikings. Por que está mentindo para mim? Como poderei assegurar-me que não serei capturada novamente?

— Eles estão em Chester sob vigilância de seus irmãos e de vários soldados. — Alfred torceu os lábios, aborrecido por ter falado demais. — Não se preocupe. Eles não a perturbarão outra vez. Para onde irão, não haverá oportunidade de repetirem a crueldade.

O tom sinistro deixou Gwyneth apavorada, mas logo tratou de encarar os fatos com otimismo. Seus irmãos vigiavam os nórdicos. Poderia fazê-los entender que teriam de libertar Sèlig imediatamente. Isso, se pudesse falar com eles.

Continuaram o trajeto e a fuga tornou-se seu objetivo principal no momento.

— Ah, Alfred... — ela o chamou com voz de extrema fadiga.

— Não poderíamos descansar um pouco? Estou com fome e com sede. Juro que não posso prosseguir nem mais um metro. — Levou a mão à testa, como se fosse desmaiar.

— Mulheres! — Alfred desmontou e tirou-a da sela sem muita delicadeza. — Vamos matar sua fome e sua sede o mais depressa possível. Ainda temos muitos quilômetros de viagem pela frente.

O que Alfred temia? Ele perscrutou a estrada atrás deles com uma ruga profunda entre os olhos.

Gwyneth aproveitou-se da falta de atenção de Alfred. Em segundos escapuliu pela moita e chegou até o rio.

Quantas vezes não se sentara na ribanceira para observar as brincadeiras de Edwin e de Pengwyrn na águas perigosas! Conhecia cada pedra e cada tipo de vegetação próximas do rio.

Logo estarei em casa novamente!, ela pensou com um sorriso. Viu Alfred desnortado à sua procura. Não pôde evitar um sentimento de triunfo ao esconder-se atrás de um trecho de moita cerrada. Livrar-se-ia dele e correria para Chester. Nem tudo estava perdido.

— Por acaso pretendia fugir?

Gwyneth virou-se e teve de encarar a fisionomia odiosa de Alfred. Na certa ele viera por um atalho. Forçou um sorriso e olhou-o com inocência.

— Eu...? Mas que idéia, Alfred! Eu estava pensando em dar um mergulho. Não agüento mais a sujeira da viagem. Não vai se opor a uma vontade tão singela, não é mesmo?

Alfred fitou-a por alguns segundos e não se mostrou convencido. Empurrou-a colina acima.

— A sujeira é saudável. A água é que é perigosa. — Ele estremeceu. — Banhos... ah! Um a cada cinco anos para mim é o suficiente.

Imaginou o que Alfred diria se soubesse que os escandinavos tomavam banho toda semana. E ainda chamavam os vikings de sujos.

Alfred entregou-lhe um pedaço de coelho mal-cozido. Gwyneth comeu devagar, com esperança de que o algoz se afastasse. Mas ele permaneceu a seu lado firme como uma rocha. Quando terminou de comer, ele a agarrou pelo braço.

— Vamos embora. Não podemos ficar mais tempo por aqui.

Eles voltaram para a estrada e retomaram o galope. Desanimada pelo fracasso do plano, Gwyneth contemplava a paisagem que tanto amava. A sucessão de colinas arredondadas estavam cobertas por uma vegetação luxuriante. Nas árvores, notavam-se

folhas com as primeiras cores do outono. Afastavam-se de Chester muito depressa. Urgia encontrar uma maneira de fugir.

Maldita corda que amarrava a égua ao garanhão!

— Alfred, minha égua começou a mancar. Importa-se que eu cavalgue com o senhor?

Alfred praguejou, deteve os cavalos e apeou do seu.

— Mulheres! Não passam de criaturas inoportunas e irritantes!

Alfred desatou a corda e desembainhou a espada para dar fim ao sofrimento do animal.

— Espere. Ajude-me a descer primeiro.

— Por acaso é aleijada? — Alfred praguejou novamente e arrancou-a de cima da égua.

— Não quero testemunhar a morte dela. Eu desmaio sempre que vejo sangue.

Alfred aproximou-se da égua, mas não a alcançou. Munida de uma grande pedra, Gwyneth golpeou-o na cabeça.

— Se me conhecesse melhor, saberia que minha especialidade é deixar homens maus fora de combate! Apesar de eu ser apenas uma mulher.

Sem perda de tempo, ela o amarrou com a corda dos cavalos e deu uma palmada no traseiro do garanhão que saiu a galope. Iria demorar um pouco até Alfred poder perturbá-la de novo. Durante esse tempo, esperava que tudo se resolvesse.

Gwyneth montou na égua baia e disparou. Nem mesmo se incomodou com o vento que lhe fustigava o rosto. Estava livre. Era o que importava. Consequira uma pequena vitória. O próximo passo seria voltar à residência do pai, onde estaria segura. Teria de convencê-lo a ir com ela para Chester.

Sèlig, Roland e os outros vikings que estavam em condições de andar viram os muros de pedra a distância. Aproximavam-se da igreja e Sèlig não tinha certeza do que aconteceria. Talvez o matassem sem mais delongas. Poderiam deixá-lo morrer com a espada na mão e dar-lhe a oportunidade de entrar em Valhala. Ou então o torturariam antes da morte.

Os agressores conversavam sobre o assunto durante o trajeto.

— O que faremos com eles?

— Vamos jogá-los aos lobos — um grandalhão respondeu.

— Acho melhor pendurá-los nas árvores e deixar que os pássaros lhes comam os olhos — disse outro.

— Que nada! Vamos cortar a cabeça deles e olhar o corpo despencar — um terceiro deu palpite.

— Bobagem. Isso é brincadeira de criança. Nós deveríamos presenteá-los com a água sangrenta. Foi como meu pai morreu nas mãos dos vikings, quando eu era criança. Ele foi eviscerado vivo para alimentar a ave.

— E Gwyneth chamou os vikings de bárbaros — Sèlig cochichou com Roland na linguagem nórdica.

— O que foi que disse, excomungado? — O maior deles derrubou Sèlig no chão com um soco e riu com o pé em cima dele. — Se quiser levantar-se, diga por favor.

Sèlig olhou para cima e notou um outro jovem que lhe pareceu familiar. O irmão de Gwyneth. Apesar dos cabelos claros, era muito parecido com ela. Os olhos estavam inundados de bondade e de compaixão.

— Deixe-o, Geofyr. Não somos obrigados a agir como brutamontes. — Deu a mão para Sèlig e ajudou-o a erguer-se.

— Se minha irmã fosse raptada e desgraçada por eles, Pengwyrn, eu não o deixaria ficar em pé. Eu moeria a cabeça dele no chão.

— Esse não é o meu modo de pensar. Deixarei o julgamento para Deus.

— E para nós a punição — o grandalhão assegurou.

— Pengwyrn — Sèlig murmurou.

Gwyneth sempre falava dos irmãos. Eram muito amigos. Pengwyrn era o mais calmo, Edwin o teimoso e Aidan o mais jovem.

— Ele falou de novo. Quer que lhe corte a língua?

— Não. Deixe-o sossegado. Mais tarde ele sofrerá o suficiente.

O rapaz recomeçou a caminhar, mas Sèlig chamou-o.

— Por favor, precisamos conversar... Ajude-me.

Pengwyrn não se mostrou surpreso pelo fato de Sèlig conhecer seu idioma.

— E por que eu deveria ajudá-lo, depois do que fez?

— Por causa de sua irmã e do que representamos um para o outro. E também por que ela sempre me disse que os cristãos foram ensinados a perdoar.

— Minha irmã? — Outro jovem musculoso aproximou-se de Sèlig. O rosto e a cor dos cabelos não deixaram dúvida. Era outro irmão de Gwyneth. — O senhor a maculou e afastou do seio da família. Por essas e mais outras coisas o senhor será punido.

— Eu não a maculei. Eu a amo e ela me ama. Fui eu quem lhe deu o pingente. O senhor deve ser o...

Sèlig foi atingido por trás com violência e deu um grito de dor. Daquela vez Pengwyrn não intercedeu. Mesmo assim, sua fisionomia demonstrava que ele estava dividido entre escutar e fazer coro com os que pediam pelo sangue do nórdico.

— Onde ela está? — Sèlig fez a pergunta, sem importar-se com as ameaças. — Onde?

— Gwyneth está em segurança — Pengwyrn respondeu. — Está com Ethelin, nossa irmã.

— Ah, Ethelin... pelo que Gwyneth me contou sobre a irmã mais velha, tenho certeza de que estará protegida. — Sèlig deu um suspiro de alívio. — Talvez Gwyneth já tenha explicado nossa história.

— Que história? — Pengwyrn e Edwin perguntaram ao mesmo tempo.

— O motivo de termos vindo para cá. Gwyneth queria casar-se sob os ritos da Igreja. Mandou uma mensagem para o sacerdote, onde solicitava a reunião de todos nós.

— Gwyneth mandou um recado escrito para o padre? — Pengwyrn pareceu espantado. — Não ouvi falar sobre isso.

— Então pergunte a ela — Sèlig sugeriu.

— Esse selvagem está mentindo! — Geofyr esbravejou e jogou novamente Sèlig no chão.

Sèlig tornou a levantar-se, de olhar fixo no rapaz de olhos azuis idênticos aos de Gwyneth. Ele era a sua única esperança, embora remota.

Pengwyrn pensou um pouco antes de falar.

— O que ele diz faz sentido. Antes de mais nada, deveríamos escutar Gwyneth e descobrir como ela foi tratada.

— Ele está procurando uma maneira de poder escapar. Posso ver isso nessa sua cara imunda! — Geofyr grunhiu. — Atire-os no depósito e mantenha vigilância estreita sobre eles. Se escaparem, o senhor os substituirá.

Sèlig cismou sobre a ironia da situação. Ele, Roland e vários outros foram levados ao depósito exíguo do qual haviam roubado os tesouros da igreja. Era uma estrutura sem

janelas com paredes grossas e uma pequena porta que foi rapidamente trancada. O barulho da chave não poderia ter sido mais irritante.

— Acho que não sairemos daqui tão cedo — Roland disse, amaldiçoando a má sorte.

Sèlig pensou no irmão de olhar bondoso de Gwyneth.

— Ainda há uma chance. Aquele rapaz, o de olhos azuis, será a nossa segurança até Torin chegar.

— Se ele vier. — Roland suspirou e estirou-se no chão.

— Ele virá.

Caso Torin não viesse, não poderia ver Gwyneth novamente, Sèlig refletiu. E Fréia não permitiria que isso acontecesse.

Gwyneth amarrou o cavalo e, esbaforida, correu para dentro da mansão de seu pai. Embora houvesse enrolado as cordas em Alfred com firmeza, temeu durante todo o trajeto que ele se soltasse e viesse atrás dela.

A primeira pessoa que viu foi Aenella. Apesar de bem mais magra, ainda conservava o porte régio. Levantou o olhar do bordado e não conteve um grito de espanto.

— Gwyneth! Deus respondeu às minhas preces! Ele a mandou de volta para nós depois de afastá-la de sua horrível provação.

— Não enfrentei provação nenhum, minha mãe. Pelo menos não até voltar à minha terra natal.

Aenella estendeu os braços e enlaçou a filha.

— Como foi? Quando chegou...? Tem certeza de que está bem?

Gwyneth explicou tudo para a mãe com uma torrente de palavras que a deixou sem fôlego. Contou sobre a traição de Alfred, sobre o amor que sentia por Sèlig, sobre Érica, Torin e Ragnar. Para terminar, falou sobre a mensagem que mandara ao sacerdote e sobre a possível traição dele.

— Minha filha, veio para cá para casar-se com... aquele viking?

A expressão chocada da mãe era insuportável e Gwyneth desvencilhou-se do abraço.

— Pensei que ao menos a senhora me compreenderia para apoiar-me.

— Mas... mas... casar-se com um... com um selvagem?

— Como pode dizer isso depois de tudo o que lhe contei sobre Alfred?

Aenella começou a falar, mas Gwyneth impediu-a de continuar.

— Eu amava Sèlig, mas talvez não o suficiente para aceitá-lo como ele era. Pensei em trazê-lo para casa para modificá-lo. Transformá-lo em um... inglês respeitável. Agora eu sei a verdade e a palavra selvagem sempre me fará lembrar da noite em que atacaram a nau de Sèlig. — Gwyneth cerrou as pálpebras e abriu-as. — Acreditei que minha mensagem seria respeitada, mas eu me enganei. Agora Sèlig e os outros estão em perigo.

— Sinto muito...

— Então ajude-me! Fale com papai. Ele terá de fazer alguma coisa!

Aenella sacudiu a cabeça.

— Uma mulher inteligente não interfere nos assuntos masculinos.

— Então eu devo ser uma burra, pois eu o farei no momento em que papai passar por aquela porta! — Embora mantivesse a energia até aquele momento, Gwyneth desandou a chorar.

A atitude da mãe a deixara isolada, sozinha. Muito mais do que estivera entre os escandinavos.

Aenella comoveu-se com as lágrimas da filha. Tentou abraçá-la, mas Gwyneth desviou-se.

— Gwyn...

— Sèlig nunca me forçou a nada. Nós somente nos deitamos juntos quando entendi que o amava. Ele queria casar-se em uma cerimônia nórdica, mas eu não aceitei. Por amar-me, Sèlig resolveu vir para cá comigo e casar-se da maneira que me fizesse feliz. É assim que agem os bárbaros, mamãe?

Aenella refletiu por um momento, antes de se decidir.

— Não.

— Alfred nunca se importou comigo. Ele queria terras e poder. Para conseguir o que almejava, contou com a ajuda dos vikings. Eu o ouvi falar com eles. Quando ele descobriu o que eu escutara, tentou estrangular-me.

Aenella levou a mão ao pescoço.

— Gwyneth, é muito difícil acreditar que ele tivesse tentado matá-la. Eu o conheço. Ele é um bom homem.

— Não é.

Um silêncio pesado interpôs-se entre mãe e filha.

— Gwyneth — Aenella finalmente recomeçou —, não pode culpar Alfred por ter sido raptada pelo líder viking.

— Não só posso, como devo fazê-lo.

De repente, a fome apertou o estômago de Gwyneth. Estivera muito preocupada para comer o que Alfred lhe oferecera. Observou a mesa da primeira refeição, ainda posta. Cortou uma fatia de pão, um pedaço de maçã e mastigou-os alternadamente. Depois tomou leite.

— Alfred não levantou um dedo para proteger-me. Queria que um viking aparvalhado me levasse. E eu perdi a conta de quantas vezes Sèlig lutou por mim. Agora devo lutar por ele. A senhora me ajudará, mamãe?

Gwyneth segurou as mãos de Aenella e ajoelhou-se diante dela, implorando.

Aenella levantou a filha do chão. Não queria que ela se humilhasse.

— Farei o que puder. Mas não se esqueça da teimosia de Cedd.

Elas se abraçaram e escutaram pancadas na porta. Gwyneth espiou pelo grande buraco da chave. Horrorizada, constatou que se tratava de Alfred. Ele conseguira soltar-se, pegar o cavalo e até reunira alguns homens.

— Mamãe, ele veio atrás de mim, mas não em nome do amor. Ele quer me punir e evitar que eu diga o que sei. Não seja fraca como Ethelin, mamãe. Não o deixe levar-me.

— Não deixarei. Tranque a porta! — ordenou a um dos escravos e observou-o abaixar e encaixar no lugar a trava de madeira comprida e larga. — Gwyneth, fique atrás de mim. Alfred não tem poder aqui dentro. Sou a senhora desta mansão e aqui só entrará quem eu deixar.

Alfred esmurrava a porta, como se pretendesse derrubá-la. Furioso de ter ficado do lado de fora, batia cada vez mais forte. Quando percebeu que não adiantava, tentou convencer quem estava do lado de dentro.

— Aenella! Abra essa maldita porta! Preciso falar com sua filha!

— E para falar com ela teve de vir com homens armados? — Aenella fitou Gwyneth. — Agora eu acredito! Ele não voltará a tocá-la. Nunca mais.

— Abra!

Gwyneth escutou o som das espadas retalhando a madeira e agarrou-se na mão de Aenella.

— Larguem as armas imediatamente! — Aenella gritou, temendo que os homens invadissem sua casa. — Os senhores não são melhores de que os nórdicos ou nossos

outros inimigos! — Virou-se para os poucos sentinelas que estavam no hall e fez sinal para que se armassem.

— Vim até aqui para dar-lhe proteção, Aenella. Deixe-me entrar. Seu marido ficará irritado pelo fato de a senhora ter-me deixado do lado de fora.

— Com marido ou sem marido, o senhor não pisará aqui. Minha filha veio procurar abrigo debaixo de meu teto e isso eu garantirei para ela.

O som dos golpes cessou.

— A senhora está interferindo em assuntos que não lhe dizem respeito! Gwyneth é minha noiva!

— Dizem, e muito! Minha filha não tem mais nenhum compromisso com o senhor! Ela já sofreu muito em suas mãos. Para mim esse é um motivo muito forte para a quebra de qualquer compromisso que possa ter sido feito anteriormente.

Aenella olhou para a filha e sorriu. O perigo tornava o laço entre elas muito mais forte.

— Vá embora, Alfred, antes que o incidente se transforme em carnificina. Minha filha ficará aqui por quanto tempo quiser.

Não se ouviu nada por algum tempo e elas pensaram que Alfred se retirara com os asseclas. Mas ele falou de novo, com fúria renovada.

— Irei procurar Cedd. Ele fará com que minhas exigências sejam cumpridas. Não sairei destas terras, até que Gwyneth venha comigo. Ele mesmo a prometeu em casamento.

Alfred ordenou que seus homens se afastassem. Na certa não duvidava do consentimento de Cedd que sempre tivera receio dele.

Depois de que o ruído dos passos sumiu, Gwyneth sentou-se em um dos bancos de madeira. O dia fora terrível e ela estava exausta.

— Papai fará o que Alfred disse? Papai me fará acompanhar um homem que eu detesto? Valerei o mesmo que uma escrava?

Aenella acariciou os cabelos da filha.

— Pode ficar aqui por quanto tempo quiser, Gwyneth. Não me importo com o que seu pai dirá.

— Mamãe, não quero ser causa de desavenças. Aenella sorriu.

— Sei como lidar com Cedd. Acho que conseguirei fazê-lo interceder a favor daquele viking. Vamos ver.

Estava escuro. Fazia frio. O ambiente não poderia ser mais depressivo. Cada um dos guerreiros tentara escapar do depósito. Nenhum deles fora bem-sucedido.

— Temos de encarar a realidade. Quer nos agrade ou não, ficaremos à mercê de nosso captores, a menos que Torin venha em nosso auxílio. E eu duvido que ele possa encontrar-nos. Não vejo nenhuma outra saída — Roland lamentou-se.

— Eu não desistirei! — Sèlig exclamou. — Continuarei tentando encontrar uma maneira de fugirmos daqui. Lutarei até morrer! Tem de haver um jeito!

Roland congregou um pouco de esperança diante da determinação de Sèlig.

— Talvez possamos dominar o guarda. Por certo eles nos trarão comida e então...

Um ruído de passos alertou-os. Havia alguém do lado de fora. Abaixaram-se, ansiosos. Mas foi aberto apenas um pequeno buraco na porta, por onde foram jogados queijos, vegetais e algumas frutas.

— A comida, cães fedorentos!

Sèlig reconheceu a voz de Geofyr e imaginou que o ódio sempre presente talvez se devesse ao reide naquela costa.

Ele teria perdido um ente querido? Ou seria apenas um homem furioso com a vida?

— Pelo menos isso — Roland gritou.

— Mas não será por muito tempo. Depois de dois alvoreceres, todos serão levados até os rochedos, onde serão amarrados. Enquanto estiverem esperando pela maré, saberão que as águas por onde chegaram em seus terríveis navios serão as mesmas que os levarão para a morte.

— Irão afogar-nos sem uma oportunidade de lutar? — Roland indignou-se. Deu um berro e precipitou-se para frente. Tentou passar a mão pela abertura. Tarde demais. Ela já fora fechada. — Eu queria quebrar o pescoço dele.

— Calma, Roland. Precisamos economizar nossas forças.

— Dois dias, vikings! — uma voz murmurada ameaçou. — Dois dias! Pensem nisso e nas vidas que tiraram naquele dia.

— E quanto ao traidor, seu contrerrâneo?

— Que traidor? — Alguém perguntou depois de alguns segundos.

— Como é que ficamos sabendo que a costa estaria desguarnecida por todos estarem no casamento? Acha que entramos na igreja por acaso? Claro que não. Fomos levados até lá por um de seus parentes que nos contou a respeito da festa e da falta de

sentinelas na praia. Ele disse que nós pegaríamos todos desprevenidos e que receberíamos ouro e prata pelo serviço.

— O senhor está mentindo!

— Não há motivo para mentiras. De qualquer maneira seremos mortos — Sèlig gritou. — E quando fizerem isso, calarão para sempre aquele que poderia revelar o nome de quem os traiu.

— O senhor está nos enganando para não morrer.

— Será que estou mesmo? Ou haverá um traidor entre os ingleses? Pensem sobre isso.

— E o senhor pense em outra coisa. Dois dias! E o que falta para morrerem!

Os som dos passos diminuiu aos poucos de intensidade. Geofyr e os outros tinham saído dali.

— Dois alvoreceres. E só o que temos — um dos escandinavos declarou e deu um suspiro.

— Esperemos que o tempo seja suficiente — Sèlig murmurou.

Capítulo XXI

Os cachorros grandes anunciaram com latidos alegres a volta do pai de Gwyneth. Ele os saudou em voz alta com demonstrações de carinho e entrou no vestíbulo seguido por eles. Não reparou em Gwyneth sentada em um banco afastado. Só enxergava a esposa. Mesmo depois de tantos anos, Aenella ainda era dona de seu coração.

— Estou chegando de Chester. Nós os prendemos em um dos depósitos, mas teremos de agir depressa, antes que o pior aconteça.

Gwyneth espantou-se com a aparência de seu pai. Os cabelos estavam grisalhos. O rosto tinha a barba por fazer. As rugas cobriam o rosto amado. Lamentou sua parte na culpa pelo envelhecimento precoce do pai.

— Cedd... — Aenella chamou a atenção do marido e olhou por sobre o ombro na direção de Gwyneth.

— Danem-se aqueles vikings! Espero que todos eles ardam no fogo do inferno... — Resmungando, ele foi até sua poltrona favorita. Só então viu Gwyneth. — O que está fazendo aqui? Pensei que estivesse com Ethelin.

— Alfred veio buscar-me, mas eu escapei e vim até aqui.

— Fugiu? — Cedd sacudiu a cabeça, incrédulo. — Pelo amor de Deus, filha, ele é seu futuro marido! Eu assumi esse compromisso com ele. Se não fosse pelo ataque daqueles malditos escandinavos, já estariam casados! Como pôde pensar em fugir dele?

— Por ele ser quem é! Alfred é um homem cruel, meu pai. O mais grave de tudo foi a traição dele. Ele foi o responsável pela vinda dos vikings naquele dia.

— Ah, filha. — Cedd aproximou-se e acariciou-lhe o rosto. — Alfred contou-me que a estadia forçada entre os bárbaros afetou-lhe a mente. Pobre menina. Mas agora tudo voltará ao normal, graças a Alfred. Ele pôs aqueles gentios em um lugar onde jamais poderão perturbar-nos.

— Onde eles estão?

— Trancados em um dos depósitos da igreja. Ficarão lá, pelo menos por enquanto.

— Então ainda estão vivos! — Alfred ainda não os matara. Cedd anuiu.

— Ah, mas como é bom tê-la em casa novamente, mesmo que seja por pouco tempo.

— E será melhor ainda, se o senhor escutar o que tenho para lhe dizer.

Cedd parecia cansado. As pálpebras começaram a piscar, mas Aenella despertou-o com um leve toque de cotovelo.

— Escute o que Gwyneth tem para revelar.

— Papai, naquele dia terrível do ataque, eu estava procurando o senhor e também meus irmãos. E vi Alfred conversando com um grupo de vikings. Aproximei-me sorrateiramente e escutei o que falavam. Aterrorizada, entendi que Alfred nos traía. Planejava casar-se comigo, mas os guerreiros escandinavos teriam de matar o senhor e meus irmãos. Assim ele poderia apoderar-se de nossas terras.

— O quê? — Cedd não podia acreditar nas palavras da filha.

— Alfred é ganancioso e não tem nobreza de caráter. Não estava satisfeito com o que lhe pertenceria por direito. Queria apoderar-se de tudo. De todas as propriedades, papai!

— Ah! Os vikings têm culpa de tudo o que aconteceu. Alfred não faria... — Cedd hesitou por alguns instantes. — Nenhum dos nossos faria uma coisa dessas nem em pensamento. Não quero mais falar sobre isso.

— Cedd, não seja teimoso e preste atenção ao que Gwyneth tem para dizer. Depois pergunte a si mesmo como os vikings nos atacaram com tanta facilidade e precisão.

Gwyneth resumiu a história na medida do possível. Contou que Alfred tentara estrangulá-la e que a entregara a um viking brutamontes sem o menor escrúpulo.

— Ele não levantou um dedo para salvar-me! Queria ver-se livre de mim!

— E a minha filha foi raptada! — Cedd examinou as mãos de Gwyneth para ver se havia bolhas ou calosidades nas palmas. Não viu sinal de trabalho pesado. — Não vejo evidências de que tenha sofrido, Gwyneth. Por quê?

— A nau para onde fui levada era de um viking que conhecíamos. Assim não me tornei uma escrava, meu pai, mas sim um membro honorável da casa.

Cedd ergueu as sobrancelhas.

— E esse nórdico forçou-a... a ir para a cama com ele?

— Não!

Cedd suspirou, aliviado.

— Que bom. Nosso Pai encarregou-se de protegê-la. Assim poderá casar-se com Alfred como nós havíamos planejado.

— Jamais! — Gwyneth segurou a barra da saia, ofendida e pronta para sair do hall. — O senhor não escutou uma só palavra do que eu disse! Alfred tentou estrangular-me. Disse-me, sem o menor pejo, que planejava a morte para todos os homens da família. Ele trouxe os agressores estrangeiros para cá, meu pai. Não estou inventando nada. Essa é a mais pura verdade! Cedd deu de ombros.

— Então eu a casarei com outro. Athelstan, talvez. As terras dele limitam-se com as nossas ao sul e...

— Mil vezes não! Eu amo outra pessoa.

— Na certa trata-se do viking que a enfeitiçou! — ele declarou com desprezo.

— Isso mesmo!

— Então ficará viúva bem antes do casamento!

— E o senhor ficará sem uma filha! Aenella interferiu na discussão de pai e filha.

— Cedd! Tem de haver uma maneira de evitar uma tragédia. Talvez se conhecesse esse jovem viking, poderia comprovar se ele é ou não um bárbaro como pensa que seja.

Cedd empalideceu.

— Deve ser muito pior! Os nórdicos não têm leis. São... são bárbaros! Idolatram uma porção de deuses. Como pode imaginar que eu entregaria minha filha para um deles?

— Papai — Gwyneth tentou novamente. — Os vikings têm leis e elas são justas. O senhor não os entende como eu. Vivi entre eles. Aprendi que há os bons e os maus, como em todos os povos. — Gwyneth apertou-lhe o braço. — Por favor, permita que eu os ajude. Ele veio para cá por que eu pedi. Eu queria que resolvêssemos o assunto juntos. Ele se arriscou a trazer-me para Wessex por amor. Ele confiou em mim e o que foi que houve? O navio dele foi atacado e todos foram trancafiados como animais!

— Mas eles são animais!

— E o que somos nós? Se permitir que eles sejam assassinados, então não seremos melhores de que os selvagens!

— Não admito que minha filha fale como a rameira de um viking e ainda por cima não conheça seu lugar. Mulheres têm de seguir as ordens dos pais ou dos maridos!

— Cedd! — Aenella atalhou, irritada. — Modere sua linguagem.

— Seria preferível ela ter-se matado a permitir que aquele nórdico encostasse um dedo nela! — Cedd olhou para a barriga da filha. — Como saber se ela não carrega aí dentro um bastardo viking?

— Se fosse esse o caso, Cedd, a criança seria uma parte de nós. Eu a amaria com todo meu coração. E se fosse sensato, senhor meu marido, faria o mesmo.

Gwyneth procurou não se alterar. A raiva não a levaria a lugar nenhum. Só iria piorar o humor de seu pai.

— Papai, Alfred foi cruel comigo e o líder viking foi muito bondoso. Salvou-me a vida várias vezes. No começo eu pensava como o senhor. Mas depois entendi quem ele era e nossos corações se uniram. Nosso amor é tão forte que sobreviveu a todas as provas.

— Amor... — Cedd não escondeu o desprezo.

— Isso mesmo. Amor!

Gwyneth lembrou-se de sua infância. Sentada nos joelhos do pai, escutando, embevecida, as palavras dele. Sempre respeitara a inteligência dele. Naquela altura, queria que ele a respeitasse.

— Alfred virá atrás da noiva.

— Ele já veio. Mamãe mandou-o embora.

— O quê?

Aenella abraçou a filha pela cintura.

— Dei minha palavra a Gwyneth. Prometi que nós a abrigaríamos aqui.

— Ah, é?

— Depois do que ela me contou, não pude permitir que Alfred a levasse. Fiz uma promessa e vou cumpri-la. Gwyneth tem o direito de ser feliz.

Cedd bufou, inconformado.

— As mulheres e essas conversas tolas sobre felicidade causarão problemas para todos nós.

— Os homens, sua teimosia e suas eternas discussões, causarão muitas mortes e a nossa infelicidade — Aenella retrucou à altura.

— Por favor, papai. — Gwyneth fez mais uma tentativa. — Use sua influência para salvá-lo! Liberte todos eles!

— Não! — Cedd fitou a esposa e a filha com frieza. — Eu lhe digo, Aenella. Se a sua filha persistir nessa conversa idiota e se trazer a desgraça sobre nosso lar, ela estará morta para mim!

— Não! — Gwyneth lutou contra o sofrimento que as palavras do pai lhe causaram.

— Cedd, o senhor não sabe o que está fazendo — Aenella protestou. — Gwyneth já sofreu muito. Como pode dar-lhe as costas? — As lágrimas deslizaram por seu rosto. Não por si mesma, mas pela filha.

— Cale a boca, mulher. Não quero escutar mais nada. Dê graças a Deus que não expulso a rameira como ela merece. Ela poderá ficar aqui, mas eu a esquecerei. Se a senhora for inteligente, rezará para que a volta dela não traga dissabores a todos nós e que Alfred não tente uma retaliação por causa da teimosia dela.

Cedd saiu do hall e nem se importou com os soluços das duas.

No depósito imperava a escuridão. Não havia nem mesmo uma fresta grande o suficiente na porta para permitir a passagem dos raios de sol. Sèlig não imaginava a que altura do dia se encontravam nem quantas horas se passaram desde que foram jogados ali. O tempo se arrastava. O camarada dissera que eles teriam dois dias de vida. Mas como calcular o quanto lhes restava, se nem mesmo podiam ver do lado de fora?

Sèlig sentia-se como um animal enjaulado. O espaço era exíguo. Mentalmente contou trinta homens ali dentro, inclusive Arni, Agaut, Bork, Gunnar e Mord do povoado e que estavam com ferimentos graves. Os outros tinham apenas escoriações ou cortes e poderiam lutar se fosse necessário. Isso se tivessem oportunidade de fazê-lo.

— Estou com sede! — Sigurd, um dos jovens aprendizes de Roland, reclamou.

— Não temos água. Eles não nos trouxeram nem uma gota — Roland resmungou.

— Pelo que eles nos informaram, em dois dias teremos água à vontade — Sèlig respondeu com azedume.

— Água salgada, o senhor quer dizer.

— O que eu daria por um gole de água fresca! — Sèlig suspirou. Sentia a língua inchada e seca. Frustrado, esmurrou a porta.

Dali a pouco, o pequeno buraco foi novamente aberto. Sèlig viu um par de olhos azuis espiando a escuridão.

— Viking! Onde está aquele que raptou minha irmã?

— Aqui, bem ao lado da porta.

— Quero saber algumas coisas sobre o senhor e minha irmã. O senhor foi bom para ela?

— Bom como todo homem apaixonado — Sèlig sussurrou. — Eu a trouxe de volta por ter entendido a importância de um casamento cristão para Gwyneth. Eu queria apenas que ela fosse feliz. Sei que o senhor é mais compreensivo de que seu irmão. Por favor, leve uma mensagem para ela. Diga-lhe que eu a amarei para sempre.

— Acho que não poderei dizer-lhe nada. Ela vai se casar em breve.

— Com Alfred?

— Sim.

— O senhor deixará que ela se case com um traidor? — Não suportava a idéia de Gwyneth casar-se com outro, ainda mais sendo um homem cruel. — Se o senhor a quer bem, deve salvá-la.

— Do que o senhor está falando? — Pengwyrn afastou-se.

— Por favor, procure Gwyneth antes que seja tarde. Ouça o que ela tem para dizer sobre Alfred. Ela lhe contará que o reide daquele dia não foi acidental. Foi cuidadosamente planejado com a ajuda de Alfred.

— Não acredito no senhor.

— Ou não quer acreditar, quem é que sabe? — Sèlig segurou a pequena peça de madeira entalhada que fizera do rosto de Gwyneth. Ele sempre usava o pingente sob a túnica. Tirou do pescoço e entregou a Pengwyrn através da abertura. — Leve isto para sua irmã. Eu fiz para ela. Por favor — insistiu — escute o que ela tem para dizer.

O irmão de Gwyneth tirou-lhe a peça da mão.

— Meu Deus, mas que habilidade. E tem as feições de Gwyneth...

— O senhor entregará para ela?

— Pode ser que sim... e pode ser que não. Apesar da provocação, Sèlig ficou esperançoso.

Gwyneth virou-se na cama a noite inteira. A atitude inclemente do pai e a apreensão pelo que aconteceria com Sèlig impediram-na de dormir. Mal acabara de amanhecer quando escutou gritos de um dos escravos.

— Cavaleiros! Cavaleiros! Às armas!

Gwyneth passou a mão nos cabelos e pulou da cama. Correu para o hall e chegou ao mesmo tempo que Cedd.

— O que houve, meu pai?

— Um grupo de cavaleiros se aproxima a todo galope. Tenho a impressão de que se trata de Alfred. Viu o que fez?

— Eu não pretendia prejudicar ninguém. Vim para cá por ser esta a minha casa... — Assim que terminou de falar, entendeu que não era verdade. Aquele não era mais seu lar. Sua casa tinha sido o povoado de Sèlig e seria em qualquer lugar ao lado dele.

— Se houver derramamento de sangue, será por sua culpa. — Cedd empurrou-a ao passar.

Gwyneth seguiu-o através do saguão e até a grande porta dupla. Espiou para fora. Mesmo à distância, viu que se tratava de Alfred e de seus asseclas.

Para surpresa de Gwyneth, Cedd, que sempre parecera autoritário e enérgico, parecia temeroso.

— Se voltar para ele, muitos problemas poderão ser evitados.

Gwyneth ficou indecisa por um momento. Faria qualquer coisa para impedir uma tragédia. Mas Aenella não permitiu que se imolasse.

— Se não o enfrentarmos agora, ele será um tormento constante para nós. Seu sacrifício de nada valerá, minha filha. Quero a sua felicidade. — Lançou um olhar faiscante para o marido. — E Cedd também quer.

Cedd resmungou uma imprecação e fitou Alfred aproximar-se como um vitorioso por antecipação. Com um gesto de paz, desmontou e adiantou-se.

— Vim buscar Gwyneth.

Gwyneth mal respirava. Receava que o pai não resistisse à pressão e a entregasse a Alfred. Diante da indecisão de Cedd, temeu pelo pior.

— Não deixarei que leve Gwyneth.

— Velho idiota e molenga! O senhor permite que sua mulher lhe dê ordens. Paciência. — O facínora deu de ombros. — Eu nem me importo com isso. Mas quero ser recompensado pela humilhação que tenho sofrido. Posso receber ouro e prata ou até mesmo terras.

Cedd empalideceu.

— Eu não lhe darei nada! Pode voltar pelo mesmo caminho que veio. Estou preparado para proteger minha filha!

— Então prepare-se para lutar, velho, pois eu lhe darei o que merece!

Alfred virou-se, foi até o cavalo, montou e subiu a colina ao encontro de seus homens.

— Onde estão Edwin, Pengwyrn e os outros? Precisaremos deles.

— Estão em Chester — Aenella respondeu —, como o senhor bem sabe.

— Então terei de lutar com os homens que me restam aqui.

Cedd foi para o pátio e reuniu rapidamente os soldados.

Poderia permitir que a luta se iniciasse?, Gwyneth perguntou-se, angustiada. A sua felicidade e seu bem-estar valeriam o preço de algumas vidas? Se a sua renúncia pudesse impedir uma carnificina, seria preciso agir de imediato!

— Papai, espere! — Gwyneth correu atrás dele, agarrou-lhe a manga da túnica e abraçou-o. — Eu irei com ele...

Cedd soltou-se do abraço.

— Nada disso. Agora compreendi como estive errado. Minha filha não é um objeto para ser barganhado! — Cedd sacudiu a cabeça com gestos pausados. — Como pude ser tão cego a ponto de promê-la em casamento a um homem como aquele?

— Todos nós temos nossos momentos de cegueira... — Gwyneth sussurrou.

Cedd acariciou o rosto da filha.

— Sinto muito pelo que eu disse e por não acreditar em suas palavras.

— Agora acredita em mim?

— Sim. Os atos de Alfred o denunciaram. É um homem perigoso.

Cedd montou, levantou a espada e preparou-se para o combate.

Gwyneth, pálida e angustiada, observou de longe os dois grupos de homens armados se enfrentarem na encosta. De mãos dadas, ela e mãe rezavam, enquanto o ruído das espadas que se chocavam repercutia colina abaixo.

— Gwyneth... — Aenella fez sombra nos olhos com a mão — ... veja! E Pengwyrn!

O irmão de Gwyneth não estava sozinho. Os soldados que o acompanhavam fariam grande diferença no desfecho do combate. Alfred foi esperto e ordenou a retirada.

Em pé na entrada, Gwyneth viu os homens de Alfred recuarem e saírem a galope. Entendeu que sua família fora salva.

Desde menina, Gwyneth gostava de passear nos jardins da propriedade. Naquele momento, ia de braço dado com o irmão.

— Pengwyrn, sinto-me orgulhosa de meu pai que enfrentou Alfred e de meu irmão que foi o herói do dia!

— Confesso que, de início, não acreditei na história que o viking me contou. Agora sei que é verdadeira. — Pengwyrn tirou um objeto da algibeira e entregou-o a Gwyneth.

— O entalhe! Foi Sèlig quem fez isto. — Ela encarou o irmão. — Ele não está morto, está?

— Não, mas estará em breve.

Gwyneth sentiu o mundo girar. Fora uma tola em imaginar que teria algum tempo para conseguir libertar Sèlig. Mas a história de Pengwyrn sobre a captura, a prisão e os planos de execução foi uma verdadeira queda na volta à realidade.

— Eles pretendem afogá-los? — Era uma perversidade. — Quando?

— Amanhã.

— Precisamos impedi-los! — Gwyneth gritou, histérica. — Teremos de mover céus e terras para não permitir que isso aconteça. — Voltou sua fúria contra o irmão. — Se Sèlig receber essa punição terrível e morrer, juro que nunca o perdoarei!

— Gwyn... — Ele viu o rosto da irmã molhado de lágrimas. — Então o ama de verdade...

— Nunca imaginei que fosse possível amar tanto outro ser humano. — Gwyneth enxugou o pranto com a manga. — Não há meios de impedir isso?

— Duvido um pouco. Não conhece Edwin? Quando cisma com uma coisa, não escuta ninguém.

— Pois ele me escutará! — Gwyneth encheu-se de coragem e de raiva. — Farei com que me escute!

Gwyneth correu até a estrebaria e encilhou a égua para a longa viagem. Pengwyrn ajudou-a a subir e depois montou. Gwyneth sentiu medo apenas por um instante. Depois, a determinação abençoou-a. Encontraria uma maneira de libertar Sèlig e sua tripulação. Teria de fazê-lo!

Sèlig estremeceu com a luz súbita que invadiu o depósito. Depois de que a vista se acostumou com a claridade, percebeu que havia uma tropa do lado de fora, todos zombando dele.

— O que houve? Não vai me dizer que já se passaram dois dias...

Edwin negou com um gesto de cabeça.

— Não. Apenas um. Mas houve uma mudança de planos. Alfred quer que a sentença seja executada hoje.

— Hoje? — Sèlig observou Edwin com atenção. Pareceu-lhe indeciso.

— Só o senhor e ele. — Edwin apontou para Roland. — Os outros serão embarcados amanhã em um navio que será incendiado.

— Por que essa pressa para mim e para meu amigo?

— Ordens de Alfred — outro homem respondeu.

— Ele quer silenciar-me. Tem medo de que eu revele a verdade.

Sèlig procurou Pengwyrn no meio dos homens. Não o encontrou e agarrou-se em um fio de esperança. Ele fora ao encontro de Gwyneth. Se o jovem se apressasse, daria tempo de desfazer o mal-entendido.

— Vamos, viking!

Sèlig e Roland foram puxados e empurrados para frente. Atravessaram a campina, por uma trilha que chegava até o oceano. Enquanto caminhavam, os homens cantavam, entoando uma espécie de oração.

Sèlig escutou o ruje-ruje dos pássaros que voavam e o chilrear deles. Achou curioso que nunca se prestasse atenção nas coisas mais belas e simples. Sentiria falta de Gwyneth e de seu amor, mas também da natureza.

— Gwyneth... — pronunciou o nome dela como se fosse uma prece.

Sèlig fitou as ondas que batiam com violência contra as rochas. Seria simples atirar-se dali e acabar com tudo de uma vez. Mas seu orgulho o impediria de tomar tal atitude. Seria corajoso e mostraria a seus captores como se enfrentava a morte.

O mar continuava a chocar-se no sopé do penhasco. As águas recuavam devagar e retornavam com fúria renovada. Viu duas pedras grandes e lisas. Teve certeza de que fora o local escolhido para seu repouso eterno.

— Será amarrado naquelas rochas e terá tempo de refletir nos malefícios que causou e de pedir a seus deuses para que o ajudem. — Geofyr afirmou com escárnio. — Seus parentes venderam minha irmã como escrava e ela se matou para não ser desonrada. Pense nisso enquanto escutar o barulho das ondas.

— Terão de implorar por todos os deuses que conhecem — outro homem falou e deu um pontapé no prisioneiro.

Sèlig foi amarrado na rocha pelos braços e pelas pernas. Olhou para o oceano e imaginou a maré subindo... subindo...

Primeiro a água chegaria as pés, depois ao peito, à boca, ao nariz...

Os ingleses agruparam-se para ver o espetáculo. O mar ia e voltava. Chocava-se nas rochas com violência cada vez maior. A maré subia devagar.

— Desamarre-me — Sèlig pediu. — Permita que eu morra com uma espada na mão. Assim poderei entrar em Valhala.

— Dar-lhe uma espada para que possa atacar-nos? Acha que somos imbecis? — Geofyr indignou-se.

Roland foi amarrado junto de Sèlig.

— Onde Torin se meteu? Eu esperava que ele chegasse a tempo de ajudar-nos.

— Eu também, Roland. Eu também.

Sèlig pensou em Baugi. Talvez seu querido cão tivesse sido morto. Por isso não pudera alcançar o objetivo de avisar Torin.

— Não há nada que se possa fazer.

Os dois amigos escandinavos contemplaram o oceano, pensando naqueles que deixariam para trás.

As ondas iam e vinham nos pés de Sèlig, subindo aos poucos. Cerrou as pálpebras e dedicou um adeus emocionado à mulher que amava mais do que qualquer coisa no mundo.

Naquele momento pareceu-lhe que o vento sussurrava o nome adorado.

Gwyneth... Gwyneth...

Capítulo XXII

Gwyneth esteve mergulhada em apreensões durante o trajeto para Chester na companhia de Pengwyrn. Dúvidas entrelaçavam-se em sua mente.

Sèlig estaria vivo? Ela conseguiria convencer os captores a libertá-lo? Se lograsse êxito, obteria permissão para voltar à Escandinávia com ele ou teria de fugir e esquecer a família para sempre?

Ao chegar à igreja os irmãos desmontaram rapidamente e a angústia de Gwyneth aumentou ainda mais.

— Perdoe-me, Gwyneth — Pengwyrn desabafou. — Nunca pretendi fazê-la sofrer. Nenhum de nós queria isso. Passamos a odiar os vikings por causa do reide e Alfred foi muito falso e persuasivo. Não deveríamos ter agido dessa maneira. Pela graça de Deus, haveremos de consertar o erro.

— Se Edwin não o ouvir, terá de escutar a mim.

Juntos foram até o depósito. Pengwyrn adiantou-se e abriu o portão. Gwyneth observou-o conversar com os guardas e pela fisionomia do irmão ao retornar, suspeitou de más notícias.

— O que houve? — Gwyneth afligiu-se e sacudiu-o, confusa pelo balbuciar desconexo dele.

— Eles... o mataram... — Pengwyrn conseguiu falar, arrasado pelo remorso. — Esta manhã.

— Não! Não! — Gwyneth gritou. — Foi por minha culpa! Minha! Se tivéssemos vindo antes...

— Não se recrimine, Gwyneth. Se quiser, tem todo o direito de acusar-me. Se eu pudesse imaginar, teria ficado aqui e tentado reverter a situação.

— Cheguei tarde demais! — Gwyneth desesperou-se. Sèlig estava morto! — Foi a mando de Alfred?

Na certa fora uma retaliação por ter perdido a batalha.

— Ele disse aos sentinelas ter visto uma nau viking no horizonte e que estariam perdidos, se não matassem Sèlig.

Ah, se fosse mesmo um navio nórdico, Sèlig poderia ter sido salvo.

— E a mentira funcionou.... Diga-me como ele foi morto. — Gwyneth fechou os olhos, sufocada pela dor.

— Eles foram amarrados nas pedras, à espera da preamar. Alfred afirmou que iriam morrer afogados nas águas que os haviam trazido até aqui.

— A maré! — Gwyneth gritou, esperançosa. — Venha comigo, Pengwyrn. Deus permita que possamos fazer alguma coisa!

Gwyneth montou e olhou para o oeste. Impossível! Estaria sonhando? Viu uma tropa de vikings e se não estava enganada, sob o comando de Torin.

— Alfred não mentiu dessa vez! Os escandinavos estão aqui!

Torin e Sèlig deviam ter marcado um encontro, caso houvesse problemas. Torin viera para salvar os outros. E quanto a Sèlig e Roland?

— Vikings! — os guardas gritaram.

Os nórdicos se aproximaram com as espadas erguidas e teve início um pandemônio completo.

Gwyneth incitou a égua a um galope.

— Não vai esperar? — Pengwyrn espantou-se.

— Não. Não há tempo. Torin se encarregará da tripulação. Tenho de ver o que houve com Sèlig.

— O que pretende fazer?

— Ainda não sei. — A idéia ocorreu-lhe ao ver Baugi com o grupo de Torin. — Pengwyrn, eu vou na frente. Pegue o cachorro e traga-o até as rochas. Talvez precisemos dele.

— Um cão? — Pengwyrn fitou-a como se ela tivesse ficado louca.

— Apenas faça o que eu lhe pedi.

Gwyneth disparou. Os rochedos pareciam não chegar nunca. Depois de algum tempo que lhe pareceu uma eternidade, sentiu o cheiro de água salgada. Subiu a colina, pulou do cavalo e desceu correndo a trilha em direção às pedras pontiagudas.

Seu grito retiniu na imensidão que a rodeava. Sèlig ainda estava vivo! Com a água no queixo, tossia e cuspiam quando as ondas o alcançavam. Roland, um pouco mais alto, tinha o nível de água quase no pescoço.

Não havia ninguém de vigia. Por certo haviam fugido com a aproximação de Torin e seus homens. Tudo deserto, exceto pelas gaivotas que voavam em círculos e os caranguejos trazidos pela maré que se agarravam nas pedras.

— Sèlig! — bradou, arrancando os sapatos, e correu na direção dele.

Sèlig escutou e pensou que estivesse delirando. Desejara tanto ouvir a voz de Gwyneth, que na certa imaginava coisas. Talvez já estivesse morto e escutasse os anjos dos quais Gwyneth lhe falara. Engasgou com a água que entrou pela boca e sentiu-se mais aliviado. Ainda estava vivo.

— Sèlig! — Novamente a voz o chamou. Tentou virar a cabeça, mas o tempo excessivo dentro da água fria ao extremo endurecera-lhe os músculos. — Sèlig, estou indo!

Gwyneth entendeu que seria preciso agir com extrema precisão e rapidez para salvá-lo. Teria de nadar até ele, desamarrá-lo e ajudá-lo a subir pelas rochas. Indiferente ao perigo, Gwyneth entrou na água para salvar Sèlig. Ou para morrer tentando.

Convencida de que nunca sentira nada mais gelado, lutou contra as ondas que a todo instante a cobriam e admoestou-se contra o pânico. Teria de salvar Sèlig, custasse o que custasse.

O instinto avisou-a de que estava sendo observada. Olhou de esguelha e perdeu o fôlego. Alfred, em pé nas rochas, preparava-se para pular.

Gwyneth viu o mergulho dele e nadou o mais depressa que pôde. Teria de alcançar Sèlig, antes que Alfred a impedisse de fazê-lo.

Sentiu-se agarrada pela perna e puxada para baixo. Com uma energia que nem imaginava possuir, lutou contra o espírito do mal que a segurava.

— Não!

Gwyneth esperneou e deu socos em Alfred, mas ele não a largava. Segurava-a pela cintura.

— Primeiro eu a afogarei e depois o oceano tomará conta dele! — Alfred tornou a empurrá-la para o fundo.

Desesperada, conseguiu desvencilhar-se de Alfred, deu duas braçadas e acertou-lhe o nariz com o pé. Viu o sangue escorrer pelas narinas dele e compreendeu como os homens se sentiam em um campo de batalha. Matar ou morrer.

Olhou para Sèlig. A água alcançara a boca. Ele segurava a cabeça o mais alto que podia.

— Sèlig! — gritou, rezando para Deus conceder-lhe mais alguns minutos. O suficiente para salvá-lo.

— Gwyneth!

Ela escutou a voz do irmão, apesar do barulho da rebentação. E o ladrar de um cachorro.

— Baugi!

A alegria durou pouco. Alfred se recobrava da dor e voltara a atacá-la.

— Não deixarei que o salve! Quero que o mar o leve!

— Por que o odeia tanto?

A risada de Alfred foi terrível.

— Está enganada. Meu ódio é contra a senhora que arruinou meus planos. Minha única satisfação é saber que farei o mesmo com...

O semblante de Alfred contorceu-se pela dor. Uma cabeça preta e peluda acompanhava o movimento das ondas. Subia e descia. Depois de morder Alfred, Baugi nadou em direção de Sèlig e Gwyneth fez o mesmo.

Sèlig estava engasgado. A água passara da boca. Gwyneth aproximou-se e estirou as cordas o mais que pôde, enquanto Baugi agarrava a túnica com os dentes para puxar o dono.

Em vão. As cordas estavam dilatadas por causa da água e os nós não cediam.

— Sèlig! Segure as mãos mais próximas para eu tentar soltá-lo!

Sèlig escutou o pedido como se fosse feito ao longe. Prendeu a respiração. O peito queimou pela falta de ar. Com as forças que lhe restavam, juntou os pulsos ao máximo.

Baugi empenhava-se em roer as cordas. Gwyneth usou como faca uma pedra solta para cortar aos poucos as amarras.

De instante em instante, erguia com cuidado a cabeça de Sèlig para que ele pudesse respirar.

Por fim, Gwyneth e Baugi conseguiram soltá-lo. Sèlig inspirou ar puro e tossiu.

— Roland — ele balbuciou, sem condições de nadar. Gwyneth e Baugi apressaram-se em soltar Roland, enquanto Sèlig não media esforços para manter a cabeça para fora da água. Horrorizada, Gwyneth sentiu que a agarravam pela cintura outra vez. Alfred a alcançara. Mas não seria por muito tempo. Pengwyrn pulara na água e aproximava-se das rochas com braçadas vigorosas. Puxou Alfred pelas costas e os dois se envolveram em uma luta feroz.

— Pengwyrn!

Apavorada, Gwyneth viu os dois submergirem, enquanto tentava cortar as cordas que prendiam Roland. Depois de soltar o amigo de Sèlig, procurou o irmão. Imaginou o pior, ao ver a Alfred boiando. Mas percebeu a isca lançada por ele. Fingir fraqueza e pegar Pengwyrn desprevenido.

— Pengwyrn, cuidado!

O aviso não chegou a tempo. Alfred recomeçou a nadar e lançou-se contra Pengwyrn. Agarrou-o pelo pescoço e tentou furar-lhe os olhos com os dedos.

Apavorada, Gwyneth viu o irmão ser afundado.

— Não! — Gwyneth tentou ajudá-lo, mas foi impedida por Sèlig que se recuperara e pretendia evitar uma tragédia maior. Nisso Pengwyrn voltou à superfície.

A luta prosseguiu fora da água, por cima das rochas. Sèlig, Roland e Gwyneth, petrificados pelo frio e pelo terror, fitaram por alguns minutos o desenrolar do combate feroz. Alfred era alto e magro. Pengwyrn também era alto, porém mais musculoso, o que dava uma certa vantagem de mobilidade ao oponente.

De longe, pareciam envolvidos em uma espécie de dança tribal. Moviam-se para frente e para trás, abaixavam-se e levantavam-se. Atracavam-se e soltavam-se, aos gritos.

Sèlig puxou Gwyneth em direção à terra.

— Preciso descansar por alguns instantes e depois o ajudarei.

Não houve tempo. Gwyneth gritou ao ver o irmão cair. Alfred aproximou-se para o golpe derradeiro, com um grito de vitória. Gwyneth fechou os olhos para não ver. Abriu-os em seguida ao escutar um berro capaz de gelar o sangue de qualquer um. No primeiro

momento pensou que Pengwyrn houvesse sido jogado sobre as pedras pontudas. Mas depois viu o irmão ajoelhado, olhando para baixo. Alfred escorregara nas rochas molhadas e se espatifara nos mesmo local onde Roland e Sèlig haviam sido amarrados.

Embora odiasse Alfred, Gwyneth virou a cabeça para não ver o cenário escabroso. Agarrou-se em Sèlig.

— Ele está morto? — Gwyneth fez uma pergunta óbvia. Sèlig acariciou-lhe os cabelos molhados.

— Sim. O horror terminou. Gwyneth estremeceu.

— Ah, Sèlig... eu imaginei... eu estava com tanto medo...

— Eu sei, minha querida. Agora estamos juntos. É o que importa.

— Juntos! — Naquele momento, era a palavra mais preciosa do mundo.

Gwyneth, Sèlig, Pengwyrn, Roland e Baugi retornaram à residência de Cedd e Aenella, encharcados e radiantes de felicidade. Entraram e aproximaram-se depressa da lareira para secar-se. Baugi sacudiu-se e molhou ainda mais os sobreviventes.

— Gwyneth!

Ela se virou e viu a mãe parada na porta.

— Está ensopada, minha filha! Minha querida, o que houve?

— Alfred amarrou Sèlig e Roland em duas rochas onde a maré era mais forte. Pretendia afogá-los lentamente. Pengwyrn e eu os salvamos.

Sèlig deu uma tossidela.

— Baugi também ajudou, não se esqueça. Aenella reparou no cão enorme e recuou.

— O que é aquilo? Um urso?

Gwyneth acariciou a cabeça do animal corajoso.

— Acredito que ele deve ser meio cachorro e meio urso. Seja como for, é uma dádiva divina. Qualquer dia eu lhe contarei do que ele é capaz.

Aenella voltou-se para Sèlig e examinou-o de alto a baixo.

— Então esse é o seu escandinavo! — Ela tirou alguns fios de cabelo do rosto e alisou a saia. — O senhor tornou-se um homem muito bonito. Não me admiro que tenha roubado o coração de minha filha.

Gwyneth sorriu.

— Mamãe, ele não roubou nada. Eu entreguei meu coração a Sèlig de livre e espontânea vontade. — Gwyneth segurou a mão de Aenella e a de Sèlig, e relatou os últimos acontecimentos. — Alfred está morto. Foi vítima da própria maldade de seus planos diabólicos.

— Deus tenha misericórdia de sua alma — Aenella murmurou e fez o sinal-da-cruz. Afastou-se e voltou com uma jarra de vinho. Serviu a bebida para a filha, para os dois nórdicos e para si mesma. — Sèlig, minha filha me disse que o senhor veio para cá com a intenção de pedi-la em casamento. E também que pretendia unir-se a ela perante nosso Deus.

Sèlig anuiu, convicto.

— É verdade!

— Quer dizer que aceita casar-se com a minha Gwyneth e fazer o juramento cristão?

Sèlig tornou a anuir com seriedade.

— Tenho muito respeito pelo seu Deus e pelo Filho Dele.

— O senhor deixaria de lado sua crença? — Aenella insistiu, incrédula.

— Por amor a Gwyneth, eu me permitiria tentar.

— Eu não poderia desejar outra coisa. — Aenella estendeu a mão que Sèlig apertou.

Gwyneth encostou-se em Sèlig. Seu pesadelo transformara-se em sonho. O que mais ela poderia desejar?

Sèlig estava vivo e logo eles se casariam na igreja cristã. E no fundo de seu coração, prometeu que tentaria entender as crenças de Sèlig. No entanto, precisaria de algum tempo.

As chamas crepitavam na pequena lareira do quarto de Gwyneth. O calor era aconchegante. Gwyneth escovava as longas madeixas e sentiu satisfação no contato delas com os ombros. Talvez fosse por Sèlig gostar tanto de seus cabelos que passara a apreciá-los melhor. Descontraída, mergulhava em suas fantasias. Com a aprovação de sua família, logo se casaria com Sèlig. Edwin, o mais obstinado, tornara-se manso como um cordeiro, depois de ficar sabendo de toda a trama engendrada por Alfred.

Aenella misturou uma poção de ervas e flores para perfumar Gwyneth. Recuou, para apreciar a filha de longe.

— Sua felicidade é tão evidente, minha filha, que nós todos ficamos por ela contagiados.

— Estou muito feliz, mamãe. Gosto de Sèlig desde menina. Eu poderia dizer que o amei desde a primeira vez em que o vi. Se Deus quiser e se nós dois vivermos até a velhice, eu o amarei mesmo quando estiver desdentado e cheio de rugas.

— Essa é uma grande sorte, minha querida. O verdadeiro amor é muito raro.

— Podemos dizer o mesmo de seu amor por papai. Aenella sorriu.

— Mesmo depois de tantos anos de casamento, ainda me sinto ofegante e perturbada quando seu pai volta para casa depois de uma longa ausência. Creio que todas as mulheres apaixonadas sentem o mesmo.

Aenella ajudou a filha a terminar de desembaraçar os cabelos. Depois entrelaçou as madeixas laterais, fez com as tranças uma coroa no alto da cabeça e escovou a parte de trás que ficara solta.

Gwyneth desenrolou a toalha do corpo e entregou-a para a mãe. Aenella passou-lhe a veste pela cabeça. Em seguida, fez o mesmo com o traje de casamento. O tecido azul-pálido fora bordado por Aenella, e Ethelin o usara no próprio casamento. O valor sentimental era muito grande. As mangas drapeadas e largas tocavam o chão e deixavam exposta a veste.

Aenella enfeitou os cabelos de Gwyneth com uma grinalda com trigo, rosmaninho, mirto e flores de outono. O buquê colorido tinha rosas brancas e vermelhas, e violetas azuis. Como dissera a Érica que seria.

— O trigo é o símbolo da fertilidade — Aenella lembrou à filha. — Espero que seja abençoada com muitos filhos. Meus netos!

Aenella estava tão animada como se ela mesma fosse casar-se de novo. E com Ceddd, era evidente.

Aenella afastou-se de novo, para mais um olhar crítico.

— Belisque um pouco as faces e umedeça os lábios. Ah! Perfeito!

Gwyneth caminhava solenemente pelo saguão e procurava controlar a excitação. Não se lembrava de haver enfrentado tarefa tão difícil. Ou melhor, quase impossível. Após tantos mal-entendidos, tanta discórdia, muitas separações e vários momentos trágicos, ela e Sèlig iam se casar.

Aidan, Edwin e Pengwyrn, que nunca deram atenção à beleza da irmã, olhavam-na com admiração.

Ethelin mal escondia a inveja.

— Minha adorada Gwyneth, nunca a vi tão bela — Sèlig sussurrou ao segurar-lhe a mão.

Ele também estava com uma aparência magnífica. Vestia uma das melhores túnicas de Cedd. Era em tecido azul-safira, enfeitado com pele.

— O amor deixa todas as mulheres bonitas — Gwyneth respondeu, modesta, apertando a mão do amado.

— A taça matrimonial — Cedd exclamou com animação e entregou-a a Gwyneth.

Com um ramo de rosmaninho e fitas coloridas, a taça era semelhante a uma oferenda pagã. Gwyneth ponderou que seu povo talvez não fosse tão diferente dos povos bárbaros como pensara antes.

Gwyneth preferira não casar-se na igreja de Chester. Ali, certamente a felicidade seria ofuscada pelas recordações tristes. Decidira fazer a cerimônia na capela do pátio, apesar de ser menor. Assim, agora o salão estava lotado de convidados da região, além de Torin, Roland e de vários outros escandinavos.

Gwyneth recusara os serviços religiosos do padre Aiden. A mãe a recriminara por não seguir os ensinamentos cristãos que apregoavam o perdão incondicional. Mas afinal, por vontade própria ou por ter sido intimidado, ele fora um títere nas mãos de Alfred e contribuíra para a provação de todos. Gwyneth escolhera um jovem padre de uma aldeia vizinha. Rechonchudo, corado e jovial. Recebeu Gwyneth e Sèlig com um sorriso.

O sacerdote iniciou a cerimônia e prosseguiu-a em latim, como era o costume. Sèlig pareceu espantado, pois não estava familiarizado com aquela língua. Segurou com firmeza na mão de Gwyneth, enquanto ela murmurava as frases estranhas. Quando chegou na vez de Sèlig, Gwyneth cochichou-lhe as palavras no ouvido para que ele as repetisse.

Padre Willy fez sinal para Sèlig ajoelhar-se ao lado de Gwyneth. O casamento era uma parceria feita de comum acordo, uma união essencial para a sobrevivência. A cerimônia celebrava a mudança de condição social dos noivos e a promessa de um lar estável, baseado na compreensão.

Seguiram-se as bênçãos e eles estavam casados. Sèlig beijou-lhe levemente os lábios.

— Vamos, minha esposa — ele sussurrou. — Já faz muito tempo que não sentimos o prazer de estarmos juntos.

Sèlig e Gwyneth saíram da capela e voltaram ao hall seguidos por Edwin, Pengwyrn e vários convidados masculinos que lhes desejavam uma vigorosa noite de núpcias.

Sèlig sorriu ao chegar nos aposentos de Gwyneth. Velas novas nos candelabros, flores e lençóis perfumados. Fechou a porta e tomou Gwyneth nos braços.

Beijou-a longamente, saboreando a doçura de seus lábios. Agarrada nele, Gwyneth acariciava-lhe as costas.

— Estou ansiosa para voltar à nossa casa — confidenciou ela em voz baixa.

— Casa? — Sèlig surpreendeu-se. Imaginara que Gwyneth considerasse Wessex como seu lar.

— Quero retornar ao povoado. Nós fazemos parte dele e lá é realmente o nosso lar. Ali nós fomos muito felizes.

— Ir para o assentamento!? — Sèlig não podia acreditar no que escutava. Estava preparado para sacrificar-se e viver em Wessex, por achar que isso daria satisfação a Gwyneth.

— Pensei que talvez pudéssemos visitar seu pai nos meses de verão... — Gwyneth pensou em Ragnar com carinho.

— E sua família?

— Ficaremos aqui durante o outono. Meu pai disse que ficaria feliz em ajudar-nos a preparar os suprimentos para o inverno. Afinal, o povoado não fica tão longe daqui.

Sèlig ficou sério.

— Isso se fizermos algum tipo de acordo que também beneficie seu pai. Não aceitarei caridade.

— Bem, papai insinuou que gostaria de ficar com Baugi de tempos em tempos, para cruzá-lo com as algumas fêmeas que mantemos.

Sèlig deu risada.

— Baugi não haverá de impor nenhuma restrição ao assunto. Gwyneth e Sèlig estavam certos de nunca terem desfrutado de uma noite de amor tão maravilhosa. A chama que os consumia foi acompanhada por um carinho ainda mais perturbador. Era a convicção de que pertenciam um ao outro e de que ninguém haveria de separá-los. Por serem felizes, espalhariam a felicidade para seus povos e por onde quer que passassem. O amor de ambos transcenderia os limites do leito conjugal e seria transmitido aos que o rodeassem.

— Eu a amarei para sempre, Gwyneth, como um tesouro guardado em meu coração.

— É exatamente isso que eu sinto a seu respeito, meu amado esposo.

Gwyneth aconchegou-se no calor dos braços de Sèlig e tocou na lágrima do dragão que trazia no pescoço.

— O olho do corvo reuniu Érica e Torin. Agora o dragão... Sèlig beijou-a com ternura.

— Será que a minha querida esposa está se tornando supersticiosa?

— Foi apenas uma idéia...

— Eu também já pensei sobre isso... e acho que tem razão. Existe uma certa magia nesta história, embora não saiba como explicá-la.

— Não tente, meu querido, pois o amor é algo que não se explica. Foi feito apenas para ser vivido e é isso o que devemos fazer. Vivê-lo intensamente...

Sèlig a fitou com adoração. Nunca experimentara tanta paz e felicidade. Tinha tudo o que sempre esperara e desejara. Mas o principal era que ficariam juntos até o fim de seus dias. Sim, veriam muitas alvoradas, milhares de pores-do-sol, enfrentariam muitas tempestades, mas também usufruiriam de dias e momentos maravilhosos que fariam tudo valer a pena.